JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE

DE PORTUGAL

POEMA EPICO.

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
DEFENDIDA
PELO
SENHOR REY D. JOAÕ I.

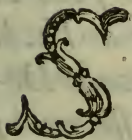
POEMA EPICO
OFFERECIDO
AO SERENISSIMO SENHOR
D. JOZE'
PRINCIPE DO BRAZIL

POR
JOZE' CORREA
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA.

COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade,
Anno de M. DCC. LXXXII.
Com licença da Real Meza Censoria.

DEDICATORIA.

SERENISSIMO

SENHOR

SE eu tenho a honra de illuſtrar a frente do meu Poema com o reſpeitavel nome de V. A.,

naõ

naõ he ſómente a impulſos da minha vaidoſa gloria; mas tambem a beneficio da generoſa benignidade de V. A. Eu o faço porque V. A. ſe dignou de o permittir aſſim; mas nem V. A. deveria eſcuzar-ſe de conceder-me eſta graça, nem eu poderia impedir-me de pertendella, ſendo o aſſumpto da minha Epopéa a Liberdade de Portugal, e o Heróe della o Senhor Rey D. João I. glorioſiſſimo Progenitor de V. A.

A clara fama deſte grande Defenſor da Patria intereſſa muito particularmente a V. A., pois que da immortalidade della procede

huma

huma grande parte do mageſtoſo eſplendor, que adorna a Real Peſſoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illuſtres trabalhos daquelle Auguſto Principe, que ſe propoz por fim da ſua grande, e admiravel acçaõ, a conſervaçaõ da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, ſem a qual, eſte naõ ſeria já mais digno de receber em ſi a V. A.; e eu, que tive a ouſadia de cantar eſta grande acçaõ, ſeria indigno athé de intentar a empreza, ſe tiveſſe taõ baixo eſpirito, que podeſſe eſcolher, para authorizalla,

algum

algum Mecenas, em quem naõ circulasse o mesmo sangue do meu Heróe.

A paixaõ pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional foraõ quem unicamente me animáraõ a este empenho; e os sentimentos, que partem destes principios, naõ se desmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum sacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertence, e que só pode pertencer particularmente a V. A., que saõ as glorias da sua propria Caza: se ellas perdem alguma cousa em serem cantadas por mim, he só por falta

de

de talentos, e naõ de desejos.

Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos, e á minha Patria; e se os fructos naõ corresponderaõ ás diligencias, seria falta de fortuna, ou talvez culpa da minha inutilidade; mas ainda convencido desta, eu pertendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo, que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes; mas deixo de o fazer pelo receyo de naõ poder accommodar taõ grande assumpto em taõ pequena obra,

e

e pela esperança de poder ainda hum dia cantallas mais dignamente. Em tanto guarde Deos a Real Pessoa de V. A. por muitos, e felicissimos annos. Coimbra 30 de Julho de 1781.

Jozé Correa de Mello e Britto d'Alvim Pinto.

ADVERTENCIA.

EU naõ pertendo escrever hum Prologo para desculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer ostentaçaõ das regras, e dos exemplos, que segui na composiçaõ delle: os doutos sabem bellamente estes exemplos, e estas regras, e pela liçaõ do Poema he, que haõ de julgar se eu os observei, ou naõ; e os que os ignoraõ, naõ entenderiaõ o que lhes dissesse sobre o uso delles.

O meu intento he sómente dar huma satisfaçaõ ao publico de me haver occupado em fazer versos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciso desculpar em hum, aquellas mesmas acçoens, que em outro serviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgilios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-se algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para serem apedrejados nas ruas os que se applicaõ á Poesia.

Naõ sei se he desgraça da mesma arte, que tem cahido em descredito, ou se he castigo

ſtigo do abuſo, que della fazem alguns dos ſeus Profeſſores. He certo, que muitos ſe ſervem della para fins inſignificantes, e talvez nocivos; mas iſto prova ſómente a corrupçaõ dos homens.

O ladraõ, e o Viajante ſe coſtumaõ ſervir das meſmas armas; mas eſte leva nellas o ſeu ſoccorro, e aquelle os inſtrumentos para os ſeus inſultos. O ſucco da meſma flor, que faz o mel tirado pela abelha, he veneno extrahido pela aranha.

Aſſim os dons das Muſas, que pódem ſer inuteis, e talves perniciosos, diſpenſados á genios leves, e coraçoens corrompidos, que ſe aproveitem delles para liſonjear a ocioſidade, ou para adular o vicio, ſeraõ ſempre intereſſantes, e proveitoſos cada vez, que ſe unirem a hum eſpirito ſolido, e hum coraçaõ honrado, que os applique ao ſeu verdadeiro deſtino, que he celebrar a virtude, immortaliſar as acçoens illuſtres, miniſtrar exemplos aos Principes, e documentos aos Póvos.

Os ſabios conhecem perfeitamente eſta differença entre Poetas, e Verſejadores; mas os ſabios ſaõ o numero menor dos homens, e o reſto delles preſiſte em conſiderar indiſtinctamente a Poeſia, como huma

occu-

occupaçaõ frivola; e estes me condemnaraõ por haver-me entretido com ella, esperando talvez outra mais séria das obrigaçoens do meu nascimento, e dos principios da minha educaçaõ.

Eu lhe confesso ingenuamente que eu pensei muito tempo desse mesmo modo; e que a pesar da particular paixaõ, que sempre me deveraõ as Musas, eu naõ imaginava dever sacrificar-lhe hum cuidado serio; mas o destino dos homens naõ pende das suas intençoens.

Logo depois de concluidos os meus estudos de Humanidades, e Filosofias, e de sinco annos de Universidade de Coimbra, que seguia só pelo desejo de instruir-me, eu me destinei á vida militar, a que me incitava a minha inclinaçaõ, os exemplos da minha familia, e os conselhos de alguns amigos, que havendo seguido comigo as aulas, as deixáraõ naquelle mesmo tempo para servir na tropa; mas eu fui logo dissuadido deste estado de vida pelas idéas, que a meu respeito teve hum grande Ministro da nossa Corte casado com huma Senhora minha parenta, o qual me fez entrar em outros projectos, que se desvaneceraõ depois de algum tempo, assim como

mo outras esperanças, que naõ pareciaõ entaõ mal fundadas.

A minha primeira vocaçaõ para o serviço militar durava toda via; e sabendo que deviaõ formar-se algumas Companhias de Cavallaria para servir no Algarve, aprompdadas á custa dos proprios Capitaens, me offereci dos primeiros, e nem assim fui despachado, promettendo-se-me com tudo outra Companhia para huma das Provincias do Norte deste Reyno, graça porque cheguei a beijar a maõ ao Senhor Rey D. Jozé, que Deos haja, e que da mesma sorte naõ teve effeito, assim como tambem o naõ teve outro offerecimento, que fiz a S. Magestade pelo mesmo apontado Ministro de ir servir-me em qualidade de voluntario na guerra, que naquelle tempo ardia na Alemanha, e para que nada mais pedia, que huma carta de recommendaçaõ de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de 1761 eu trabalhei por ser empregado, e me offereci a fornecer duas Companhias de Cavallaria, huma para mim, e outra para meu Irmaõ, que servia Cadete, e nem entaõ fui attendido, sendo obrigado a ceder da Companhia, com que pertendia servir, para que se verificasse a de meu Irmaõ.

Reti-

Retirei-me á huma quinta, naõ sei se cançado, se desgostoso de pertençoens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupaçaõ para as muitas horas, que me sobejavaõ naquella especie de solidaõ. Os livros me offereciaõ a mais prompta, e a mais agradavel, supposto o habito de ler, em que me achava desde os mais tenros annos; mas eu queria sómente ler para entreter-me. Li de novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu naõ podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acçaõ digna da Epopèa, e tal me pareceo a do Senhor Rey D. Joaõ I. Trabalhei por canta-la, e quiz o meu zêlo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerecer hum pequeno tributo á fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senaõ metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer sórte eu me lisonjearei sem-

ſempre muito de a ſervir, e terei huma grande ſatisfaçaõ ſe o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, deſenganados de que naõ foi culpa minha, o que póde parecer-lhes ocioſidade.

JOAN-

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE:

CANTO I.

ARGUMENTO.

ROPOEM-SE cantar a Liberdade de Portugal, e a gloriosa acção do Senhor Rey Dom João I. Invoca-se a protecção da Mãy de Deos, e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando; duvidas sobre a suc-

ſucceſſaõ; ſciſma do governo; deſordens do povo, e inſolencias de Caſtella. Da-ſe conta do cerco de Lisboa, achando-ſe o Heróe dentro da cidade: acçoens valorozas do meſmo Heróe, e de outros cavalleiros. Entra no Tejo a armada Caſtelhana; accreſcenta-ſe o riſco, e afflição dos ſitiados; aſſuſta-ſe o povo, e toda a cidade teme as conſequencias de hum bloqueio completo por mar, e por terra. O Heróe anima a todos, e chama os principaes dos ſitiados a conſelho; mas nada ſe reſolve. Em tanto no celeſte congreſſo, o Genio tutelar de Portugal implora a miſericordia do ſupremo Deos, que benignamente o attende, lhe ſegura as felicidades dos Portuguezes, lhe declara os futuros ſucceſſos, e lhe ordena, que deſca á terra, que anime o Heróe, e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ſer ſeus deſcendentes; mas tudo debaixo de tal disfarce, que naõ ſeja conhecido o nuncio celeſte, e que o ſeu vaticinio poſſa merecer huma confiança pia; mas naõ huma certeza infallivel, que tiraria o merecimento ao valor do Heróe. Disfarça-ſe o Genio na figura de Fr. Joaõ das Barrocas Ermitaõ conhecido, e reſpeitado pela ſua virtude. Deſcreve-ſe o Ermitaõ; retira-ſe com elle o Heróe particularmente, e lhe pede rogue a Deos

pelo

pelo reyno, no grave perigo, em que se acha. O disfarçado Genio lhe inspira huma grande confiança, lembrando lhe as promessas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal, lhe dá esperanças do bom successo daquella empreza, e de vir elle mesmo a ser Rey com feliz descendencia, que lhe declara, fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe athé o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com este vaticinio se despede do Genio, acode á muralha, donde vê vir fugindo alguns dos seus obrigados da multidaõ dos Castelhanos. Sahe a soccorre-los, executa varias acçoens valorosas, restabelece o valor na sua gente, e prosegue a defender a cidade com maior constancia.

A LIBERDADE

CANTO I.

I.

EU mesmo, que algum tempo, a doce lyra
Ajustava de amor ás travessuras,
Agradavel emprego, a quem suspira
Nas prizoens da belleza mal seguras;
Agora, que a razaõ menos delira;
Trocada a fraze terna, a vozes duras,
As armas canto, canto a Liberdade
De Portugal, por maõ da heroicidade.

Do

II.

Do conſtante Varaõ, que á Luſa terra,
Deu a maõ liberal do Ceo clemente
Para ſeu Defenſor na dura guerra,
Para Pay, no cuidado providente;
O caſo canto, ſe he que o peito encerra,
Nos impulſos do genio impaciente,
Taõ grande força, taõ brilhante alento,
Que ſe atreva a cumprir taõ alto intento.

III.

Sacroſanta Maria, Virgem pura,
Cofre da graça, fonte da ſciencia,
Em cujas perfeiçoens, na ſumma altura,
Parece ſe empenhou a Omnipotencia;
Vós Senhora, de quem a mais ſegura
Protecçaõ goza a Luſa independencia,
Dai com voſſo favor ao meu engenho
Auxilio, para taõ ſublime empenho.

IV.

Vós me inſpirai as cauſas ſoberanas
De taõ grandes ſucceſſos, taõ famoſos,
Comque o valor das armas Luſitanas
Logrou da liberdade os fins ditoſos:
Declarai-me os motivos das tiranas
Revoluçoens, dos odios furioſos;
E fazei, que nas vozes do meu pletro,
Se eternize a virtude em doce metro.

E

V.

E vós, Principe Augusto, em quem confia
O seu mais firme amparo a Lusa gloria,
Com quem nossa fé pura hoje alivia
Dos passados Monarcas a memoria:
Vós, de quem Portugal espera hum dia,
Nome mais claro, fama mais notoria,
Dignai-vos de me ouvir benigno, em quanto
Naõ dais materia a mais sublime canto.

VI.

Gemia Portugal em desventura,
Sem governo, e sem Rey: Morto Fernando
Naõ deixára no reyno a sorte dura
Successor verdadeiro ao regio mando:
O zelo, a ambiçaõ, odio, e ternura
Se andavaõ mutuamente embaraçando,
E entre as vozes da honra, e da cobiça
Se perdia igualmente a da justiça.

VII.

Cada qual ser juiz da regia herança
Presumia atrevido, e sem respeito,
E frustrada das leys a segurança,
A propria inclinaçaõ era o direito:
Huns move do interesse a vil lembrança;
Outros do patrio amor o doce effeito,
E na triste disputa, o povo insano
Formava a confusaõ, o horror, o damno.

A vin-

VIII.

A vingança, a cobiça, o desacato
Discorriaõ sem freio livremente;
Igualmente sentia o fero trato
A vida do culpado, e do innocente:
Tudo devasta o horrido apparato
Da furia nacional indignamente;
O sacerdote, as virgens, os altares
Nada escapa das iras populares.

IX.

Por outra parte as armas Castelhanas
Na raiva ardente da vingança accesas.
Abrazaõ todo o reyno em deshumanas
Impiedades, insultos, e cruezas,
Tiram-se as vidas com acçoens tiranas;
Sacrificam-se as honras ás torpezas,
E athé os simulacros mais sagrados
Saõ com despreso infame injuriados.

X.

Crescia a confusaõ, crescia o susto
No scisma do governo desgraçado;
Aquelle aprova, o que este chama injusto;
O que este segue, o outro chama errado.
Todos tem o seu voto por mais justo,
E sendo o reyno em sangue já banhado,
Ninguem sabe de certo em tal perigo,
Quem seja o proprio Rey, quem o inimigo.

Joaõ

XI.

Joaõ, de Portugal Defenſor forte
Por emprego, por honra, e por affecto,
A quem os riſcos da inconſtante ſorte
Já mais mudar podéraõ de projecto;
Entre tanta ruina, e tanta morte,
Impávido ſuſtem, com firme aſpecto,
Nos hombros da conſtante heroicidade,
As reliquias da antiga liberdade.

XII.

Qual o bravo leaõ, que vê cercados
Os outeiros de armados caçadores,
Os ouvidos feridos, e atroados
De alaridos, ruidos, e clamores:
A peſar dos inſultos declarados,
A peſar das imagens dos horrores,
Deſcobre a frente altiva, e ſem receio
Já mais altera o placido paſſeio.

XIII.

Tal o varaõ conſtante os horroroſos
Ameaços, e riſcos obſervando,
No poder dos contrarios orgulhoſos,
E deſordem do povo miſerando,
A peſar dos perigos eſpantoſos,
A peſar do trabalho mais infando,
Já mais altera o firme penſamento
De ſuſtentar do trono o luzimento.

Vei

XIV.

Via a chamma voraz da guerra ardendo
No meſmo coraçaõ da patria amada,
Miniſtrando materia ao fogo horrendo,
Para a propria ruina a Luſa eſpada.
Via a torpe ambiçaõ nas maons rompendo
Os laços mais fieis da fé ſagrada,
Authorizar a força dos inſultos
Na meſma fé dos deſpreſados cultos.

XV.

Via a impia vingança indignamente
Profanando do trono a mageſtade,
Fomentar a deſordem no indecente
Exercicio da ſumma authoridade.
Via abonar o eſtrago infamemente
Da meſma nacional barbaridade;
E entre tantos objectos de violencia
Mais o empenha o valor na reſiſtencia.

XVI.

Achava-ſe em Lisboa; e já ſe eſcuta
O bellico rumor junto á cidade;
Já defronte dos muros ſe diſputa
O pleito marcial da liberdade:
Corre ás portas o Heróe, onde executa
Prodigios de valor, e actividade;
De poucos cavalleiros ſe acompanha,
Mas que fazem tremer a toda Heſpanha.

Dois

XVII.

Dois Vaſconcellos ſaõ ; hum Azevedo :
Hum Caſtro , quatro Cunhas , tres Pereiras ;
Hum Albuquerque, hum Motta, hũ Figueiredo;
Hum Almeida , dois Freyres , dois Sequeiras,
Dois Leitoens , quatro Veigas , hum Macedo ,
Dois Correas , hum Britto , dois Nogueiras ,
E outros taes , a quem nunca a dura ſorte
Pode cauſar temor no peito forte.

XVIII.

Era a gente inimiga quem cauſava
O eſtrepito fatal , que ſe ſentia ,
Pois já perto dos muros ſe moſtrava
Precedida de bellica harmonia ;
Exercito potente atropellava
A viſinha campanha , e ſe extendia
Em roda da cidade , a quem ordena
De hum aſſedio tirano a larga pena.

XIX.

Brilhava o Sol nas armas rutilantes ;
Movia o vento as tremulas bandeiras ;
E o ruido das vozes diſſonantes
Augmentava o terror por mil maneiras :
O rinchar dos cavallos arrogantes ,
O clamor das trombetas lizonjeiras
Tudo em triſte concerto repreſenta
A ſcena de Belona mais cruenta.

De

XX.

De diverſas inſignias adornados
Diverſos eſtandartes ſe divîzaõ,
Quaes ferozes leoens moſtraõ pintados,
Quaes dourados caſtellos ſimbolizaõ.
Alli vaõ huns de cruzes matizados,
Outros, que de roélas ſe matizaõ,
E entre tantas diviſas Caſtelhanas,
Vaõ tambem tremulando as Luſitanas.

XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas
Se vem luzir no campo dos contrarios,
Que do ſciſma fatal as incertezas
Fazem na meſma gente effeitos varios.
Oh dor! oh paſmo! oh feras naturezas!
Que nos riſcos da patria neceſſarios
Sejaõ ſeus meſmos filhos inimigos
Inſtrumento cruel dos ſeus caſtigos.

XXII.

Mas jâ com furia horrivel vem marchando
Do campo Caſtelhano huma partida,
Na arrogancia das vozes publicando
A ſoberba, que ao genio traz unida;
A's portas ſe encaminha, que tomando
A fama de Agoſtinho eſclarecida,
Do ſeu nome conſervaõ na memoria
Segura protecçaõ, defenſa, e gloria.

Deſ-

XXIII.

Deſtas portas os Caſtros tem a guarda,
Dos grandes Vaſconcellos aſſiſtidos,
A cada qual parece já que tarda
A furia dos contrarios atrevidos:
E porque talvez vem, que os acobarda
O reſpeito dos muros defendidos,
Delles ſe apartaõ com galhardo alento
A domar-lhe no campo o atrevimento.

XXIV.

Já das lanças crueis as haſtas leves
Saltando pelos ares vaõ rugindo,
Das eſpadas os golpes ſaõ taõ breves,
Que huns dos outros parecem vir partindo.
Quaes no frio Janeiro as brancas neves
Em continuo chuveiro eſtaõ cahindo,
Taes das Luſas eſpadas fulminantes
Chover parecem golpes inceſſantes.

XXV.

Cobre-ſe a terra de cortadas peças
De eſcudos, elmos, peitos, e lorigas,
Nas carnes deſarmadas, mais impreſſas
Se vem da ira as barbaras fadigas;
Das hervas mais creſcidas, mais eſpeſſas
Inunda o ſangue as folhas, e as eſpigas;
Armas, plumas, cavallos, cavalleiros
Todos ſaõ na ruina companheiros.

Cede

XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente
Dos Portuguezes valorofos braços,
Abatida a arrogancia torpemente,
Vai mudando em lamento os ameaços:
Alguns da vida os fios triftemente
Cortados perdem nos primeiros paffos;
Os que podem fugir, já fem concerto
Procuraõ falvaçaõ no campo aberto.

XXVII.

Cada qual do caminho fe aproveita,
Que prompto lhe miniftra o medo trifte;
Ninguem dos capitaens a voz refpeita,
Nos mefmos capitaens o fufto infifte:
He geral a defordem da desfeita,
Arelhano fómente ainda refifte;
Mas fe evita a vergonha da fugida,
A liberdade chora alli perdida.

XXVIII.

Era Arelhano illuftre cavalleiro,
Nas tropas Hefpanholias refpeitado,
Arrogante de genio, mas guerreiro,
Nas paleftras de Marte exercitado;
Valente fe moftrára no primeiro
Impulfo do combate arrebatado,
Mas Diogo, que Efteves fe appellida;
Lhe fez render as armas pela vida.

Reco-

XXIX.

Recolhem-ſe á cidade os valoroſos
Defenſores das portas, ſem ruina;
Mas da parte do mar, com horroroſos
Alaridos, a gente ſe amotina;
Lançaõ todos os olhos cuidadoſos
A' corrente do Tejo criſtalina,
E de inimigas velas vem coberto
O rio todo com cruel concerto.

XXX.

Qual na brava ſilveira entrincheirado
O matador de Adonis deſtemido,
Que de caens, e monteiros vê cercado
Todo o eſpaço do monte conhecido;
Dos clamores das gentes alterado,
Dos ladros dos ſabujos confundido,
Em roda obſerva todo o abrigo occulto,
E em toda a parte nota o meſmo inſulto.

XXXI.

Taes os valentes Luſos entre os muros
Cercados do poder de toda Heſpanha,
Notando eſtaõ com olhos mais ſeguros
O tumulto fatal da gente eſtranha;
Ouvem do tambor rouco os écos duros,
Que o clamor das trombetas acompanha,
Acodem á muralha, e em toda a parte
Vem preſente o furor do irado Marte.

Por

XXXII.

Por mar, por terra as armas Caſtelhanas
Ameaçaõ ruinas, e caſtigos,
O povo ſe horroriza das tiranas
Repetidas imagens dos perigos:
Já naõ temem ſómente as deshumanas
Conſequencias dos golpes inimigos;
As ideas da fome, e da miſeria
Lhe daõ para o temor maior materia.

XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos
Senſivel neſte tempo, porque havia
Na cidade baſtantes mantimentos
Para a gente cercada; mas fazia
Deſpertar taõ funeſtos penſamentos
O bloqueio completo, em que ſe via
Por mar, e terra a gente miſeravel
Rodeada de força inſuperavel.

XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado,
A conſelho convoca os companheiros,
A quem expoem, com geſto ſocegado,
Toda a força dos riſcos verdadeiros:
Pondera na cidade o triſte eſtado,
De hum longo cerco os damnos moſtra inteiros,
E pede a todos, que com zelo puro,
Diſcorraõ no remedio mais ſeguro.

Cada

XXXV.

Cada qual no remedio discorria,
Segundo o proprio genio lhe inspirava;
Hum soccorros estranhos pertendia,
Outro concertos vaons premeditava:
Algum, que do furor só se regia,
Huma acçaõ decisiva aconselhava,
E perdidas as horas na disputa,
Se dissolve a assemblea irresoluta.

XXXVI.

Em tanto, lá no Olympo luminoso,
Onde quiz a suprema Omnipotencia
Edificar hum trono magestoso,
Posto que immensa seja por essencia;
Onde assistem, com culto obsequioso,
Os ministros da summa Providencía,
Promptos para cumprir a toda a hora,
As ordens do Senhor, que o mundo adora.

XXXVII.

Este Senhor Supremo, Omnipotente,
Grande Deos, Infinito, Inexplicavel,
Terrivel, Forte, Sabio, providente,
Bom, Benigno, Fiel, Piedoso, Amavel,
A cujo summo arbitrio está presente
Quanto alcança do tempo o curso instavel,
Desde o solio luzente os olhos puros
Inclinou de Lisboa aos tristes muros.

XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,
Que a ſua perdiçaõ ſoberbos juraõ;
Vio por dentro miſerias, e perigos,
Que a ruina fatal mais lhe aſſeguraõ:
Conhecia a juſtiça dos caſtigos,
Que as feas culpas da naçaõ apuraõ;
Mas movido da dor de tantos damnos,
Já compaſſivo olhava os Luſitanos.

XXXIX.

O Genio tutelar da Luſa terra,
Que vio propicio ao rogo o Deos piedoſo,
Animado do zêlo, que ſe encerra
No ſacro miniſterio cuidadoſo,
Depois que o ſanto ſuſto em fim deſterra,
Que lhe motiva o Numen mageſtoſo,
Deſta ſorte lhe falla reverente
Poſtrado aos pés do trono refulgente.

XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme
O ceo, a terra, o mar, e o meſmo inferno,
Cujo ſagrado nome adora, e teme
Todo o Orbe em reſpeito ſempiterno,
Bem vês, Senhor, o como afflicto geme
O povo, que entregaſte ao meu governo,
Se he teu goſto tal vez, que ſe deſtrua,
O teu juſto deſignio ſe conclua.

Mas

XLI.

Mas ſe acaſo, Senhor, os ſeus peccados
Naõ tem fruſtrado as altas eſperanças,
Que na ordem dos ſeus illuſtres fados
Lhe preſcreveſte de immortaes bonanças;
Se acaſo neſte povo executados
Haõ de ſer com ditoſas ſeguranças
Os prodigios illuſtres, que em Ourique
Aſſeguraſte ao ſucceſſor de Henrique?

XLII.

Se haõ de ſer deſte ſangue deſcendente
Os que o teu ſanto nome reſpeitavel
Haõ de levar a climas differentes
Com zêlo do teu culto incomparavel;
Se os paizes occultos ás mais gentes
Haõ de calcar com fama inimitavel,
Para ſerem ditoſos inſtrumentos
Dos teus pios, e juſtos documentos?

XLIII.

Se ha de ſer eſte reyno o teu Imperio,
Separado do reſto das Heſpanhas,
E por prova da fé deſte miſterio
Lhe fizeſte obrar tantas façanhas?
Se o pezo ſacudir do jugo Hiberio
Lhe ordenaſte na face das campanhas,
Como agora, Senhor, em tanto damno
Lhe falta o teu ſoccorro ſoberano?

XLIV.

Ah ! naõ permitta a tua providencia
Deixar tantos prodigios mal logrados :
Se tu es immutavel por eſſencia ,
Naõ podem teus deſignios ſer mudados.
Promeſſas ſaõ da tua omnipotencia
Deſta gente os progreſſos ſublimados ,
Ampare já , Senhor , teu braço forte
Os que deſtinas a taõ alta ſorte.

XLV.

Ouvio o Paÿ Supremo o rogo attento
Do ſacro Paraninfo cuidadoſo ,
E com vulto ſereno , que o tormento
Do meſmo abiſmo convertera em gozo ,
Enchendo os Ceos de novo luzimento
Na alegria do geſto mageſtoſo
Lhe reſponde benigno , e ſocegado
Com patentes ſinaes de novo agrado.

XLVI.

Naõ temas , naõ dos teus a ſorte dura ;
Provas ſaõ do valor eſſas fadigas ,
Com que a Luſa naçaõ a gloria apura
Da fama illuſtre das acçoens antigas ,
Os mimoſos indultos da ventura
Naõ lhe offendem as armas inimigas ;
Immutaveis eſtaõ ao reyno unidos
Os fados , que lhe foraõ promettidos.

XLVII.

E porque melhor vejas se propicio
Attendo aos teus amados Lusitanos,
Vê, lhe diz, esse livro, onde o exercicio
Lerás das gentes dos vindouros annos;
Nisto lhe abre, com alto beneficio,
O livro sacrosanto dos arcanos,
Onde em letras de luz se vem impressos
Dos incertos futuros os successos.

XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente
A esforçar o Varaõ, que o povo alenta;
Dissipa-lhe o cuidado, e cautamente
Da victoria a esperança lhe accrescenta,
Dos futuros successos juntamente
Hum breve vaticinio lhe apresenta;
Mas de sorte, que possa esta esperança
Dar-lhe alentos, naõ dar-lhe segurança.

XLIX.

Que se o valor humano for seguro
Do contingente risco dos successos,
Na ditosa certeza do futuro,
Pouco podem valer os seus progressos.
Anime o Defensor o peito puro,
Os favores do Ceo conheça expressos;
Mas o nuncio celeste naõ conheça,
Porque se alente, e naõ se desvaneça.

Disse,

L.

Disse , e sem mais demora o Genio parte ,
E com vôo feliz á terra desce ,
Que do estrondo fatal do irado Marte ,
Parece , que se abála , ou que estremece ;
Alli melhor Protheu , com melhor arte ,
Mudada a fórma , as luzes escurece ,
E em observancia da divina norma
No vulto de Barrocas se transforma.

LI.

Era Barrocas hum varaõ famoso
Em Virtudes , no reino conhecido ,
Que habitando de hum ermo o mais fragoso ,
Era na corte com assombro ouvido.
Poucas vezes largava o sitio umbroso ,
Onde passava os annos escondido ,
E se vinha á cidade , era constante
Ser para avizo a todos importante.

LII.

De hum grosso , e roto manto mal talhado
Os penitentes membros abrigava ,
Da barba intonsa o pelo dilatado
Ametade dos peitos lhe bordava :
Curvado o corpo , o rosto descarnado
De veneraveis cans a fronte ornava ;
Hum bordaõ , humas contas , hum livrinho
Era todo o seu movel , todo o alinho.

Esta

LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta
O mesmo tom de voz, o mesmo estilo,
O mesmo inculto adorno alli se nota,
Ninguem póde do proprio distinguillo:
Concorre o povo em confuzaõ devota
A ver Barrocas, a tratallo, e ouvillo,
E entre applauso, esperanças, e embaraço
O levaõ de Joaõ ao alto paço.

LIV.

Era pio o Heroe: recebe affavel
Nos braços o fingido Anacoreta,
E humilhado á virtude respeitavel
Lhe beija a pobre manga da roupeta;
Mas depois que no agrado incomparavel
A publica attençaõ julgou completa,
O conduz com suave, e breve giro
Ao mais occulto, interior retiro.

LV.

Alli com pia fé do peito afflicto
Lhe communica todos os cuidados,
Em que fluctua o coraçaõ invicto,
Na funesta oppressaõ dos sitiados
Supplica-lhe, que alcance do infinito
Poder de Deos com rogos porfiados
Soccorro a tantos damnos; se saõ certas
As promessas a Affonso descubertas.

LVI.

As promessas de Deos saõ infalliveis,
Lhe diz o sacro Genio disfarçado;
Mas na esfera confusa dos possiveis
Nada alcança o juizo limitado;
Talvez nos mais funestos, mais horriveis
Successos, que lamenta o nosso enfado,
Fabrica a maõ de Deos Omnipotente
A gloria mais feliz, mais permanente.

LVII.

Naõ te assustem os feros ameaços
Da guerra dura, da miseria triste;
No desprezo dos grandes embaraços
O valor verdadeiro só consiste:
A palavra de Deos te anima os passos,
No teu projecto firmemente insiste,
E verás o rigor mudado em gloria,
Premiado o trabalho na victoria.

LVIII.

Verás o mesmo Rey, que agora a lança
Brandindo está feroz para a conquista,
Buscar do proprio solio a segurança
Nos mesmos laços da alliança mista:
Duas irmans, que da paterna herança
O cuidado trará de Hespanha á vista,
Verás huma da tua escolha abono,
Outra firmeza do contrario trono.

Famo-

LIX.

Famoſa deſcendencia te aſſegura
Eſte illuſtre Hymeneu, que o Ceo prepara;
Se naõ he illuſaõ da idéa eſcura
O que julgo favor da luz mais clara;
Europa toda vejo, com fé pura,
O joelho dobrar á prole chara;
Mas deixando os eſtranhos principados,
Dos Luſos ſó direi os mais chegados.

LX.

Hum conſtante Duarte o Ceo deſtina
A ſucceder no trono reſtaurado,
Que com raras virtudes illumina
A breve afflicta esfera do reinado;
Fruſtrar-lhe alguns projectos determina
Talvez a força do immutavel fado;
Mas por premio das grandes qualidades,
Lhe dará fama illuſtre nas idades.

LXI.

Nem menos conhecidos nas hiſtorias
Seraõ dos quatro irmaons os nomes claros;
Pedro, Joaõ, e Henrique nas memorias
Dos ſucceſſos de Marte mais preclaros,
Fernando, ſe naõ já neſtas victorias,
Nos triunfos da fé naõ menos raros;
Pois das breves caducas eſperanças
Ha de formar eternas ſeguranças.

LXII.

Acabado o governo de Duarte ,
Affonſo regerá da Liſia a gente ,
Affonſo , que na voz do duro Marte
Affamado ſerá eternamente :
Tanto fará tremer do mundo a parte ,
A quem notavel faz o clima ardente ,
Que diſputando a gloria do Romano ,
Conhecido ſerá por Africano.

LXIII.

Maior que Affonſo o filho ſe reputa ;
Joaõ , nome feliz nos Portuguezes ,
Que do paterno affecto na diſputa
Ao trono ſubirá por duas vezes ;
Mas ſempre com tal fama , e tal conduta ;
Que vencendo as invejas deſcortezes ,
Conſeguirá do mundo no reſpeito
Ser tratado por Principe perfeito.

LXIV.

Pio , juſto , valente , generoſo ;
Verdadeiro , magnanimo , diſcreto ,
Será de Marte aſſombro reſpeitoſo ,
De Nemeſis modello o mais completo
Pay dos fieis vaſſallos amoroſo ,
Flagello do ſoberbo orgulho inquieto .
Na ſciencia dos Reys ſerá notado
Dos vindouros por meſtre conſumado.

Deſte

LXV.

Deste o Ceo naõ permitte, que do trono
A prôle chara occupe o Regio assento;
Porque tem destinado para abono
Da gloria Lusitana, outro instrumento:
Hum Rey lhe ordena Deos, de quem Patrono
Se ha de mostrar no mesmo nascimento,
Do teu sangue igualmente acreditado,
Por Duarte, e Fernando derivado.

LXVI.

Manoel ha de ser o Rey potente,
Que as promessas de Deos verá cumpridas;
No seu tempo seraõ na estranha gente
Da Ley santa as verdades recebidas.
Nas mais remotas terras do Oriente
Seraõ suas bandeiras conhecidas,
E seraõ seus baixeis encaminhados
Por mares nunca dantes navegados.

LXVII.

Novos mundos veraõ as Lusas Quinas
No progresso feliz deste governo,
Vassallagem render ás leys Divinas,
A' Lisia preparar tributo eterno;
Aromas, sedas, ouro, e pedras finas
Illustraráõ de sórte o fasto externo,
Que será conhecido este reinado
Em Portugal por seculo dourado.

Mas

LXVIII.

Mas naõ ſerá ſó de ouro a copia rara,
O mais illuſtre dom da maõ ſuprema
Nas prendas dos vaſſallos lhe prepara
A ſumma providencia a gloria extrema;
Heróes de toda a claſſe a Liſia clara
Entaõ produzirá, que em nobre emblema
As virtudes dos Gregos, e Romanos
Haõ de moſtrar nos peitos Luſitanos.

LXIX.

Outro novo Jaſon, outros famoſos
Argonautas eſpera aquella idade,
Outros Manlios naõ menos glorioſos;
Fabricios, Scipioens de mais bondade;
Nem ſómente nas armas precioſos
Eſtes tempos ſeraõ, na ſuavidade
Hum Homero teraõ, que cante a brados
As armas, e os varoens aſſignalados.

LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura
Regerá felizmente, e no cuidado
Do culto pio, da ſciencia pura
Será com juſta cauſa acreditado;
Protegendo das letras a cultura,
Naõ vivirá das armas deſcuidado,
E por ſeus capitaens fará patente
O ſeu nome na Aſia, e Libia ardente.

Eſte

LXXI.

Eſte verá do filho as eſperanças
Em flor cortadas; mas o neto egregio
O trono ha de occupar, e as confianças
Da Liſia animará no vulto regio;
Se a virtude podeſſe as ſeguranças
Aos ſeus alumnos dar por privilegio,
Sebaſtiaõ, no templo da memoria
Lograria de todos a victoria.

LXXII.

Mas nem ſempre a fortuna favorece
As illuſtres virtudes, nos caſtigos
Talvez a maõ de Deos ſe reconhece
Opprimir mais pezada os mais amigos;
Naõ porque menos juſta nunca ceſſe
De premiar os bons; mas nos perigos
Purifica, talvez com mais cuidado,
Os que deſtina a mais brilhante eſtado.

LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio ſuſpendido
A narraçaõ cortou, e hum breve eſpaço
Os olhos para o ceo havendo erguido
Parecia ſentir forte embaraço;
Joaõ lhe inſta com rogo repetido,
Que dos preſagios naõ altere o paſſo;
Porque o peito conſtante tem diſpoſto
A ſoffrer igualmente a pena, e o goſto.

Naõ

LXXIV.

Naõ intentes, o Genio entaõ reſponde,
Ouvir dos teus a mais fatal ruina,
Que em diſtancia confuſa o tempo eſconde
A' juſta dor, que o ſangue te deſtina;
Mas ſe o valor no peito correſponde
A' conſtancia, que o geſto te domina,
Ouve, e verás com quanta congruencia
Obſerva o tempo as leys da Providencia.

LXXV.

Decimo ſexto Rey da Luſa terra
Sebaſtiaõ ſerá; na fatal conta
Quanto funeſto riſco o fado encerra,
De Ourique o vaticinio claro aponta,
A Libia ardente vejo em triſte guerra,
A' Liſia preparar eterna afronta,
E a próle Regia alli attenuada,
A palavra de Deos executada.

LXXVI.

Perde-ſe hum grande Rey, e quaſi extincta
Do grande Affonſo a Luſa deſcendencia,
Mais a magoa da perda ſe requinta
No imminente receio da violencia,
E bem que o ſacro emprego mal conſinta,
Que Henrique próle eſpere com decencia,
No trono fará ver equivocada
A purpura real com a ſagrada.

Eſte

LXXVII.

Eſte ſerá da Luſa varonia
A ultima reliquia , e brevemente
Na triſte ſervidaõ da tirania
Gemerá Portugal afflictamente :
Doze luſtros ſuppreſſa a Monarchia
O jugo ſoffrerá da Hiberia gente ,
E ſobre os altos peitos Luſitanos
Reinaráõ tres Filippes Caſtelhanos.

LXXVIII.

Mas o tempo virá , que ſatisfeita
A juſtiça Divina , o alto indulto
Da primeira promeſſa a Affonſo feita
Cumprido moſtrará com firme vulto ;
Os olhos outra vez na prole eleita
Porá o Deos ſupremo , e o regio culto
Reſtituido á Luſitana gente
Será com fama eterna illuſtremente.

LXXIX.

Outro Joaõ da Luſa liberdade
Reſtaurador ſerá , que de Bragança
No ſangue illuſtre a regia Mageſtade
Conſervará de Affonſo ſem mudança :
Eſte do trono a antiga dignidade
Renovará com rara confiança ,
E ſerá o ſeu nome reſpeitoſo
Conhecido no mundo por ditoſo.

Affonſ

LXXX.

Affonſo, e Pedro ſucceſſivamente
O trono occuparáõ, ambos famoſos,
Hum nas victorias da Hiberina gente,
Outro nos dons da paz ſempre formoſos;
Felices ambos, ſe a diſcordia ardente
Lhe naõ manchar os peitos generoſos;
Porém ſempre felices no deſtino
De confundir a furia do Hiberino.

LXXXI.

Outra vez de Joaõ o nome egregio
O ſolio adornará de illuſtre gloria,
Que nas prendas reaes, no vulto regio
Será eterno emprego da memoria;
Eſte o Ceo com diſtincto privilegio,
Guarda para eſplendor da Luſa hiſtoria,
E no ſeu tempo, as artes, e ſciencias
Animará, com altas influencias.

LXXXII.

Os aureos fructos de húma paz formoſa
Encheráõ de abundahcia aquella idade,
E á ſombra da opulencia deleitoſa
A induſtria creſcerá com liberdade;
Cultivada a fereza bellicoſa
Nos dictames civis da humanidade,
Fará luzir na gente Luſitana
O valor, e a policia da Romana.

Famo-

LXXXIII.

Famosos Templos, nobres edificios;
Equipagens pompofas, moveis raros
Seraõ naquelles feculos propicios
Do gosto da Naçaõ effeitos claros:
Das campinas os mefmos frontefpicios
Menos rudes feraõ; pois nos preclaros
Cuidados da feliz agricultura
Trocaraõ os efpinhos em verdura.

LXXXIV.

No mefmo tempo a fabia providencia
Do grande Rey, no culto da juftiça,
No refpeito das leys, na reverencia
Dos fagrados myfterios mais fubmiffa,
Nos premios da virtude, e da fciencia;
Nos caftigos da fraude, e da cobiça
Mais illuftre fará, mais preciofa
Aquella idade fempre venturofa.

LXXXV.

Nem das armas a fama efclarecida
Defprezada ferá do Rey potente,
A foberba Othomana confundida
Verá o mar Egeo por fua gente:
Corfû vingada, Italia foccorrida
Seraõ padroens da gloria permanente;
Que logrará o nome refpeitavel,
Ou na paz, ou na guerra, fempre amavel.

LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o augufto affento
Illuftrará de novos efplendores,
Fabricando no Regio penfamento,
Para o Lufo governo, as leys melhores,
A Policia civil, o Regimento
Das gentes militares, os maiores
Projectos do Commercio, e da Cultura
Seraõ do feu cuidado empreza pura.

LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios
Da nacional induftria aquella idade
Lograrà nos auguftos beneficios
Da Regia providente authoridade;
Da lan, da feda os varios artificios,
Dos bornidos metaes a claridade,
Do barro, e da madeira os nobres ufos
Seraõ vulgares nos dominios Lufos.

LXXXVIII.

Famofas, opulentas companhias
Pela maõ do governo reguladas
Moftraraõ do commercio as primazias
Dos feculos antigos ignoradas,
Do ocio, e da avareza as vans porfias
Seraõ a fim mais util deftinadas;
E facudindo jugos encobertos
Provaraõ do negocio os lucros certos.

Nefte

LXXXIX.

Neſte tempo outra vez a paz ſerena
Perturbada ſerá na Luſa terra,
E mudado o exercicio, o Ceo ordena,
Que ſe deixe a lavoura pela guerra,
O deſuſo fará mais grave a pena,
Que na furia inimiga o ſuſto encerra;
Mas ſerá breve o termo do caſtigo
Conhecido ſómente no perigo.

XC.

Extincta a guerra, novas providencias
Dará Jozé á patria ſegurança,
Prevenindo o rigor das contingencias
Deſde o ſeyo ſuave da bonança:
Rico Erario com promptas diligencias
Formará contra os riſcos da mudança;
E nas praças, nas armas, e na gente
A força augmentará o Rey prudente.

XCI.

O Ceo lhe nega o goſto appetecido
De próle varonil, mas bem ſegura
A memoria do tronco eſclarecido
Na Filha illuſtre, e pio Irmaõ ſe apura:
Neſte Conſorcio felizmente unido
O ſangue Portuguez em liga pura
Novas luzes prepara ao trono regio
Nos primores do fruto mais egregio.

XCII.

Larga materia reſta á Luſa gloria
Nos ſucceſſos futuros ; mas baſtante
Tens ouvido de mim para a victoria
De hum timido receio vacilante :
Anîma o peito, e guarda na memoria
Do certo vaticinio a luz brilhante,
E na fé de taõ altas eſperanças
Naõ te acobarde o ſuſto das mudanças.

XCIII.

Deos te deſtina para o trono Luſo,
Por altas permiſſoens da Providencia ;
O juizo dos homens he confuſo
Para ver as razoens da Omnipotencia.
Naõ te creias injuſtamente intruſo
Na diſtincçaõ da Regia preminencia ;
Deos he Senhor dos Reynos ; repartillos
Elle ſó póde, póde dividillos.

XCIV.

Do grande Affonſo nóta o caſo raro,
Exemplo encontrarás deſta verdade,
O Ceptro lhe negava o mundo avaro,
Deos lho deu com ſuprema authoridade :
Filhos tinha Saul, em quem bem claro
Era o direito á Regia Dignidade ;
Mas na mente Divina era primeiro
David eſtranho, que Isboſeth herdeiro.

Quan-

XCV.

Quando a ordem dos Ceos se naõ conhece ;
Faz a justiça humana regra certa,
A quem deve ceder todo o interesse,
Com submissaõ fiel, e descoberta,
Que se esta ley geral se prevertesse,
Teriaõ as traiçoens a porta aberta ;
Mas quando Deos declara o seu intento,
Ha de ser cego o nosso rendimento.

XCVI.

Elle te fará ver distinctamente
Do seu dezignio as puras influencias,
Naõ só no ardor da Lusitana gente,
Mas em prodigios de altas evidencias ;
Antes que o Reyno, em fórma competente ;
Te offereça do Solio as preminencias,
Acclamado serás Rey Lusitano
Pela voz da innocencia em culto ufano.

XCVII.

Entaõ o Luso Ceptro sem receio
Acceitar poderás : agora aprende
A saber merecello ; pois por meio
Dos trabalhos a gloria se pertende.
Disse, e deixando o Heróe de assombros cheio
Das cousas, que ainda bem naõ comprehende,
Delle se aparta, dando-lhe a certeza
De encommendar a Deos aquella empreza.

Ani-

XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento
O valorofo Heróe ; no feu femblante ,
Se diviza com claro luzimento
De huma firme conftancia a luz brilhante ;
Infunde o feu afpecto atrevimento
No peito mais mortal , mais vacilante ,
E dos olhos parece , que fulmina
Ardentes raios de huma luz Divina.

XCIX.

Nefte eftado apparece aos companheiros ,
Com elles corre fobre os altos muros ,
Influindo nos animos guerreiros
Novo efpirito , alentos mais feguros.
Fugindo vinhaõ varios cavalleiros
Do Caftelhano ferro aos golpes duros ;
Mas do claro Varaõ bafta a prezença
Para animar os Lufos á defença.

C.

Elle accode com prompta providencia
A fufpender as furias inimigas ,
E renova com brava diligencia
A perdida conftancia das amigas :
Elle infpira nos feus a competencia ,
Defprezando trabalhos , e fadigas ;
Elle bufca os contrarios mais famofos ,
Que intimída com golpes furiofos.

A's

CI.

A's ſuas maõs perdeu a triſte vida
O valente Pantoja, o bom Guevára,
Com Lozada arrogante; e mal ferida
A cabeça, de hum golpe, naõ repara
Em fugir Eſpinoza; nem duvída
Guſmaõ fazer o meſmo, a quem tocára
Igual ſorte no damno, recebendo
No belicozo braço hum golpe horrendo.

CII.

Aſſim cheio de gloria, e de eſperança
Se recolhe á cidade, aſſim alenta
Dos cercados varoens a confiança,
Do conſternado povo a dor violenta;
Aſſim guarda com firme ſegurança
Os confiados muros, onde oſtenta
Cada dia com zêlo duplicado
Mais valor, mais prudencia, e mais cuidado.

FIM DO CANTO I.

A LIBERDADE
CANTO II.

ARGUMENTO.

EPOIS de tres mezes de cerco, sem que os sitiados desmaiassem do primeiro ardor, principiavaõ os Capitaens Castelhanos a cançar se desta guerra; e o mesmo Rey desgostozo do pequeno progresso das suas armas, da notoria aversaõ dos Portuguezes, da inconstancia da Rainha sua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava presagios funestos, e assustado das brilhantes acçoens do Defensor de Portugal, principiava a affroixar nas suas iras, e já cogitava de algumas propostas suaves para se tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos aggravos, e receozo das promessas feitas ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, perten-
de

de fazer continuar a guerra, e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos genios infernaes; duvidas de Asmodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos, sendo Christaons, resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possivel aos Portuguezes, e huma dellas em sonhos, incita o Rey Castelhano a proseguir a guerra com maior fervor. Chama o Rey a Conselho de Guerra, expondo o sonho; pareceres do Conde de Barcellos, e de outros Capitaens, voto de Vallasco; rezoluçaõ do Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes, que se acha fóra da Cidade, que cede com effeito ao maior numero, e se retira aos muros; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos, que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atêa-se novamente a contenda, que dura todo o dia, e a noite aparta, e naõ decide a disputa.

A LIBERDADE.

CANTO II.

I.

ERa o tempo, em que Phebo luminoſo
Entre os filhos de Leda paſſa ufano,
E quaſi aſſigna o termo glorioſo
Da mais bella eſtaçaõ de todo o anno;
Quando as flores com vulto mais pompoſo
Oſtentaõ da belleza o breve engano,
E das aves a branda melodía
Se repete com mais gentil porfia.

Já

II.

Já tres vezes a filha de Latona
Moſtrado tinha á terra o vulto inteiro,
E outras tantas do ardor, que a luz lhe abona,
Occultára o reflexo liſonjeiro,
Depois que a furia horrivel de Belona
Intimava á Cidade o ſom guerreiro,
Sem que no eſpaço de taõ largos dias
Deſmaiaſſem as Luſas ouſadias.

III.

Rebatidos das forças Luſitanas,
E da ſórte contraria fatigados,
Os capitaens das armas Caſtelhanas
Os peitos já moſtravaõ quebrantados;
Do meſmo Rey as iras inhumanas,
Os primeiros impulſos, e cuidados
De vingança, mais brandos pareciaõ,
Ou nas ſombras do ſuſto ſe eſcondiaõ.

IV.

Elle via dos Luſos a firmeza
Cada vez mais conſtante, o zêlo puro
Da liberdade, e gloria Portugueza
Cada dia mais vivo, e mais ſeguro;
Elle via o valôr, e fortaleza,
A prudente conduta, e braço duro
Do grande Defenſor acreditar-ſe
Nos ſucceſſos, creſcer, e confirmar-ſe.

V.

O desprezo da morte, que ostentava
Nas continúas sortidas, que fazia
O Valoroso Heróe, a furia brava
Dos seus golpes, o susto, que infundia
O seu nome, o respeito, que lograva
No povo Portuguez, tudo abatia
O primeiro fervor do Rey tirano,
Que já temia o ferro Lusitano.

VI.

A deserçaõ, que via tristemente
Grassar no seu partido, o desamparo
De muitos, de quem foi primeiramente
Acompanhado no projecto avaro,
Das Provincias o estillo inconsequente
A fatal aversaõ, ou odio claro
Da Naçaõ nos temores mal segura
Tudo suas idéas desfigura.

VII.

A mesma sogra, a mesma, que fizera
Tantas queixas da gente Lusitana,
Que incitára, apressára, e promovera
Os progressos da tropa Castelhana,
A mesma, que aruina pertendera
Do Defensor, que a culpa mais tirana
Lhe imputava, e pedia o seu castigo,
O tratava de injusto, e de inimigo.

Esta

VIII.

Eſta meſma, depois arrependida
Do primeiro projecto, e deſgoſtoſa
Da conduta do genro, ou diſſuadida
Da juſtiça da filha duvidoſa,
Com patentes inſultos offendida
De hum deſterro, e prizaõ injurioſa,
A liberdade patria deſejava,
E já do Defenſor o nome honrava.

IX.

O Ceo meſmo, parece que empenhado
Em favor dos altivos penſamentos
Da gente Portugueza, o Rey turbado
Com preſagios aſſuſta, com portentos:
No conceito do povo alvoroçado
Tem mais lugar aquelles ſentimentos;
Mas no peito de hum Rey talvez aſſiſte
Hum coraçaõ vulgar, hum genio triſte.

X.

He fama nas memorias conſervada
Dos antigos annaes, com fé conſtante,
Da tradiçaõ das gentes abonada,
Entre os ecos do tempo mais diſtante,
Que intentando na fórma praticada
Pelos Luſos, em caſo ſimilhante,
Acclamar-ſe a Raynha de Caſtella,
Com publico pregaõ, por mais cautella.

No

XI.

No tempo, em que o miniſtro a paſſo brando
Por entre o povo vario ſe encaminha,
E grita alegremente a voz ſoltando,
Portugal, Portugal pela Raynha,
Huma tenra menina, levantando
A cabeça no berço alli viſinha,
Portugal, *Portugal*, diz duas vezes,
Pelo Rey D. João dos Portuguezes.

XII.

E ſendo em varias villas, e cidades,
Que o dominio de Heſpanha conſentiaõ;
Praticadas iguaes formalidades
Pelos que ſeu direito defendiaõ,
A peſar das crueis ſeveridades,
Que os mais vivos temores infundiaõ
Huma velha caduca, hum pegureiro
Baſtava a ſublevar hum povo inteiro.

XIII.

Mas ſobre tudo o caſo mais notavel
Do fanatico povo no conceito,
De vaons preſagios ſempre inſaciavel,
A cegas illuſoens ſempre ſujeito,
Foi hum ſucceſſo nada reparavel,
De cauſas naturaes notorio effeito,
A quem deu ſó do tempo a circunſtancia
Apparente figura de importancia.

Man-

XIV.

Mandára confundir o Rey tirano
Na bandeira real, por mais cautella,
As infignias do trono Lufitano
Entre as armas antigas de Caftella,
De hum, e de outro brazaõ o pezo ufano
A Mendôça confia, e fe desvell a
Em fazer com formal folemnidade
Oftentaçaõ da nova dignidade.

XV.

Mas apenas Mendôça rodeado
De Hefpanhóes, e de alguns dos Portuguezes,
Sobre hum bruto foberbo, que gerado
Foi no centro dos campos Cordovezes,
Principia a marchar acompanhado
De lifonjas feftivas, e cortezes,
Quando hum trifte accidente defconcerta
Da ceremonia a pompa defcoberta.

XVI.

Hum turbilhaõ de vento impetuofo
Com fubito furor fe precipita
Sobre o grave congreffo numerofo,
Onde as forças tiranas exercita;
Todo o concurfo, o vento furiofo
Defcompoem, defconcerta, impelle, e agita;
Mas na regia bandeira tremolante
Fez impulfo maior, mais fulminante.

O

XVII.

O brazaõ Portuguez, ou mal ſeguro
No lugar deſtinado, ou combatido
Dos Miniſtros crueis de Eólo eſcuro,
Com impulſo mais forte, ou repetido,
Agitado o pendaõ de hum golpe duro,
Foi das armas de Heſpanha dividido,
Deixando na bandeira o lugar vago,
Sem que em ſi recebeſſe algum eſtrago.

XVIII.

E proſeguindo as féras influencias
Da deſordem fatal deſte accidente,
Apeſar das mais promptas providencias;
Do zêlo mais fiel, mais competente,
Apeſar do trabalho, e diligencias
De Mendôça já triſte, e deſcontente,
O ſeu meſmo cavallo desbocado
Fugio, correo, cahio precipitado.

XIX.

Deſtes, e de outros caſos ſimilhantes
No conceito do vulgo portentoſos,
E no enleio dos peitos vacillantes
Sempre nocivos, ſempre perigoſos,
Combatidos do Rey os arrogantes
Projectados intentos orgulhoſos
Já naõ moſtravaõ tanta confiança,
Já deſcobriaõ menos ſegurança.

XX.

Pelo contrario o coraçaõ robufto
Do claro Defenfor inalteravel,
Em quem naõ tem poder fadiga, ou fufto,
Inflamado de zêlo incomparavel,
Nas promeffas feguro do Céo jufto,
Cada vez com firmeza mais notavel,
Mais conftante, mais forte fe oftentava,
E dos Lufos os peitos animava.

XXI.

Cada dia no campo dos contrarios
Mil eftragos fazia, mil caftigos,
Sendo feus golpes fempre extraordinarios
O mais vivo terror dos inimigos,
O mefmo Rey tirano infultos varios,
Varios fuftos foffreo, varios perigos,
E na fua prefença o Varaõ forte
Muitos feus entregou á fera morte.

XXII.

A feus olhos perdeo a doce vida
Grifalva, com Giron, a quem levára
A's maons do Defenfor a fé devida,
Que em defenfa do Rey os empenhára;
Porque vendo no eftrago enfurecida
Do potente Varaõ a dextra clara,
Por falvar o Monarcha recebêraõ
Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Nef-

XXIII.

Neſte eſtado das armas Caſtelhanas
Os primeiros furores moderados,
Já da prudencia idêas mais humanas
Occupavaõ do Principe os cuidados;
Quando lá nas cavernas mais tiranas
Da esfera opaca em termos indignados,
O Monarcha das ſombras furioſo
Amotinava o reyno tenebroſo.

XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno
Deſtinada ſe achava a Luſa gente,
Para vencer as ſugeſtoens do Inferno,
No coraçaõ da meſma Libia ardente,
Que extenderia o zêlo ſempiterno
A's mais remotas partes do Oriente,
E que em todos os climas o ſeu braço
Cortaria do Abiſmo o torpe laço.

XXV.

Temendo taes ſucceſſos, e lembrado
Das antigas injurias, que ſoffrêra,
Quando o filho de Henrique aquelle eſtado
Com celeſtes brazoens ennobrecêra,
E dedicando a Chriſto altar ſagrado,
As aras de Mafôma eſcurecêra,
Com voz horrenda as margens do Cocîto
Abalava nos eccos deſte grito.

XXVI.

He possivel, dizia, que taõ pouco
Zéle a Curia Tartaria o seu dominio,
Que no letargo de hum descanço louco
Veja crescer dos Lusos o designio?
Ignora, repetia o brado rouco,
Ignora por ventura o Vaticinio,
Que promette ao valor destes mortaes
A ruina dos cultos infernaes?

XXVII.

Quando espera evitar o triste damno,
Que ameaça do Abismo a Monarchia,
Se na torpe illusaõ de hum cego engano
Despresa agora aquella profecia;
Quer ver primeiro o braço Lusitano
Profanar o Alcoraõ a idolatria,
Vencer os Mouros, dominar as gentes,
E fazer do Evangelho as leys patentes?

XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas
Tremolar sobre as costas Mauritanas,
Render do Malabar as fortalezas,
Opprimir as Potencias Indianas?
Espera ver primeiro as estranhezas
Do mundo occulto, expostas ás tiranas
Conquistas destes feros inimigos,
A quem domar naõ pódem os perigos?

Se

XXIX.

Se tanto eſpera a torpe paciencia
Dos genios infernaes, em que aſſegura
A eſperança do Abiſmo á preſiſtencia
Do dominio, que affecta a ſombra eſcura ?
Se naõ póde na meſma decadencia
Contraſtar o valor da Liſia dura ,
Como eſpera depois em outro eſtado
Impedir-lhe os progreſſos do ſeu ſado ?

XXX.

Mas que digo naõ póde ? Naõ ſaõ eſtes
Aquelles meſmos genios orgulhoſos ,
Que a peſar dos Eſpiritos celeſtes ,
Perturbáraõ os reynos luminoſos ?
Naõ ſois vós proprios , os que já quizeſtes
Ao meſmo Deos , com zêlos furioſos ,
Diſputar igualdades na grandeza ,
No poder , no valôr , na fortaleza ?

XXXI.

Pois como agora ſoffrereis , que ufanas
Dos miſeros mortaes as ouſadias
Tanto creſçaõ , que em maquinas inſanas
Ameacem do Averno as regalias ?
Cedereis vós ás pertençoens humanas ?
Vós , que ás meſmas celeſtes Jerarquias
Reziſtiſtes com furias arrogantes ,
Quanto mais infelices , mais conſtantes ?

Ah !

XXXII.

Ah! naõ ſe perca aquelle nobre alento,
Que nos fez emprender acçoens taõ raras;
Se o fado ordena o noſſo abatimento,
O noſſo ardor lhe fruſtre as leys avaras:
Naõ julgue dos mortaes o penſamento
Indignas do ſeu culto as noſſas aras,
Vendo a noſſa arrogancia aſſim ſujeita
Dos impios fados á medida eſtreita.

XXXIII.

Se o deſtino fatal dos Luſitanos
Ameaça do Abiſmo a decadencia,
Na ſabia prevençaõ dos triſtes damnos
Conſiſte a melhor parte da prudencia:
Diſſipem-ſe preſagios taõ tiranos,
Em quanto ſuſto ſaõ, naõ evidencia,
Que depois de ſentir o golpe duro,
Tarde vém o remedio, e mal ſeguro.

XXXIV.

Os Luſitanos hoje reduzidos
Eſtaõ á mais fatal calamidade,
Sem governo, ſem Rey, já deſunidos
No ponto eſſencial da auctoridade,
Alguns, que mais conſtantes, e atrevidos
Intentaõ ſuſtentar a liberdade,
Em Lisboa cercados mal reſiſtem
Aos Hiberinos, que no cerco inſiſtem.

Agora

XXXV.

Agora , mais que nunca , a noſſa furia
Tem lugar de opprimir eſtes mortaes ,
No ſeu funeſto eſtrago a noſſa injuria
Recompenſe as vinganças mais fataes ;
Evite o zêlo da Tartaria Curia
O motivo dos ſuſtos infernaes ,
E vingando paſſadas inſolencias ,
Acautele do fado as contingencias.

XXXVI.

Anime o noſſo ardor as mal ſeguras
Confianças das Tropas Hiberinas,
Facilite-lhe os meyos das mais duras
Emprezas , das acçoens mais peregrinas ;
Miniſtre-lhe as idêas das eſcuras
Traiçoens para inſtrumento das ruinas ,
E ou por força das armas , ou do engano
Se lhe ſujeite o Ceptro Luſitano.

XXXVII.

Em quanto aſſim fallava o furioſo
Imperador das ſombras indigeſtas ,
Hum confuſo ruido pavoroſo ,
Que aſſuſtava as abobedas funeſtas,
Alterava o congreſſo tenebroſo
Com torpe ſom , com inflexoens moleſtas,
Athé que ſocegada a triſte ſala ,
Se levanta Aſmodeu , e aſſim lhe falla.

XXXVIII.

Naõ cuides naõ, Luzbel, que só tu zelas
As altivas emprezas deste Estado,
Ou que só tu no risco te desvelas,
Que lhe ameaça a ley do duro fado:
Iguaes saõ em nós todos as cautelas,
Igual he o interesse do cuidado;
E se póde no empenho haver excesso,
Em mim tem mais lugar neste congresso.

XXXIX.

Eu fui por maõ suprema largos annos
Ligado sobre as terras do Oriente,
E na lembrança dos passados damnos
Cresce o motivo do temor presente:
Eu sei quanto devemos os tyranos
Vaticinios temer da Lusa gente;
Mas o susto cruel, que me consome,
Naõ vem do seu valor, ou do seu nome.

XL.

Dos auxilios do Céo, que lhe assegura
A Ley, que seguem com zeloso rito,
Temo os effeitos, cuja força dura
Mal póde contrastar todo o Cocîto:
A razaõ de Christaõs he quem apura
Todo o odio fatal, com que me irrito;
E de todo o Christaõ da mesma sórte,
Desejo a perdiçaõ, o damno, a morte.

Se

XLI.

Se o Trono Luſitano conquiſtado
Foſſe por gente de diverſa ſeita,
Seria todo o Abiſmo intereſſado
Em ver a Liſia a outra ley ſujeita;
Mas ſendo o Rey de Heſpanha entroniſado
Igualmente chriſtaõ, de que aproveita
Eſta mudança, ſe do meſmo modo
Há de ficar chriſtaõ o reyno todo.

XLII.

Que razaõ de intereſſe, ou de eſperança
Nos póde unir ás gentes Hiberinas?
Temos mais certa a ſua confiança?
Saõ menos parciaes das leys Divinas?
Taõ depreſſa te fogem da lembrança
Os paſſados eſtragos, e ruinas?
Acaſo os Heſpanhoes no teu conceito
Menos chriſtaons agora ſe tem feito?

XLIII.

Eu, reſponde Luzbel, eu aborreço
Igualmente Heſpanhóes, e Luſitanos;
Mas eſtes temo mais, porque conheço,
Que nos podem cauſar maiores damnos:
Elles ſaõ abonados, com exceſſo,
Pelo Chéfe dos Numes ſoberanos;
Elles tem a promeſſa das emprezas,
Que aſſuſtaõ deſte Abiſmo as fortaleazs.

Eſte

XLIV.

Eſte riſco funeſto he que pertendo
Evitar na ruina, que preparo
Ao Luſo Imperio, com que fique ſendo
Fruſtrada a intençaõ do fado avaro;
Pois ſe os Luſos Monarchas do tremendo
Vaticinio, inſtrumento haõ de ſer claro,
Extincta a Monarchîa Luſitana
Inutil fica a predicçaõ tirana.

XLV.

Ide, O'! meus companheiros, igualmente
Companheiros na pena, e nos projectos,
Ide, e neſſes mortaes, tiranamente
Fulminai os eſtragos mais completos;
Parte anîme o valôr da Hiberia gente,
Parte deſuna os Luſos nos affectos;
E na civîl diſcordia, e guerra dura
Padeça a Liſia perdiçaõ ſegura.

XLVI.

Diſſe, e naõ bem de todo articuladas
Eſtas vozes feriaõ, quando em furia
As potencias do Averno amotinadas
Se atropelavaõ na Tartaria Curia;
De maligno furor arrebatadas
Qualquer demora julgaõ grave injuria,
E cada qual nas moſtras da fereza
Parece ſer auctor da triſte empreza.

Quaes

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorofos
Soldados do prefidio, a quem defperta
O rumor dos tambores clamorofos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadofos,
Cada qual já na maõ o ferro aperta,
E cada qual pertende fer primeiro
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abifmo enfurecidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chufma confundidos,
Toda a funefta eftancia dos horrores;
Atrôaõ todo o Averno com bramîdos,
Com defordens, ruîdos, e terrores,
Athé que franqueada a porta efcura,
Sobre a terra fe avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem prefente
O grande cafo foi, conta o progreffo
Daquella expediçaõ, moftra patente
Toda a ferie fatal defte fucceffo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o proceffo;
Porque entre nós apenas das victorias
Exiftem mal diftinctas as memorias.

Era

L.

Era o meio da noite ; a ſombra eſpeſſa
Cobrîa toda a face do Emisferio ,
E Morfêo nas liſonjas , que profeſſa
Dilatava na terra o doce Imperio ;
Dormia o Rey Hiberio ; mas impreſſa
Na triſte idêa a dor do vituperio
Das ſuas armas ; nem no meſmo ſomno
Podia ter de algum ſocego abono.

LI.

Mil confuſas imagens fatigavaõ
Do bellicoſo Rey a fantaſia ,
E com vans illuſoens lhe motivavaõ
Ora torpe pavôr , ora ouſadia ;
Mas quando mais frequentes ſe moſtravaõ
Os varios ſonhos na mortal porfia ,
Huma das Furias do tirano Averno
Se lhe apreſenta ao ſentido interno.

LII.

Do vulto ſe reveſte de Fernando ,
Defunto Rey da Luſitana terra ,
Nas razoens da alliança auctorizando
O falſo zêlo , que o portento encerra ,
E com geſto feroz , como accuſando
Os frouxos paſſos da cançada guerra ,
Com a maõ lhe eſtremece o corpo todo ,
E lhe falla depois por eſte modo.

Deſper-

LIII.

Defperta, defcuidado Rey, defperta
Do letargo fatal, que te fepulta,
Naõ queiras de huma injuria defcoberta
Soffrer a mancha, que o teu fufto avulta:
Senhor es de efte Eftado; a pena certa
Naõ dilates ao reyno, que te infulta;
Córte hum golpe valente os feros laços,
Que a teu direito fervem de embaraços.

LIV.

Acordou de pavor eftremecido
O enganado Rey; mas brevemente,
Julgando-fe do Céo favorecido,
O fufto troca em prefumpçaõ valente:
Da cama falta, e logo enfurecido
As armas bufca, corre diligente
A chamar os foldados, e no afpecto
Traz impreffo o furor da infame Alecto.

LV.

Em tanto das eftrellas fe apagava
A fintilante luz, e no Oriente
Já da Aurora o fulgor annunciava
A chegada do Sol refplandecente:
A confelho de guerra fe tocava
Na regia tenda, aonde promptamente
O Rey o cafo expoem, e furiofo
Jura feguir o avifo rigorofo.

A

LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende
O bellicoſo ardor, e nos ſoldados
A noticia, que a todos já ſe extende
Do portento fatal os faz ouſados;
Cada qual inſtrumento ſer pertende
Do ſupremo deſtino, e em taes cuidados
Creſce de ſórte o cégo fanatiſmo,
Que bem abona as intençoens do Abiſmo.

LVII.

E naõ ſó na vulgar credulidade
Reina a ſuperſtiçaõ, já na grandeza
Se deviſa a peſar da auctoridade
A propenſaõ da fragil natureza;
Mil ſenhores, da ſórte a variedade
Já deſpreſaõ do ſonho na firmeza,
E tal há, que na fé daquelle aviſo
Qualquer demora julga prejuizo.

LVIII.

Hum deſtes he o Conde de Barcellos
Illuſtre Cavalleiro Luſitano,
A quem de hum falſo zêlo, vaons deſvelos
Tinhaõ levado ao campo Caſtelhano;
Era Irmaõ da Raynha, e parallelos
Fazendo do dever, com torpe engano,
Antepoz dos parentes a amizade
A' patria natural fidelidade.

Eſte

LIX.

Eſte pois, dos direitos de Caſtella
Acerrimo fauctor, agora entende
Abonada dos Céos a cauſa della
Nos aviſos, que o ſonho dar pertende;
E tanto neſte empenho ſe deſvela
A favor do ſeu voto, que defende
Ser delicto de grave qualidade,
Dilatar o caſtigo da cidade.

LX.

Outros muitos aquelle empenho duro
Abonavaõ do Conde, ou porque foſſe
Igual nelles o meſmo engano eſcuro,
Ou por effeito da liſonja doce;
Mas, ou foſſe ſincero, ou menos puro,
O voto deſtes faz, que tanto engroſſe
Aquella opiniaõ, que no conſelho,
Só ſe atreve a impugna-la hum ſabio velho.

LXI.

Valaſco, o velho illuſtre ſe appellida,
Que o contrario ſentir defende ouſado;
Porque prefere a gloria eſclarecida
A qualquer penſamento intereſſado,
E vendo no conſelho introduzida
A fatal illuſaõ, e confirmado
O engano do Rey pelos Miniſtros,
Com pareceres leves, ou ſiniſtros.

Largan-

LXII.

Largando o nobre assento, que lograva
No militar congresso, a beneficio
Dos illustres empregos, que occupava,
Ou da paz, ou da guerra no exercicio,
De joelhos ao Rey se apresentava,
E mostrando de dôr naõ leve indicio,
Principia a dizer-lhe desta sórte
Com animo fiel, constante, e forte.

LXIII.

Antes, Senhor, que a nobre liberdade
Da minha fé te offenda, aqui prostrado
A teus pés, da fatal temeridade
Eu mesmo a pena espero, e peço ousado;
Mas nunca o Céo permitta, que a verdade
Dissimule o meu peito, ou que enganado
De huma lisonja vil, queira servir-te
Pelos meios indignos de illudir-te.

LIV.

Os sonhos, meu Monarcha, naõ saõ mais,
Que huma breve illusaõ da fantasia,
Que crê sentir presentes, e reaes
Chimeras, que ella mesma inventa, e cria
E se houve alguns, que os termos naturaes
Excederaõ, talvez já mais seria
Sem misterio maior, e naõ devemos
Crer desta classe, quantos sonhos temos.

Mas

LXV.

Mas ainda que julguemos o teu ſonho
D'outra esfera, Senhor, dos ordinarios,
Nem por iſſo os effeitos lhe ſupponho
Infalliveis, ou menos temerarios;
Pois do Céo igualmente, e do medonho
Centro dos fingimentos vaons, e varios
Póde ſer triſte engano, ou ſanto aviſo
Em favor noſſo, ou noſſo prejuizo.

LXVI.

Quem ſabe ſe a ſuprema Providencia
Abona a noſſa cauſa com tal zêlo,
Que devámos á ſua Omnipotencia
Hum taõ diſtincto, e ſingular deſvelo;
Ou ſe irritada a ſua paciencia
Do noſſo orgulho vaõ, para abatelo
Permitta, que com falſas illuſoens
Se confundaõ as noſſas ambiçoens.

LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa ſegurança
Póde affirmar a cauſa deſte effeito,
E neſta confuſaõ, qual eſperança
Póde tirar de hum ſonho o teu conceito?
Crê-me, meu Rey, a céga confiança
Naõ he valor; que o nobre ardor do peito
Naõ procede de hum erro temerario,
Mas de hum conſtante esforço extraordinario.

LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia
Haõ de fundar-ſe as nobres ouſadias,
E nos eccos da propria conſciencia
Se há de eſcutar a voz das profecias;
Se aquella nos clamores da innocencia
Abona a cauſa das promeſſas pias,
Podemos juſtamente acredita-las,
Animar-nos com ellas, eſpera-las.

LXIX.

Mas ſe acaſo, Senhor, noſſos projectos
Naõ tem por baſe a força da juſtiça,
Se ſaõ naſcidos de mortaes affectos
D'ambiçaõ, d'intereſſe, ou de cobiça;
Devem noſſos diſcurſos circunſpectos
Mais temer, que eſperar, com fé ſubmiſſa,
Que o Céo he ſempre juſto, e naõ premeia
Com ſeguranças injuſtiça feia.

LXX.

Naõ duvido, Senhor, que juſtamente
Pertendes o dominio deſte Eſtado;
O direito do ſangue claramente
Socega neſta parte o meu cuidado:
Eſtes meios porém, de que impaciente
Se ſerve o teu valor precipitado,
Naõ ſei ſe ſaõ da meſma ſórte puros,
Inculpaveis, decentes, e ſeguros.

LXXI.

Tu bem ſabes, Senhor, e muitas vezes
Eu to tenho lembrado, que juraſte
De naõ entrar nos Reynos Portuguezes
Com maõ armada, como agora entraſte;
E por mais, que a liſonja nos cortezes
Applauſos, encareça o bem, que obraſte,
Temo, Senhor, que o Céo mal ſatisfeito,
Naõ ſiga das liſonjas o conceito.

LXXII.

Mas ſeja como for, em toda a guerra
He ſempre incerto o fim, e ſó ſeguro
O trabalho, a deſpeza, e quanto encerra
O triſte nome de perigo duro;
E ſendo facil, ſe a razaõ naõ erra,
Evitar tanto mal, e com mais puro
Arbitrio, conſeguir o teu intento,
Creio, que deves pondera-lo attento.

LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados
Pelos foros da patria liberdade,
Naõ diſputaõ, Senhor, os bemfundados
Direitos, que te aſſiſtem na verdade;
Duvidaõ ſó, na fé dos ſeus tractados,
Conferir-te a ſuprema auctoridade;
Porque julgaõ naõ ſer completo ainda
O tempo, e condiçoens da tua vinda.

LXXIV.

Anîma o povo neſtes ſentimentos
O Graõ Meſtre de Aviz, que ſe appellida
Defenſor da Naçaõ, e penſamentos
Tem certamente de ambiçaõ creſcida,
Mas a meſma ambiçaõ, que os ſeus intentos
Encaminha á grandeza appetecida,
Póde ſervir, ſe acaſo a liſonjeas,
De meio facil para o fim, que idêas.

LXXV.

Comette-lhe, Senhor, benignamente
O governo da Luſa Monarchia,
Com condiçaõ, que em fórma competente
Te jure o Reyno a fé, que te devia;
Pois ſatisfeita aſſim completamente
A queixa da Naçaõ, ſem mais porfia,
Elle póde ficar grande na terra,
Tu Senhor della ſem rumor de guerra.

LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illuſtre;
Mas naõ lho ſoffre o Rey enfurecido,
Que julga tal arbitrio ſer desluſtre
Do decóro do Solio eſclarecido:
Calar o manda, e porque naõ ſe fruſtre
Dos outros Capitaens o ardor luzido,
O conſelho deſpede, ao campo paſſa,
Iras fulmîna, eſtragos ameaça.

Haviaõ

LXXVII.

Haviaõ neste tempo os sitiados
Lançado da Cidade huma partida
De poucos Cavalleiros, mas usados
A desprezar a morte embravecida;
E sendo pelo Rey examinados
Do alto, que Olivete se appellîda,
A elles grita, a elles, que traidores
Se atrevem deste modo a seus Senhores.

LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante
Pastor, que avista os lobos furiosos,
Grita, corre, e se vê no mesmo instante
Seguido dos rafeiros cuidadosos:
Tal no campo Hiberino, ao arrogante
Brado do Rey acodem valorosos
Os Principes, os Grandes, os Privados,
Os Capitaens, os Guardas, os Soldados.

LXXIX.

Valasco aquî primeiro se apresenta
Ao lado do seu Rey com brîo forte,
E no semblante alegre representa
Dominar o rigor da dura sorte;
Elle anîma os soldados, elle alenta
Os Capitaens a desprezar a morte;
Porque têm, ou no campo, ou no conselho
Valor de moço, discriçaõ de velho.

LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha
Valafco no valor, fenaõ no acerto,
E quer moftrar agora na campanha
Abonado o feu voto por experto:
Outros muitos Varoens da clara Hefpanha
Promptos fe oftentaõ já no campo aberto;
E cada qual na gloria defte dia
Pertende difputar a primazîa.

LXXXI.

Em tanto o campo todo vifitava
Occulta a Furia do funefto Averno;
E nos peitos vulgares infpirava
Crueis impulfos de rancôr eterno;
Mas vendo, que a marchar já fe tocava;
Tomando de hum Trombeta o vulto externo;
Ella faz o final, e o fom tirano
O Lufo affufta, anîma o Caftelhano.

LXXXII.

Difunde-fe o furor do genio impuro
Por todo o arraial alvoraçado,
Defce o Rey furiofo o monte duro,
Corre ao combate intrepido o foldado;
Naõ menos, que efcalar o Luzo muro
Promette cada qual com voto irado,
E já fobre os defpôjos da Cidade
Se lifonjêa a militar vaidade.

Denfa

LXXXIII.

Denſa nuvem de pó caliginoſo
Precede á marcha da ſoberba tropa ;
Dos gritos o ruido pavoroſo
O monte atroa , na Cidade topa ;
Alterna o ſom das armas bellicoſo
O eſtrepito do bruto , que galopa ,
E correſponde em competencia horrenda
O ſom mais fero a viſta mais tremenda.

LXXXIV.

Firme eſperava tantos ameaços
A pequena partida Luſitana ,
Que rompendo do muro os embaraços ,
Inſultava a braveza Caſtelhana;
Mas bem , que a força dos robuſtos braços
Algum tempo dilata a furia inſana ;
Em fim a multidaõ impetuoſa
Atropella a conſtancia vigoroſa.

LXXXV.

Cede o Luſo valor ao peſo horrendo
De tantas armas , tantos inimigos ,
E já com triſte aſſombro vai perdendo
O nobre orgulho dos trofeos antigos :
Inſta o Rey furioſo , encarecendo
Ora premios aos ſeus , ora caſtigos ,
E nos exemplos de hum ardor bem raro
Lhe dá o documento mais preclaro.

LXXXVI.

A prefença do Rey faz mais ufana
A gente militar, a quem no peito
Da trombeta infernal a voz tirana
Augmenta do furor o cego effeito;
Já naõ refifte a gente Lufitana,
Já perde de invencivel o conceito,
Já defampara o campo, já fe abriga
A' fombra forte da muralha amiga.

LXXXVII.

Já fôaõ pelo exercito arrogante
Mil alegres clamores de victoria,
Valafco oufado clama *avante avante*;
Que he noffa a Praça, *noffa toda a gloria*,
Avante, *avante*, clama triunfante
O Conde de Barcellos, *que a notoria*
Affiftencia dos Céos já me franqueia
A propria cafa, *que julguei alheia.*

LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade
Obfervava Joaõ todo o conflicto,
E na fé da conftante heroicidade
Enchia de efperança o peito invicto,
Mas vendo já com tanta claridade
Dos Lufitanos o defmayo afflicto,
Da torre defce, corre a foccorrelos
Taõ oufado, que a Marte dera zêlos.

LXXXIX.

Chega ás portas, aonde a vergonhosa
Desordem vê dos seus mais descoberta,
Buscando cada qual com pavorosa
Fugida salvaçaõ na porta aberta:
Em vaõ quer animalos; na medrosa
Confusaõ a ouvir ninguem acerta,
Nada vale o exemplo, nada as vozes,
Cada vez vem fugindo mais velozes.

XC.

Em generosas iras abrasado
O coraçaõ do Heróe chamas exala,
Parece cada acçaõ hum raio irado,
Cada voz hum trovaõ, que horrendo estala;
Elle só resistir pertende ousado
A'quella multidaõ, que a terra abala;
Mas com tal desacordo os seus fugiaõ,
Que as mesmas largas portas impediaõ.

XCI.

Promessas, ameaços, e castigos
Inutil tudo he, de balde grita,
De balde os brios lhes recorda antigos,
De balde contra o seu temor se irrîta.
Quer sahir, mas o zêlo dos amigos
Os ardentes projectos lhe limita,
Mostrando, que naõ póde expôr ousado
Huma vida, de quem depende o estado.

Suspen-

XCII.

Sufpendeo-fe ; mas vendo , que prefifte
A defordem fatal na Lufa gente ,
De quem todo o cuidado fó confifte
No refugio das portas indecente ;
Com femblante feróz , com gefto trifte ,
Repellindo os primeiros vivamente ,
Vós fereis bons , lhe grita , *fem vontade,*
Que o mefmo rifco vos dará bondade.

XCIII.

Ifto dizendo com feróz femblante ,
A' dura porta applica a maõ robufta ,
Que com ruido horrendo , e diffonante ,
Ao coftumado fecho em fim fe ajufta :
Tremeo parte do muro vacillante
Ao impulfo fatal da dextra augufta ,
E ficáraõ no campo os Lufitanos
Contra todo o poder dos Caftelhanos.

XCIV.

He talvez nos extremos do perigo
Algum foccorro a falta de efperança ;
Menos temem os Lufos o inimigo ,
Fruftrada da muralha a fegurança :
Já reveftidos do valor antigo ,
Aguardaõ vigorofos fem mudança ,
Dos Hefpanhoes as forças formidaveis ,
Que antes tinhaõ julgado incontraftaveis.

Perei-

XCV.

Pereira, que a partida governava,
Cavalleiro de eſpirito arrogante
A quem contra vontade atropellava
A confuſaõ da turba vacillante,
Vendo agora, que a gente ſe moſtrava
Já menos pavoroſa, ou mais conſtante,
Volta, *volta*, lhe grita com voz ſolta,
E ſobre os Heſpanhoes ouſado volta.

XCVI.

Recobraõ neſte tempo os Luſitanos
O Marcial alento já perdido,
Ferozes tornaõ ſobre os Caſtelhanos
A deshonra a vingar de haver fugido;
Mas naõ menos ardentes os Hiſpanos
Seguros já na fé de haver vencido,
Inſtaõ com furia, ferem com violencia;
Julgando que obraõ já ſem reſiſtencia.

XCVII.

Vinha na frente do eſquadraõ contrario
De Santiago o Meſtre eſclarecido,
Cavalleiro gentil, mas temerario,
De forças naõ vulgares preſumido:
Gritando vinha com deſpreſo vario
Injurias mil; mas quando mais ſubido
Na vangloria ſe moſtra, entaõ Pereira
De hum golpe o fez rodar pela ladeira.

Em

XCVIII.

Em defenſa do Meſtre hum Cavalleiro
Da meſma inſignia corre valoroſo ;
Mas foi-lhe ſó na ſorte companheiro
Ferido de outro golpe furioſo ;
Segundo vai, e vai tambem terceiro
Accreſcentar o caſo laſtimoſo,
Que Pereira feroz naõ ſe dilata,
Cada golpe, que dá, ou rende, ou mata.

XCIX.

Nem menos cobiçoſos de vingança
Se moſtraõ varios outros Portuguezes,
Alli corre Pavêdo ſem tardança,
Martins alli ſe illuſtra muitas vezes:
Rompendo Almeida vai com ſegurança
Cabeças, peitos, murrioens, e arnezes;
Mas ſaõ tantos no campo os Caſtelhanos,
Que naõ ſentem da falta os graves damnos.

C.

Atêa-ſe outra vez a chama viva
Do fogo Marcial naquelle inſtante,
Qual das cinzas renaſce mais activa
A faiſca talvez pouco importante:
Anima ao Luſo a raiva vingativa;
O poder ao Heſpanhol faz arrogante,
E cada qual ardendo em ira pura,
Ou vencer, ou morrer alli procura.

Contar

CI.

Contar daquelle dia os caſos varios;
Os encontros crueis, os golpes fortes,
Os eſtragos fataes, os temerarios
Exceſſos da vingança, as duras mortes,
Os effeitos da raiva extraordinarios
Executados por diverſas ſortes,
Só tu Muſa, que tudo tens preſente,
Poderias fazelo dignamente.

CII.

Tocava o Sol já quaſi deſmayado
Os liquidos criſtaes de Thetis fria;
E das ſombras do monte levantado
A viſinha campanha ſe cobria;
Acabava-ſe o termo aſſignalado
Ao brilhante eſplendor do claro dia;
E durava no campo infatigavel
A furia de matar inſaciavel.

CIII.

Naõ cançaõ de ferir os fortes braços,
Naõ ceſſaõ de irritar-ſe os odios duros,
A féra raiva alenta os membros laſſos,
Suſtenta a ira os peitos mal ſeguros:
Cada vez da porfia os triſtes laços
Nos bravos coraçoens ſe vém mais puros;
E ſó a noite eſcura, que os divide,
Aparta, e naõ decide a dura lide.

CIV.

A noite eſcura em fim, o termo aſſigna
Da contenda fatal, e porfiada,
Sem que alguma das partes ſeja digna
De cantar a victoria deſejada:
Providencia da ſorte foi benigna,
Faltar a luz, que a ſer mais dilatada,
Faltariaõ talvez nos dois partidos
Quem foſſem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.

A LIBERDADE.

CANTO III.

ARGUMENTO.

ETIRADOS do campo os combatentes, procuraõ algum descanço no ſocego do ſomno; mas o Heróe, a quem inquietaõ mais vivos deſvéllos, occupa a noite nos cuidados da defenſaõ do Reyno, e ſobre eſte ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez, de quem faz muita confidencia; e depois de tratarem ambos do ſoccorro, que eſperavaõ de Inglaterra, e de outras diſpoſiçoens militares, ſe divertiaõ em tratar de outras noticias curioſas, e por eſta occaſiaõ pede Monferro ao Defenſor, que lhe dê alguma idea da Hiſtoria de Portugal. Conta o Heróe os principios da povoaçaõ deſte paiz, e as diver-

ſas

ſas gentes, que a elle vieraõ, ou commerciar, ou conquiſtar: falla dos Fenicios, dos Carthaginezes, e dos Romanos, e na guerra deſtes refere a gloria de Viriato, e de outros varoens Luſitanos: falla tambem de algumas Heroînas Portuguezas, e conta o tragico ſucceſſo da infeliz Oſmia. Proſegue a hiſtoria de Portugal athé o tempo de Auguſto, e depois deſte, havendo pouca materia para os faſtos militares, falla o Heróe da mudança da Religiaõ. Conta a introducçaõ do Chriſtianiſmo, a conſtancia de alguns Martyres Portuguezes deſde Nero athé Conſtantino, e a pureza do culto athé Honorio. Refere a invaſaõ dos Barbaros no tempo deſte Imperador. Falla dos Hunos; dos Silingos, dos Suevos e dos Godos, que ultimamente ſe fizeraõ Senhores das Heſpanhas. Trata dos amores de ElRey D. Rodrigo com Florinda filha do Conde Juliaõ; das injurias feitas a eſta Dama por aquelle Principe, da entrada deſte na famoſa Torre de Tolledo, e da tradiçaõ dos portentos, que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde, e a introducçaõ dos Mouros na Heſpanha, batalha de Guadalete, perda de El-Rey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio dos Godos.

À

A LIBERDADE

CANTO III.

I.

REtirados do campo os combatentes
Igualmente cançados, naõ vencidos;
No focego procuraõ diligentes
Repoufo dar aos membros opprimidos:
Do doce fômno os mimos innocentes
Logravaõ já das iras efquecidos,
E nas tendas do campo, e na cidade
Se obfervava geral tranquilidade.

II.

Mas o grande Joaõ, que o nobre peito
Com mais altos cuidados occupava,
E dos rifcos da patria no conceito,
Entre mil penfamentos fluctuava,
Naõ fentia do fômno o brando effeito,
Nem feu fuave alivio aproveitava,
Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,
Mais agudos defvelos o feriaõ.

III.

Mandára no principio defta guerra,
Por cautella maior, mais fegurança,
Revalidar no rèyno de Inglaterra
A nobre fé da antiga confiança;
Mas poftoque alcançou naquella terra
Renovar huma fólida aliança,
Naõ tinha produzido efte Tractado
O foccorro de gentes defejado.

IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros
Paffado tinhaõ defta parte os mares,
Em qualidade mais de aventureiros,
Do que em fórma de tropas regulares;
Mas deftes mefmos poucos companheiros
Lograva diftincçoens particulares,
Hum delles, que Monferro fe appellida
Cavalleiro de fama efclarecida.

Com

V.

Com efte largamente conferido
Tinha Joaõ da noite a melhor parte,
Ora fobre o foccorro appetecido,
Ora fobre queftoens do irado Marte;
E depois quafi já de haver medido
O termo, com que a noite fe reparte;
Por divertir occupaçoens taõ ferias
Tratavaõ variamente outras materias.

VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes,
Das acçoens mais illuftres dos paffados,
Dos varios ufos das Naçoens prefentes,
Eftranhas leys, coftumes encontrados,
Do traje, e lingua de diverfas gentes,
Dos modos de viver mais apartados,
E de outras coufas taes, de que a noticia
Serve aos ouvidos cultos de delicia.

VII.

Era experto Monferro, e viajára
Largos paîzes defde a tenra idade,
Onde varios eftilos obfervára,
Ouvîra relaçoens da antiguidade;
E depois que de algumas informára
Ao nobre Defenfor com claridade,
Eu defejo, lhe diz, fe vos naõ pefa,
Que me informeis da Hiftoria Portugueza.

VIII.

Mas quizera , ſe o tempo o permittiſſe ,
Os principios ſaber da gente Luſa ,
Qual antiga Naçaõ a produziſſe ,
Se he propria do paiz , ſe foi intruſa ,
Se na ſórte das armas foi felice ,
Que Reys tem tido , os Capitaens , que accuſa ,
Os grandes caſos , e as facçoens de eſpanto ,
Se póde em breve hiſtoria caber tanto.

IX.

Eu contarei , o Defenſor reſponde ,
De tudo brevemente alguma parte ,
Bem que a minha inſtrucçaõ naõ correſponde
Aos deſejos , que tenho de agradar-te :
Muita luz das hiſtorias ſe me eſconde ,
Pois mais , que ás Muſas , ſervi ſempre a Marte ,
Mas do pouco , que ſei como ſoldado ,
Te farei hum compendio abreviado.

X.

Os principios de todos os Eſtados
Saõ cobertos de fabulas groſſeiras ,
Que a diſtancia dos annos dilatados
Desfigura as noticias verdadeiras ;
Taes ſaõ no meu conceito os celebrados
Principios deſte Reyno , em que as primeiras
Illuſoens dos antigos confundíraõ
Os ſucceſſos , com ſonhos , que fingîraõ.

Anti-

XI.

Antiga tradiçaõ nos aſſegura,
Que Tubal, de Noé notorio neto
Deu á noſſa Naçaõ origem pura,
De quem guarda Setuval o epitéto;
Mas nos longes do tempo he taõ eſcura
Aquella fama, que ainda o meſmo affecto
Da gloria nacional naõ ſei ſe obriga
A defender noticia taõ antiga.

XII.

Da meſma ſórte deixo na incerteza
Da fé devida, alguns Heróes famoſos,
De quem ſe diz, que a terra Portugueza
Foi theatro de empenhos glorioſos;
Taes ſaõ os Geryoens, tal julgo a empreza
Dos Oſiris, dos Hercules zeloſos,
Por mais, que ſe acreditem na porfia
Dos Ozorios, da Torre, e da Gerîa.

XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos
Os Monarchas merecem nacionaes,
Os Iberos, os Brigos, os Hiſpanos,
Os Tagos, os Sicoros, e outros taes;
Mas aquellas verdades, ou enganos
A toda a Heſpanha vem a ſer geraes;
E o tempo breve apenas me conſente
As memorias contar da minha gente.

Em

XIV.

Em Luſo, ou Liſias filho, ou companheiro
Do fabuloſo Deos da antiga Niza,
Pertendem mil memorias, que o primeiro
Nome dos Luſos claro ſe diviza:
Conſtante tradiçaõ no Reyno inteiro
Deſta noticia a fama immortaliza;
Mas com tudo naõ ſei ſe eſte conceito
He ſó da analogîa hum puro effeito.

XV.

Foi grande a confuſaõ daquella idade,
Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,
Em que poſſaõ firmar-ſe da verdade
Seguramente os nobres fundamentos;
E quanto mais remota antiguidade,
Nos convida com raros documentos,
Tanto mais duvidoſa ſe deſcobre
Da primitiva gente a origem nobre.

XVI.

O que tenho por certo he que os Fenicios,
Povos bem conhecidos nas hiſtorias,
Buſcando do commercio os beneficios,
Eſtas praias fizeraõ mais notorias;
Nellas gentes, coſtumes, e edificios
Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,
E do fructo talvez, que alli acháraõ
O nome da Provincia fabricáraõ.

Eſtes

XVII.

Eſtes das letras ſabios inventores,
E naõ menos nas armas inſtruidos,
Foraõ talvez os nobres precurſores
Dos Luſitanos Capitaens luzidos;
Mas ſendo nos projectos domadores
Pelas Punicas gentes ſuccedidos,
Eſtas foraõ, depois, com proprio damno,
Quem fez mais claro o nome Luſitano.

XVIII.

Porque depois de haver, por varias vezes,
Provado com ſeu riſco, o braço forte,
O peito firme, os brios Portuguezes,
As duras armas, o valente córte,
Souberaõ conſeguir com ſeus cortezes
Tratamentos, ganhalos de tal ſórte,
Que nas guerras fataes, que entaõ tratáraõ
Sempre os Luſos fieis os ajudáraõ.

XIX.

Já nas terras viſinhas de Carthago;
Já na fertil Trinacria, e na ruina
Dos vaſſallos de Venus, cujo eſtrago
Horror da falſa Deuſa ſe imagina;
Já nos riſcos do mar incerto, e vago,
Que frequentava a gente peregrina,
Foraõ ſempre os pendoens Carthaginezes
Suſtentados dos braços Portuguezes.

Mas

XX.

Mas onde com mais rifco, e maior gloria
Se fez illuftre o povo Lufitano
Foi na guerra cruel, com que a memoria
Lhe eterniza a lembrança do Romano,
Deffa gente feliz na larga hiftoria,
Se repete com dor do proprio damno,
Defde a Punica guerra athé Augufto,
O nome Portuguez com pafmo, e fufto.

XXI.

Pelos mefmos contrarios confeffada
Nos Romanos annaes fe vê patente
A deftreza fatal da Lufa efpada,
O generofo ardor da noffa gente;
Alli da mefma inveja acreditada
A fama Portugueza illuftremente,
Se publica nos Templos, nas offertas
Naõ menos, que em ruinas defcobertas.

XXII.

Alli tremula maõ involuntaria
De Jafpe naõ, porém de proprio fufto
Deixou formada a eftatua extraordinaria
Do Lufo Viriato Heróe augufto;
A mefma infamia da traiçaõ contraria
A grandeza lhe avulta ao nobre bufto,
Cuja bafe fe adorna com Popillio,
Unimano, Pompeo, Plaucio, e Servillio.

De

XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade,
Que a ſoberba abatéraõ dos Romanos,
Se eterniza a memoria na igualdade,
Dos reſpeitos da patria ſoberanos;
Ella ſe honra da nobre dignidade,
Que deu aos Ceſaroens, aos Apimanos;
E pois o baſtaõ Luſo o fez notorio,
Ella ſe honra da gloria de Sertorio.

XXIV.

Mas naõ ſó dos Varoens na fama clara
Se honra a Luſa provincia bellicoſa,
No ſexo de belleza lhe prepara
Novas glorias a eſtrella venturoſa;
Naõ foi huma ſó vez, que a ſórte rara
Fez a graça das Damas animoſa;
Mas pois muitos o tempo naõ conſente,
Dois caſos deſtes contarei ſómente.

XXV.

No tempo, que o ſegundo Viriato,
Nome ſempre fatal aos inimigos,
Por caſtigar de Galba o infame trato,
Se vingava de Roma nos amigos;
E augmentando com bellico apparato
A nobre gloria dos tropheos antigos,
Derrotado o Pretor da Luſa terra,
Levava ás outras o furor da guerra.

Os

XXVI.

Os Romanos, que ſempre procuravaõ
A vingança dos damnos padecidos,
E no ſuſto ſómente disfarçavaõ
Os impulſos dos odios concebidos;
Inſultados os póvos, que ſe achavaõ
Na auſencia do Varaõ mal defendidos,
Devaſtando no campo os dons de Ceres,
Levaraõ varios homens, e mulheres.

XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado
Os homens fortes em priſoens ſeguras,
Fiando o debil ſexo delicado
Do ſimples laço de humas cordas duras:
Aſſim da noite o eſpaço dilatado
Paſſáraõ todos entre magoas puras,
Tendo as Damas com tudo alli diſpoſtas
As maons ligadas ſobre as tenras coſtas.

XXVIII.

Huma noite, que o vinho, e a confiança
De haver ſahido os termos Luſitanos,
Com brando ſomno, e torpe ſegurança
Todo o campo occupava dos Romanos,
As maltratadas Damas, que a lembrança
Deſpertava cruel de tantos damnos,
E volvendo na idêa mil projectos,
Formavaõ mil arbitrios incompletos.

Ven-

XXIX.

Vendo a fraca priſaõ, que as maons mimoſas
Mais opprime na dor, que na firmeza,
E ſómente nas voltas cautelloſas
Se aſſegura da força, e da deſtreza;
Reſolvêraõ com furias generoſas
Cortar daquellas cordas a dureza
Com as armas nativas, que do agrado
Coſtumaõ ſer indicio, e naõ do enfado.

XXX.

De huma ſó na priſaõ as mais enſayaõ
Da boca bella os claros inſtrumentos,
Reſiſte o laço vil, mas naõ deſmayaõ
Das Matronas os nobres penſamentos;
Repete-ſe a porfia athé que cayaõ
Reduzidos a areſta os ligamentos;
Perde os laços aquella, e já liberta,
Por ſua maõ as outras deſaperta.

XXXI.

Paſſaõ logo taõ fortes, como bellas
A's priſoens dos maridos, e parentes,
E taõ ditoſas ſaõ, que os ſentinellas
Achaõ todos diſperſos, e dormentes:
Alegres entre exceſſos, e cautellas
Soltando vaõ dos ferros as correntes,
E ao meſmo tempo as armas dos Romanos
Entregando nas maons dos Luſitanos.

Del-

XXXII.

Dellas munidos os varoens robuſtos
Sobre os contrarios correm furioſos,
Que do torpe deſcuido os premios juſtos
No proprio ferro provaõ temeroſos:
A morte, a confuſaõ, o horror, os ſuſtos
Fructo ſaõ dos deſpreſos orgulhoſos;
Morrem huns, fogem outros, outros gritaõ,
Mas todos no pavôr ſe precipitaõ.

XXXIII.

Creſce o ſuſto Romano no recato
Da ignorada interpreza das captivas,
Pois julgaõ ſobre ſi de Viriato
Toda a força das armas vingativas:
Confirma aquella idêa o eſtrondo ingrato
Das Luſitanas vozes offenſivas,
Que ſoltaõ neſte tempo os Portuguezes
Em gritos repetidos muitas vezes.

XXXIV.

Da noite as ſombras o terror lhe augmentaõ;
Mas nem a luz do dia os deſengana,
Que as Damas arrogantes repreſentaõ
Hum bom corpo de gente Luſitana.
Com bellicoſo adorno alli ſe oſtentaõ
De duro ferro armadas á Romana,
E ficaõ neſte eſtado em modos varios
Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-

XXXV.

Delles os mais por força do deſtino
Acabáraõ a vida ás maons dos Luſos,
Foge o reſto com cégo deſatino,
Naõ menos derrotados, que confuſos;
Deixando o campo cheio de ouro fino,
De deſpojos ſoberbos, e profuſos,
De que adornada a gente Portugueza
Os tropheos fabricou daquella empreza.

XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito
Do nobre arrojo das valentes Damas,
A quem da liberdade o amor perfeito
Enchia o coraçaõ de illuſtres chamas:
Ella póde, ſe a caſo o meu conceito
Se atreve a comparar antigas famas,
Eternizar-lhe a gloria de Heroïnas,
Mais do que ás Gregas, mais do que ás Latinas.

XXXVII.

Mas naõ ſó na ambiçaõ da liberdade
Se illuſtráraõ as Damas Luſitanas,
Que ſe negaõ ás Clelias igualdade,
Naõ invejaõ Lucrecias ás Romanas:
De Oſmia a triſte tragedia em qualidade
Similhante á de Roma, e nas tiranas
Circunſtancias maior abona o exceſſo,
Que faz áquelle caſo eſte ſucceſſo.

Era

XXXVIII.

Era Oſmia da Luſa gentileza
Maravilha fatal, prodigio raro,
Em quem ſe unia aos dotes da belleza
O dom ſublime de hum engenho claro;
E apurando as liſonjas da riqueza
Nos eſmaltes do ſangue mais preclaro
Tinha ſido ditoſo precipicio
De mil almas em doce ſacrificio.

XXXIX.

Hum nobre Luſo em fim, ou mais ditoſo,
Ou mais digno talvez, que os mais amantes,
Soube alcançar o termo glorioſo
Dos votos da Naçaõ mais relevantes:
A maõ de Oſmia, com goſto ambicioſo
Entre applauſos lograva triunfantes,
Quando hum dia os Romanos de repente
Hum, e outro captivaõ triſtemente.

XL.

Teve por ſórte a Dama malograda
Ficar preſa de hum nobre Cavalleiro,
Que notando a belleza delicada,
Ficou della naõ menos priſioneiro:
Oſmia arraſta as cadêas indignada,
Elle tem por ſuave o captiveiro;
Mas naõ he mais feliz neſte combate,
Que nos ferros de amor naõ há reſgate.

Lar-

XLI.

Largo tempo abraſado em chama nobre
Geme o peito Romano mudamente;
Perde o ſuſto depois, depois deſcobre
Os effeitos de amor já livremente:
Naõ lhe fica fineza, que naõ obre,
Projecto algum naõ há, que naõ intente;
Porém de Oſmia o decóro he taõ perfeito
Que athé no vencedor impôem reſpeito.

XLII.

O mais difficil bem mais ſe appetece,
Irrita-ſe a paixaõ na reſiſtencia,
Já do antigo reſpeito amor ſe eſquece,
Já deſpreza os clamores da decencia,
De Oſmia o recato nos exceſſos creſce;
Mas he do vencedor tanta a impaciencia,
Que houve de ter por fim no ſeu dominio
A ſorte de Lucrecia com Tarquinio.

XLIII.

Sentio a nobre Dama a ſua injuria,
Quanto deve ſentir hum peito honrado,
Ver-ſe victima torpe da luxuria
A's maõs de hum cégo ardor ſacrificado:
De huma juſta vingança a nobre furia
Lhe occupa o coraçaõ deſeſperado;
Mas naõ quer, que ſe arriſque, na incerteza
De hum golpe intempeſtivo, a nobre empreza.

Com

XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa,
Que o peito lhe devóra em magoa pura;
Finge agora a paixaõ já menos viva,
Inculca a condiçaõ já menos dura;
Já parece aos fuspiros compaffiva,
Já da voz naõ fe affufta da ternura;
E tanto encobre em fim o feu projecto;
Que a mefma indignaçaõ parece affecto.

XLV.

De apparencias taõ doces enganado
Se applaude o vencedor do feu fucceffo;
Acreditando o vaõ prazer de amado,
Como effeito feliz do oufado exceffo;
Julga de Ofmia o rigor em fim domado,
Já naõ teme das iras o progreffo;
Já feguro de amor lhe facilita
Mil meios a vingança, que medita.

XLVI.

Aos doces mimos de Morféo rendido
Huma noite fe achava o cégo amante,
Mitigando nas tregoas do fentido
Os defvelos do affecto vigilante;
Quando de Ofmia o furor mal reprimido
Nos mentidos disfarces do femblante,
Rompendo da cautella o fero engano,
Lhe deftina o caftigo mais tirano.

XLVII.

A' garganta infeliz, que o fômno opprîme,
Do proprio ferro o fio agudo applicá;
Affufta a falta de ufo a maõ fublime;
Mas da injuria a lembrança a fortifica:
Levanta em fim a efpada, o golpe imprime
No atrevido offenfor, que á fé dedîca,
E com forças, que a gloria lhe prepára,
A cabeça do corpo lhe fepara.

XLVIII.

Com ella em huma maõ, em outra a efpada,
Fumante ainda da cruenta empreza;
Bufca o Efpofo infeliz, a quem proftrada;
Quer declarar o cafo com pureza:
Principîa; porém a voz gelada
De horror lhe fica na garganta preza,
Que naõ acha o pudor palavras dignas
Para expôr circunftancias taõ malignas.

XLIX.

Diffe o que pôde; diz o mais o pranto;
Mas naõ perde no pranto o nobre alento;
Que fe o pejo lhe caufa á voz efpanto,
Naõ lhe impede o valôr ao penfamento:
Quebrada a fé do laço facrofanto,
Naõ fe emenda o defar no fentimento;
Ofmia fabe, que a morte fó dezata
Os grilhoens de huma infamia; ella fe mata.

L.

Tal foi de Osmia a tragedia, e taõ valente
He na Lusa Naçaõ o amor da gloria,
Que naõ teme da morte a horrenda frente,
Por fazer a virtude mais notoria.
Mil provas deste affecto illustremente
Ministra ao pensamento a antiga historia;
Mas naõ sofre do tempo a brevidade
Casos narrar de igual heroicidade.

LI.

A's noticias geraes do Estado todo
Voltarei outra vez, bem que de Augusto
Athé a introducçaõ do Imperio Godo
Pouco assumpto deixou o tempo injusto;
Mas se a fama nos rouba deste modo
Das nobres glorias do valôr robusto;
Outras glorias naõ menos singulares
Nos prepára a mudança dos Altares.

LII.

Chegára em fim o tempo venturoso
Nos sacrosantos Livros indicado,
A' esperança dos justos precioso,
E dos Santos Profetas suspirado,
Em que á terra abatido o Deos piedoso
Devia ser o Mundo resgatado;
E já desde os confins da Palestina
Se espalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

LIII.

Mas nas trevas da céga idolatria,
Que as Provincias Romanas occupava,
Mal diſtincto o fulgor da fé luzîa
Entre os erros groſſeiros, que encontrava;
Já por largo paiz ſe difundia,
Mas toda-via o rito ſe occultava;
Porque as aras das falſas Divindades
Se armavaõ do poder das Mageſtades.

LIV.

Portugal, cuja ſorte em tudo rara,
He ſer nos ſacros cultos extremoſo,
E com puros affectos adoptára
Da Ley nova o fervor religioſo,
No zêlo ſanto da Doutrina clara
Se moſtrava ás mais gentes vantajoſo;
E por eſta razaõ com mais porfia
Era objecto da cega tyranîa.

LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes
Os Dogmas principaes da Chriſtandade,
Quando apenas da Igreja os Oriſontes
Se illuſtravaõ dos rayos da verdade:
Quem trouxe a Ley da Graça aos Luſos montes
Naõ he facil dizer com claridade;
Pois he na tradiçaõ problema vago
Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente
Do Collegio de Chriſto reſpeitavel
O Meſtre, ou Meſtres, que entre a Luſa gente
Enſinárаõ ſeu Santo nome amavel;
E com fructo taõ prompto, e taõ patente,
Que abraſado de hum zêlo incomparavel,
Já no tempo de Nero, com fé pia,
Por Chriſto o Luſo ſangue ſe vertia.

LVII.

Mil palmas de martyrio a Luſa terra
Produzio felizmente aquelles annos,
Cuja fama immortal a hiſtoria encerra
Para eterna vergonha dos Tyranos.
Naquella dos Chriſtaons primeira guerra;
Indelevel injuria dos Romanos,
Se diſtinguem os nomes de Cicîlio,
Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Baſilio.

LVIII.

Nem menos entre os Luſos precioſa
A lembrança de Mancio ſe conſerva,
Mancio, cuja doutrina fez ditoſa
A Cidade, que honrou a antiga Cerva:
Allî patente á inveja eſcrupuloſa
A columna fatal inda ſe obſerva,
Onde Mancio com ſangue rubricára
A verdade do Dogma, que enſinára.

LIX.

O meſmo nobre empenho repreſenta
Celerina Matrona Luſitana,
Secundino, Donato, e mais de oitenta
Companheiros, Victor, e mais Suſana;
O meſmo as nove Irmans, de quem ſe oſtenta
Braga patria feliz, bem que tyrana,
Donde fugindo todas ſe aſſegura
Serem victimas ſantas da fé pura.

LX.

Por ella illuſtremente em tempos varios,
Outros muitos Varoens, muitas Donzellas
Dos deſpójos da vida voluntarios
Adornáraõ na Liſia as almas bellas;
A Hiſtoria ſecular, os Breviarios,
Os Altares, os Templos, as Capellas
Abonaõ, ſem ceſſar em toda a idade
A conſtancia da Luſa Chriſtandade.

LXI.

Empreza digna de mais alto canto
Seria repetir diſtinctamente
As acçoens, que o fervor de hum zêlo ſanto
Fez obrar ao valor da Luſa gente:
A' meſma voz da fama aſſombro, e eſpanto
Póde ſer eſte aſſumpto eternamente,
E da meſma materia a dignidade
Me nega de a tratar a liberdade.

He

LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania,
Que os primeiros tres feculos da Igreja
Maquinou aos Christaons a idolatrîa,
A avareza, a ambiçaõ, o odio, a inveja:
Ella foi taõ geral, tanta a porfia
Dos martyrios, que a furia vil manêja,
Que naõ teve a virtude outro deftino
Defde Nero cruel a Conftantino.

LXIII.

Efte grande Monarcha, a quem própicio
Por alta permiffaõ da Providencia,
O Ceo guardava o fummo beneficio,
De apurar dos altares a decencia;
Auctorizando o Santo Sacrificio,
Com jufta Ley, com pura reverencia
Sufpendeo dos martyrios a torrente,
Rendendo a Chrifto o culto competente.

LXIV.

Elle foi geralmente praticadô
Nas Provincias de Roma tributarias,
E nos Lufos limites celebrado
Com finezas de zêlo extraordinarias;
E bem que alguma vez foffe infamado
Algum particular de acçoens contrarias,
Foi fempre em Portugal pura, e conftante
A Ley da graça o culto dominante.

Nem

LXV.

Nem dos meſmos Monarchas a cegueira
Pôde apagar a fé da Luſa gente,
Por mais, que a Ley deſprezem verdadeira
Juliano, Conſtancio, e mais Valente;
Sempre firme a Naçaõ contra a groſſeira
Idolatria, contra a vil ſemente
Das hereſias, foi do zêlo empório
Do grande Conſtantino athé Honorio.

LXVI.

No tempo deſte froxo, e mal ſervido
Imperador por ſorte, ou por enganos,
Sendo o Imperio Romano acomettido
Pelas armas dos Godos, dos Alanos,
Suevos, e Selingos, e partido
Em retalhos por maõs deſtes tyranos,
Foi a Luſa Provincia mal guardada,
Deſtas barbaras gentes aſſolada.

LXVII.

Os Suevos, e Alânos vencedores
Dos Romanos nas terras Portuguezas,
Foraõ logo entre ſi competidores
No dominio das Luſas fortalezas:
Daquî novas queſtoens, novos horrores,
Novas perſeguiçoens, novas cruezas
Vem á Religiaõ, ao Eſtado, á gente,
A' honra, e á vida miſeravelmente.

LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece
Sempre o damno maior da mesma guerra,
Ou só nelle deveras se conhece
Todo o mal, que este açoute em si encerra;
E bem, que o uso deste horror podesse
Menos susto causar na Lusa terra,
Era agora taõ forte este castigo,
Que faria esquecer qualquer antigo.

LXIX.

Pois sendo nestes Gétas conhecida,
Tyrana a condiçaõ, céga a braveza,
Grosseira a criaçaõ, barbara a vida,
Natural o rigor, propria a fereza,
No nome de inimigo enfurecida
A dura propensaõ da natureza,
Pareciaõ mais feras indomaveis,
Do que homens racionaes, e sociaveis.

LXX.

Hydropica ambiçaõ de sangue humano
Era affecto vulgar na fera gente,
Sendo objecto igualmente ao golpe insano
O varaõ forte, e o timido innocente;
Tudo assóla indistincto o ardor tyrano;
Mas de tantos estragos na torrente
Fazia mais horror a barbarîa
Dos costumes, que a mesma tyranîa.

LXXI.

A polîcia Romana introduzida
Nos eſtîlos, nos moveis, no ſuſtento,
Foi na Luſa Naçaõ ſubſtituîda
De hum barbaro, feroz procedimento;
Deſterrado o bom goſto, a luz perdida
Das ſciencias, das artes, do ornamento,
Deſtruîa igualmente a furia bruta
O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

LXXII.

O reſpeito dos Templos profanado,
Os ſagrados Miniſtros perſeguidos,
O ſanto Dogma de erros maculado,
Os Divinos Miſterios confundidos,
O moral das acçoens prevaricado,
Os principios geraes deſconhecidos,
Nenhuma applicaçaõ, nenhum eſtudo,
Tudo em fim era horror, deſgraça tudo.

LXXIII.

Reſplandiaõ fôra o Rey primeiro,
Que os Alanos guiára á terra Luſa,
De quem Atáces foi filho, ou herdeiro
No governo cruel da gente intruſa:
Era Atáces mancebo, era guerreiro
De esfera naõ vulgar, bem que confuſa;
Por falta de inſtrucçaõ; mas valoroſo
Inçançavel, robuſto, e ambicioſo.

Eſte

LXXIV.

Eſte depois de haver com maõ pêſada
Domado Portuguezes, e Romanos
Na Provincia, que fora em ſorte dada
A's tiranas emprezas dos Alanos,
Movîdo de ambiçaõ deſordenada
De eſtender os limites ſoberanos,
Contra os meſmos Suevos ſeus amigos
Convertia das armas os caſtigos.

LXXV.

Com preſteza fatal, com maõ potente
Sobre a antiga Collimbria em fim diſpára
Toda a furia da raiva impaciente,
Que a guerra ordena, que o rigor prepara:
Arrazada a Cidade inteiramente,
Réſta apenas do nome a fama rara;
Mas taõ pouco diſtincta, que ſó deixa
Ver, que fora Collimbria, onde he Condeixa.

LXXVI.

Das cinzas quentes deſte eſtrago duro
Nova Fenis Coimbra ſe levanta,
Onde o barbaro Rey para o futuro
Por padraõ da victoria os ſeus tranſplanta;
Mas no meſmo eſplendor do novo muro
Segundo Pharaó ao mundo eſpanta,
Atáces fero, que a penſoens vulgares
Sujeitava os Miniſtros dos altares.

Alî

LXXVII.

Allî ſe via com aſſombro, e ſuſto,
Entre a plebe groſſeira equivocado,
O Sacerdote ſanto, o Biſpo juſto,
Aos mais duros ſerviços condemnado:
A gróſſa barra, o alviaõ robuſto,
A paviola, o ceſto, e o mal lavrado
Braço do cabreſtante era o exercicio
Da maõ uſada ao Santo Sacrificio.

LXXVIII.

Em quanto deſta ſorte entre inſolencias,
Creſcia de Coimbra o muro altivo,
Igualmente manchado de indecencias,
Que illuſtrado de adorno defenſivo,
Os Suevos movidos das violencias,
A que as tropas de Atáces daõ motivo,
Deſde as praias do Lima vem correndo
A caſtigar eſtrago taõ horrendo.

LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos
O ſucceſſo fatal de huma batalha,
Ou de antigos affectos commovidos,
Que a politica voz aſtuta eſpalha,
Dos impulſos das iras eſquecidos;
Cada qual pela doce paz trabalha,
E terminaõ-ſe os triſtes embaraços
No fim ditoſo de ſuaves laços.

LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha
Cindafunda, Princeza refpeitavel,
Em quem no fummo gráo fe oftenta, e brilha
A virtude, e belleza incomparavel,
Foi de Atáces o premio, a que fe humilha
Tanto a fua foberba incontraftavel,
Que trocada a braveza em rendimento,
Fez de hum barbaro amor hum culto attento.

LXXXI

Da força illuftre defte affecto claro
Tira a nova Coimbra o timbre augufto,
Que Atáces lhe entregou no objecto charo
Reprefentado em marmore robufto,
Allî dura, apefar do tempo avaro,
Da famofa Princeza, o nobre bufto
Entre huma ferpe, e hum leaõ metido;
Que infignias faõ do Pay, e do Marido.

LXXXII.

Pouco tempo durou da paz ferena
O dezejado fructo entre os Alanos,
Que huma liga fatal o odio ordena
Entre Vandalos, Godos, e Romanos,
Eftas Naçoens, a quem caufara pena
Ver unidos os Reys dos Lufitanos,
Dos progreffos de Atáces temerofas
Em feu damno conjuraõ furiofas,

Jun-

LXXXIII.

Junto a Merida, entaõ Côrte luzida;
De que hoje reſta apenas a memoria,
A confuſos veſtigios reduzida
A ſoberba fatal da antiga gloria,
Acaba em fim de Ataces a temida
Ambiçaõ, com deſgraça taõ notoria;
Que perdida a batalha inteiramente,
Perde Eſtados, e vida juntamente.

LXXXIV.

Allî extincta a gloria dos Alanos,
Dos Suevos renaſce a Monarchîa,
Cujo termo em dominios ſoberanos
Pouco ávante do Douro ſe eſtendia;
Mas vendo agora os póvos Luſitanos
Sem governo formal, ſem Rey, ſem guia;
Com induſtrias de agrados, e amizades,
Se faziaõ ſenhores das cidades.

LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças
Suevo, e Luſo ſangue ſe miſtura,
Firmando o parenteſco as ſeguranças
Da mais bella uniaõ, da fé mais pura;
E creſcem tanto as nobres confianças
Nos penhores fieis, que ſe figura
Huma naçaõ ſómente, o povo vario,
Que tantas vezes fora já contrario.

Lar-

LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico
O dominio geral da Luſa terra,
De quem foi ſucceſſor, no Trono rico
Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;
Deſte o filho Rechiario, e Theodorico
Rey dos Godos de lá da Alpina ſerra,
Sendo em laços eſtreitos aliados,
Se fizeraõ contrarios declarados.

LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos
Aliado fiel, conſtante amigo,
De quem agora o Rey dos Luſitanos
Se moſtrava implacavel inimigo,
Pertendendo evitar da guerra os damnos;
De que conhece bem todo o perigo,
A Rechiario, com prudente intento
Quiz deſviar daquelle penſamento.

LXXXVIII.

Mas eſte, que aſpirava ao Trono auguſto
De toda Heſpanha, e julga ſer inveja
A cauſa principal daquelle ſuſto,
Que naõ crê, que de amor ſincero ſeja,
Lhe reſponde ſoberbo, altivo, injuſto,
Que os proprios riſcos mais atten'o veja;
Porque a guerra, que Heſpanha agora ſente,
Lhe irá fazer em França brevemente.

Paſſa

LXXXIX.

Paſſa o Godo indignado da reſpoſta
Da grande ſerra as duras eminencias,
Onde a triſte Pyrene a vida expoſta
Vio dos brutos ás féras inclemencias;
E achando Heſpanha ainda mal diſpoſta,
Vaõ cedendo ao furor as reziſtencias,
Athé que em fim, vencido Rechiario
Deixa a vida nas maons de ſeu contrario.

XC.

Com elle eſpira o ſangue reſpeitavel
Dos Monarchas Suevos taõ temidos,
Abatendo-ſe o Ceptro ineſtimavel
A' ſugeiçaõ dos Godos atrevidos;
E bem que largos annos perduravel
Foſſe o nome de Rey entre os vencidos,
Eraõ Reys dependentes, de algum modo,
Do dominio geral do Imperio Godo.

XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava
Leovigildo cruel, e ambicioſo,
Cujo genio feroz naõ reſpeitava
Nem juſtiça, nem termo generoſo;
Taõ tirano por fim, que executava
No proprio filho o odio furioſo,
Perdido totalmente o nome Regio,
Ficou ſimples Provincia o Reino egregio.

Co-

XCII.

Como tal confundida entre os eftados
Da vafta altiva Goda Monarchia,
Seguio a Lufa gente os varios fados,
Que a forte áquelle Imperio repartia;
Athé que em fim os vicios defcarados,
Com que o Trono Real fe invilecia
Defafiando os Céos para o caftigo,
O confeguîraõ no infeliz Rodrigo.

XCIII.

Efte infaufto Monarcha, a quem guardava
O deftino fatal para efcarmento
Das defordens, que o Reino lamentava
De hum dominio cruel, torpe, e violento;
Completando a medida, que efperava
Da Juftiça Divina o fofrimento,
Foi o ultimo Rey da gente Goda
Ruina univerfal de Hefpanha toda.

XCIV.

Era Rodrigo illuftre defcendente
Do fangue Godo mais efclarecido;
Antes de Rey, affavel, bom, valente;
Depois froxo, foberbo, e defabrido;
No governo do Reyno negligente,
Em paffatempos vaons fó divertido;
Ao Conde Juliaõ com liberdade
Confiava o poder da Mageftade.

Ti-

XCV.

Tinha o Conde huma filha, a quem dotára
De huma gentil figura a natureza,
Que brilhava a pesar da sorte avara,
Entre aceyos, agrados, e viveza,
Maravilha da Corte, inveja rara
Do juizo, da graça, e da belleza;
Era Florinda, em fim de todo modo
O prodigio maior do Imperio Godo.

XCVI.

Vio Rodrigo este assombro, e namorado;
Que era divida amor a tal aspecto,
Lhe tributa nas aras do cuidado,
Continuas oblaçoens de puro affecto;
Mas sendo o culto ardente desprezado;
D altiva indignaçaõ do doce objecto,
Lhe consagra com voto mais rendido
Fé de Esposo, palavra de Marido.

XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante
Acceitava benigna em cultos varios,
Os obsequios do Principe arrogante,
E os parabens dos Povos tributarios;
Quando a sorte invejosa, ou vacillante
Por costume, nos bens extraordinarios;
Fez conduzir á Corte de Rodrigo
Egilona, de amor novo perigo.

XCVIII.

Era eſtranha Egilona, e mal tratada
No mar de huma tormenta furioſa,
Tinha ſido das ondas arrojada
Sobre as coſtas de Heſpanha bellicoſa;
E ſendo logo ao Rey apreſentada,
Bem que adora a Florinda por formoſa,
Foi a nova belleza mais bem quiſta,
Senaõ já por maior, por menos viſta.

XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaſo
A maõ do Rey, e o Trono promettido,
Que Egilona ſó deve ao triſte caſo
De hum naufragio nas ondas padecido;
Foi aquelle navio o triſte vaſo
De Pandóra, na Heſpanha introduzido,
Donde foraõ ſahindo os males todos
Para eſtrago geral dos nobres Godos.

C.

Porque a bella Florinda injuriada,
Deſcompoſtos do Conde os penſamentos,
Nem podem ſupportar a dor peſada,
Nem querem ſujeitar-ſe a ſofrimentos;
Florinda altiva, ou menos disfarçada,
Naõ diſſimula os triſtes ſentimentos;
Mas o Conde de enganos meſtre antigo
Jura a perda do Rey com roſto amigo.

Era

CI.

Era o Conde Politico famoſo,
Nas intrigas das Cortes inſtruido,
Vingativo por genio, e ambicioſo,
Mas por arte agradavel, e ſofrido;
Sem fé, ſem probidade, impetuoſo,
Nas paixoens, nos projectos deſmedido;
Implacavel nas iras, avarento,
Suſpeitoſo, cruel, ſanguinolento.

CII.

Era do Rey valído, e de maneira,
Que eclipſada do affecto a Mageſtade;
Paſſava o valimento a ſer cegueira,
Paſſava a ſujeiçaõ a humanidade;
Pois abuſando o Conde da ligeira
Inclínaçaõ do Rey á ocioſidade,
Deixando-lhe ſómente o nome Regio,
Lhe uſurpáva o poder, e o privilegio.

CIII.

Os beneficios, as mercês, as graças
Pelo arbitrio do Conde ſe faziaõ,
Os caſtigos, as penas, as deſgraças
Do ſeu goſto ſómente dependiaõ;
O governo das Armas, e das Praças
Pelo ſeu parecer ſe commettiaõ;
E finalmente o Rey do ſeu cuidado
Fiava a direcçaõ de todo o Eſtado.

CIV.

Defte mefmo favor, defta privança
Faz o perfido Conde injufto meyo,
Para lograr mais promptos da vingança
Os fins, que occulta no mentido feyo;
Porque enchendo de vil defconfiança
O animo Real com torpe, e feyo
Fingimento de zêlo, o precipita
Na ruina fatal, que premedita.

CV.

Faz-lhe crer, que os vaffallos refpeitofos
Lhe faõ pouco fieis, e mal fofridos,
E que os Povos ferozes, e orgulhofos
Podem fer facilmente commovidos:
Que he precifo evitar com cuidadofos
Artificios perigos taõ fubidos;
E que o meyo melhor para evita-los,
He defarmar Cidades, e vaffallos.

CVI.

Perfuade-fe o Rey do trifte engano,
Porque crê cegamente o falfo amigo,
E manda defarmar em proprio damno,
Todo o Reyno, fobpena de caftigo:
Depoem a gente Goda o ferro ufano,
Das praças fe arruina o muro antigo,
E fica o Eftado expofto ao rifco duro,
Quando o Rey fe imagina mais feguro.

Funda-

CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,
Se offerece a Rodrigo o Conde astuto
Como effeito fiel de hum puro affecto,
A conseguir dos Mouros maior fructo;
Porque sabendo, que o primeiro objecto
Dos cuidados do Rey saõ Sisebuto,
E Evan seu irmaõ refugiados
Entre os Mouros, e delles estimados.

CVIII.

Lhe aconselha, que mande huma embaixada
A' Corte Mauritana, e que faria
Elle perfido Conde esta jornada,
Que de outro Embaixador pouco confia;
E pondo em praxe a idêa refinada,
Parte o traidor infame á Barbaria,
Mais que a tratar dos fins, que astuto affecta,
A dispor a vingança, que projecta.

CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso
Dos thesouros, que a fama publicava,
Encerrar de huma Torre o vaõ famoso
Que occulto ha muitos annos se guardava,
Onde o susto do povo temeroso
Mil prestigios de encanto imaginava,
E de largas idades se dizia
Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

CX.

Desprefando rumores populares,
Que imagina illufoens do vulgo inculto,
E que na fé de idêas regulares
Fazem fempre pequeno, ou nenhum vulto;
Quebranta os varios ferros tutellares,
Que faõ das portas, mais que guarda, infulto
Em rafaõ dos horrores, que authorifaõ
Neffe mefmo recato, que eternifaõ.

CXI.

Examina da Torre o centro efcuro;
Mas nella naõ vê mais, que hum cófre breve,
Que guardado com fecho bem feguro,
Tofco á vifta parece, ao tacto leve;
Excita o novo objecto ardor mais puro,
Que a romper o myfterio em fim fe atreve;
Mas patente o motivo do fegredo,
Quanto fora alvorôço, he fufto, e medo.

CXII.

Porque dentro do cófre eftá dobrado
Sómente hum trifte véo, que apenas toca,
Quando hum corpo de tropas vê pintado,
Que no traje com Mouros fe equivoca;
A poftura a fereza, e gefto irado
Tudo á guerra parece, que provoca;
Mas o rifco mais claro annunciava
Hum letreiro, que affim fe decifrava.

CXIII.

No momento fatal, que for aberta
Desta Torre vedada a porta inculta;
E por maons imprudentes descoberta
For a pintura, que este cófre occulta,
A conquista de Hespanha inteira, e certa
A' gente aqui notada se faculta;
Tema qualquer, que o véo tocar ousado,
Que nelle está seu risco retratado.

CXIV.

Assustado Rodrigo, e vacilante
Treme de horror á vista do protento;
E nas palidas cores do semblante
Mal disfarça o pavor do pensamento;
Mas na fé dos prodigios inconstante,
No silencio sepulta o sentimento;
E sahindo das portas mal seguras,
As carrega de novas fechaduras.

CXV.

Crê, que basta a cautela do segredo
A frustrar os horrores do ameaço;
E com rogos, promessas, susto, e medo
Assegura das vozes o embaraço;
Mas naõ póde evitar o cego enredo
O decreto cruel do fado escaço,
Que o Trono augusto em fim se precipita
Desde o tempo, que a Torre se visita.

Tal

CXVI.

Tal he a tradiçaõ de Héſpanha inteira
Nos mais ſerios eſcriptos abonada,
Se huma noticia tal por verdadeira
Póde ſer de algum modo auctoriſada;
Livre á luz da raſaõ fique a carreira
Nos exames de fé taõ dilatada,
Que eu ſeguindo da hiſtoria o cégo inſtincto;
Vou contando o que lì, naõ o que ſinto.

CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,
Com emprego de Dama da Raynhá,
Aſſiſtia Florinda, em quem o antigo
Amor do Rey fataes raizes tinha;
E mal firme a raſaõ contra o perigo,
Das ſubtis impreſſoens da luz viſinha,
Novamente inflamado o Regio peito,
Da mais céga paixaõ padece o effeito.

CXVIII.

Arde Rodrigo em chamas indecentes
Mais activas talvez, por mais impuras,
Que he coſtume de affectos imprudentes
Por culpaveis moſtrar forças mais duras;
Saõ agora mais bellas, mais valentes
Da deixada Florinda as graças puras;
E exaltada nas aras do deſejo,
Quanto fôra deſpreſo, he já cortejo.

Tem

CXIX.

Tem por graves os laços preciofos ;
Que dos proprios affectos fabricára ,
E fufpira com votos vergonhofos
Pelas mefmas cadêas , que quebrára ;
Contemplada com olhos cubiçofos
Aquella luz , que ha pouco reprovára ;
Céga agora o difcurfo , abrafa a idêa ,
Sem mais outra rafaõ , que fer alhêa.

CXX.

Mas conferva Florinda na memoria
Viva a dor do defprefo intoleravel ,
E naõ lhe fofre o amor da propria gloria ;
Ser de Rodrigo ás ancias favoravel ;
Nas vinganças de offenfa taõ notoria
Paffa a fer o rigor ira implacavel ,
E quanto mais amante o Rey parece ,
Tanto mais de Florinda o defdem crefce.

CXXI.

Affiftencias , obfequios , gentilezas ,
Lifonjas , attençoens , mimos , agrados ;
Defvelos , votos , cultos , e finezas ,
Rogos , fufpiros , ancias , e cuidados ,
Tudo emprega Rodrigo com deftrezas
De amante experto em rifcos namorados ;
Mas a tudo refifte a Dama altiva
Naquelle tempo mais que Dafne efquiva.

Crefce

CXXII.

Crefce a céga paixaõ na refiftencia;
Effeito natural do amor tirano,
Que imitando dos rayos a violencia,
Nas durezâs fe emprega mais ufano:
Fruftrada da brandura a diligencia,
Da força fe aproveita o Rey infano;
E qual outro Tarquinio furiofo,
Perde o Ceptro com crime vergonhofo.

CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada,
Naõ menos, que a Romana, mal fofrida;
Nem medita vingança mais calada,
Nem quer fatisfaçaõ menos luzida.
Ao Pay intîma em carta abreviada
A noticia da afronta padecida,
E lhe pede com rogo impaciente
O caftigo de acçaõ taõ infolente.

CXXIV.

Recebe o Conde a carta, e vêm voando
Defde a Africa adufta athé Tolledo,
Onde efpera de cafo taõ nefando
Informar-fe melhor, com mais fegredo;
E difcurfos malignos atalhando
Com finas illufoens de aftuto enredo,
Publîca concluida a diligencia,
Que fazia precifa a fua aufencia.

CXXV.

Ao mefmo Rey engana defta forte,
A quem rende por zêlo a brevidade,
E occultando no peito a pena forte,
Affecta a mais feliz tranquilidade;
Mas depois, que da Filha, e da Conforte
Se informa bem da trifte novidade,
Largando a rédea toda á ira céga,
Ao mais duro furor em fim fe entrega.

CXXVI.

Pequeno facrificio lhe parece
A vingança cruel, que premedíta,
E na fua foberba naõ conhece
Limites a ambiçaõ, que o peito incita;
Na céga idêa mil projectos tece,
Em mil furias de horror fe precipita;
E jura, que Florinda em dôr tamanha
Outra Helena ha de fer da trifte Hefpanha.

CXXVII.

Diffimula, com tudo, cautelofo
A dôr feroz, que o peito lhe devora;
E nos cultos do Rey mais cuidadofo,
Ou mais attento fe defvela agora;
Athé que confeguido o fim damnofo
Da torpe adulaçaõ, que a honra ignora,
Paffa fegunda vez de Africa os mares,
Governador das Praças Militares.

Como

CXXVIII.

Como penhor fiel da fé devida,
Deixa o perfido Conde com cautela;
A pefar da faudade enternecida,
No ferviço do Paço a Filha bella;
Mas feguido da Efpofa mal fofrida,
Que naõ menos nas iras fe defvela,
Parte emfim a bufcar com trifte engano;
A vingança no ferro Mauritano.

CXXIX.

Facilita-lhe a féra vifinhança
Os duros meyos da traiçaõ, que intenta;
E de Muça, na antiga confiança,
Os mais certos foccorros fundamenta:
Defte fia o fegredo da vingança,
Os aggravos do Rey lhe reprefenta,
E lhe jura com torpe rebeldia,
Sujeitar-lhe de Hefpanha a Monarchia;

CXXX.

Era Muça dos Mouros Cõmandante,
Naõ menos que valente, induftriofo,
Nos combates intrepido, arrogante,
Nos contratos prudente, e cautelofo,
E nos rifcos prefentes vacilante,
A' propofta fe affecta duvidofo;
Mas o Conde com fortes argumentos
Lhe defvanece os dubios penfamentos.

Faz-

CXXXI.

Faz-lhe ver com rafoens bem ponderadas ,
E por defgraça certas , e patentes ,
Que haõ de fer facilmente executadas
As emprefas , que nota de imprudentes ;
Que as Cidades eftaõ defmanteladas ,
Os foldados fem armas competentes ,
Defgoftofa a Naçaõ , queixofa a Corte ,
Malquifto o Rey , e máo de toda a forte.

CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade
De parentes , amigos , e vaffallos
Que eftaõ promptos a toda a novidade
Com foldados , com armas , e cavallos ;
Que os portos tem feguros na amifade
De fujeitos difpoftos a entrega-los ;
E que qualquer projecto bem medido
Lograria o fucceffo pertendido.

CXXXIII.

Perfuadido em fim o Mouro aftuto
Deftas rafoens , e de outras fimilhantes ;
De que vê claramente o nobre fructo ,
Que podem dar emprefas taõ brilhantes ,
Lhe promette animofo , e refoluto
Miniftrar-lhe foccorros abundantes ,
Com que poffa naõ fó vingar aggravos ,
Mas claramente fulminar eftragos.

Certo

CXXXIV.

Certo já do foccorro defejado,
Paffa o Conde com torpe providencia
A difpor a perfidia do Tractado,
Dos amigos na céga complacencia;
Mas na mefma cegueira acautelado,
Naõ fe efquece da propria dependencia;
E dos rifcos da Filha receofo,
A faz fahir do Paço ruinofo.

CXXXV.

Finge, que a Mãy ferida mortalmente
De agudo mal, com trifte fantafia,
Quer ao menos na morte ter prefente
Da chara Filha a doce companhia;
E com cores de empenho taõ decente,
Avivadas da luz de que ferîa
Pouca a demora, em fim do Rey confegue;
Que a formofa Florinda fe lhe entregue.

CXXXVI.

Livre já de attençoens, de fufto ifento
O perfido, traidor, infame Conde
Tira a mafcara vil do fingimento,
Com que as torpes acçoens ao Mundo efconde;
E defcoberto o feyo penfamento,
Que taõ mal a feu fangue correfponde,
Sobre a Patria de Mouros rodeado
Apparece inimigo declarado.

Mortes,

CXXXVII.

Mortes, roubos, eſtragos, e inſolencias
Vai o monſtro feroz executando,
Primeiro, que do Rey as negligencias
Acreditem delicto taõ nefando:
Parecem-lhe illuſoens as evidencias
De crime taõ atroz, taõ execrando;
E quando em fim conhece a vil mudança,
He mais tempo de dor, que de vingança.

CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido
Grande parte de Heſpanha ſem diſputa,
E por varias Provincias commettido
Mil inſultos crueis com furia bruta;
Satisfeitos do fructo conſeguido,
Para os portos do mar com marcha aſtuta,
De luzidos deſpojos carregados
Já voltavaõ com paſſos apreſſados.

CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal deſperto
Do letargo fatal em que vivia,
A taõ barbara afronta, e mal taõ certo
Froxamente o reparo prevenia:
Hum debil, mal armado, e nada experto
Exercito lhe oppoem, em quem ſe via
Mais que a força do Rey auctoriſada,
A miſeria do Reyno retratada.

Pois

CXL.

Pois ſendo breve o numero da gente,
Era menos, que a gente, o provimento;
Faltando á triſte Tropa juntamente
Armas, ordem, veſtido, e mantimento:
Eraõ pedras da rua indignamente,
As vergonhoſas forças do armamento,
E ſimilhante em tudo era a ruina
No veſtido, na paga, e diſciplina.

CXLI.

E ſendo ſem trabalho deſtruida
Pelas armas do Conde aquella gente,
E na ſua ruina confundida
Toda a força de hum Reyno taõ potente;
Deixando toda a Heſpanha eſtremecida,
Se recolhe o traidor impunemente,
Sem que achaſſe na Goda negligencia
Senaõ caſtigo, ao menos reſiſtencia.

CXLII.

Animados os féros Africanos
Do primeiro ſucceſſo, e cubiçoſos
De mais altas empreſas, que os tiranos
Exercicios de roubos vergonhoſos,
A Libia votaõ de maiores damnos
A prevenir os meyos orgulhoſos,
E deſſipada a idêa do perigo,
He já nobre alvoroço o ſuſto antigo.

CXLIII.

Já de Muça prudente a vaſta idéa
Nos cuidados do Conde naõ deſcança ;
Já da cega ambiçaõ a paixaõ feya ,
Mais projectos lhe inſpira , que vingança ;
Já da gloria immortal ſe liſonjeia
De huma nobre conquiſta , e na eſperança
De huma nova fortuna alvoroçados ,
Todos os Mouros querem ſer ſoldados.

CXLIV.

Entretanto Rodrigo eſtremecido
Dos triſtes éccos do primeiro ſuſto ,
E dos gritos dos povos commovido
A buſcar providencia ao damno injuſto ,
Já da cega torpeza arrependido ,
Com que havia manchado o Trono auguſto ;
Se diſpunha com paſſos diligentes
A precaver os riſcos emminentes.

CXLV.

Gente manda aliſtar , tomar cavallos ;
Reparar fortalezas , e muralhas ,
Levantar eſquadroens , e doutrina-los
Na ſciencía terrivel das batalhas ;
Ferros manda fundir , e prepara-los
Nos ardentes enſayos das fornalhas ,
Forjar Lanças , Eſpadas , Capacetes ;
Arnezes , Sayas ; Grévas Braceletes.

CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a preſſa
Dos preſidios da Gallia bellicoſa ,
Chama a Nobreſa , os povos intereſſa
Na defeſa da Patria glorioſa ;
Conſelheiros convoca , o riſco expreſſa ,
Dinheiros pede em copia numeroſa ,
E por todos os modos ſe prepara
Contra o golpe cruel da ſorte avara.

CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia
Se manifeſta em nobres exercicios ,
Que ſe fôra contagio. a negligencia ,
Saõ agora geraes os bons officios ;
Qual da guerra ſe inſtrue na ſciencia ,
Qual das Praças ſe applica aos beneficios ,
Qual acode á muralha , qual á mina ,
Qual a outros empregos ſe deſtina.

CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatos
De huma guerra futura , mas diſtante ,
Se occupava dos Godos mais cordatos
Toda a força do zêlo vigilante ,
Pelas Portas Herculeas os ornatos
Vem ſurgindo da Luà fulminante ,
Com que o torpe Mafoma faz famoſas
As bandeiras de Agar ſempre horroroſas.

Vinte

CXLIX.

Vinte vezes dez mil peoens armados,
Com mil vezes quarenta cavalleiros
Foraõ logo nas Prayas vomitados
Do vasto seyo dos Baixeis guerreiros;
Do famoso Tarif alli guiados,
Que já fora Mandante dos primeiros,
E do perfido Conde, a quem se unîa
Nova copia de infames cada dia.

CL.

Junto ao Calpe famoso, antiga méta
Dos triunfos illustres do Thebano,
Que a tradiçaõ dos Gregos indiscreta
Aquî suppôz ao mar dar passo ufano,
Se alója o Mouro adusto em paz quieta,
Sem que alguem se lhe opponha a tanto damno
Porque o triste Rodrigo naõ pensava,
Que taõ prompta a perfidia o procurava.

CLI.

Mas já certo do proximo perigo
Parte em fim de Toledo, e vai buscando
De Guadalête o campo, onde o inimigo
Vinha as torpes bandeiras tremulando:
Alli disposto o Ceo para o castigo
Do cégo Rey, do povo miserando
Tinha o triste theatro, e alli se assenta
Hum, e outro arraial com ancia attenta.

CLII.

Dois dias se observáraõ mutuamente
Os dois campos oppoſtos ; mas chegada
Era a hora fatal , que a Goda gente
Devia ſer dos fados caſtigada :
Inveſtiraõ-ſe em fim tyranamente
Huns , e outros ; e foi taõ porfiada
A raiva dura , que a queſtaõ guerreira
Durou huma ſemana toda inteira.

CLIII.

Mas inclinou-ſe em fim ao Mouro aduſto
Da brilhante victoria o vulto altivo ,
E no campo Chriſtaõ o triſte ſuſto
Foi deſcobrindo o geſto penſativo .
Céde á força do fado o brio auguſto
Dos nobres Godos , céde o genio eſquivo ;
O valôr , a conſtancia , e finalmente
Céde tudo a favor da bruta gente.

CLIV.

Rodrigo foge , o Reyno ſe ſugeita
Ao barbaro poder ; e nas Heſpanhas
Inunda de Mafoma a torpe ceita
As Cidades , as Villas , as Campanhas ;
Aſſim acaba a gloria mais perfeita
Das humanas grandezas , e façanhas ;
Hum ſó golpe baſtou para caſtigo
Da ſoberba do reyno , e de Rodrigo.

Elle

CLV.

Elle ſoube emendar a triſte ſorte,
Buſcando na deſgraça a penitencia,
E na antiga Vizeu com ſanta morte
Pôz fim ditoſo á larga paciencia;
Mas o Eſtado infeliz do golpe forte
Reſtaurar-ſe naõ póde, e na indecencia
De hum captiveiro infame envolto todo,
Para ſempre perdêo o nome Godo.

FIM DO CANTO III.

A LIBERDADE
CANTO IV.

ARGUMENTO.

ESTRUIDO o Imperio dos Godos, se retirão muitos destes pelo mar a Paizes desconhecidos, e outros se embrenhaõ pelas montanhas mais asperas, athé, que juntos bastantes nas serras das Asturias, elegem por Principe a D. Pelayo, que ganhando algumas terras aos Mouros, se acclama Rey de Leaõ. Os seus Successores continuaõ a conquistar, e ElRey D. Fernando o Grande, Senhor já de tres Estados, os reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey dos Portuguezes, a quem succede D. Affonso conhecido por Imperador. No tempo deste vem servir ás Hespanhas varios Principes, e entre estes o Grande Henrique de Borgonha, a quem o Rey dá huma filha em cazamento, e em dote as terras conquistadas em Portugal, e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a investidura do Reyno de Portugal. Prosegue-se a historia dos Reys athé o Senhor D. Fernando. Casa este Principe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Caza Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Cazamento da Princeza filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Principe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Heroe, e o povo de Lisboa o embaraça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal ElRey de Castella, a quem a Raynha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Convento. Atêa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Provincias.

A LIBERDADE

CANTO IV.

I.

DEpois que o Ceo Supremo foi fervido,
Por altiffimos fins da Providencia,
Abolir totalmente o Trono erguido,
O nome illuftre, a maxima opulencia
Da gente Gôda, o povo reduzido
A' efcravidaõ da barbara infolencia,
Difperfo, e vacilante em tanto aperto,
Errava fem deftino, e fem concerto.

Al-

II.

Alguns a trifte vida confiando
Ao arbitrio das ondas inconftantes,
Quaes de Troya no cafo miferando
Os amigos de Eneas trepidantes,
Por incognitos mares navegando,
A paizes paffáraõ taõ diftantes,
Que naõ póde athé agora com certeza
Saber-fe o certo fim daquella empreza.

III.

Outros na mefma patria defterrados
Pelos montes, e penhas cavernofas
Do barbaro furor refugiados,
Se occultavaõ nas brenhas horrorofas;
Athé que fendo muitos congregados
Das Afturias nas ferras pavorofas,
Foi D. Pelayo delles efcolhido
Para cabeça fer defte partido.

IV.

Era Pelayo Principe valente
Refpeitado na Corte em tempo antigo,
Do Regio fangue claro defcendente,
Primo, e fobrinho do infeliz Rodrigo:
Era bravo na guerra, era prudente
No confelho, conftante no perigo,
Popular, liberal, benigno, e jufto,
Activo, fobrio, agil, e robufto.

Efte

V.

Eſte foi o Noé do povo Godo,
Na ruina geral daquella gente,
A quem o Céo benigno deſte modo
Patriarcha fez deſte continente:
Delle procede o Regio ſangue todo,
Que reſtaurou de Heſpanha a perda ingente,
E nelle meſmo teve logo effeito
Da reivendicaçaõ o ſaõ direito.

VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras,
E chegando a formar hum novo Eſtado,
Já deixado o pavor das toſcas ſerras,
Pôde ſer de Leaõ Rey acclamado;
E com largos trabalhos, duras guerras,
Grande perigo, e tempo dilatado,
Foi libertando de oppreſſaõ tamanha
Huma breve porçaõ da antiga Heſpanha.

VII.

Da meſma ſorte os Reys ſeus ſucceſſores,
Qual mais, qual menos foraõ recobrando
Da eſcravidaõ dos barbaros horrores
As provincias, e povo miſerando;
Athé que entre mais altos eſplendores
De hum treplicado Ceptro, o Graõ Fernando,
Entre os filhos partindo a Monarchia;
Fez Rey da Luſa gente a D. Garcia.

Viveo

VIII.

Viveo pouco *Garcia*, e ſuccedido
Foi de Affonſo Monarcha valoroſo,
Em quem ſegunda vez ſe vio unido
Dos tres Ceptros o peſo glorioſo:
Eſte foi nas Heſpanhas conhecido
Por alto Imperador, Rey poderoſo
E de varias Naçoens Principes varios
A ſervi-lo paſſáraõ voluntarios.

IX.

Entre os mais conhecidos nas hiſtorias,
Henrique, o Grande Henrique he celebrado;
Cuja fama adornou de immortaes glorias
A fundaçaõ do Portuguez Eſtado:
Eſte fez noſſas armas mais notorias,
Noſſo nome maior, mais levantado,
E foi em fim o tronco da grandeza
Da Regia, Auguſta Caſa Portugueza.

X.

Era Henrique do ſangue deſcendente
Dos Reys de França por direita linha;
Digno fructo do ramo floreſcente,
Que o nobre Eſtado de Borgonha tinha;
Era moço gentil, era valente,
E a ſeus altos projectos naõ convinha
O lugar, que lhe dera a ſorte avara
De filho quarto na familia clara.

A fama

XI.

A fama illuſtre das acçoens brilhantes,
Com que a guerra de Heſpanha ennobrecia,
Athé meſmo nas Cortes mais diſtantes,
De outros Principes taes a valentia,
Lhe incitou os deſejos arrogantes
A vir provar com elles a ouſadia;
E deixando da patria o doce agrado,
A's Heſpanhas paſſou a ſer ſoldado.

XII.

Aqui ſervio por dilatados annos,
Em diverſos empregos ſempre honroſos;
Sendo dos Mouros infaliveis damnos
Todos os ſeus progreſſos bellicoſos;
Athé que em fim logrando mais ufanos
Galardoens dos trabalhos glorioſos,
Teve a filha de Affonſo por conſorte,
Por dote Portugal, o mais por ſorte.

XIII.

Porque a parte maior do Eſtado auguſto,
Que o Rey por eſte ajuſte lhe cedia,
Na dura eſcravidaõ do Mouro aduſto,
Em torpes ferros infeliz gemia;
E a naõ ſer providencia do Céo juſto,
A fundaçaõ da Luſa Monarchia,
Podéra, mais que a graça ſer perigo
Hum dote nos dominios do inimigo.

XIV.

Mas Henrique, que os rifcos eftimava,
Com que os grandes Heróes fe fazem claros;
E no dote cedido contemplava
Infentivos de gloria mais preclaros,
Novas expediçoens já meditava
Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;
E paffando das nupcias ás victorias,
Fez as fuas conquiftas mais notorias.

XV.

Defde o Porto, cabeça entaõ do Eftado,
A que dera feliz novo appellido,
Ennobrecendo em Portugal mudado
De Lufitania o nome efclarecido,
Sahio Henrique a demandar oufado
Os direitos do dote promettido;
E foi taõ venturofo na difputa,
Que ganhou grande parte á gente bruta.

XVI.

Toda a fertil Provincia, que fe eftende
Por entre o Douro, e Minho, e grande parte
Da Beira, e Traz os montes, já fe rende
A's armas duras defte novo Marte:
Já do Tejo o poder lhe naõ fufpende
Os triunfos, que a forte lhe reparte,
E Lisboa com Cintra já domadas
As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares
Foraõ do ſeu valor troféo preclaro,
Em que a fama das honras militares
Se conſerva a peſar do tempo avaro;
E ſem contar acçoens particulares,
Que deve Portugal ao ſeu amparo,
Só das grandes, que a hiſtoria lhe repete
Chega o numero illuſtre a dezeſete.

XVIII.

Mas naõ ſó das Heſpanhas no deſtricto,
Entre os barbaros Mouros orgulhoſos
Foi temido de Henrique o braço invicto,
Sua eſpada, ſeus golpes furioſos;
Pois da ſanta Cidade no conflicto
Vio Siaõ ſeus alentos generoſos,
Aſſiſtindo naquella illuſtre empreza
Com ſoccorro de gente Portugueza.

XIX.

Digno filho de Henrique, e mais ouſado
Affonſo lhe ſuccede, a beneficio
De cujas altas prendas empenhado
Se moſtrou claramente o Céo propicio;
Pois naõ ſó das victorias no cuidado;
Mas dos meſmos milagres no exercicio
Se vio a maõ de Deos diſtincta, e clara
Fabricar deſte Heróe a gloria rara.

He

XX.

He tradiçaõ geral, fama conſtante
Abonada de antigos monumentos,
Que naſcera imperfeito o tenro Infante
Fruſtrados dos dois pés os movimentos;
E que o zêlo de hum Ayo vigilante
Para romper os duros ligamentos,
Conſeguira da ſumma Omnipotencia
Hum prodigio de publica evidencia.

XXI.

Mas onde ſe moſtrou mais claramente
Da protecçaõ Divina o ſummo amparo,
Foi no campo de Ourique onde patente
Se fez o meſmo Deos por modo raro:
Era Affonſo da terra entaõ Regente,
Que fora dada em dote ao Pay preclaro;
E ſe dizia Principe, ou Infante
Daquelle Eſtado ainda vacilante.

XXII.

Tinha ſido mil vezes inſultado
Do viſinho poder do Mouro aduſto,
E tinha com fortuna libertado
Diverſos povos do dominio injuſto;
Mas achava-ſe agora ameaçado
De novos riſcos de mais alto ſuſto;
Porque em ſeu damno ſinco Reys unidos
Se armáraõ contra os Luſos atrevidos.

Todos

XXIII.

Todos juntos em corpo poderoſo
Se oſtentavaõ de Ourique na campina;
Projectando com animo orgulhoſo
Ao nome Portuguez total ruina;
E mais tyrano o genio furioſo
Nas ventagens, que o numero lhe enſina;
Com ſoberbos, e barbaros clamores
Inculcavaõ o goſto entre os horrores.

XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios,
Que athé nos meſmos peitos mais valentes,
Bem uſados a caſos temerarios
Faziaõ ſuſto riſcos taõ patentes;
Toda a gente de Affonſo em modos varios;
Se achava conſternada, e nos preſentes
Effeitos do pavor, e da triſteza,
Se contava perdida aquella empreza.

XXV.

A vil murmuraçaõ principiava
A dominar nos peitos alterados;
E do torpe veneno, que exalava
Creſcia o triſte horror entre os ſoldados:
Por céga obſtinaçaõ ſe reputava
O querer combater; pois bem contados
Os inimigos, eraõ tantas vezes
Cem Mouros, quantas huma os Portuguezes.

XXVI.

Mas Affonſo, que as nobres confianças
De mais altos principios deduzia,
E tinha poſto as ſuas eſperanças
Naquelle cujo culto defendia,
Firmando na fé pura as ſeguranças
Do terrivel empenho, em que ſe via,
Com devoto fervor, com zêlo raro
Se animava dos Céos no certo amparo.

XXVII.

Huma noite já quando a luz ſerena,
Das brilhantes eſtrellas declinava,
E na doce inacçaõ, que o ſomno ordena,
Grande parte da gente deſcançava;
Fatigado tambem da larga pena
Affonſo a ſocegar principiava;
Quando a rogos de hum velho venerando
Foi deſpertado do ſocêgo brando.

XXVIII.

O' tu, lhe diz o velho, a quem deſtina
O Céo Supremo a nobres exercicios,
Mortal feliz, em quem a maõ Divina
Quer derramar immenſos beneficios,
Naõ temas, naõ eſtragos, ou ruina,
Naõ te aſſuſtem do riſco vãos indicios,
Que nos olhos de Deos Omnipotente
He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

XXIX.

Vencerás certamente , e ſempre honrado
O teu nome ſerá na larga hiſtoria ;
Pois ſe moſtra o Senhor intereſſado
Na feliz duraçaõ da tua gloria ;
Elle tem ſobre ti determinado ,
E ſobre a tua próle mais notoria
Pôr os olhos da ſua compaixaõ
Athé decima ſexta geraçaõ.

XXX.

Atenuada entaõ a próle auguſta
Será , por altos fins da Providencia ;
Mas neſſa meſma atenuada ajuſta
Feliz Epoca a Summa Omnipotencia ;
E porque a multidaõ da gente aduſta
Naõ turbe do teu zêlo a diligencia ,
O meſmo Deos pertende confortar-te ,
E com altos favores animar-te.

XXXI.

Elle manda , que eſtejas prevenido
Para ſahir do Campo áquella hora ,
Que no meu Oratorio for ouvido
O ſom da campa , que precede á Aurora :
Diſſe o ſanto Varaõ , e deſpedido
De Affonſo , parte , que ſubmiſſo adora
A bondade ineffavel , que lhe ordena
Taõ grande alivio em taõ grande pena.

XXXII.

Já da noite ſombria o manto eſcuro
Menos denſo cobria os altos montes,
E da luzida eſtrella o fulgor puro
Já mais claros fazia os Horizontes;
Porém inda nas ſombras mal ſeguro
Naõ ſoltava Titaõ da luz as fontes,
Quando Affonſo do termo aſſignalado
Pela voz do metal foi aviſado.

XXXIII.

De zêlo ſanto, de valor brilhante
Inflamado o Heróe parte anciofo;
Mas do proprio arrayal pouco diſtante
O ſuſpende hum ſignal prodigioſo:
Da parte Oriental naquelle inſtante
Deſcer obſerva hum rayo luminoſo;
E pondo nelle os olhos com receyo,
Vê, que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

XXXIV.

Repara mais attento, e claramente
Na meſma Cruz, que tinha diviſado,
O Salvador do Mundo vê pendente,
De Celeſtes Miniſtros rodeado;
Proſtra-ſe Affonſo humilde, e reverente
Na preſença do Deos humaniſado,
E adorando ſubmiſſo a Divindade,
Lhe falla em fim com eſta liberdade.

Que

XXXV.

Que fim, Senhor, que caufa vos obriga
A prodigio taõ grande em meu proveito?
Por ventura quereis da fé antiga
Accrefcentar em mim o puro effeito?
Em mim, Senhor? A quem no feyo abriga
A voffa Igreja, a que nafci fujeito?
Apparecei, Senhor, aos infieis,
Que naõ fabem quem fois, quanto podeis.

XXXVI.

Naõ prefumas, refponde o Deos piedofo,
Que augmentar tua fé foi meu cuidado;
Confortar-te no cafo duvidofo,
He effeito feliz do meu agrado:
Confia, Affonfo, em mim, ferás ditofo,
Naõ fó nefte combate receado;
Mas em quantas batalhas, e perigos
Te moverem da Cruz os inimigos.

XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte
Para a guerra prefente, e perfuadido
Serás della a provar do rifco a forte,
Com titulo de Rey fempre applaudido;
Naõ duvides toma-lo, e naõ te importe
Qualquer receyo vaõ, mal entendido,
Que eu fou fó quem os Reynos edifica,
Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

XXXVIII.

Eu quero em ti, e tua descendencia
Para mim construir hum novo Imperio,
Donde seja o meu Nome com decencia
Levado á gente estranha em culto serio;
E porque se conserve na evidencia
O principio feliz deste mysterio
Tomarás por insignia o preço unido,
Com que eu comprei o Mundo, e fui vendido.

XXXIX.

Disse, e dos olhos do Varaõ ditoso
Desápparece qual brilhante rayo,
Que nas noites do Estio caloroso
Por entre as nuvens faz da luz ensayo:
Rende as graças Affonso fervoroso,
E já seguro do mortal desmayo
Da sua gente, volta para a tenda
A dispôr os preparos da contenda.

XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando
As estrellas da vista dos mortaes,
De purpureos reflexos matizando
Perspectivas brilhantes de cristaes,
Quando a gente de Affonso despertando
Animada de alentos Marciaes,
A' barraca do Rey corre atrevida
A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas

XLI.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros
Neſſa turba infiel hoje empreguemos,
Todos juntos, Senhor, com votos puros
Huma graça de vós ſô pertendemos;
Que permittais, que em voſſo amor ſeguros
Por noſſo Rey, aqui vos acclamemos,
E que adornado deſte nome agora
Nos leveis ao combate ſem demóra.

XLII.

Reſpeita Affonſo a Summa Divindade
Nos effeitos da ſua providencia,
E ſe rende ſubmiſſo á dignidade,
Que recebe da maõ da Omnipotencia;
Rey ſe deixa chamar, e na igualdade
Das vozes da geral benevolencia,
Outra vez reconhece a maõ Divina,
Que taõ altos favores lhe deſtina.

XLIII.

Tal foi do noſſo Reyno a inveſtidura,
Tal o primeiro Rey, que em fim guiado
Pela maõ do Senhor, com fé ſegura,
Sobre os contrarios corre confiado;
E bem, que a multidaõ da gente impura
Algum tempo reſiſte; em fim fruſtrado
Do poder Mauritano o torpe exceſſo,
Servio ſó para gloria do ſucceſſo.

Igual-

XLIV.

Igualmente de gloria reveſtidas
As armas deſte Rey por largos annos,
Foraõ ſempre com palmas repetidas
Terror geral dos feros Mauritanos ;
Naõ podem ſer a conta reduzidas
As batalhas, que deu ; mas ſem enganos
Se ſabe, que ſaõ tantas as victorias,
Quantas ſuas emprezas bem notorias.

XLV.

Lisboa, Santarem, Palmella, Almada,
Elvas, Evora, Béja com Trancoſo,
Mafra, Cintra, e Alenquer da ſua eſpada
Saõ pequeno troféo defectuoſo ;
Pois nos longes da fama já gaſtada
Das injurias do tempo ambicioſo,
Inda o vulto lhe adorna em nóbres viſtas
Mais copioſo eſmalte de conquiſtas.

XLVI.

Mas naõ ſó das conquiſtas no proceſſo
Se fez do grande Affonſo a fama clara ;
Pois de ſantas virtudes no progreſſo
Outra gloria alcançou, naõ menos rara ;
Do ſeu zêlo piedoſo o nobre exceſſo
Conſervado a peſar da ſorte avára,
Entre outras fundaçoens fazem patente
Santa Cruz, Alcobaça, e Sam Vicente.

Alli

XLVII.

Alli o tempo todo, que reſtava
Dos cuidados do Reyno indiſpenſaveis;
O devoto Varaõ com Deos gaſtava
Em deſvelos de obſequio inſaciaveis:
Alli com zêlo ſanto ſe empregava
Em actos de humildade incomparaveis,
Obſervando com pia reverencia
O mais puro rigor da penitencia.

XLVIII.

Aſſim ditoſamente repartida
Em cuidados de gloria, e de piedade
Por todo o modo foi de Affonſo a vida
Hum modelo feliz de Heroicidade:
Foi ſua morte á vida parecida;
E paſſando a gozar da eternidade,
Em Coimbra ſeu corpo exiſte inteiro
De Santa Cruz guardado no Moſteiro.

XLIX.

Sancho filho de Affonſo, ao Pay ſuccede
Naõ ſómente no Trono, mas na gloria;
Pois a ſorte benigna lhe concede
Multiplicadas palmas de victoria;
Mas o luſtre maior de que procede
Ser eterno dos noſſos na memoria,
Foi o zêlo feliz do ſeu governo
Nas providencias do reparo interno.

Os

L.

Os defertos incultos fabricados,
Povoadas as Villas deftruidas,
Outros povos de novo edificados,
As antigas Cidades guarnecidas,
Os cultores dos campos animados,
As fadigas humildes protegidas
Saõ eternos padroens, em que fuftenta
As memorias de Sancho a fama attenta.

LI.

De Sancho fucceffor, e filho augufto
Foi Affonfo fegundo, a cuja efpada
A foberba cruel do Mouro adufto
Cedeo, mais de huma vez, defanimada:
Permanente, a pefar do tempo injufto,
Vive a fua memoria eternizada,
Com abono immortal de illuftres provas
Em Alcacere, em Moura, e Torres novas.

LII.

Pela falta de Affonfo, o Trono altivo
Outro Sancho occupou, Principe brando,
A quem o povo indocil, fem motivo,
Subftituio o Irmaõ no Regio mando;
Mas foi feliz o crime, fe nocivo
Naõ foffe á honra exemplo taõ nefando,
Pois de Affonfo terceiro o nome egregio
Foi adorno immortal do Solio Regio.

Efte

LIII.

Eſte foi o primeiro, em cuja frente
Se vio com largas palmas adornado,
Duplicado Diadema permanente,
De Caſtellos, e Quinas matizado,
Unindo a Portugal conſtantemente
Dos Algarves o Reyno conquiſtado;
Elle em fim conſeguio nas ſuas terras
Render os Mouros, acabar as guerras.

LIV.

Succedeo-lhe Diniz Principe egregio
De relevantes prendas aſſiſtido,
Em cujas maons florente o Ceptro Regio
Brotou mil fructos de valor ſubido;
Logrou de Pay da patria o privilegio
Por diverſos motivos conſeguido;
Pois foi ao meſmo tempo recto, affavel,
Liberal, cuidadoſo, e reſpeitavel.

LV.

Das ſciencias, das leys, da agricultura
Zelozo Protector, Meſtre elegante,
Elle fez ſucceder á guerra dura
Da policia civil a luz brilhante;
Elle meſmo das Muſas a doçura
Accommodou á lingoa diſſonante,
E foi Auctor da Rima Portugueza,
Que praticou com graça, e com deſtreza.

Affonſo

LVI.

Affonſo quarto, de Diniz herdeiro
Foi no Trono Real, por ſua morte,
Conhecido por bravo, e juſticeiro,
Porém de animo illuſtre, e peito forte:
Eſte, ſendo do Genro companheiro
Contra o Mouro poder, com alta ſorte,
Nas memoraveis margens do Saládo
Deixou ſeu claro nome eternizado.

LVII.

Fora ſempre feliz a ſua gloria
Na lembrança de acçaõ taõ bem lograda,
Senaõ manchaſſe as palmas da victoria
Com ſevero rigor na paz dourada;
Mas desluſtra-lhe os cultos da memoria
O triſte horror da furia envenenada,
Com que fez da belleza, e da innocencia
Eſcandaloſo objecto da violencia.

LVIII.

Era naquelle tempo eſmalte claro
Dos adornos da Corte Portugueza,
Ignez, a bella Ignez, prodigio raro
De virtudes, de prendas, e belleza,
Que ajuſtando, a peſar do fado avaro,
As graças da figura ás da viveza,
Do Succeſſor do Reyno glorioſo
Era doce priſaõ, laço goſtoſo.

Mas

LIX.

Mas o Pay, que ſevero, e recatado
Taõ ſuaves cadêas abomina,
De conſelhos perverſos incitado,
Em quem a torpe inveja ſó domina,
Por caſtigo do Filho namorado,
Tirar Ignez do Mundo determina;
E pelas meſmas maons da inveja infame
Faz, que o ſangue innocente ſe derrame.

LX.

Enganou-ſe porém no ſeu conceito
Dos Miniſtros crueis a confiança;
Pois do Principe illuſtre o claro peito
Naõ ſofre injuria tanta ſem vingança,
Antes mais irritado o duro effeito
Dos repetidos golpes da lembrança,
Sobre o Trono ſubindo, brevemente
Lhe fez ſentir a pena competente.

LXI.

Eſte foi o famoſo Pedro auguſto,
Rey naõ menos activo, do que amante;
Obſervador das leys, ſevero, e juſto;
Mas de graças naõ menos abundante;
Foi dos vicios terror, dos crimes ſuſto;
Mas da virtude amparo taõ conſtante,
Que chamava perdido aquelle dia,
Em que alguma mercê naõ diſpendia.

Deſte

LXII.

Deſte o ſer recebi, deſte a memoria
Em meus cultos ſerá ſempre applaudida;
E da luz immortal da ſua gloria
Será ſombra fiel a minha vida;
Naõ ſerá, ſe eu puder, a ſua hiſtoria
Pela minha fraqueza deſmentida;
Mas eu que digo! Sabe Deos ſe a ſorte
Me permitte imitar Varaõ taõ forte.

LXIII.

Succedeo-lhe Fernando no governo,
Principe bom, mas leve, e deſcuidado;
De preſença gentil, de peito terno,
Mas inconſtante, e mal aconſelhado;
Appetitoſo do dominio externo,
Nunca contente do ſeu proprio eſtado,
Liberal ſem medida, impetuoſo
Nas paixoens, nos projectos orgulhoſo.

LXIV.

Perdôe a natureza, ſe offendidos
Os reſpeitos de Irmaõ, culpo a Fernando;
Mas dos ſeus deſconcertos ſaõ naſcidos
Os eſtragos do Reyno miſerando;
Elles foraõ no tempo já ſentidos
Daquelle triſte Rey; porém cobrando
Novas forças o mal, por ſua morte,
Na céga confuſaõ ſe fez mais forte.

Tinha

LXV.

Tinha ſido Fernando deſpoſado
Já com duas Princezas ſem effeito,
Fruſtrando ſempre a fé do nó ſagrado
A leveza fatal do ſeu conceito;
Quando de hum torpe amor deſordenado,
Sem defenſa rendido o brando peito,
Uſurpou para Eſpoſa, indignamente,
A legitima Eſpoſa de hum parente.

LXVI.

Daqui teve principio a deſventura,
Daqui toda a deſordem foi naſcida;
Que ſempre foi penſaõ da formoſura
Ser de eſtragos fataes cauſa luzida;
Porque a nova Raynha, em quem ſe apura
O rigor da perfidia mais creſcida;
Receando do fado as contingencias,
Quiz fazer das ruinas providencias.

LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhoſos
Moſtravaõ pouco goſto em ſeus cortejos,
E que os filhos de Pedro perigoſos
Podiaõ ſer, talvez, a ſeus deſejos;
E cogitando meyos horroroſos,
Para perder qualquer, mais que ſobejos,
Pelo Infante Diniz principiando
A ruina do Irmaõ foi meditando.

LXVIII.

Merece a compaixaõ defte fucceffo
Mais diftincta attençaõ na fua hiftoria ;
E por iffo talvez no feu progreffo
Darei mais largas vélas á memoria ;
Mas naõ recêes , naõ , que algum exceffo
Desfigure tragedia taõ notoria ;
Porque as côres fómente da verdade
A faraõ laftimofa a toda a idade.

LXIX.

Tinha fido Diniz já defterrado ,
Por difputar obfequios á Raynha ;
E daquelle fucceffo horrorizado
Aprendido a teme-la o Reyno tinha :
De todos o feu culto era obfervado ,
Talvez mais , do que a todos nos convinha ;
Mas Joaõ de Diniz Irmaõ inteiro ,
Era neftes obfequios o primeiro.

LXX.

Affectava a Raynha aftutamente ,
Eftimar rendimentos taõ brilhantes ;
E no perfido vulto indignamente
Lhe moftrava os agrados mais conftantes ;
Mas tendo projectado , infamemente ,
A precifa ruina dos Infantes ,
Abufando da mefma complacencia ,
Fez fervir para eftrago a confidencia.

Era

LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belléza
De naõ menos agrado, e mais candura,
A cujas prendas, com gentil fineza,
Votava o claro Infante a fé mais pura;
E julgando com trifte fubtileza
Tirar do amor os meyos da ventura,
Lhe déra as maons de Efpofo na efperança
De alcançar da Raynha a confiança.

LXXII.

Mas aquella, que os laços mais fágrados
Da fé, da naturéza, e da amizade
Reputava fómente vaons cuidados
De huma timida, vil fimplicidade,
Abufando dos mefmos predicados,
Em que a ley da affeiçaõ funda a verdade;
Da ruina da Irmã com torpe objecto
Fez a baze cruel do feu projecto.

LXXIII.

Pois moftrando eftimar do nobre Infante
Agora mais que nunca as claras prendas,
E cobrindo do zêlo mais brilhante
As idêas do odio mais horrendas,
De pranto vil o perfido femblante
Banhado todo, em vozes eftupendas,
Lhe verte em fim hum dia nos ouvidos
O veneno cruel deftes gemidos.

LXXIV.

Ah ! quanto , Illuſtre Infante , ah ! quanto cuſta
Ser fiel na amizade ; e quem podera ,
Sem faltar ao dever da fé mais juſta ,
Disfarçar da verdade a voz ſevera :
Eu temo parecer ao Mundo injuſta ;
Mas eu ſou voſſa amiga , eu ſou ſincera ,
E naõ devo por ſuſto , ou por engano ,
Occultar-vos mais tempo hum deſengano.

LXXV.

Minha Irmã naõ conhece a honra illuſtre ,
Que de ſer voſſa Eſpoſa lhe reſulta ,
E com termo infiel , com vil desluſtre ,
Da fé ſagrada as ſantas leys inſulta ;
O Mundo falla , temo , que ſe fruſtre
Algum disfarce , com que o crime occulta ;
E naõ quero , que poſſa parecer-vos ,
Que eu concorro tambem para offender-vos.

LXXVI.

Bem ſei , que neſte aviſo , inſulto ingrata
As leys mais puras do amor fraterno ;
Mas a taõ grande exceſſo me arrebata
A triſte força de hum horror interno ;
Pois ſe a pena do crime ſe dilata ,
Se fará no rumor da fama eterno ;
E ficará das gentes na memoria ,
Manchada a voſſa honra , e a minha gloria.

Eu

LXXVII.

Eu ſinto a voſſa dôr; mas talvez ſeja
Providencia do Céo eſta deſgraça,
De cuja execuçaõ preciſa eſteja
Dependente do Reyno a ſorte eſcaça;
Pois talvez a peſar da torpe inveja,
A Portugueza gloria aſſim renaſça
Do ſeu proprio eſplendor, que amortecido
Se via quaſi á cinzas reduzido.

LXXVIII.

Vós ſabeis, que eu naõ tenho de Fernando
Mais do que huma ſó Filha, a quem deſtina
O cuidado do Rey o Regio mando,
Ño conſenſo do povo, que domina;
E que dentro da Patria naõ achando
Caſamento decente, determina
Dar-lhe hum Principe eſtranho por Eſpoſo;
Projecto a Portugal ſempre odioſo.

LXXIX.

Mas pois agora a ſorte vos faculta
Os meyos de romper o laço indigno,
Que os empenhos ſómente difficulta,
De que o voſſo valôr vos faz taõ digno;
Quebrada a vil priſaõ, que vos inſulta,
A' Princeza aſpirai; que o Rey benigno
Nada deſeja tanto, e deſte modo
Ficará ſatisfeito o Reyno todo.

LXXX.

Diſſe, e cada palavra acompanhada
De huma enchente de perolas fingidas,
Parecia por força articulada
Dos impulſos das magoas mais ſentidas;
E com tantos ſuſpiros abonada
A torpeza das culpas repetidas
Era capaz de obrar o ſeu effeito
No mais prudente, mais diſcreto peito.

LXXXI.

Ouvia o triſte Infante, entre cuidados;
A cruel relaçaõ da ſua afronta,
E naõ menos os meyos indicados
A ſubir ſobre o Throno em paz mais prompta;
Mas recordava os nobres predicados
Da chara Eſpoſa, cuja fama aponta
Tantas provas de amor, de honra, e verdade;
Que mal póde ſuppór-lhe falſidade.

LXXXII.

Da dôr, e da ambiçaõ o cégo effeito
Lhe inſpirava projectos horroroſos;
Mas naõ menos a fé no terno peito
Lhe miniſtrava impulſos generoſos;
Ora triunfa amor no ſeu conceito,
Ora a força dos eccos aleivoſos;
Mas em fim póde mais, do que a virtude,
A vingança, e ambiçaõ, que o peito illude.

Preci-

LXXXIII.

Precipitado, cégo, e ſem reparo
Parte logo a Coimbra o triſte Infante,
Onde a ſcena fatal o fado avaro
Para a tragedia armava mais tocante;
Alli da fé mais pura, e exemplo raro,
Entre applauſos do povo circunſtante
Exiſtia a belliſſima Maria,
Em virtudes mais clara cada dia.

LXXXIV.

Alli do charo Eſpoſo o nome amado,
Sem ceſſar, repetia ardentemente,
E com doces memorias o cuidado
Divertia da auſencia, honeſtamente;
Alli o tempo em obras occupado
De virtudes Reaes, de amor decente,
Os momentos, que a Deos naõ conſagrava,
Nas lembranças do Eſpoſo os empregava.

LXXXV.

Huma noite, que a força da ternura
Mais cruel lhe fazia a larga auſencia,
Ou do riſco imminente a ſombra eſcura
Lhe inſpirava preſagios de violencia,
Ferido o coraçaõ de dor mais pura,
Por occultar eſtragos da impaciencia,
Do leito a ſolidaõ buſcou mais cedo,
Para poder chorar com mais ſegredo.

Alli

LXXXVI.

Alli ſó dos ſeus males aſſiſtida ,
Dos ſeus ſuſtos , das ſuas ſaudades ,
E de occultos horrores commovida ,
Que lhe arguiaõ triſtes novidades ,
Soltando a redea toda á dor creſcida ,
Para dar-ſe da queixa ás liberdades ,
Eſtas vozes dirige magoada ,
De hum retrato do Eſpoſo á viſta amada.

LXXXVII.

He poſſivel talvez, querido Eſpoſo ,
Que te eſqueças de mim ! Tu que fazias
As delicias do tempo mais goſtoſo ,
Das doces horas ſó , que me aſſiſtias !
He poſſivel, que ſeja mais forçoſo,
No teu peito fiel , por tantos dias ,
Hum pequeno negocio , que te prende
Do que a nobre paixaõ , que em ti ſe accende.

LXXXVIII.

He poſſivel , que a força da fineza ,
Que tanto póde em mim , tanto me obriga ,
Obre em ti com taõ pouca fortaleza ,
Que arrancar-te da Côrte naõ conſiga ?
Acaſo vive em ti menos acceſa
A chama nobre da paixaõ antiga ?
Ou te parece em fim menos decente
A priſaõ , que beijavas reverente ?

Eu

LXXXIX.

Eu naõ mereço menos por ser tua,
Antes prézo taõ alta qualidade,
Que a ventura feliz me perpetúa
De gozar teu amor com liberdade;
Pois como póde ser; que em ti destrúa
O nó da fé os laços da vontade?
E se alhêa podia merecer-te,
Como por tua poderei perder-te?

XC.

Eu sou a mesma sempre, o mesmo peito;
O mesmo coraçaõ, o mesmo gosto
Acharás sempre em mim, preciso effeito
De hum dever por affecto, e fé imposto;
Pois se em mim vive eterno amor perfeito;
Como posso suppôr em ti desgosto?
Mas ah! que póde ser, que o mesmo tracto
Com excessos de amor te faça ingrato.

CXI.

Ingrato disse; e foi a vez primeira,
Que lhe deu este nome; mas o Fado
A fez por mal de todos verdadeira,
Na prompta execuçaõ do golpe irado;
Pois a penas o som da voz ligeira
Ferira brandamente o ár delgado,
Quando á porta se mostra do aposento,
Do cégo Infante o vulto turculento.

CXII.

Entre ſuſto , e prazer ſobreſaltada ,
Querido Eſpoſo , diz ; mas naõ proſegue ;
Porque logo nàs vozes atalhada ,
Se vio ás maons crueis da raiva entregue ;
De dois barbaros golpes traſpaſſada ,
Nem poder ſer ouvida em fim conſegue ,
E cahindo do leito eſmorecida ,
De hum ſuſpiro exalou a triſte vida.

CXIII.

Foi geral deſta morte o ſentimento ,
Geral o triſte horror do golpe indigno ,
Geral a indignaçaõ contra o violento
Vil proceder do Principe maligno ;
Mas aquelle , que o cégo penſamento
Occupava no credito benigno ,
Que eſperava lograr por eſta empreza ,
No ſublime Conſorcio da Princeza ,

CXIV.

Deſpreſando com barbara ouſadia
Os clamores da propria conſciencia ,
Outra vez para a Côrte os paſſos guia
A tractar deſte empenho a conſequencia ;
Mas onde em fim julgava, que acharia
Auxilio certo , encontra a reziſtencia ;
Porque a Raynha em lagrimas banhada ,
Se affectava do caſo exaſperada.

Co-

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano,
O desgraçado Infante, e perseguido
Pela mesma, que origem foi do damno;
Obrigado a fugir, se vio perdido;
Pois entrando no Reyno Castelhano,
Alli entre prisoens geme opprimido,
Com que o Rey inimigo em proprio abono
Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto, que errante, e fugitivo
Entre sustos, pagava o triste Infante
O castigo do erro vingativo,
E da céga ambiçaõ pena bastante;
A Raynha tomando por motivo
Interesses do Trono vacilante,
Com ElRey de Castella em firme laço
A Princeza ajuntou, sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
Fazer o seu poder mais respeitado,
Pela morte do Rey, de cujo affecto
Bem via ser sómente derivado;
Mas cobrindo com termo circunspecto
Os seus intentos de razoens de Estado,
Dispoz em fim a fórma deste ajuste,
De sórte, que a Naçaõ se naõ assuste.

Ajustou-

XCVIII.

Ajuſtou-ſe, que o dote da Princeza
Serîa agora o meſmo, em que já fôra
Abonada outra Infanta Portugueza,
Que tambem de Caſtella foi Senhora;
Que lograria as terras, e riqueza
Da Raynha de Heſpanha anteceſſora,
E que faltando filhos a Fernando,
Herdaſſe em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caſo, ſeparado
Eſte Reyno ſerîa, e dividido
Do dominio Heſpanhol; auctorizado
Por proprio Rey, ſó nelle obedecido;
Que eſte ſerîa o fructo ſazonado
Deſte novo Conſorcio produzido;
E que os filhos naſcidos da Princeza
Se criaſſem na Côrte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
Por ſi reger podeſſe a Luſa gente,
O governo do Reyno entaõ completo
Gozaria a Raynha livremente;
E que em falta daquella, o ſeu diſcreto
Arbitrio poderia finalmente
Nomear nacionaes Governadores,
Dos Tractados fieis executores.

Que

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes fómente verdadeiros
Seriaõ pertençoens particulares,
Com perpetua exclufaõ dos Eftrangeiros;
E que na privaçaõ deftes lugares,
Se reputaffem fempre forafteiros
Os mefmos Portuguezes, que a Caftella
Serviraõ contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, ifençoens, e liberdades,
Ou por leys, ou coftume auctorizadas;
Seriaõ fem mudança, ou novidades,
Em toda fua força confervadas,
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tiveffe dadas,
Igualmente feriaõ permanentes
Na Raynha, e Vaffallos dependentes.

CIII.

Eftes foraõ, fe bem recordo agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos juráraõ fem demora,
Sobre o Corpo de Chrifto confagrado;
Mas que foi apefar da fé, que implora,
Por Caftella taõ mal executado,
Que das fuas crueis faltas perjuras
Procedem todas noffas defventuras.

Pois

CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro
De Fernando cortou o trifte alento,
Quando a céga ambiçaõ por modo claro;
O véo rafgou do torpe fingimento;
E quebrantadas, com defprezo raro,
As leys da honra, e a fé do juramento,
Servio fó de pretexto á tyrania
O mais fagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
Confórme do Tractado a providencia,
A Raynha Viuva governando
O Reyno, com total independencia;
E dos mefmos contractos obfervando
As condiçoens tocantes á Regencia,
Efperava, que o Céo lhe concedeffe
Hum neto, a quem o Reyno obedeceffe.

CVI.

Mas o Rey de Caftella, em cujo peito
Para fua ruina, e noffos damnos,
Fazia da ambiçaõ o cégo effeito
Revolver penfamentos mais tyranos,
Accufando por falta de refpeito,
Efta jufta ifençaõ dos Lufitanos,
Com as armas na maõ, na Lufa terra
Se oftentou promptamente, em tom de guerra.

Affuf-

CVII.

Assustou justamente este projecto
Huma Naçaõ, que adora a liberdade;
E da mesma Raynha o terno affecto
Se horrorisou daquella novidade;
Acodio-se á defensa, e foi completo
O geral alvoroço em toda a idade,
Homens, mulheres, velhos, e meninos
Todos buscaõ das armas os destinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
Para guardar algumas das Fronteiras,
E com ordens precisas obrigado
A rebater as armas estrangeiras;
E assim outros tambem, a que o cuidado
Da Raynha deu mostras verdadeiras,
De querer defender a todo o custo,
O paiz natural, de hum jugo injusto.

CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura
Do patrio amor, no peito da Raynha,
Em quem vivia sempre mal segura
A firmeza da fé, que lhe convinha;
Porque logo o rigor da sórte dura,
Que a nossa divisaõ jurado tinha,
Lhe ministrou motivos de pesares
Nascidos de razoens particulares.

Del-

CX.

Delles queixoſa, com tyrano intento;
De vingar-ſe ſómente dezejoſa,
Sacrificando tudo ao ſentimento,
Se retirou da Côrte, deſgoſtoſa;
E ſeguida de hum grande ajuntamento
De parentes, e gente officioſa,
Se paſſou de Alenquer á Fortaleza;
Praça ſua, ſe bem que Portugueza.

CXI.

Allî creſcendo mais a força activa
Da dura raiva, em odio dos culpados
Na ſua indignaçaõ ſempre mais viva;
A peſar dos perdoens ſolicitados,
Confundindo na furia vingativa
Todo o reſto dos Luſos deſgraçados,
Ella meſma incitava o Genro injuſto
A tomar Portugal a todo o cuſto.

CXII.

Mas naõ fora preciſa aquella inſtancia;
Suppoſto que goſtoſa, ao Rey tyrano,
Que a peſar já da meſma repugnancia,
Entrára pela Beira, em noſſo damno:
Creſceo com tudo agora de arrogancia
Mayor ardor no peito Caſtelhano,
E paſſando da Beira á Eſtremadura,
Da Sogra a companhia em fim procura.

CXIII.

Eu entaõ, ſobre quem mais claramente
Fulminava a Raynha os ſeus enfados,
E que já do ſeu odio antigamente,
Tinha provado effeitos porfiados,
Aconſelhado de hum temor prudente
A precaver ſucceſſos mais peſados,
Deixar determinava a patria terra,
E paſſar ao ſerviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
Se ouvio algum rumor do meu intento;
Quando a parte mayor da gente boa
Se me ajuntou á porta do apozento;
E com vozes, que a dor ſómente entoa
Nos impulſos de hum vivo ſentimento,
Me pediaõ, que houveſſe de leva-los,
Ou naõ quizeſſe aſſim deſampara-los.

CXV.

Commoveo-me, confeſſo, aquelle aſpecto,
Commoveo-me a ternura deſta gente;
E ſuppoſto que firme em meu projecto,
Me ſentia abalar, internamente,
Concorria da Patria o proprio affecto
A fazer eſte empenho mais valente;
Mas a força do riſco, em que me via,
Mudar de opiniaõ já naõ ſoffria.

Deſ-

CXVI.

Defci a confola-los magoado
De naõ poder fer mais agradecido,
Nos effeitos fupprindo de hum agrado
As faltas do remedio appetecido;
Mas dos braços de todos rodeado;
A penas fui por elles recebido,
Me vi mais opprimido da ternura
Entre lagrimas, rogos, e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu rifco a contingencia;
O poder da Raynha, e Rey contrario,
A malfundada dor da minha aufencia,
Os perigos de hum cafo temerario,
De huma guerra civil a confequencia,
A inconftancia do vulgo fempre vario;
Mas a tudo fómente era repofta,
Que em mim toda a efperança eftava pofta.

CXVIII.

Crefcia o meu pefar; mas naõ podia
Convencer-fe a razaõ do fentimento;
Porque a toda a ternura refiftia
Do meu rifco o fatal conhecimento;
Porém quando mais firme parecia
Na prompta execuçaõ do meu intento,
Entaõ Goes Cavalleiro illuftre, e forte
Principia a fallar-me defta fórte.

CXIX.

Se naõ baſta , Senhor , o deſamparo
Deſte povo infeliz , que afflicto chora ,
A mover voſſo eſpirito preclaro ,
A nobre compaixaõ , que vos implora ,
Se he inutil o rogo , e ſem reparo
Deixais huma Naçaõ , que vos adora
Ao menos permitti , que o noſſo affecto
Pondere ſem paixaõ voſſo projecto.

CXX.

Supponhamos talvez , que de Inglaterra
No ſerviço fazeis grandes progreſſos ,
E que a ſórte felîz em paz , e guerra
Vos concede os mais proſperos ſuccèſſos :
Porventura eſperais naquella terra ,
Depois de mil fadigas , mil exceſſos ,
Alcançar algum premio mais formoſo ,
Do que hoje recuſais eſcrupuloſo ?

CXXI.

Quando ſereis Senhor de huma Cidade
Porquem deva Lisboa ſer trocada ?
Ou donde encontrareis mais lealdade
Do que por vós agora he deſpreſada ?
Pois ſe aqui tendes certa à dignidade ,
O poder , e grandeza deſejada ;
Porque razaõ deveis deixar agora
O que haveis de eſtimar em outra hora ?

CXXII.

E ſe a gloria ſómente he quem vos chama
A's illuſtres fadigas de Mavorte,
E de hum nome immortal a nobre fama
Vos convida a buſcar mais alta ſórte,
Onde póde da guerra a clara chama
Luzir mais glorioſa, arder mais forte,
Do que nas diſſençoens, com que hoje aſſuſta
Ao valor Portuguez a ſórte injuſta.

CXXIII.

Pois ſe a favor da patria liberdade,
Da ternura, e da fé da propria gente,
Podeis benigno, em noſſa utilidade
Oſtentar o valor taõ dignamente,
Que razaõ, que receyo, ou que impiedade
Vos ſepara de nós tyranamente?
Ah! Senhor, ſe ſaõ fortes voſſos ſuſtos,
Naõ ſaõ noſſos receyos menos juſtos.

CXXIV.

Nós todos eſtimamos noſſas vidas;
Mas eſtimamos mais a Patria amada,
Por cuja liberdade bem perdidas
Seraõ, ſe aſſim o quer a ſorte irada;
E ſe em nós taes finezas ſaõ devidas,
De vós mais alta empreza era eſperada,
Pois nós ſomos patricios ſimpleſmente,
Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

CXXV.

Nós devemos ſervir ; a vós tocava
Suſtentar os direitos deſte Eſtado ,
Que dos voſſos alentos confiava
A direcçaõ de empenho taõ honrado :
Em vós da Regia prole contemplava
Hum reſto precioſo , em quem guardado
Julgava ter o reyno , em toda a idade ,
Hum ſeguro penhor da liberdade.

CXXVI.

Nós naõ tememos os crueis effeitos
Dos Caſtelhanos feros ameaços ,
Naõ nos turba o receyo os nobres peitos,
Nem nos prende o temor os fortes braços ;
O que faz vacillar noſſos conceitos ,
O motivo dos noſſos embaraços ,
A falta he ſó de hum Principe benigno ,
Que dos noſſos reſpeitos ſeja digno.

CXXVII.

O voſſo auguſto Irmaõ , a quem devido
Eſte reyno ſeria , ſem diſputa ,
Entre indignas priſoens geme opprimido
Da tyrana ambiçaõ cautela aſtuta ,
E na falta do Principe impedido ,
Eſperava eſta gente reſoluta
Achar em vós hum Defenſor valente ,
Que amparaſſe a Naçaõ illuſtremente.

CXXVIII.

Naõ malogreis, Senhor, noſſa eſperança,
Nem recuſeis taõ nobre qualidade,
Que a peſar da ambiçaõ, e da vingança,
Vos fará immortal em toda a idade;
Fiai de nós a voſſa ſegurança,
Patrocinai a noſſa liberdade;
E nos riſcos da Patria naõ ſe creia,
Que buſcais por temor a terra alheia.

CXXIX.

Se o Principe quebrar os duros laços,
Voſſa gloria ſerá ſalvar-lhe o Trono;
Pois ſereis a peſar dos embaraços,
Da Patria Defenſor, do Rey Patrono;
E ſe o fado cruel lhe impede os paſſos,
Trabalhareis, Senhor, em noſſo abono:
E de qualquer maneira a fé devida
Achareis ſempre em nós por toda a vida.

CXXX.

Ponderai bem agora a differença
De ſervir em paiz deſconhecido,
Ou de ſervir da Patria na defenſa;
Dos voſſos nacionaes obedecido:
Lá ſerá ſempre incerta a recompenſa,
Aqui tendes o premio conſeguido
No reſpeito de todos, na ternura,
Na conſtante amizade, na fé pura.

Nós

CXXXI.

Nós todos vos amamos, nós naõ temos
Intereſſes dos voſſos ſeparados;
Pois os meſmos eſtragos, que tememos,
Saõ por voſſo reſpeito originados.
Por vós, Senhor, por voſſo amor nos vemos
A taõ duros empenhos obrigados,
Agora vêde bem ſe em taes perigos
Nos deixareis nas maons dos inimigos

CXXXII.

Naõ diſſe mais; porém o triſte aſpecto,
Os ſoluços de todos, a ternura
De algumas expreſſoens do fino affecto,
E mil outros ſignaes da fè mais pura
Fizeraõ tal mudança em meu projecto,
Que vencida a prudencia da brandura,
Lhe reſpondi por fim, que eu me rendia
A ſeus rogos, e nelles conſentia.

CXXXIII.

Convocou-ſe a Nobreza, os Magiſtrados,
O Clero, e todo o Povo da Cidade,
Porque foſſem por todos approvados
Penſamentos daquella qualidade,
E por votos geraes auctoriſados
Os projectos da noſſa liberdade,
Defenſor deſte Reyno me acclamaraõ,
E ſervir-me fieis todos juraraõ.

En-

CXXXIV.

Entre tanto a Raynha, em quem ardia
Da vingança cruel o fogo activo,
E na vinda do Genro presumia
Satisfazer o genio vingativo;
Passando a Santarem, dalli fazia
Avultar das discordias o motivo,
E com vivas instancias apressava
As armas Castelhanas, que implorava.

CXXXV.

Chegou em fim o Rey, foi recebido
Com lagrimas crueis, queixas tyranas,
E com rogos infames impellido
A's vinganças mais duras, mais insanas,
Mas aquelle, que tinha no sentido
Mais altivas emprezas, mais ufanas,
Conhecendo da Sogra a crueldade,
A converteo em propria utilidade.

CXXXVI.

Fez-lhe crer, que seria necessario
Transferir-lhe os direitos da Regencia,
Para mais livremente o povo vario
Reprimir no castigo da insolencia;
E querendo por modo extraordinario
Tirar toda a razaõ de competencia,
Apenas conseguio o seu intento,
A prendeo na clausura de hum convento.

Fez-

CXXXVII.

Fez-ſe logo ſentir por toda a parte
O ruido das armas eſtrangeiras,
E depoſto o rebuço, o duro Marte
Se deſatou nas iras mais groſſeiras:
Por todo o Portugal o Rey reparte
Soldados, armas, capitaens, bandeiras;
Mas a força maior da ſua armada
Sobre a triſte Lisboa foi mandada.

CXXXVIII.

Era grande o poder, e ſe augmentava
Das noſſas meſmas cegas competencias;
Pois parte da Naçaõ facilitava
Dos contrarios as duras inſolencias;
Entre irmaons, pays, e filhos ſe oſtentava
A diſcordia com varias apparencias,
Se hum a Patria conſtante defendia,
Outro a torpe ambiçaõ favorecia.

CXXXIX.

Huma Praça ſeguia o meu partido;
Outra as portas abria ao Rey tyrano;
Aquî era o meu nome obedecido,
Acolá ſe acclamava o Caſtelhano,
Hum lugar reſiſtia, outro opprimido
Lamentava da guerra o triſte damno;
E cada qual pedia inſtantemente
Aſſiſtencia maior de armas, e gente.

Eu

CXL.

Eu naõ podia em tantos embaraços,
A todos aſſiſtir, era forçoſo
Servir-me do valôr de alheios braços
No ſoccorro do Reyno laſtimoſo;
Prendia-me a razaõ com fortes laços
De Lisbôa no riſco pavoroſo;
E naõ era prudencia em tanto aperto,
Confiar o poder a peito incerto.

CXLI.

Só Nuno, o grande Nuno, em meu conceito
Era capaz de tanto: o ſeu cuidado,
A fé nobre, o valôr daquelle peito
Era no Reyno todo acreditado;
Deſte fiz eleiçaõ, do ſeu reſpeito
O ſoccorro fiei de todo o Eſtado,
E partidas as forças da Corôa,
Elle anima as Provincias, eu Lisbôa.

CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto
Os inimigos por diverſas vezes,
E de louros, e palmas já coberto,
Faz reſpeitar os brios Portuguezes;
Eu tenho ſuſtentado em duro aperto
Hum aſſedio cruel de quatro mezes;
E naõ creio ter tido maior damno,
Do que tem recebido o Rey tyrano.

Se

CXLIII.

Se o Ceó irado a gloria Portugueza
Efcurecer de todo determina,
Mal póde dos mortaes a fortaleza
Impedir dos feus golpes a ruina;
Mas fe noffa razaõ, noffa firmeza
Merece a protecçaõ da maõ Divina,
Naõ ferá defta vez o Lufo Trôno
Profanado dos pés de intrufo dôno.

CXLIV.

Se o charo Irmaõ os ferros aleivofos
Quebrar podér em noffo beneficio,
O Ceptro empunhará, feraõ ditofos
Os projectados fins do meu officio;
E fe á força dos fados rigorofos
Naõ confente fucceffo taõ propicio,
Defendida a Naçaõ, livre Lisbôa,
Difporáõ do governo, e da Corôa.

FIM DO CANTO IV.

A LIBERDADE
CANTO V.
ARGUMENTO.

ONTINUAVA a pratica do Defenſor com Monferro, quando foraõ interrompidos pela voz dos tambores, que tocavaõ á Alvorada da manhã. Marcha o Defenſor para a muralha; mas obſerva, que para a parte do mar ſe alvoroçaõ os Soldados, e que deſembarcava hum homem na praya: encaminha-ſe áquella parte, e ſabe, que he hum menſageiro, que lhe traz a certeza de ſer chegada a Armada do Porto. A noticia deſte ſoccorro ſe divulga no Campo Caſtelhano, e o Rey chama a Conſelho de Guerra, para rezolver ſe deve combater a Armada fóra da Barra, ou dentro do rio. Entra a Armada pela Barra, e o Defenſor arma toda a qualidade de embarcaçoens, que tem em Lisbôa, e ſe embarca com alguma gente para facilitar a paſſagem; mas o Genio infernal excîta huma tempeſtade, que desbarata

ta as embarcaçoens do Defenſor, e leva algumas da Armada do Porto ás maõs dos inimigos, e arruinaria tudo, ſe o Genio Tutellas dos Portuguezes naõ vieſſe affugentar a Furia, e ſocegar os ventos. Com eſte auxilio ſe ſalva facilmente a Armada, a excepçaõ de tres Náus, das quaes o Rey manda, que lhe levem hum dos priſioneiros de mais conta, e foi Vaſco Leitaõ. Reprehençaõ do Rey a Vaſco, e reſpoſta deſte. Indigna-ſe mais vivamente o Rey, e ſe pertende aproveitar athé dos meyos mais infames. Traiçaõ de D. Pedro de Caſtro, e máo ſucceſſo della. Novo projecto do Genio infernal, que ſe disfarça na figura de hum Engenheiro, que eſtava preſo na Cidade, e ſuppondo-ſe fugido, vai dar alguns aviſos ao Rey, e pôem a Cidade no mais rigoroſo bloquêio, a que ſe ſegue a mais cruel fome. Providencias tomadas ſobre eſte ponto, e inutilidade dellas: deſmayo do povo, deſeſperaçaõ da Tropa, e afflicçaõ do Defenſor. Chama eſte a Conſelho de Guerra, e propôem morrer com as armas na maõ em defenſa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal ſe queixa ao Deos Supremo, das inſolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Caſtelhanos, e Deos os manda ferir com peſte; pelo que ſe levanta o cerco.

A LIBERDADE

CANTO V.

I.

JA' da riſonha Aurora a luz ſerena
As cabeças dos montes prateava,
E das aves a varia cantilena
A chegada do dia annunciava,
Quando ainda o Varaõ, em fraſe amena,
A Monferro mil caſos relatava;
E cada vez Monferro mais attento
Lhe pedia mais largo documento.

Mas

II.

Mas do rouco tambor o forte brado
Fez ſuſpender a doce conferencia,
E dos riſcos preſentes o cuidado
Os chamava a mais dura diligencia:
O trabalho das armas coſtumado,
O deſvélo da nobre reſiſtencia,
Succedeo ás noticias, ás hiſtorias
Dos Luſos faſtos, das antigas glorias.

III.

Para a forte muralha encaminhava
O Defenſor illuſtre os nobres paſſos,
E com altas îdéas ſe occupava
No remedio de tantos embaraços:
Quando vio, que do mar deſembarcava
Da Gente militar quaſi nos braços
Hum Varaõ, a que o povo recebia
Com ſignaes exceſſivos de alegria.

IV.

Quem ſeja naõ conhece; porque a gente
Lhe impede a viſta no concurſo vario,
Adianta-ſe a ver, mas brevemente
Se lhe permitte o goſto neceſſario;
Porque o Varaõ rompendo diligente
O tumulto do povo extraordinario,
A ſeus pés ſe apreſenta, e deſta ſorte
Principia a fallar-lhe attento, e forte.

Eu

V.

Eu, Senhor, ſou do Porto: aquella terra,
Naõ menos, que Lisbôa, vos eſtima,
E nos caſos preſentes deſta guerra
Naõ menor ambiçaõ ſeu povo anîma;
Igual amor da patria em nós ſe encerra,
Igualmente o ſeu riſco nos laſtîma,
E da vil ſervidaõ o penſamento
Naõ nos faz menos dôr, menos tormento.

VI.

Ruy Pereira, Senhor, por ordem voſſa
Nos convidou á honra deſta empreza,
Em que unir-ſe a Naçaõ quanto mais poſſa
Deve a favor da gloria Portugueza:
Se vós ſois Defenſor, a cauſa he noſſa,
E ſervir-vos naõ he grande fineza;
Mas, ou grande, ou pequena, he ſem diſputa,
Voluntaria, ſincera, e reſoluta.

VII.

Os Navios, os bens, as proprias vidas
E quanto he noſſo, em fim tudo diſpoſto
Á ſervir-vos eſtá: de vós regidas
Noſſas forças ſeraõ com muito goſto;
Já na bôca do Tejo prevenidas
Trinta vélas eſtaõ, em cujo poſto
Voſſas ordens eſperaõ dezejoſas
De ſervir-vos fieis, e valoroſas.

E

VIII.

E Pereyra ſabendo, que eu devia
Ter a honra, Senhor, de proteſtar-vos
A fé da minha patria, e pertendia
Eſte pequeno obſequio anticipar-vos,
Confiando de mim, que eu poderia
Tambem dos ſeus projectos informar-vos;
Conſentio, que tomaſſe a liberdade
De introduzir-me occulto na Cidade.

IX.

Hontem quando da noite a ſombra eſcura
Mais denſa as apparencias occultava,
E dos varios objectos a figura
Mais facilmente a viſta equivocava,
Sacrificando a vida mal ſegura
A's inſtancias da fé, que me animava,
Atraveſſei ſem ſuſto dos perigos
Por entre as meſmas Náus dos inimigos.

X.

E fruſtrando cautelas, e cuidados
Dos contrarios, que o rio tem coberto;
Ora com largos giros ſimulados,
Ora occulto nas ſombras de mais perto,
Huns deixando na viſta equivocados,
Outros no ſom da voz mal deſcoberto,
Pude em fim, ſem ſer delles conhecido,
Tocar da praya o termo apetecido.

Mas

XI.

Mas pois a ſorte amiga me concede
Chegar aos voſſos pés, Principe auguſto,
E taõ ditoſamente emfim ſuccede
Ao perigo o prazer, a gloria ao ſuſto,
Dos negocios, que trago o peſo pede,
Que prompto vos informe; aſſim he juſto,
Que em lugar mais occulto, e ſocegado
Poſſa, Senhor, de vós ſer eſcutado.

XII.

Approva o Defenſor o ſabio intento
Do fiel menſageiro, a quem benigno
Agradece taõ nobre atrevimento,
De hum peito Portuguez projecto digno;
E por fruſtrar qualquer vil penſamento
De algum eſpia, algum traidor maligno,
O retira com ſigo para o Paço,
Onde ſós ſe entretém ſem embaraço.

XIII.

Mas em tanto no campo Caſtelhano,
Onde a fama mais livre diſcorria,
Porque o poder do Principe tyrano
A maiores diſtancias ſe eſtendia,
Já do novo ſoccorro Luſitano
A noticia patente ſe fazia,
E com todo o cuidado ſe tractava
De embaraçar-lhe os fins, que projectava.

XIV.

Que ſe deve atacar a Armada Luſa,
Antes que toque o pôrto da Cidade,
He geral parecer, que naõ recuſa
Official de alguma auctoridade;
Mas ſe ha de ſer no mar, ou quando incluſa
Já no rio ſe vir, a variedade
Faz dos votos, que em varia competencia,
Interpretaõ das armas a ſciencia.

XV.

Huns dizem, que ſerá mais vantajoſo
Pelejar no mar largo; porque ſendo
O poder Heſpanhol mais copioſo
Mais eſpaço de frente fica tendo;
E que dentro do rio embaraçoſo,
Deſte exceſſo valer-ſe naõ podendo,
Perde o corpo da Armada Caſtelhana
A vantagem, que faz á Luſitana.

XVI.

Outros dizem, que eſtando guarnecidas
As fronteiras do rio de hum dos lados
Pelas Tropas de Heſpanha, e defendidas
De outra parte com Praças, e Soldados,
Podem melhor as Náus ſer ſoccorridas
Em quaeſquer lances mal afortunados,
Combatendo no rio, e deſta ſorte
Eſte lugar abonaõ por mais forte.

Foi

XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante,
E varios Capitaens do ſeu partido,
A quem de Marte o eſpirito arrogante
Incitava a combate mais luzido;
Mas o voto ſegundo mais conſtante
Acceitaçaõ logrou, e foi ſeguido
Pelo Rey, que julgou razaõ prudente
O poder ſoccorrer a ſua gente.

XVIII.

Deraõ-ſe as ordens, apromptou-ſe a Armada,
Eſcolheo ſe o lugar mais adequado,
Para, ſe acaſo foſſe derrotada,
Ter lugar o ſoccorro meditado:
A tudo aſſiſte o Rey com deſvelada,
Com prudente attençaõ, e no cuidado
Das ſabias prevençoens, que aſſim repete,
Huma certa victoria ſe promette.

XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza
Moſtrava a prevençaõ os ſeus effeitos,
Diſpondo-ſe a favor da meſma empreza
Por ſua parte os meyos mais perfeitos;
Ajudada do eſtudo a natureza
Miniſtrava de todos nos conceitos,
Para ſalvar as vidas opprimidas,
As mais ſeguras, mais fieis medidas.

XX.

Refolveo-fe, que a Armada Lufitana
Entraffe fem demora, e que evitaffe
Quanto pollivel foffe a Caftelhana,
Por mais que efta a combate a provocaffe;
E que fendo atacada a Capitana,
Ou qualquer outra Náu, naõ perturbaffe
Efte accidente a ordem das mais vélas,
Inda mefmo no rifco de perde-las.

XXI.

Que trabalhaffe a toda a diligencia
Por confeguir do pôrto a liberdade;
Porque nelle acharia providencia
De foccorro de toda a qualidade;
E que augmentada a força na affiftencîa
Dos Navios, e gente da Cidade,
Provaffem todos juntos os perigos,
Voltando fobre as Náus dos inimigos.

XXII.

Com efte avifo parte o menfageiro
Outra vez para a Armada, e nos cuidados
Se occupa o Defenfor de dar inteiro
Cumprimento aos preparos meditados;
Elle quer fer nos rifcos o primeiro;
Elle intenta os trabalhos mais pefados,
E faz com feu exemplo toda a gente
Zelofa, firme, forte, e diligente.

Ar-

XXIII.

Armaõ-ſe as Náus, que havia, armaõ-ſe as fuſtas,
As meſmas barcas ſe diſpôem á guerra,
Fazem-ſe promptas, fracas, ou robuſtas
Quantas embarcaçoens o pôrto encerra;
Geme o Téjo debaixo das aduſtas
Maons dos duros remeiros, treme a terra
Com o peſo das armas, e ſoldados,
Que concorrem á praya alvoroçados.

XXIV.

Todos deſejaõ ter parte na gloria,
De abater os orgulhos inimigos,
E quando ſeja incerta huma victoria,
Todos querem ter parte nos perigos:
O meſmo Defenſor, bem que a notoria
Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos
O pertenda impedir, em fim ſe embarca
Deſpreſando o rigor da dura Parca.

XXV.

Mas o Genio tyrano, que domîna
As trevas do Cocîto, e que aborrece
A Luſa gente, irado determîna
Impedir-lhe o ſucceſſo, que appetece;
Sobre a face do Tejo cryſtalina
Rodeado de horrores apparece,
As agoas turba, offuſca a luz ſerena,
Commove os ares, tudo deſordena.

XXVI.

Vinha ſurgindo a Armada auxiliadora
Já no meyo do rio, e alvoroçados
Com a luz da eſperança enganadora
Se apartavaõ da praya os ſitiados;
Quando o Genio cruel, a quem devora
Hum deſejo immortal de ver fruſtrados
Tantos preparos, com impulſo horrendo
Agîta os ventos ſobre o mar tremendo.

XXVII.

Pela bôca da barra os precipîta
Sobre as miſeras Náus, em quem perverte
A ordem neceſſaria, e facilita
O combate ás contrarias; depois vérte
Toda a força das furias, que vomîta
Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte
Na ſciencia dos ventos, quanto forte
Em deſpreſar o riſco, o ferro, a morte.

XXVIII.

De balde a força dos robuſtos braços
Quer luctar contra o vento, o remo duro
Cede á força das ondas; já pedaços
He o páu, que foi maſtro; hum Palinuro
O leme naõ regêra; os fortes laços
Das cordas quebraõ; foge mal ſeguro
Cada vaſo, ſeguindo cégamente
O deſtino das agoas inclemente.

Hum

XXIX.

Hum volta ſobre a praya , outro apartado
A corrente do Tejo vai rompendo ,
Tal ſe encontra na aréa já varado ,
Tal vai de Santarém as torres vendo ;
A Náu grande , em que entaõ era embarcado
O Defenſor , ſuſter-ſe naõ podendo ,
Sobre a terra varou ; mas felizmente
Salvou-ſe o Defenſor , ſalvou-ſe a gente.

XXX.

Em tanto a Capitania a quem regîa
Ruy Pereyra , Varaõ de grande alento ,
Que por mais volumoſa , mais ſoffria
Os eſtragos crueis do fero vento ;
Deſordenado o rumo , que ſeguia
Impellida do Genio turbulento ,
Entre as Náus inimigas foi levada ,
E logo por tres dellas afferrada.

XXXI.

Naõ deſmaya Pereyra , e largo eſpaço
Com forças deſiguaes firme reſiſte ;
Mas cança de ferir o forte braço ,
Bem que o valôr conſtante naõ deſiſte ;
Cançado morre de matar : eſcaço
Foi com eſte Varaõ o fado triſte ,
Que ſe as forças no corpo iguaes lhe dera
A's do valôr , taõ cêdo naõ morrêra.

Ren-

XXXII.

Rende-ſe a Nau, e tem igual ſuceſſo
Outras duas da Armada Luſitana,
A quem da tempeſtade o raro exceſſo
Levou ás maons da gente Caſtelhana:
Continuava a Furia o ſeu progreſſo,
E ſeria a derrota mais tyrana,
Se o Genio Tutelar da Luſa terra
Naõ fizeſſe ceſſar taõ torpe guerra.

XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante
Aſſento cryſtalino, que occupava
No luminoſo Olympo, a Armada errante,
O mar turbado, o rio, que voltava
Outra vez para traz, que fulminante
A torpe Furia as Náus precipitava
Na mais triſte ruina, e que nos ventos
Inſpirava a ſeu goſto os movimentos.

XXXIV.

Com mais rapido vôo, do que o rayo
A nuvem raſga, ſobre o Tejo deſce,
E fazendo de luz alegre enſayo,
Sobre os hombros dos ventos apparece:
Quanto neſtes foi ira, he já deſmayo,
Ceſſa o furor, que as aguas intumece,
Deſapparece a Furia com preſteza,
Que a ſombra foge á luz por natureza.

Tudo

XXXV.

Tudo muda de face ; a Armada Lufa
Segue alegre o feu rumo, a dos contrarios
Já naõ oufa fegui-la, era confufa
Inda entaõ a victoria, e cafos varios
Se viaõ nas tres Náus, que a fama accufa,
Largo tempo de empenhos temerarios ;
Mas renderaõ-fe em fim, já quando a Armada
Se achava toda livre, e retirada.

XXXVI.

Manda o Rey Caftelhano, que efcolhido
Entre os prefos das Náus, algum foldado
De maior diftincçaõ foffe trazido
Logo á fua prefença, e executado
O mandato Real, foi conduzido
Para fer do Monarcha examinado,
Vafco Leitaõ, em quem a fama pinta
O valor, e nobreza mais diftincta.

XXXVII.

Eftava-lhe fazendo attentamente
O Rey varias perguntas ; quando paffa
Por accafo a Raynha, e oufadamente
Vafco de lhe fallar pertende a graça :
A feus pés chega, e logo reverente
A maõ lhe beija, que a fortuna efcaça
Naõ tem poder para fazer groffeiro
Hum bem criado, e nobre Cavalleiro.

Mas

XXXVIII.

Mas indignou-ſe o Rey deſte cortejo,
Que devêra louvar; porque imagina,
Que eſte obſequio naõ naſce do deſejo;
Mas do ſuſto ſómente da ruina:
Vós ſois, lhe diz, indigno, aquelle bêjo
He hum bêijo de Judas, que me enclina
A cortar-vos os beiços, com que ouſado
Profanais o decoro mais ſagrado.

XXXIX.

Fingís dar á Raynha os juſtos cultos,
Que lhe deveis por voſſa Soberana,
E naõ tendes vergonha dos inſultos,
Com que a voſſa cegueira a fé profana;
Seguis armado as vozes dos tumultos,
E julgais, que hum cortejo nos engana;
Hum Vaſſallo, que offende a lealdade,
Inſulta quando incenſa a Mageſtade.

XL.

Naõ he iſſo, reſponde o Varaõ forte,
O que entre nós ſe entende: a fé ſagrada
Nos liga firmemente; e ſempre a morte
Acceſa encontra em nós a chama honrada:
A Raynha devemos deſta ſorte
Reſpeitar por quem he, que a Luſa eſpada
Naõ offende as Senhoras; mas attenta
Os direitos da patria ſó ſuſtenta.

XLI.

Vós, Senhor, vos privaſtes do direito
De dominar nos Luſos, quebrantando,
Os ſolemnes Tractados, ſem reſpeito
A' voſſa meſma fé, precipitando
O tempo eſtipulado; e no conceito
De huma facil conquiſta, atropelando
Com as armas na maõ, como inimigo,
Os privilegios de hum paiz amigo.

XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós ſómente
Defendemos a propria liberdade
A voſſa pertençaó faz innocente
A noſſa natural fidelidade;
Em nós eſta conſtancia propriamente
Naõ he orgulho, he ſó neceſſidade
De defender a patria, que opprimida
Se vê de armas eſtranhas invadida.

XLIII.

Se o ſer fiel á patria, ſer conſtante
Na fé dos juramentos he delicto?
Réo ſou, Senhor, de crime taõ brilhante,
Nem deſculpar-me delle ſolicito;
Mas ſe he virtude a fé, ſe o ſer amante
Da patria naõ he culpa, e niſto imitto
Os Varoens mais illuſtres, certamente
Vós meſmo me honrareis por innocente.

Ouvia

XLIV.

Ouvia o Rey com gesto furioso
As vozes de Leitaõ ; mas naõ podia
Desmentir o caracter luminoso
Da verdade , que nellas conhecia :
A Valasco procura impetuoso ,
O que destes discursos entendia ;
Aquillo mesmo , diz o nobre velho ,
Vos temos nós exposto no Conselho.

XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes
Tem alguma desculpa : os seus Tractados ,
Como dito vos tenho muitas vezes ,
Foraõ por nós sem causa quebrantados :
Vós tendes Conselheiros mais cortezes ,
Que abonaõ esta acçaõ : esses letrados
Responderáõ , Senhor , com mais clareza
A's instancias da gente Portugueza.

XLVI.

Indignou-se o Monarcha da resposta ,
Como já do discurso se indignára ;
Porque a verdade livremente exposta ,
Offende do respeito a ley avara :
Naõ se convence já , só se desgosta
Da força da razaõ , que desprezára ;
Silencio impôem ás vozes de Valasco ,
E manda retirar o nobre Vasco.

Em

XLVII.

Em prifoens rigorofas determina,
Que prefo fique, e firmemente jura
Abater da Cidade na ruina
A foberba fatal da Naçaõ dura;
Mais apertado fitio lhe deftina,
Novas tropas convoca, a força apura
De todo o feu poder, e nas violencias
Se vale athé das mefmas indecencias.

XLVIII.

Com promeffas intenta lifongeiras
Comprar a fé de alguns dos fitiados,
Em quem do brio as chamas verdadeiras
Os fulgores moftravaõ mais cançados:
Tal julgou, a pefar de acçoens guerreiras,
A Dom Pedro de Caftro, e praticados
Os infames ajuftes da maldade,
Se pacteou a entrega da Cidade.

XLIX.

Commandava Dom Pedro por defgraça
Huma parte dos muros, e podia
Com qualquer illufaõ, com qualquer traça,
A perfidia cumprir, que promettia;
Nada os torpes intentos embaraça,
Ajuftou-fe o lugar, a hora, o dia,
Difpoferaõ-fe os meyos neceffarios,
Que nunca faltaõ meyos a falfarios.

Affen-

L.

Aſſentou-ſe, que a noite glorioſa
Do fauſtiſſimo dia, que nos cultos
Se illuſtra da Aſſumpçaõ prodigioſa,
Da que de Mãy, é Virgem goſa indultos,
Foſſe o termo perfixo á cavilloſa
Execuçaõ de intentos taõ occultos,
E que o ſitio ſeria adonde acceſa
Foſſe huma luz farol da torpe empreza.

LI.

Que munidos de eſcadas os ſoldados
Vieſſem demandar os triſtes muros
Com preciſo ſilencio, que eſcalados
Facilmente ſeriaõ; pois ſeguros
Lhos teria Dom Pedro deſarmados,
Ou poſtada nos ſitios mais eſcuros
Alguma gente ſua, que inſtruída
Eſtaria do caſo, e prevenida.

LII.

Era complice em crime taõ nefando
Joaõ Lourenço da Cunha, que já fôra
Da Raynha viuva de Fernando
Algum dia Marido, e que a traidora
Acçaõ ſentio taõ pouco, que adornando
Da meſma injuria a frente ſoffredora,
Era a peſar da ſolida nobreza,
Eſcandalo da gloria Portugueza.

Eſte

LIII.

Eſte deu a Ruy Freire algum indicio
Das traiçoens maquinadas, e ſerîa
Providencia talvez do Ceo propicio,
Para fruſtrar a infame aleivoſia:
Porque o claro Varaõ, que o torpe vicio
Da perfidia aborrece, e que devia
Ao nobre Defenſor antigo affecto,
Lhe foi logo dar parte do projecto.

LIV.

Tinha ſido por Cunha revelado
O dia, o ſitio, e ſenha da interpreſa,
E no tempo preſcripto examinado,
Se achou deſerto o muro, a luz acceſa;
Acautelou-ſe logo com cuidado
O lugar ſuſpeitoſo, e ſendo preſa
A' gente de Dom Pedro ſem ruido,
Foi o meſmo Dom Pedro ſurprendido.

LV.

Chega a gente de Heſpanha confiada
Nas traidoras promeſſas, eſperando
A' muralha encontrar deſoccupada,
Ou guarnecida de hum preſidio brando;
O ſitio buſca, e quando mal guiada
Da falſa luz o muro vai tocando,
Os Luſos ferros vê deſcer brilhantes
Sobre as triſtes cabeças vacilantes.

Huma

LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço ;
Hum diluvio de ferro furioſo
Foi da torpe perfidia o juſto preço ;
Foi o fructo do engano vergonhoſo ;
As eſcadas ſerviraõ de tropeço ,
De embaraço os petrechos ; laſtimoſo
Eſcarmento de idêas fementidas ,
Que quaſi ſempre ſaõ mal ſuccedidas.

LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente
Aquelle máo ſucceſſo , e mais irado ;
Na conquiſta ſe obſtina impaciente
De hum valor taõ activo , e porfiado ;
Mas naõ menos a raiva infauſtamente
Incita o Genio horrivel , que fruſtrado
Tinha viſto o deſvelo , com que os ventos
Convocára a favor dos ſeus intentos.

LVIII.

Mil idêas na mente revolvia
De vingança cruel , eſtragos varios ,
Varios modos de guerra diſcorria ,
Para perder os Luſos temerarios ;
Abater-lhe os alentos naõ podia ,
Que ſaõ dotes do fado extraordinarios ;
Mas por meyo de aſtucias meditava
Maquinar-lhe a ruina , que intentava.

Das

LIX.

Das cavernas funeſtas, em que habita,
Triſte esfera de anguſtias, e de horrores;
Sáhe a Furia cruel, e ſe habilita
Para ſoffrer do Sol os reſplendores;
As negras azas ferozmente agita
Por entre nuvens de infernaes vapores,
Sobre os ares ſe eleva, e de mais perto
Obſerva da Cidade o triſte aperto.

LX.

Vio os duros eſtragos; que ſoffria
O miſeravel povo; mas que ouſado,
Os rigores da morte preferia
A' vil eſcravidaõ, vio, que abraſado
De hum generoſo ardor, naõ deſiſtia
Da conſtancia primeira; e que indignado
Das meſmas vexaçoens, ſó receava
A fome, que a ſentir principiava.

LXI.

Vio quanto aquelle ſuſto era prudente
Na falta já ſenſivel de alimentos;
Pois a peſar de hum zêlo providente,
Eraõ quaſi no fim os mantimentos,
Conheçeo, que ſeria brevemente
A ruina geral, ſe os provimentos
Naõ entraſſem de fóra, e deſte aviſo,
Que ſe aproveite o Rey julga preciſo.

LXII.

De humano vulto finge as apparencias,
A voz, e o geſto imita de Artimáde,
E mentindo ſuppoſtas negligencias,
Se publica fugido da Cidade:
Era Artimáde hum velho, que as ſciencias
Cultivava com rara habilidade,
E que ſeguindo o Rey, como Engenheiro,
Fora feito dos Luſos priſioneiro.

LXIII.

Como tal foi no campo recebido,
Feſtejado por todos, e levado
A' preſença do Rey, que prevenido
Fora logo do caſo inopinado;
Delle pertende o Rey ſer inſtruido
Com clareza maior, e perguntado
Em diverſas materias, tudo explica
Com raſoens, que a prudencia juſtifica.

LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo
Do Rey feroz mais ira reſpirava,
Que maduro conſelho; e que por vivo,
Das cautelas talvez ſe deſcuidava;
Do ſeu zêlo tomando por motivo
A noticia completa, que affectava
Do eſtado da Cidade, aſtuto pede
Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

LXV.

Logo o perfido gesto accommodando
As cautelosas vozes, que medita,
Assim vai o veneno derramando
Nos ouvidos, que o Rey lhe facilita:
Vós, Senhor, bem sabeis, que o genio brando
O meu vicio naõ he, nem me habilita
Para conselhos froxos; mas a gloria
He quasi sempre o fructo da victoria.

LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente
Deve ser o valor; que de outra sorte
Naõ he virtude, he vicio, que desmente
O caracter feliz do Varaõ forte:
Desprezar pela gloria illustremente
A despeza, o trabalho, o risco, a morte,
He empenho de Heróes; mas sem proveito,
Naõ merece a braveza tal conceito.

LXVII.

Vós, Senhor, abrasado em chama pura
De bellicoso ardor, contra a Cidade
Fulminais ha seis mezes guerra dura
Com trabalhos de toda a qualidade:
Mas taõ poucas vantagens nos procura
Esta nossa porfia, que a verdade
Nos obriga a dizer, que os Portuguezes
Nada tem afroxado em tantos mezes.

LXVIII.

He grande a guarniçaõ, naõ desfalece
Na repetida furia dos aſſaltos,
Nem a morte de poucos enfraquece
A multidaõ, que borda os muros altos:
Se a Cidade algum damno aſſim padece,
Todo o damno conſiſte em ſobreſaltos,
E naõ póde render-ſe deſta ſorte
Huma Naçaõ feroz, hum povo forte.

LXIX.

Mas póde ſer, Senhor, que ſe conſiga
Aquelle meſmo fim bem facilmente,
Sem deſconto de riſco, ou de fadiga
A favor de outro meyo mais prudente;
Neſte aſſedio ſómente ſe profiga
Com preciſa exacçaõ, e brevemente
Se verá quanto mais, que a guerra dura,
He funeſta á Cidade a fome pura.

LXX.

Eu, Senhor, a peſar do triſte eſtado
De captivo, e de preſo, em que gemia,
Tenho bem fixamente calculado
O poder de hum paiz, que deſcóbria;
Sei, que he grande o preſidio, que animado
A morrer pela patria parecia;
Mas ſei tambem, que a falta de alimentos
Lhe aſſuſta fortemente os penſamentos.

Elles

LXXI.

Elles tem varias vezes conſeguido,
Com injuria das armas de Caſtella,
Provimento de fóra, introduzido
Pelo Tejo, de noite, com cautela;
Mas ſe o noſſo cuidado prevenido
Em guardar eſte paſſo ſe deſvela,
Preciſamente a fome na Cidade
Se ha de ſentir com muita brevidade.

LXXII.

Eu ſei, que jà com menos abundancia
Se reparte o preciſo mantimento,
Que o governo com cauta vigilancia
Faz diſpender do povo no ſuſtento:
Sei que apenas com grande repugnancia,
Se concede bem pouco; em que argumento
Huma falta geral, ou já preſente,
Ou que eſtá pelo menos imminente.

LXXIII.

Ella ſerá de todo inevitavel,
Se o ſoccorro, Senhor, ſe lhe embaraça;
Diligencia a meu ver taõ praticavel,
Que de poſſivel a ſer facil paſſa;
Eſte arbitrio ſe obſerve, e reſponſavel
Eu ſerei da fortuna, ou da deſgraça
Deſta empreza; porém com tal contracto,
Que ha de ſer o cuidado o mais exacto.

Diſſe

LXXIV.

Disse, e logo de todos approvado
Foi o seu parecer, logo applaudido
Pelo mesmo Monarcha interessado
Na esperança, que havia concebido;
Logo manda, que seja executado
O projecto fatal, logo escolhido
Para ser director daquella empreza
Foi o perfido auctor desta destreza.

LXXV.

Elle as guardas dispoem, elle vigia
Sobre a sua exacçaõ, elle acautela
Os passos todos, elle desconfia
De qualquer movimento, elle atropela
As diligencias todas, que podia
Intentar o presidio, e se desvela
Tanto neste cuidado, que frustrada
Lhe faz toda a esperança imaginada.

LXXVI.

Assim se vio logrado brevemente
O tyrano projecto, e na Cidade
Se fez logo sentir amargamente
Da triste fome a torpe atrocidade:
A mesma copia da cercada gente
Apressava a geral calamidade,
E foi precisa a dura providencia
De recusar de alguma a subsistencia.

Expul-

LXXVII.

Expulſou-ſe dos muros com effeito,
Alguma gente inutil, foi forçoſo
Matar as beſtas, e tirar proveito
Das ſuas carnes, fez-ſe induſtrioſo
Paõ de varias materias, em defeito
Do paõ commum, e nada fructuoſo
Pôde ſer muito tempo; porque a fome
Tudo devora em fim, tudo conſome.

LXXVIII.

Já ſem rebuço, a pálida indigencia
Se deſcobre patente; já ſe eſcuta,
A peſar dos esforços da paciencia,
O clamor da miſeria; já reputa
Impoſſivel o povo a providencia,
E do meſmo governo a mente aſtuta,
Já naõ póde occultar, por mais que faça,
Os horroroſos golpes da deſgraça.

LXXIX.

Viaõ-ſe os innocentes deſmayados,
Entre os braços das Mãys inutilmente
Inda preſos aos peitos já privados
Do ſuco natural conveniente;
Viaõ-ſe os triſtes velhos encoſtados
Nas paredes das caſas froxamente
Reſpirar, ſem mover-ſe intro pecidos
Da fraqueza, a que eſtavaõ reduzidos.

Viaõ-

LXXX.

Viaõ-ſe já proſtrados, macilentos,
E ſem forças os meſmos mais robuſtos,
A quem da morte os triſtes penſamentos
Já mais no coraçaõ cauſaraõ ſuſtos;
E ſuppoſto, que os nobres ſoffrimentos,
A peſar dos eſtragos mais injuſtos,
Os fizeſſem conſtantes, bem ſe via
Já no roſto de todos a agonia.

LXXXI.

Convoca o Defenſor os mais prezados,
Mais illuſtres varoens, de quem confia
Os ſegredos mais puros, mais guardados,
Em obſequio da fé que lhes devia;
E mandando, que todos ſocegados;
Attençaõ lhe preſtaſſem, pois queria
Ouvir depois a todos, deſta ſorte
Principia a fallar o Varaõ forte.

LXXXII.

Vós, Senhores, ſabeis o triſte aperto,
Em que todos nos vemos, a pobreza,
Em que geme a Cidade, o deſconcerto,
Em que o povo fluctúa, na incerteza
Do ſuſtento preciſo, o pouco acerto
Dos arbitrios fundados na deſtreza
De occultas diligencias, nem preciſo
Vos he neſta materia mais aviſo.

LXXXIII.

Se algum de vós, em tanta desventura
Algum meyo discorre praticavel,
Com que possa a Cidade mal segura
Por mais tempo fazer-se defensavel,
Cada qual, a favor da chama pura,
Que em nós accende o zêlo mais louvavel,
O seu voto declare, e se prosiga
Nos nobres meyos da constancia antiga.

LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já naõ resta
Esperança de algum soccorro humano,
E na luz da razaõ se manifesta
Inevitavel o presente damno,
Menos triste será, menos funesta
Nos apertos de hum risco taõ tyrano,
Huma morte por armas gloriosa,
Do que em froxa inacçaõ injuriosa.

LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente
Nos precipite em languidos desmayos,
E se faça a ruina mais patente
Da fraqueza nos ultimos ensayos,
Procurémos ao menos dignamente
Vender as vidas, e nos claros rayos
Da gloriosa chama das vinganças
Abrazemos as nossas esperanças.

Hum

LXXXVI.

Hum ſó recurſo tem os deſgraçados
Nos extremos maiores, que conſiſte
Em poder, de huma vez, deſeſperados
Arriſcar ſem reparo a vida triſte,
E ſe o rigor cruel dos duros fados,
A que poder humano naõ reſiſte,
Preciſa faz a perda da Cidade,
Perca-ſe a vida com a liberdade.

LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo
A diſputa cruel, dicte a fortuna
A ſentença fatal, perca-ſe tudo,
Ou tudo ſe reſtaure; huma opportuna
Temeridade he gloria; o nobre eſtudo
De hum arrôjo feliz foi a columna,
Com que Ceſar ſuſteve diligente
O ſeu poder jâ quaſi decadente.

LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura
Da deſeſperaçaõ; rompa-ſe o laço
De huma triſte cautela mal ſegura,
Que já agora ſó ſerve de embaraço;
Ou vencer, ou morrer com gloria pura
Seja em fim permittido ao Luſo braço;
Com as armas na maõ ſe acabe a guerra,
Ou ſe morra, ou ſe ſalve a patria terra.

Eſte

LXXXIX.

Eſte o meu parecer ; agora diga
Cada qual o que o zêlo fervoroſo
Lhe dictar a favor da gloria antiga
Do nome Portuguez ſempre famoſo ;
Que, ou na guarda dos muros ſe proſiga,
Ou ſe approve projecto mais luſtroſo,
Eu ſerei o primeiro em qualquer parte,
Que a frente inſulte do ſoberbo Marte.

XC.

Diſſe, e todo o congreſſo alvoroçado
Applaudio o ſeu voto ; e reſolvido
Foi por todos, que foſſe executado
Sem demora projecto taõ luzido ;
Mas havendo depois bem ponderado
O poder dos contrarios taõ creſcido,
Houve quem diſcorreo ſer opportuno
Dar aviſo do caſo ao grande Nuno.

XCI.

Era Nuno da gente Portugueza
Eſperança ſegunda, e guarnecia
De Alemtejo a Provincia onde a dureza
De ſeus golpes Heſpanha já temia ;
E podendo-ſe achar na dura empreza
Aſſiſtido das armas, que regia,
Na diverſaõ das forças Caſtelhanas
Faria grande amparo ás Luſitanas.

Logo

XCII.

Logo toda a Aſſemblêa acordemente
Eſte arbitrio adoptou com tanto exceſſo;
Que já delle reputa dependente
Do primeiro projecto o bom ſucceſſo;
Mas notando, que o tempo competente
A demora do aviſo em ſeu progreſſo
A Cidade arriſcava á contingencia
De faltar-lhe de todo a ſubſiſtencia;

XCIII.

Segunda vez ſe ordena, que expulſada
Foſſe logo dos muros opprimidos
Toda a gente de inutil accuſada,
Ou menos propria a riſcos taõ ſubidos;
Mas apenas das portas ſeparada
Era a triſte porçaõ dos expellidos,
Quando ſe vio gemer em duros laços
Entregue á furia de inimigos braços.

XCIV.

Naõ fez grande impreſſaõ eſte accidente
No conſtante preſidio; porque a ſorte
Dos primeiros expulſos lhe deſmente
Todo o riſco, que aſſuſta o peito forte:
Tinha ſido levada aquella gente
Entre ameaços de priſaõ, ou morte
A' preſença do Rey, mas deſpedida
Foi toda livre, toda ſoccorrida.

Igual

XCV.

Igual ſucceſſo agora ſe eſperava;
Porém naõ foi aſſim, porque Artimade,
Ou o genio feroz, que ſe occultava
No ſeu perfido vulto, a liberdade
Affectando do zêlo, que inculcava
No commettido aſſedio da Cidade,
Dos expulſos ſe entrega, e lhe deſtina
A mais infame, mais cruel ruina.

XCVI.

Manda, que foſſem todos açoutados
Defronte das muralhas, que o ſuſtento
Defendido lhe foſſe, e que levados
Junto das portas neſte abatimento,
Alli foſſem com guardas obſervados,
Athé, que a duraçaõ de hum tal tormento
Os podeſſe extinguir, ou conſeguiſſe,
Que a Cidade outra vez os conſentiſſe.

XCVII.

Naõ póde mais ſoffrer o Genio claro;
Que a guarda tem da gente Portugueza;
E prompto implora o Sacroſanto amparo
Do Soberano Auctor da Natureza:
Supremo Deos, lhe diz, principio raro
Dos entes todos, immortal grandeza,
A quem o Céo ſe proſtra, a terra adora,
Reſpeita o mar, e quem nas trevas mora.

Por

XCVIII.

Por ti, Senhor, me foi em fórte dada
A protecçaõ da Lufa Monarchia,
Por ti a firvo, por ti mefmo amada
He de mim efta gente: a vil porfia
De huma guerra cruel, e dilatada
A tem quafi perdida; mas foffria
Efte golpe o meu zêlo, porque os damnos
De huma guerra faõ fórte dos humanos.

XCXIX.

Porém, que as Furias do foberbo Inferno
Façaõ guerra tambem á Lufa gente,
He infulto, Senhor, que hum Deos Eterno
Deve vingar com braço Omnipotente:
Como póde, Senhor, o péito terno
De hum Deos benigno, recto, e providente
Confentir tal exceffo? Acafo a terra
Em fi males baftantes naõ encerra?

C.

He precifo, que os Genios infernaes
Se armem contra Lisboa? O duro effeito
Da ambiçaõ, e vingança entre os mortaes
Neceffita de auxilio? O fero peito
De hum Rey tyrano os meyos naturaes
Ignora do rigor? Hum tal conceito
Só o póde formar o Genio efcuro,
Que o campo infefta com influxo impuro.

CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia
Deſte caſo fatal: os teus projectos
Naõ ſe pódem mudar, que a Omnipotencia
Naõ varîa já mais os ſeus decretos:
Por ti firmada foi a ſubſiſtencia
Do Trono Portuguez; os indiſcretos
Empenhos, que ſe oppoem á tua mente
Devem ſer caſtigados duramente.

CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro
Com benigna attençaõ, e ſocegado
Lhe reſponde: Naõ póde o Genio eſcuro
Alterar o deſtino; he bem fruſtrado
O ſeu deſvelo, o ſeu trabalho duro
Contra as leys immortaes do claro fado;
Mas a ſua ſoberba, e falſidade
Provaráõ do caſtigo a gravidade.

CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,
Que o campo largue, e no fatal momento
Nova porçaõ de penas lhe reparte,
Com que pague taõ louco atrevimento,
E pois que as iras do cruento Marte
Adoptáraõ taõ perfido inſtrumento;
Provaráõ igualmente os Caſtelhanos
De huma tal companhia os juſtos damnos.

Iſto

CIV.

Iſto dizendo, ſem demora chama
Hum dos Genios, a quem foi dado em ſórte
O fazer mal á terra, e que derrama
Sobre os mortaes a dor, a peſte, a morte;
Vai, lhe diz, ſobre o campo; alli te inflāma
De terrivel furor, de impulſo forte
Os teus golpes diſpára ſobre as tendas,
Só do Rey a peſſoa naõ offendas.

CV.

Vôaõ ambos os Genios promptamente,
A cumprir ſeu deſtino, hum executa
Sobre a Furia a ſentença, outro inclemente
Sobre as tendas inclina a reſoluta
Peſada maõ, que os golpes triſtemente
Multiplica no campo ſem diſputa,
Sendo de golpes taes rara a ferida,
Que naõ cuſte a Caſtella alguma vida.

CVI.

Fez-ſe logo no campo formidavel
Da dura peſte o rapido progreſſo;
Pois ſem deſcanço a Parca inexoravel
Se vê cortar das vidas o proceſſo:
Nem ſómente no vulgo miſeravel
O contagio ſe obſerva, igual ſucceſſo
Tem os mais pobres, mais deſamparados;
Que os mais ſervidos, e mais bem tractados.

Já

CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara,
O nobre Sandoval, o bom Sarmento,
O Famoſo Thoar a vida clara
Tem rendido, nem póde o forte alento
De Valaſco evitar a ſórte avara,
Nem Samora Varaõ de alto talento,
A quem fez Alverneda companhia
Com Benavides, Roxas, e Mexia.

CVIII.

Já vinte vezes cem bravos ſoldados
Eraõ mortos no campo, e cada Aurora
Mais duzentos moſtrava ſeparados
Do commercio dos vivos, já devóra
O funeſto pavor os mais ouſados;
Já toda a tropa deſmayada chora
O ſeu triſte deſtino; mas no peito
Do Rey tyrano nada faz effeito.

CIX.

Conſelhos, rogos, lagrimas, gemidos,
Inutil tudo he, elle ſe obſtina
Cada vez mais, nem quer preſtar ouvidos
A's lamentaveis vozes da ruina:
Nada lhe afroxa os odios concebidos;
Porque a torpe ambiçaõ, que lhe domina
O coraçaõ, os meyos lhe embaraça
De conhecer o peſo da deſgraça.

CX.

Mas o braço potente, que opprimia
A ſoberba Heſpanhola, e naõ ceſſava
De tirar ſobre as tendas, cada dia
Os ſeus golpes fataes multiplicava;
E fazendo mais certa pontaria
Sobre a tenda Real, onde ſe achava
A formoſa Raynha, a fere attento
De hum golpe naõ mortal, porém violento.

CXI.

Eſte tiro levou a liberdade
A' famoſa Lisboa; porque o ſuſto
Póde em fim dominar a crueldade
No coraçaõ feróz do Rey injuſto:
Retirar-ſe reſolve da Cidade
No ſilencio da noite; o muro auguſto
Prova o doce ſocego, e o campo nobre
Livre, a luz matutina em fim deſcobre.

FIM DO CANTO V.

A LIBERDADE

CANTO VI.

ARGUMENTO.

EVANTADO o cerco de Lisboa, o povo alvoroçado, com a liberdade, ſahe ao campo à ver, e notar o ſitio, em que eſtiveraõ os inimigos: mas no rio ſe conſervava a Armada de Caſtella, e alli ſe ouvem tocar trombetas, que obrigaõ o Defenſor, e os Soldados a concorrer á praya, donde obſervaõ, que o ruido vem todo de hum pequeno batel, que vem paſſando pelo meyo da Armada Caſtelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viſeira do Elmo. Chega em fim á praya eſte Cavalleiro, que ſe reconhece ſer o grande Nuno Alvares Pereyra, que vai cortejar o Defenſor, e dar-lhe parte das ſuas expediçoens. Conta lhe como paſſan-

 do

do ao Alemtejo, ajuntára hum pequeno Exercito para ſoccorrer Fronteira; ſuſto dos Soldados, pratica de Nuno; victoria dos Atoleiros, e ſoccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar graças a Deos ao Templo de Aſſumar, que acha profanado pelos Caſtelhanos, que delle haviaõ feito Cavalhariça, e o faz limpar. Paſſa a Evora, livra Alvaro Gonçalves da maõ dos Caſtelhanos, e ſabendo da Armada, que ſe aparelha no Porto, parte àquella Cidade para embarcar-ſe nella; mas chegando a Coimbra, ſabe ſer já partida, e que arribára a Buarcos, onde pertende hir embarcar; mas o General da Armada o naõ eſpera. Volta para o Alemtejo, e no caminho toma hum grande comboy de Caſtella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça de Monſaras. e desbarata Caſtanheda, General Caſtelhano, e depois deſte, a outro chamado Sarmento. Marcha ſobre Palmella, e toma eſta Praça, onde recebe o aviſo do aperto da Cidade, e da reſoluçaõ do Defenſor, de atacar os Caſtelhanos no campo; mas quando ſe prepara a paſſar, recebe a noticia de ſer levantado o Cerco, e ſe mette com pouca gente em hum batel para paſſar a Lisboa de madrugada; mas amanhecendo lhe no meyo da armada Caſtelhana, manda tocar as trombetas, o que mette em confuſaõ os Caſtelhanos, e Nuno chega felizmente á praya.

A LIBERDADE

CANTO VI.

I.

ILluminava o Sol da bella Aſtrea
A celeſte morada, e das antigas
Nonas o dia aſſignalava a idêa
Da duraçaõ do mez, quando as fadigas
Da guerra dura, da miſeria feia,
Motivadas das armas inimigas,
A Cidade deixáraõ finalmente
Reſpirar ſobre a terra alegremente.

Abrem-

II.

Abrem-ſe as portas, corre alvoroçada
A gente Luſa, a ver deſempedido
O patrio campo, a terra aliviada
Do peſo duro do arrayal temido:
Qual de ver as trincheiras mais ſe agrada;
Qual das tendas o ſitio aborrecido;
E cada qual recorda em cada paſſo
Hum paſſado perigo, hum embaraço.

III.

Aqui, dizia algum, me vi hum dia
Cahido neſte foſſo, alli cercado
De Caſtelhanos, outro reſpondia,
Me vi quaſi perdido; alli deixado
Fui por morto, contente repetia
Algum já livre, e saõ, e do paſſado
Perigo na lembrança mais goſtoſa
Se faz a liberdade, que ſe goſa.

IV.

Preſiſtia, com tudo, inda o bloqueio
Pela parte do mar, porque occupava
Do cryſtalino Téjo o aureo ſeyo
A Caſtelhana Armada, em quem durava
A conſtancia primeira, ſem receyo
Dos perigos, que a terra ameaçava,
Inſiſtindo no damno da Cidade
Com inſultos de toda a qualidade.

Ouvem-

V.

Ouvem-ſe neſte tempo os eccos duros
Das trombetas ſoar naquella parte,
Alvoroſſam-ſe os Luſos mal ſeguros,
Novo riſco ſuppoem do fero Marte;
Fecham-ſe as portas, outra vez dos muros,
Pelo recinto a gente ſe reparte;
Mas para a praya vêm chegar ſómente
Hum pequeno batel com pouca gente.

VI.

Hum Varaõ Mageſtoſo ſe deſcobre
A bordo do batel, a quem parece,
Que os outros obedecem; porém cobre
De huma viſeira o roſto, e naõ conhece
Alguem quem elle ſeja: hum talhe nobre
O diſtingue ſómente, e lhe merece
As attençoens dos Luſos, que paſmados
Pela borda da praya eſtaõ poſtados.

VII.

Já chega junto á terra, he Nuno, grita
O grande Defenſor, he Nuno, he Nuno,
Nem podia ſer outro; o affecto incita
O Varaõ a moſtrar-ſe: o grande alumno
Apparece de Marte, e precipita
O corpo do batel taõ opportuno,
Que ſaltou juſtamente, onde ſe achava
O Defenſor, que os braços lhe alargava.

Bem

VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe deſtina
Do Principe benigno o claro peito ;
Porém cumprir primeiro determina
Os ſagrados devêres do reſpeito ;
Para beijar-lhe a maõ attento inclina
Sobre a terra o joelho , mas já feito
Era o laço feliz , com que a bondade
Do Defenſor lhe impede a liberdade.

IX.

Que pertendes , lhe diz internecido
O Principe modeſto ? Hum Varaõ forte
De taes palmas , e louros reveſtido
Se abate aſſim vendido deſta ſorte ?
A mim , que neſtes muros recolhido
Naõ tenho obrado acçaõ , que á Patria importe ?
Eſperavas que foſſe taõ ingrato ,
Que te ſoffreſſe taõ humilde trato.

X.

Naõ , meu Principe , naõ , torna goſtoſo
O grande Nuno , em vòs naõ ha defeito ;
Nem o póde em mim ſer o decoroſo
Empenho dos meus cultos : o reſpeito
Naõ me impede a ternura ; o fervoroſo
Ardor de vos ſervir , faz no meu peito
Diſputar-ſe com digna competencia
A fé , o amor , o zêlo , a reverencia.

Vós

XI.

Vós deveis permittir, que eu ſatisfaça
Hum taõ juſto dever: do Luſo Eſtado
Vós ſois hoje a cabeça, e na deſgraça
Em que o Reyno ſe vê deſpedaçado
Por hum ſciſma infeliz, quem ſe embaraça
Nos tributos da fé, mal declarado
Deixa o ſeu ſentimento, e naõ conſente
O meu zêlo deſar taõ indecente.

XII.

Diſſe, e quaſi a peſar do generoſo
Modeſto Defenſor, a maõ auguſta
Reverente lhe beija; logo airoſo
Se levanta da terra, e dando a juſta
Attençaõ aos amigos, vai goſtoſo
O terror diſſipar, que o povo aſſuſta;
Fazendo ver a todos, que o rebate
Incitava a prazer, naõ a combate.

XIII.

Volta depois já livre de embaraços
A' preſença do Principe, que aperta
Outra vez o Varaõ nos fortes braços,
Com ternura mayor, mais deſcoberta;
Mas depois que a ſoltar os doces laços
O claro Defenſor emfim acerta;
Informar-ſe pertende dos progreſſos
Das ſuas armas, e dos ſeus ſucceſſos.

Vós

XIV.

Vós ſabeis, lhe diz Nuno, que obrigado
De hum zêlo puro, de hum deſvelo ardente
Pela gloria da Patria, acompanhado
Mais de inſtrucçoens, e de ordens, que de gente,
Partî deſta Cidade encarregado
De animar com ſoccorro diligente
A Provincia, que fazem taõ ufana
As correntes do Téjo, e Guadiana.

XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,
Que algum dia Sertorio fez famoſa,
Allî fiz ajuntar com brevidade
Alguma gente armada, e valoroſa;
E confirmado o povo na vontade
De dar a vida pela fé glorioſa,
Marchei para Eſtremôz, onde eſperava
Alguma gente mais, que allî chamava.

XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo
Do poder inimigo já viſinho,
Tinha por toda a parte o povo cheyo
De horror, e confuſaõ; nem já caminho
Havia algum ſeguro, pois no ſeyo
Da Provincia, com torpe deſalinho,
Perturbava a perfidia petulante
Dos fieis nacionaes a fé conſtante.

Allî

XVII.

Allî tive noticia, que do Crato
Catraleucas Cidade de algum dia,
Praça agora de Hefpanha, por contracto
Contra a fé, que á Naçaõ guardar devia;
Se avançava com bellico apparato
Muita gente inimiga, que entendia
Empregar-fe no cerco de Fronteira
Villa noffa fiel, e verdadeira.

XVIII.

Affentei de impedir-lhe aquella empreza,
Bem que falto de forças competentes;
Mas o zêlo da gloria Portugueza
Me infpirava projectos taõ valentes:
Chamei a minha gente, e com pureza
Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes
As razoens defte empenho, e dos motivos,
Que deviaõ fazer-nos mais activos.

XIX.

Reprefentei-lhe as vidas, as fazendas
Expoftas ao furor dos inimigos,
As confortes, os filhos, as vivendas,
A ruina do ferro, e dos caftigos,
A patria liberdade, entre as horrendas
Sombras da efcravidaõ, os bons amigos
De contrarios cercados; porém nada
Pôde animar a Trópa defmayada.

Hum

XX.

Hum ſilencio ſombrio, hum pavôr triſte
Todo o Campo occupava, e ſem effeito
Me canſava em move-lo: elle preſiſte
Largo tempo calado, e emfim desfeito
Da vergonha o reparo, em que conſiſte
Toda aquella inacçaõ, o ſeu conceito
Cada qual deixa ver, e claramente
Se eſcuſa de ſeguir-me a mais da gente.

XXI.

Eu notando, que o amor, que o zêlo puro
Da patria liberdade naõ baſtava,
Que era inutil o rogo, e mal ſeguro
O reſpeito; que o ſuſto atropellava
Os deveres mais ſantos, que era duro
Forçár tantas vontades; mas que eu dava
Hum terrivel exemplo, ſe cedia
Do primeiro projecto, que emprendia;

XXII.

Vendo, acaſo, hum regáto, que bem perto
De nós guiava a placida corrente,
E traçava em redor do Campo aberto,
Huma linha de prata tranſparente,
Cortando do diſcurſo o fio incerto,
Paſſei ao lado oppoſto, e tendo em frente
A deſmayada Trópa, deſta ſorte
Lhe fallei reſoluto ao ferro, e á morte.

Eu

XXIII.

Eu naõ pertendo ſer acompanhado
Por coraçoens forçados, eſta empreza
He ſó digna de quem vive inflamado
De hum nobre ardôr de gloria Portugueza:
Quem naõ ſente eſte impulſo, ou penetrado
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza
Naõ perturbe dos mais; póde auſentar-ſe,
Vá bem longe de nós acautelar-ſe.

XXIV.

Mas ſe alguns Portuguezes verdadeiros,
Que eu ſei, aqui os ha, querem ter parte
Na gloria deſta acçaõ, e companheiros
Querem ſer no valôr, que o claro Marte
Me inſpira neſte inſtante, dos primeiros
Se affaſtem logo, cada qual ſe aparte;
Paſſe o regato, quem ſeguir-me intenta,
Fique, quem de ficar mais ſe contenta.

XXV.

Maravilhoſo effeito da vergonha!
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,
Póde ás vezes nos homens! ſem que eu ponha
Mais diligencia alguma por movê-lo,
O Campo paſſa inteiro; que eu diſponha
Quer já do ſeu deſtino, e com deſvelo,
Cada qual ſe adianta a perſuadir-me
Do dezejo, que inculca de ſeguir-me.

XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores
Por taõ briofa acçaõ ; mas brevemente
Querendo aproveitar os feus ardores,
Fiz pôr o Campo em marcha diligente:
Já foavaõ trombetas, e tambores
Na eftrada de Fronteira, já contente
A gente parecia, e defejofa
De aventurar a forte duvidofa.

XXVII.

Quando ao longe fe moftra hum Cavalleiro;
Que a toda a rédea para nós corria,
E na preffa, e no traje hum menfageiro,
Ou Correio de Campo parecia;
Chegou em fim a nós, e verdadeiro
Poftilhaõ diffe fer, e que trazia
Para mim hum recado; eu me adianto;
Mas o vê-lo me faz horror, e efpanto.

XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado,
Com que vergonha, com que raiva o digo!
De meu Irmaõ, que cégo, e mal guiado
Vinha mandando as armas do inimigo:
Por ordem fua vinha encarregado
De encarecer-me a força do perigo,
A que expôr-me queria, e fe podeffe
De tentar-me por parte do intereffe.

Naõ

XXIX.

Naõ acabei de ouvir huma Embaixada
Taõ infame, taõ vil, taõ indecente,
Que igualmente offendia a fé sagrada,
Que insultava o valôr do peito ardente;
Cortei-lhe o fio, e mal dissimulada
A colera, na voz impaciente,
O Mensageiro envío da proposta
Com esta breve, e solida resposta.

XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu naõ pertendo
Seguir seus pareceres, nem preciso
Das suas compaixoens; que desattendo
O seu torpe conselho, e seu aviso;
Que cuide mais em si, porque eu entendo
Fazer-lhe ver bem cedo o prejuiso
Da sua opiniaõ; e vós agora
Correi, porque eu vos sigo sem demora.

XXXI.

Assim o fiz; mas sendo o meu recado
Dos contrarios no Campo recebido,
Pelos Chéfes das Trópas ponderado,
E com votos diversos discutido,
Bem que fosse de muitos reputado
Hum ameaço vaõ, mal entendido,
Assentou-se por fim, que eu poderia
Sustentar a promessa, que fazia.

E

XXXII.

E julgando preciſo anticipar-ſe
A ganhar hum terreno, onde mais certa
A vantagem podeſſe aſſegurar-ſe
Do numero mayor, que deſcoberta
No ſeu partido eſtava, e dilatar-ſe
Em Campina mais raſa, mais aberta
Abandonando o ſitio, que formavaõ,
Contra nós igualmente ſe avançavaõ.

XXXIII.

Duas milhas, ou menos de diſtancia
De Fronteira ſe achava a minha gente,
E com moſtras de zêlo, e de conſtancia
Mais ouſada marchava, mais contente,
Quando a bellica rouca conſonancia
Das trombetas contrarias ſe preſſente,
Acompanhada do tumulto vago,
Com que Marte annuncia o féro eſtrago.

XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens neceſſarias
Para a proxima acçaõ, e furioſa
Se ſeguio promptamente; porque as varias
Soberbas gentes, que na portentoſa
Multidaõ confiadas, as contrarias
Bandeiras vem ſeguindo, a valoroſa
Condiçaõ de taõ poucos naõ temendo,
Sobre nós ſem demora vem correndo.

No

XXXV.

No Campo, que ſe diz dos Atoleiros
Se trava em fim a bellica diſputa,
Gonçalves de Sevilha entre os primeiros
Mil eſtragos nos noſſos executa;
Eu o vî, de tres golpes, tres guerreiros
Derribar com acçaõ taõ reſoluta,
Que me pôde fazer a maõ peſada
Se naõ invéja, emulaçaõ honrada.

XXXVI.

Puz-me diante delle ouſadamente
A pé, como me achava, e logo a lança
Contra mim fulminando impaciente
Atropellar-me intenta ſem tardança;
Mas, bem que foi o golpe taõ valente,
Que a ferir-me no peito o ferro alcança,
A reſpoſta foi tal, que lança, e braço
lhe foi cahir dallî naõ curto eſpaço.

XXXVII.

Alvoroçou-ſe toda a gente Luſa
Com a viſta do golpe venturoſo,
Já naõ teme a vantagem, nem recuſa
Qualquer lance por forte, ou perigoſo;
Qual buſca o mayor riſco entre a confuſa
Competencia dos golpes, qual raivoſo
Pelos ferros ſe mete, e finalmente
Cada qual vence, ou morre illuſtremente.

XXXVIII.

Mas naõ menos nos peitos dos contrarios
Ardem chamas vorazes de vingança,
Obrando cada qual excessos varios;
Produzidos da raiva, e da esperança;
A vantagem lhe inspira os ordinarios
Esforços naturaes da confiança;
E desprezando as nossas ousadias,
Opprimi-las esperaõ nas porfias.

XXXIX.

Indecisa a Victoria largo espaço
Hum, e outro partido attenta olhava,
Já benigna ao valôr do Luso braço,
Já propicia ao poder, que respeitava;
Quando vendo durar este embaraço,
O Gram Mestre gentil de Calatrava,
Com impulso feroz, e destemido
A quiz fazer entrar no seu partido.

LX.

Qual o bravo Leaõ, que encarniçado
O rebanho das rezes vai rompendo,
Deixando allî hum touro esquartejado,
Outro acolá nas guarras desfazendo,
Confunde, assusta, precipita o gado
No pavor mais funesto, mais horrendo,
E mais inda que o damno, faz sensivel
A desordem mais triste, mais terrivel.

Tal

XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido
Pelos noſſos Soldados vai entrando
Hum deixando de hum golpe mal ferido,
Outro de hum duro encontro atropellando;
Revolve tudo, tudo confundido
Precipita no horror, que vai cauſando;
E cobrindo de horror a Trópa triſte;
Tudo lhe foge, nada lhe reſiſte.

XLII.

De ſangue, e pó coberto, inſaciavel
De feridas, e mortes, cobiçoſo
De vingança, e de gloria, impenetravel.
A golpes ordinarios, ſó goſtoſo
De encontrar reſiſtencia mais notavel;
O Campo corre todo, e furioſo
Por toda a parte a plebe atropellando,
Os Capitaens mais fortes vai buſcando.

XLIII.

Encontrou-ſe comigo, o foi no acerto
Mais ditoſa, que a ſua, a minha ſorte,
Que eu hum golpe tirei ſó deſte aperto,
Elle tirou naõ menos do que a morte:
Seguio-ſe a ella triſte déſconcerto
Nos inimigos todos, que taõ forte
He hum golpe tal vez, ſe acaſo tópa
A cabeça do Chefe de huma Trópa.

XLIV.

Havia mais alguns nas Caſtelhanas
De notorio valôr, mas neſte dia
Naõ podéraõ das armas Luſitanas
Embaraçar a nobre valentia;
Empenhada a fortuna, as mais ufanas,
Mais patentes vantagens nos confia;
Tudo céde, declara-ſe a victoria,
Dando novos troféos á Luſa gloria.

XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade
Da Praça de Fronteira, e mais formoſo
A conquiſta de Arronches, e a humildade
De Alegréte, que rende obſequioſo
As portas, ſem diſputa, e na lealdade
Se confirma do zêlo generoſo,
Que o nacional affecto lhe dictava,
E que a força violenta embaraçava.

XLVI.

Chegava o dia grande, o fauſto dia
Ao mais alto Myſterio conſagrado,
Em que o Filho de Deos, e de Maria,
Querendo ſer por nós ſacrificado,
O proprio Corpo, e Sangue convertia
Em ſuave manjar ſantificado,
Para alentar os coraçoens mais puros
Pela ſerie dos ſeculos futuros.

XLVII.

E Defpertando taõ feliz memoria
O Catholico zêlo em noffos peitos,
Conhecendo bem claro, que a victoria
Fôra favor do Ceo, que os feus effeitos
Eraõ do mefmo Ceo graça notoria;
Para render-lhe os mais fieis refpeitos,
Bufcando da piedade o norte jufto,
Marchámos de Affumar ao Templo augufto.

XLVIII.

Mas qual horror á vifta nos prepara
Aquelle lugar fanto, confagrado
A' Raynha dos Ceos, á Mãy preclara
Do mefmo Deos! O Templo profanado
Achamos dos cavallos: Quem penfára
Hum taõ barbaro exceffo! allî formado
Tinha fido o quartel daquelles brutos,
Pelos noffos contrarios diffolutos.

XLIX.

De immundicias coberto o pavimento
Eftava ainda todo: Enternecidos
O varremos; porém com penfamento
De expiar algum dia enfurecidos
Com o fangue dos réos, taõ torpe intento;
E limpo em fim o Templo, entre gemidos,
Allî rendemos reverentemente
Noffas graças ao Deos Omnipotente.

Voltei

L.

Voltei logo a Eſtremôz, e deſta Praça
A' famoſa Cidade de Sertorio,
Onde o nobre motivo da deſgraça
Do bom fiel Gonçalves foi notorio,
Livra-lo projectei por força, ou traça,
Da priſaõ vil; mas era peremptorio
O termo do remedio; porque della
O queriaõ paſſar para Caſtella.

LI.

Mandei alguns Soldados eſcolhidos,
Com ordem de eſpiar o dia, e hora
Da mudança do preſo, que eſcondidos
Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra
Já de Villa Viçoſa, e prevenîdos
Para todo o ſucceſſo, ſem demóra
Podeſſem ſurprender os eſperados
Conductores do preſo deſcuidados.

LII.

E taõ ditoſa foi, tam bem lograda
A penſada interpreza, que ſuppoſto
Huma eſcolta bem grande, e bem armada
Foſſe em guarda do preſo; apenas poſto
Foi no ſitio preciſo da emboſcada,
Quando os noſſos moſtrando o fero roſto,
Das maons lho tiraõ, tudo desbarataõ,
Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

LIII.

Em tanto tive aviſo dos preparos,
Que no Porto fazia o zêlo nobre
Daquelle povo, e dos Varoens preclaros;
Em què a fé nacional mais ſe deſcobre,
Soube como applicando esforços raros,
A que ajuda com goſto o rico, e o pobre;
Huma Armada formavaõ deſtinada
Ao ſoccorro da Côrte bloqueada.

LIV.

E deſejando ter alguma parte
Na honra, e luſtre deſta nobre empreza;
A que incîta igualmente o ardor de Marte;
E o deſvelo da gloria Portugueza;
Só com duzentas lanças, que reparte
O meu empenho a penas da pobreza
De hum taõ pequeno Campo, fui marchando
As correntes do Douro procurando.

LV.

Mas a penas pizava as gracioſas
Celebradas ribeiras do Mondego,
Avançando com marchas trabalhoſas
Toda aquella diſtancia ſem ſocego,
A penas entre idéas glorioſas
Da riſonha Coimbra á viſta chego;
Quando certa noticia me foi dada
De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

LVI.

Sentî muito, confeſſo, ver fruſtrados
Tantos deſvelos, tantas diligencias;
Porque entendi, que foraõ deſpreſados
Pela ambiçaõ de algumas precedencias;
Mas como os meus projectos regulados
Eraõ do zêlo, naõ de competencias,
Occultando no peito o meu deſgoſto,
Para voltar eſtava já diſpoſto.

LVII.

Quando tive noticia, que obrigada
De precizaõ de varios provimentos,
De Buarcos nas prayas ancorada
Se achava entaõ a Armada; e penſamentos
Renovando da empreza deſejada,
Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,
Prevenindo com prompto menſageiro
Qualquer ſucceſſo menos liſonjeiro.

LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido
Todo o deſvelo do meu zêlo ardente
Servindo aquelle aviſo recebido
De apreſſar a partida taõ ſómente;
Soltou vélas á Armada, e foi ſabido,
Que de mim ſe apartava: eu juſtamente
Satisfaçaõ pedira; mas naõ peço,
Quero ſô ponderar eſte ſucceſſo.

O

LIX.

O General em Chéfe desta Armada
Era o Conde de Neiva, e de Faria;
Em quem fora por mim renunciada
Grande parte dos bens, que possuîa:
Vós sabeis, que esta acçaõ foi só fundada
Nà estimaçaõ da sua companhia;
Elle, por evitar a mínha, agora
Duas vezes se ausenta, sem demora.

LX.

Voltei para Alemtejo, e no caminho
Soube junto a Punhete com cautela,
Que devia passar allî visinho
Hum comboy importante de Castella;
Que constava de gado, paõ, e vinho,
De dinheiro, de roupas, e baxella,
E que a gente de guerra, que trazia,
Pouca mais do que a minha ser podia.

LXI.

Imaginei, que o Ceo compadecido
Destinava com esta providencia
Supprir a grande falta, que soffrido
Tinha da minha gente a paciencia;
Porque havendo de todo consumido
Os previmentos, posta na indigencia
Mais manifesta, a penas se animava
Da constancia fiel, que professava.

De

LXII.

De forte, que a noticia defte aperto
Deu motivo em Thomar, a que quizeffe
Algaduxe, hum Hebreo, tractante efperto,
Tentar a noffa fé com intereffe;
E fuppofto que teve pouco acerto
Naquella fugeftaõ, bem fe conhece,
Que lhe deu occafiaõ para a oufadia
A miferia fatal, em que nos via.

LXIII.

Querendo pois fupprir de alguma forte
Aquella trifte falta, e cubiçofo
Da gloria de vingar com braço forte
Tanto roubo cruel, e laftimofo,
Dando á minha jornada hum breve córte,
O retiro bufquei de hum valle umbrofo,
Onde o corpo do monte mais vifinho
Me efcufava fer vifto do caminho.

LXIV.

E pondo fobre o cume defte outeiro
Algumas fentinellas prevenidas
Para darem avifo verdadeiro
Da chegada das gentes pertendidas;
Nas agradaveis margens de hum ribeiro
Defcançámos hum pouco das crefcidas
Fadigas da viagem, com vontade
De alimentar a fraca humanidade.

Mas

LXV.

Mas a penas as mefas preparadas
Com pobres iguarias, nos incitaõ
A refazer as forças quebrantadas,
Que os trabalhos continuos debilitaõ;
Quando algumas das guardas avançadas
Com inftante fervor nos folicitaõ,
Que paffemos o monte; porque a gente
Inimiga fe vê já claramente.

LXVI.

Naõ houve quem tiveffe mais vontade
De comer, ou beber; cada qual corre
A's armas com a furia, e brevidade,
Que precifa no cafo fe difcorre;
Montamos fem demora a extremidade
Da vifinha Colina, donde morre
A vifta do Horizonte, e já bem perto
Todo o Comboy fe moftra defcoberto.

LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente
O filencio por todos obfervado,
Mandei dar as trombetas vivamente
O fignal de inveftir taõ defejado;
E dando prompta, mas compoftamente
Sobre a Trópa, que a paffo defcuidado
Pela eftrada marchava, a penas ver-fe
Póde em fórma capaz de defender-fe.

Moftrou

LXVIII.

Moſtrou com tudo alguma reſiſtencia;
Bem que pôde durar pequeno eſpaço;
Naõ lhe baſtando toda a diligencia
A deter o furor do Luſo braço;
Ficou-nos o Comboy por conſequencia;
E Caſtella tirou deſte embaraço
A perda delle, e os damnos effectivos
De mais de oitenta mortos, e captivos.

LXIX.

Chegado em fim ás terras Tranſtaganas;
Allî tive noticia, que o Caſtello
De Monſarás ás armas Caſtelhanas
Tributára infiel o ſeu deſvelo;
E vendo, que as fronteiras Luſitanas,
Além do riſco de hum taõ máo modelo;
Podiaõ receber daquella parte
Inſultos graves nas queſtoens de Marte.

LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte
O dominio perdido; mas tractavel
Naõ era aquella empreza ao duro córte
Do valor, ou da força mais notavel;
O ſitio do Caſtello he de tal ſorte
Inacceſſivel, duro, e inexpugnavel,
Que ſeria perder o tempo, e gente,
Fazer-lhe a guerra deſcobertamente.

Pro-

LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça;
O que á força das armas naõ podia;
Que a destreza o valôr naõ embaraça,
Nem a subtil astucia he cobardia;
E sabendo, que entaõ a sorte escaça
O Castello de carnes mal provia;
Huma noite lhe fiz lançar defronte
Algumas vacas no visinho monte.

LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados
Com cautela, segredo, e diligencia
A ganhar os rochedos, que chegados
O Forte tem do monte na eminencia;
Lhe dei ordem, que nelles alojados
Esperassem da sórte a providencia,
E que vendo patente alguma entrada
A ganhassem com furia accelerada:

LXXIII.

Que eu em tantó de sitio competente
Acudiria prompto, e vigilante,
Com soccorro mayor de armas, e gente,
A segurar-lhe o passo vacilante;
E sendo tudo obrado promptamente
Com zêlo puro, com valor constante,
Foi tambem succedida esta interpreza,
Que foi recuperada a Fortaleza.

LXXIV.

Tive logo noticia, que chegára
A Badajóz com grande companhia
Castanheda Varaõ de fama clara,
Que encontrar se comigo pertendia;
E quando o meu cuidado se prepara
A cumprir-lhe o desejo, que trazia,
Por hum trombeta manda insinuar-me,
Que no dia seguinte vem buscar-me.

LXXV.

Respondi-lhe, que eu tinha prevenido
Escusar-lhe o trabalho da jornada,
Que junto a Badajóz fosse servido
Receber a visita insinuada;
E com esta resposta despedido
O trombeta; naquella madrugada
Sahi de Elvas com toda a minha gente
A cumprir a palavra promptamente.

LXXVI.

Naõ madrugáraõ tanto os Castelhanos,
Porque o recado naõ acreditavam;
Fundados na vangloria, e nos enganos,
Que as vantagens das forças lhe inspiravaõ;
Mas recebendo agora os desenganos
Pela voz das trombetas, que escutavaõ,
Pelas portas sahindo da Cidade,
Se vêm mostrando em grande quantidade.

Fo-

LXXVII.

Foraõ logo cumpridos cabalmente
De huns, e outros os votos fervorofos,
Caftelhanos, e Lufos igualmente
De provar-fe parecem cubiçofos:
Eu bufquei Caftanheda attentamente
Entre os feus Capitaens mais valorofos;
Mas naõ pôde lograr o meu cuidado
Aquelle encontro de ambos defejado.

LXXVIII.

Accendeo-fe nos peitos arrogantes
De hum, e outro partido a chama activa
Da raiva Marcial, que os fulminantes
Pefados golpes mutuamente aviva;
Qual fe ajuda das forças importantes,
Qual da deftreza, que o valor cultiva,
Qual fere venturofo, qual ferido
Vingar procura o golpe recebido.

LXXIX.

Mas durou efte ardor pequeno efpaço
Nos Caftelhanos peitos, que cedendo
Pouco, e pouco ao valor do Lufo braço,
Para os muros fe foraõ recolhendo;
Nós os fomos feguindo, em quanto o paffo
Achou livre o valor, athé que fendo
Encerrados de todo na muralha,
Para o campo voltámos da batalha.

Nef-

LXXX.

Neſte campo poſtados novamente,
Eſtivemos de fronte da Cidade
Largo tempo, por ver ſe aquella gente
Tentaria da ſórte a variedade;
Mas conhecendo em fim bem claramente;
Que naõ tinhaõ da offerta já vontade;
Nos recolhemos, conduzindo ufanos
Por troféo vinte preſos Caſtelhanos.

LXXXI.

Igual ſoberba, e menos valentia
Encontrei em Sarmento, outro famoſo
Capitaõ de Caſtella, que regia
Hum corpo de Heſpanhoes mais numeroſo;
Eſte, e outros, que em ſua companhia
Se ajuntáraõ no Crato, onde raivoſo
Caſtanheda chegou do máo ſucceſſo,
Da vingança ſe empenhaõ no progreſſo.

LXXXII.

E confiados orgulhoſamente
Na vantagem das forças, que mandavaõ;
Julgando intimidar-me indignamente
Com ameaços vaons, que publicavaõ;
Me dirige Sarmento huma inſolente
Indecoroſa carta, em que ſe achavaõ
Mais injurias, que letras, e a confiá,
De hum Soldado, por quem me deſafia.

Hu-

LXXXIII.

Huma efpada por gage da batalha,
Pelo mefmo me envia, e me convida,
A que pouco diftante da muralha,
A vifita lhe acceite offerecida;
Accrefcentando mais, que elle trabalha
Por faze-la taõ breve, que duvîda
Receber já refpofta do recado,
Se naõ dentro no campo infinuado.

LXXXIV.

Naõ fiz cafo da carta, que naõ tinha
Por efcripto refpofta congruente,
Efperando de dar-lhe, na vifinha
Occafiaõ do combate, a competente;
Refpondi-lhe fómente, que eu convinha
Na propofta vifita, e que patente
Lhe faria no campo, cára a cára,
Quanto daquella carta me obrigára.

LXXXV.

E com efta refpofta defpedido
O portador da carta, fatisfeito
Igualmente do termo comedido,
Que do firme valor do Lufo peito;
Paffei ordem, que tudo prevenido
A qualquer invafaõ, qualquer effeito,
Ou da força, ou da aftucia, a toda a hora
Nos podeffe encontrar dos muros fóra.

LXXXVI.

Com effeito partido o menſageiro ,
Chegou logo noticia , que marchando
Deſde Arrayólos , com furor guerreiro
Vinha Sarmento o campo devaſtando ;
E fazendo-ſe á viſta verdadeiro
Brevemente eſte aviſo , fui poſtando
A minha gente fóra da muralha ,
Diſpoſta toda em fórma de batalha.

LXXXVII.

Mas foi eſte proſpecto ſó baſtante
A ſuſpender taõ fortes ameaços ;
Sarmento taõ feróz , taõ arrogante
Naõ ſe atreve a provar os Luſos braços :
Confuſo pára , e logo vacilante
Eſperando da noite os embaraços ,
Della ſe vale para a retirada ,
Sem chegar a tirar no campo a eſpada.

LXXXVIII.

Deſcarregou com tudo os ſeus furores
Sobre os pobres paizanos deſarmados ,
Commettendo mil roubos , mil horrores
Pelos povos , que achou deſamparados ;
Sobre os gados , e bens dos lavradores
Foraõ todos ſeus golpes fulminados ,
E com eſtas façanhas ſatisfeito ,
Para a Praça de Almada foi direito.

Era

LXXXIX.

Era Governador daquella Praça,
E nella tinha a sua residencia,
Depois que pôde em fim a sórte escaça
Aparta-la da Lusa obediencia,
E nella agora á custa da desgraça
Dos paizanos, com torpe providencia
Se encerrou carregado de despojo,
Que podera causar vergonha, e nojo.

XC.

Foi-me logo presente o grave damno,
Que a Provincia soffrera deste insulto;
Mas já quando se achava o Castelhano
Nos fortes muros torpemente occulto,
Com tudo fez o estrago deshumano
Na minha indignaçaõ taõ grande vulto,
Que a pesar do trabalho, e do perigo,
Assentei de lhe dar algum castigo.

XCI.

E sabendo, que a Praça de Palméla
Sinco legoas distante só de Almada,
Que o partido seguia de Castella,
Mais por força, que affecto regulada;
Com menos attençaõ, menos cautela,
Da guarniçaõ se achava mal tractada,
Com ajuda de alguns dos habitantes
A quiz livrar dos ferros dominantes.

XCII.

E ſendo taõ feliz eſta interpreza,
Que chegar, e vencer naõ teve meyo;
Sendo viſta a bandeira Portugueza
No caſtello, primeiro que o receyo,
Outro golpe tentei, outra ſurpreza
Fulminar ſobre Almada, em cujo ſeyo
Deſejava vingar os féros damnos,
Que Sarmento cauſou nos Tranſtaganos.

XCIII.

Com effeito marchando occultamente
Entre as ſombras da noite, acompanhado
De huma boa porçaõ da minha gente
Com diverſos pretextos disfarçado,
Abandonada a eſtrada competente,
Por naõ ſer dos contrarios obſervado,
Com varias contramarchas encoberto
Appareci em fim de Almada perto.

XCIV.

Porém já neſte tempo o Sol brilhante
Pelas portas do Oriente apparecia,
E nos muros, e campo circunſtante,
Qualquer objecto a viſta diſtinguia;
E ſendo condiçaõ taõ importante
Para lograr o fim, que pertendia
O ſegredo da marcha cautelloſa,
Logo julguei a ſórte duvidoſa.

Mas

XCV.

Mas por naõ ver fruſtrado inteiramente
Todo o trabalho deſta diligencia,
E naõ voltar o roſto indignamente
A' face do perigo, e reſiſtencia;
Em quanto a guarniçaõ confuſamente
Do Caſtello diſpoem a providencia,
A's entradas da Villa me adianto,
Onde mais fluctuava o horror, o eſpanto.

XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes,
O ruido das armas, e Soldados
Taõ confuſos, que os ecos penetrantes
Os ouvidos deixavaõ atroados;
Mas a peſar dos gritos diſſonantes,
A peſar de mil golpes alternados,
O valor Portuguez abrio entrada
Pelas ruas da Villa perturbada.

XCVII.

Acudiaõ com tudo os Caſtelhanos
A cada paſſo com mayor deſvelo;
Mas a furia dos golpes Luſitanos
Mais reparo naõ tinha, que o Caſtello;
Nelle em fim ſe recolhem, nelle os damnos
Preſenceiaõ da Villa, que o mais bello,
Mais luſtroſo deſpojo nos guardava
Nos cavallos, e armas, que encerrava.

Alli

XCVIII.

Alli vi Caftanheda ; mas agora
De encontrar-me naõ tanto cubiçofo ;
Pois apenas me avifta, fem demora
Se retira com paffo indecorofo ;
Igual temor a muitos mais devóra ,
Cujo nome no Mundo era famofo ;
Só Sarmento naõ vi, dizem que eftava
Entaõ no campo , aonde ElRey fe achava.

CXIX.

Outra vez a Palméla recolhido ,
Alli me deu hum voffo menfageiro
Huma carta , na qual fendo fervido
De fazer-me faber o verdadeiro
Eftado da Cidade , era incumbido
De paffar defta parte , em fom guerreiro ;
Para achar-me na voffa companhia
Na gloriofa acçaõ , que fe emprendia.

C.

Poucas vezes , Senhor , na minha vida
Tive gofto mayor : O meu affecto ,
O zêlo Portuguez , a fé devida
A' Naçaõ , a grandeza do projecto ,
Tudo me inflamma , tudo me convida
Com taõ viftofo , taõ brilhante afpecto ,
Que naõ creyo , que as glorias mais formofas
Poffaõ ter attracçoens mais poderofas.

Defe-

CI.

Defejei partir logo; mas devia,
Segundo a mefma carta me ordenava;
Novo avifo efperar do fitio, e dia,
Que para a grande acçaõ fe deftinava;
E quando a dilaçaõ já mal foffria
Da noticia, que tanto me tardava,
Outro avifo me chega acelerado
De fer o cerco em fim abandonado.

CII.

Naõ pude refiftir á força unida
Do alvoroço, do gofto, e da faudade,
Que me obriga, me incita, e me convida
A paffar defta parte da Cidade;
E fuppofto, que certa, e bem fabida
Reftava a principal difficuldade,
Da paffagem do rio, que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxaõ, que em mim fe accende,
Naõ fe apaga com fopros de receyo;
Que he bem froxo o defejo, que fe rende
A's torpes fugeftoens do medo feyo;
E como o meu projecto fó depende
Do meu rifco, fem grave damno alheyo,
O primeiro batel, que achei vafio
Me deu os meyos de paffar o rio.

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente,
Nem eu quizera grande companhia;
Mas fazendo jornada taõ contente,
Quiz trazer inſtrumentos de alegria;
E paſſando no meyo da corrente,
Quando apenas a aurora deſcobria
Os primeiros fulgores, que mal davaõ
Huns indicios da luz, que annunciavaõ.

CV.

Vendo o grande ſocego, que na Armada
Dos contrarios reinava, ſem cautela
Dormindo a gente allî taõ ſocegada
Como ſe o rio foſſe de Caſtella,
Lhe fiz dar de repente huma alvorada,
Pelas minhas trombetas, com taõ bella,
Taõ venturoſa ſórte, que ſem damno
Deixei tudo no ſuſto mais tirano.

CVI.

E buſcando com prompta diligencia
O dezejado pôrto, o Céo piedoſo
Concede á minha viva impaciencia
Na voſſa viſta o fim mais venturoſo;
Permitta agora a ſua providencia,
Que o meu zêlo vos ſeja proveitoſo,
E que em voſſo ſerviço, e deſte Eſtado
Poſſa ver-ſe o meu nome acreditado.

Aſſim

CVII.

Aſſim fallava Nuno , e novamente
Do Defenſor nos braços apertado
A reſpoſta recebe competente
Com juſtas expreſſoens de nobre agrado ;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar , mais retirado ,
Allî por varias vezes examinaõ
Varios pontos de guerra , que combinaõ.

FIM DO CANTO VI.

A LIBERDADE.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

EM quanto Nuno entretinha o Defensor, alguns Capitaens obſerváraõ da parte dalém do rio hum combate, de que naõ podéraõ bem notar as circunſtancias, e ſómente parecia naõ ſer entre muita gente; mas dando conta diſto ao Defensor, eſte ſe inquieta extraordinariamente e quer, que paſſe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte oppoſta a ſaber a qualidade do caſo: Nuno ſe offerece, e havendo paſſado, lhe envia hum menſageiro, que declara, que o caſo obſervado fora huma eſcaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Caſtelhanos, que excoltavaõ ſinco preſos, e huma Dama. Alvoraça-

roça-se muito mais o Defensor, manda aprom-ptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disseraõ, que os Castelhanos levàraõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embaraços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixaõ do Principe, lhe prepára hum avîso por meyo de hum sonho Descreve-se a habitaçaõ dos sonhos, e se declara a differença delles. Expôem-se a representaçaõ do sonho do Defensor, e a sua explicaçaõ, em que se apontaõ as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo Cede a paixaõ do amor á paixaõ pela gloria no coraçaõ do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e prosegue a gloriosa empreza da defensa do Reyno.

A LIBERDADE

CANTO VII.

I.

EM tanto, que durava a conferencia
Dos dois Heroes, que o peso sustentavaõ
Dos negocios da Patria, e na prudencia
Naõ menos, q̃ em valôr, se avantajavaõ;
Alguns dos Capitaens, que a confidencia
Mais segura do Chefe desfructavaõ,
E nos seus embaraços acudiaõ
A' direcçaõ dos casos, que occorriaõ.

Ha-

II.

Havendo attentamente examinado
Alguns fortes, e poſtos importantes;
Donde bem ſe obſervava o rio armado,
E naõ menos as terras circunſtantes,
Em hum ſitio naõ muito deſviado
Do caminho de Almada, fulminantes
Armas vêm rutilar, confuſamente,
Correr Cavallos, combater-ſe gente.

III.

Mal podem diſtinguir-ſe as circunſtancias
Do combate; mas bem ſe reconhece,
A peſar dos enganos das diſtancias,
Que hum partido ſobre outro prevalece,
Naõ ſe enculca de grandes importancias
Qualquer dos dois, no vulto, que apparece;
Mas o furor, que nelles reluzia
Algum caſo bem grave promettia.

IV.

Qual ſeja aquelle caſo, ou qual partido
O favor da fortuna desfructava,
O mais vivo deſvelo, o mais creſcido
Naquelles Capitaens eſtimulava;
Mas o paſſo do rio defendido
Pela Armada inimiga, embaraçava
Examinar com mais fiel certeza
Do preſente ſucceſſo a natureza.

Em

V.

Em tanta confusaõ embaraçados,
O Defensor procuraõ cuidadosos,
A quem fazem saber os observados
Movimentos, e passos duvidosos;
E sendo os sentimentos elevados
Daquelle coraçaõ, taõ generosos,
Que o perigo maior, mais manifesto
Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

VI.

Este pequeno caso, este incidente
Taõ natural naquella conjunctura,
Que podéra julgar-se indifferente
A' sórte principal da guerra dura,
Commove agora taõ tiranamente
Aquella alma sublime, que procura
De balde disfarçar o grande aballo
Com que esta relaçaõ pôde agitalo.

VII.

Que passe logo quer, á parte opposta
Algum dos Capitaens mais destemidos,
Com ordem de enviar prompta resposta
Sobre aquelles encontros mal sabidos;
Porém Nuno, que tinha já disposta
A vontade a partir, e prevenidos
Os meyos da viagem, se offerece
A mandar-lhe a noticia, que apetece.

VIII.

E partindo com prompta diligencia;
Brevemente chegou hum menſageiro,
Que ſe abona de ter certa ſciencia
Do principio do caſo verdadeiro;
Mas como o Defenſor tanta impaciencia
Moſtra neſte negocio, quer, primeiro
Do que explique o ſucceſſo, ſer levado
A' preſença do Principe adorado.

IX.

Allî chegádo, e delle recebido
Com moſtras de alvoroço, e de bondade;
Por Soldado de Nuno conhecido,
E por homem de esforço e de verdáde
Pelo Principe meſmo requerido,
Que fallaſſe com toda a liberdade,
Diante do concurſo illuſtre, e fórte
Principia a dizer-lhe deſta ſórte.

X.

Vós, Senhor, já ſabeis, que a Luſa gente,
Que o grande Nuno trouxe ſobre Almada,
Depois do grande caſo, e da valente
Expediçaõ de todo conſumada,
Em quanto o General eſteve auſente,
Em Palméla ficou aquartellada,
E que pelos contornos diſcorria
Em pequenas patrulhas cada dia.

Hum

XI.

Hum deſtes pois, que havia huma partida
Pela eſtrada de Almada adiantado
Os ſeus paſſos, e tinha já vencida
Mais de meya diſtancia, hum miſturado
Rumor de gente, e brutos, que convida
A maior attençaõ foi eſcutado
De hum caminho viſinho, que embocava
No meſmo, que a partida entaõ levava.

XII.

O Commandante deſta por cautela,
Bem que adornado de valôr auguſto,
Receando, que foſſe de Caſtella
Algum corpo de Tropas mais robuſto,
Da eſtrada ſe apartou; mas junto della
Dois Soldados deixou de menos cuſto,
Que podeſſem occultos ſem perigo
Reconhecer as forças do inimigo.

XIII.

E ganhando com ſabia providencia
Hum boſque mais eſpeſſo, e naõ diſtante,
Que encoberto ficava da imminencia
De hum outeiro, que havia dominante,
Deixou ordem, que a toda a diligencia
Qualquer dos dois Soldados, que o ſemblante
Obſervaſſe da gente, que paſſava,
Lhe levaſſe a noticia, que eſperava.

XIV.

Eu fui, Senhor, hum deſtes dois Soldados,
A quem coube por ſórte aquelle empenho,
E por iſſo dos riſcos obſervados
Certeza mais cabal, mais clara tenho:
Eſtava-mos os dois já ſocegados
Cadaqual por detráz de hum grôſſo lenho
De azinheira, cobertos da verdura
Das eſtêvas, carraſco, e ſylva dura.

XV.

Quando pelo caminho prevenido
Apparecem quarenta Cavalleiros,
Que armados todos vém de aço luzido
Em cavallos ſoberbos, e guerreiros;
No meyo trazem quaſi ſem ſentido,
Huma Dama com ſinco priſioneiros,
Que alguns peoens armados vem cercando
A deſmayada Dama ſuſtentando.

XVI.

Fazia compaixaõ a maltratada
Reſpeitavel belleza, em quem apura
Neſte meſmo deſar de deſmayada,
Os ſeus mais ricos dons a formoſura:
A téz mimóſa, a péle delicada
Hé mais clara, que a neve na brancura,
O naríz, bôca, frente, e ſobrancelhas
Só na copia de Venus tem parelhas.

XVII.

As desmayadas faces conservando
Hum resto só da pura côr de rosa,
Na candura o deliquio equivocando,
A faziaõ mais bella, mais formosa;
Os dourados cabellos fluctuando
Pelas costas, e cinta melindrosa,
Luzida emulaçaõ ao Sol fazendo,
Eraõ risco naõ menos estupendo.

XVIII.

Mas naõ era de todo descoberto
O thesouro das graças mais brilhantes,
Onde o poder de Amor seguro, e certo
O preço tinha das paixoens amantes;
Os olhos finalmente havendo aberto,
Da sua luz os rayos penetrantes
Entre agrado, viveza, e compostura
Mostraõ todo o valôr da formosura.

XIX.

Os olhos abre em fim, que ao Ceo levanta,
Os olhos; porque as maons ligadas tinha,
Que a fereza dos guardas era tanta,
Que em tyranas prisoens atada vinha;
E como quem do estado vil se espanta,
Que taõ pouco por certo lhe convinha,
Exalando hum suspiro magoado,
Desta sórte accusava o duro fado.

XX.

,, Que crime foi o meu, ou qual delicto
,, Huma fraca mulher desamparada
,, Póde fazer das armas no conflicto,
,, Que deva desta sórte ser tractada?
,, Eu por ventura a fama solicito
,, De Amazona feróz? Eu fui achada,
,, Ou no Campo vestida de armas fortes,
,, Ou nos congressos concitando mortes?

XXI.

,, Eu tive algum presidio, alguma praça
,, Entregue a meu cuidado? Alguma gente
,, Sujeita ás minhas ordens, com que faça
,, Hum partido na guerra competente?
,, Deu-me algum senhorio a sórte escaça?
,, Algum poder? Ou fez-me algum valente
,, Capitaõ, de quem possa o peito fórte
,, Fazer da guerra vacillar a sórte?

XXII.

,, Se o ser fiel á Patria, em que nascida,
,, Em que educada fui, se o ser constante
,, Nos primeiros affectos, na devida
,, Observancia da fé me dá bastante
,, Causa para a ruina, e perseguida
,, Sou sómente por ser perseverante
,, Em taõ nobres cuidados, que tormentos
,, Guarda o Ceo para peitos fraudulentos?

Ah,

XXIII.

,, Ah, meu Principe, e quando penſaria
,, A tua firme Ignez, que o teu amparo
,, Algum dia faltar-lhe poderia
,, Nas ſuas afflicçoens! Se o fado avaro
,, Alguma vez....,, Mas como proſeguia
Na ſua marcha o ſom já menos claro
Da doce vóz perdido na diſtancia,
Fruſtrou em fim a minha vigilancia.

XXIV.

Partimos promptamente a dar avîſo
Eu, e meu camarada ao Commandante,
Que julgou naõ ſó juſto; mas preciſo
O deſpique de acçaõ taõ petulante;
E querendo evitar o prejuizo
De qualquer dilaçaõ, no meſmo inſtante
Manda marchar do monte pela volta
A pequena partida á redea ſolta.

XXV.

Com effeito chegamos juſtamente
A ganhar o caminho deſejado,
Quando vinha por elle a eſtranha gente
Apparecendo a paſſo ſocegado:
Naõ ſófre mais a furia impaciente
Do noſſo Commandante arrebatado;
A elles, grita, e ſem fazer demora
Hum dos contrarios pôz da ſella fóra.

Ou-

XXVI.

Outro, e outro depois, em breve eſpaço;
Igual ſórte tiveraõ, nem deixára
Cavalleiro na ſella o fórte braço,
Se no terceiro a lança naõ quebrára;
Mas naõ moſtra menor deſembaraço,
Depois que na maõ toma a eſpada clara;
Pois cada golpe féro, que fulmina,
Ou deſpedaça, ou mata, ou arruîna.

XXVII.

Seguimos todos com vontade acceſa
Do Commandante os paſſos valoroſos;
Cada qual quer moſtrar naquella empreza
Quanto valem ſeus brios generoſos;
A compaixaõ incîta a fortaleza,
Anîma a dôr os peitos bellicoſos;
E da Dama infelîz a ſórte dura
Emmendar, ou vingar qualquer procura.

XXVIII.

Dos primeiros encontros vaõ rodando
Pelo campo naõ poucos inimigos,
E da eſpada nos fios vaõ provando
Nada menos funeſtos os caſtigos;
Mas em quanto ſe via fluctuando
A victoria no meyo dos perigos,
Do numero maior embaraçada,
E do Luſo valôr ſolicitada.

Al-

XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos
Do cuidado dos presos, ou zelosos
Da sua segurança, enfraquecidos
Vendo dos seus os peitos duvidosos,
Para os muros de Almada conhecidos
Se dirigem com passos cuidadosos,
E na praça recolhem por cautela
Os sinco presos, com a Dama bella.

XXX.

Naõ sofre o Defensor, que mais prosiga
Na triste relaçaõ o mensageiro;
Porque a viva paixaõ, que n'alma abriga,
Lhe accende a chama do furor guerreiro;
Naõ tem socego em quanto naõ castiga
Desacato taõ féro, e taõ grosseiro;
E julga por desár qualquer demóra
Na vingança, que o peito lhe devóra.

XXXI.

Qual a brava leóa, a quem roubára
Atrevido pastor algum filhinho,
Em qnanto delle ausente procurára
O sustento, que tráz ao vago ninho,
Furiosa do damno, que observára,
Bramindo parte, e segue no caminho
Do roubador os passos, que no muro
Da cabana se julga já seguro.

Tal

XXXII.

Tal o fórte Varaõ enfurecido
Na noticia do caſo laſtimoſo,
Havendo nos ſignaes reconhecido
A Dama, que o rigor ſofre aleivoſo,
Das ſuas afflicçoens enternecido,
E na vingança dellas furioſo,
Seguir quer, a peſar dos embaraços,
Dos inimigos para Almada os paſſos.

XXXIII.

Apromptar manda a toda a diligencia
Armas, embarcaçoens, e provimentos;
Porque a gente ſe aliſta á competencia;
Taes eraõ da Naçaõ os ſentimentos.
Felizmente, por alta providencia
Da fortuna, que ajuda atrevimentos,
Em quanto dos preparos ſe tractava,
O maior embaraço ſe acabava.

XXXIV.

Porque as Náus Caſtelhanas, que ancoradas
Eraõ do Tejo no formoſo ſeyo,
E da guarda do rio encarregadas,
A paſſagem cobriaõ de receyo;
De repente das prayas apartadas,
Sem que poſſa accuſar-ſe impulſo alheyo,
Humas atráz das outras, ſem demóra,
Se vaõ nadando pela barra fóra.

Paſ-

XXXV.

Paſſa o rio já livre de perigos
O grande Defenſor, acompanhado
Do zêlo nobre dos fieis amigos,
E de hum corpo de Tropas bem armado;
Mil eſtragos medita, mil caſtigos
Em vingança do caſo relatado,
E com vozes, e premios liſonjeiros,
A diligencia anîma dos remeiros.

XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,
Em ſocego forçoſo, ſe occupava
Nos motivos da raiva impaciente,
Que o bravo coraçaõ lhe devorava,
Vaſconcellos, que mais attentamente
Os diverſos affectos lhe obſervava,
E lograva conſtante no ſeu peito
Da mais pura amizade o doce effeito.

XXXVII.

Pretextando com zelo generoſo
De cuidado fiel, de affecto puro,
O natural deſejo ambicioſo
De penetrar myſterio taõ eſcuro;
Com inſtancia lhe pede obſequioſo,
Que lhe queria dizer, ſe o fado duro
Algum riſco maior lhe repreſenta,
Com que o ſeu fórte peito ſe atormenta.

Ah!

XXXVIII.

Ah! reſponde o Varaõ, e quanto engana
Huma apparencia van da fortaleza!
Tu me crês fórte, e toda a dôr tyrana,
Que me atormenta, naſce da fraqueza:
Bem ſei, que eſta expreſſaõ talvez profana
A minha gloria; mas a natureza
Naõ iſenta os Heróes da triſte ſórte
De huma cega paixaõ, mais que elles fórte.

XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia,
Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo;
E amo cegamente: huma imprudencia
Foi origem talvez do meu perigo;
Mas hoje he honra pura, he já decencia
O cuidado, que ſinto; e no caſtigo,
Com que vingar de Amor offenſas tracto,
Cumpro o dever do brio mais exacto.

XL.

Tu ſabes, que eu vivi baſtantes annos
Nas terras, que de nós divide o Téjo,
Em quanto as diſſençoens dos Caſtelhanos
Naõ deraõ mais aſſumpto ao meu deſejo:
Allî bem livre de odios inhumanos,
A que o briga das armas o manejo
Em paſſeyos, em jogos, e caçadas,
Tinha todas as horas occupadas.

Hum

XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores
De Veiros, com fervor solemnisavaõ,
Nas Igrejas com Hymnos de louvores,
E nas praças com festas, que ordenavaõ;
Attrahido das vozes, e clamores,
Que esta grande funçaõ annunciavaõ,
Passei áquella Villa, bem alheyo
Do mal, que me guardava no seu seyo;

XLII.

Mas apenas na praça disfarçado
Entre mascaras mil, procuro attento,
Dar á vista o recreyo costumado,
Das bellezas no vasto luzimento,
Quando logo me sinto arrebatado
Dos poderes do mais felíz portento;
Que em debuxos de graça, e gentileza
Póde idêar a sabia natureza.

XLIII.

Bem defronte do sitio, em que eu me achava,
Este raro prodigio apparecia,
E na graça, e decôro, que ostentava,
No respeito os agrados confundia;
Huma nuvem de nácar moderava
Os excessos da luz, que difundia;
Porque em cortina de brocado envolta
Nem de todo se prende, nem se solta.

Eu

XLIV.

Eu naõ pertendo agora retratar-te
Aquelle augusto magestoso vulto,
De cujas perfeiçoens a menor parte
Excede a força do pincel mais culto;
A luz da idea, os primores da arte
Naõ saõ capazes de taõ nobre indulto,
E mais que empenho, fora sacrilegio
Pertender taõ ditoso privilegio.

XLV.

Quero só, que tu possas no conceito
De huma egregia completa formosura,
Desculpar as fraquezas do meu peito,
Perdoar-me os excessos da ternura;
Se tu já foste ás leys de Amor sujeito,
Facilmente o farás, e se taõ dura
He tua condiçaõ, que amor naõ sente,
Que sentirá nos males de outra gente.

XLVI.

Mas seja como for, eu sei que exposto
A' vista deste assombro de belleza
Me senti transportar de pasmo, e gosto,
De alvoróço, de susto, e de fraqueza;
Desejava de hum taõ brilhante rosto
De mais perto notar a gentileza;
Mas hum timido pêjo me prendia,
E nem dar hum só passo me atrevia.

Im-

XLVII.

Immovel, qual éstatua hum largo espaço
Neste estado passei; porém vencendo
Os primeiros receyos do embaraço,
Foi o desejo os sustos excedendo;
Ousado me adianto, e nada escaço
Me foi o fado entaõ; porque antevendo
Quantos males Amor me prevenia,
Quiz fazer-me mimoso neste dia.

XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,
Que taõ rico thesouro em si guardava,
Da liberdade usando, e da cautela,
Que o disfarce da mascara abonava,
Pude notar naõ só da Nympha bella
O brilhante explendor, que me encantava;
Mas gozar a maior felicidade
Da sua vóz na doce suavidade.

XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente
A sua gravidade, o seu juizo,
A mimosa pronuncia, a vóz cadente,
O gracioso olhar, o doce riso,
E sobre tudo o estylo competente
A's materias, que tracta, ora conciso,
Ora grave, ora alegre, e sempre nobre,
Onde a graça, e decencia se descobre.

Apar-

L.

Apartei-me dalli ſem liberdade,
E ſem ſaber quem della me privava;
Porque o nome, a vivenda, a qualidade
Deſte aſſombro fatal, tudo ignorava;
Mas querendo informar-me da verdade,
Como os paſſos Amor me encaminhava,
Antes de ſe acabar de todo á feſta,
De tudo tinha idéa manifeſta.

LI.

De Pedro Eſteves, hum dos mais honrados
Moradores de Veiros, era filha
Eſta illuſtre belleza, e celebrados
Seus dotes naturaes por maravilha,
Ignez era o ſeu nome, a quem proſtrados
Os dourados farpoens Amor ſe humilha,
Porque na vóz da fama era conſtante,
Ser nada menos féra, que brilhante.

LII.

Mil corações inutilmente acceſos
Dos ſeus olhos nas luzes ſe abraſáraõ,
Mil alvedrios, ſem arbitrio preſos,
A ſeus pés cegamente ſe proſtráraõ;
Mas ſómente rigores, e deſpreſos
Por fructo dos ſeus votos alcançáraõ,
Sem que entre tantos hum ſómente houveſſe,
Que a mais leve attençaõ lhe mereceſſe.

LIII.

Eſta meſma altivez, eſta fereza,
Que podera ſervir de deſengano
A meus nobres deſvelos, na certeza
De hum peito duro, hum coraçaõ tyrano;
Foi maior incentivo da firmeza
Dos meus votos ardentes; porque o damno
Padecido dos mais, me promettia
Maior gloria no riſco, que emprendia.

LIV.

Naõ te poſſo contar as diligencias,
Os trabalhos, deſvelos, e cuidados,
Penas, ſuſtos, deſgoſtos, contingencias,
A que foraõ meus cultos obrigados;
Baſtará ſó ſaber, que as conſequencias
De exceſſos taõ fieis, taõ porfiados,
Foraõ por fim taõ doces, taõ ditoſas,
Quanto as primiſſias foraõ trabalhoſas.

LV.

Algum tempo vivemos desfructando
Mutuamente do Amor os goſtos puros,
Em ſuave deſcuido aproveitando
Da ſorte varia os mimos mal ſeguros;
Mas o tempo feliz paſſa voando,
Por decreto fatal dos fados duros,
Eſte tempo paſſou, e deſta gloria
Só ficáraõ as ſombras na memoria.

Jâ

LVI.

Já duplicado fructo occultamente
O nosso amor havia produzido ;
Sem que fosse de Ignez o Pay sciente
Deste commercio ás luzes escondido ;
Mas teve em fim suspeita , e claramente
Soube parte do caso succedido ,
Com que o seu nobre alento , sem tardança,
Os caminhos buscou para a vingança.

LVII.

Era Esteves honrado , e naõ queria
Huma injuria vingar com outra injuria
Lavar sim com meu sangue pertendia
O decóro da filha , a propria incuria ;
Mas hum fraco assassinio parecia
Indecente exercicio á sua furia ,
E com mais nobre idêa o seu desgosto
Desafogo buscou mais bem dispôsto.

LVIII.

Sabendo , que eu passava incautamente ,
Por hum sitio naõ muito frequentado ,
Sem companhia alguma , e taõ sómente
Das ordinarias armas adornado ,
Assaltando-me nelle de repente ,
Com o ferro na maõ já preparado
Me expôem a sua queixa , e com a vida
Que pague quer a offensa commettida.

Dispus-

LIX.

Difpuf-me a defender-me, e foi forçofo
Servir-me bem das maons aquelle dia,
Contra as iras de hum homem valorofo;
Que em defpique da honra combatia;
Mas fe naõ mais valente, mais ditofo
O meu braço fahio nefta porfia,
Porque hum golpe tirado com ventura
Lhe fez beijar por força a terra dura.

LX.

Julgou-fe morto Efteves, mas eu vendo
A victoria fegura, e taõ barata,
E naõ menos tambem reconhecendo,
Que he valente quem vence, naõ quem mata;
A maõ lhe dando, affim lhe fui dizendo,
Levantai-vos, naõ queira a forte ingrata
Que eu cometta a villeza de matar-vos
Quando chego indefefo a contemplar-vos.

LXI.

Ficou immovel, mudo, e penfativo
O bravo Efteves por hum largo efpaço
Depois de levantar-fe, hum incentivo
Sendo de outro incentivo eftorvo, ou laço;
Offendido fe achava; e vingativo
O brio de furor lhe armava o braço;
Mas devia-me a vida, e naõ queria
Ser tyrano com quem lha concedia.

LXII.

Venceo em fim no ſeu honrado peito
A virtude a paixaõ, e dominado
Da vingança feroz o duro effeito,
Aſſim fallou valente, e ſocegado.
O Ceo naõ quer, que eu ſeja ſatisfeito,
Seja aſſim, viverei injuriado,
Mas naõ hei de intentar ſer homicida,
De quem cortez poupou a minha vida.

LXIII.

Aſſim dizendo, com feroz ſemblante
As coſtas me voltou precipitado,
Deixando-me ſuſpenſo, e vacilante
Entre mil confuſoens embaraçado:
Depois na voz da fama foi conſtante
Haver-ſe occultamente retirado
Neſte dia da Villa, e conduzido
A bella Ignez a ſitio naõ ſabido.

LXIV.

Neſte tempo por ordem de Fernando
A' Corte fui chamado, e brevemente
A guerra ſe rompeo, arrebatando
Toda a minha attençaõ eſte incidente;
E ſupoſto que Amor no peito brando
Acceſa conſervaſſe a chama ardente,
O deſejo da gloria, a que aſpirava,
A melhor parte d'alma me occupava.

Seguio-

LXV.

Seguio-se logo á guerra o casamento
Da Raynha de Hespanha, e logo a morte
De Fernando, da qual o sentimento
Inda agora me causa a dôr mais forte;
Depois della, tu tens conhecimento
Dos apertos crueis da minha sorte,
E bem vês, que mal posso ter sabido
O destino de Ignez qual tenha sido.

LXVI.

Mas pela relaçaõ deste soldado,
Que a noticia nos deu da gentileza
Daquella prisioneira, o meu cuidado
Presume ser Ignez a Dama presa;
Agora julga tu se interessado
Devo ser no successo desta empreza,
E se justo motivo tenho agora,
Para a céga afflicçaõ, que me devora.

LXVII.

Aqui na sua historia internecido
O namorado Principe chegava,
Quando foi por hum grito interrompido,
Que Marcial festejo annunciava;
Era clamor da gente, procedido
De conhecer, que á terra já chegava,
Com que todos se encheraõ de alvoroço,
Superado do rio o largo fosso.

LXVIII.

Difpoz-fe o defembarque promptamente ;
Aproveitando aquelle ardor briofo ,
Que he das victorias ordinariamente
Quafi certo prefagio venturofo ;
E taõ activo foi , taõ diligente
O valor dos foldados furiofo ,
Que por chegar á praya , que bufcavaõ ,
Muitos delles nas aguas fe arrojavaõ.

LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia
Sobre a Villa , que logo foi entrada ,
E rendida fem grande refiftencia ,
Sendo pelo prefidio abandonada ;
Porque a gente da terra a prefiftencia
Defejando moftrar da fé guardada ,
A pefar das defgraças nefte dia
A ditofa interpreza foccorria.

LXX.

Ganhada a Praça , focegada a gente ,
Senaõ focega o peito cuidadofo
Do namorado Principe , impaciente
De defatar o laço rigorofo ,
Que opprime a bella Ignez , e naõ confente
O feu nobre defvelo attenciofo
Celebrar hum triunfo , em quanto chora
Perdida a liberdade o bem , que adora.

Manda

LXXI.

Manda vir da priſaõ, em que gemiaõ
Na fortaleza em ferros opprimidos
Todos, quantos os damnos padeciaõ
Dos Caſtelhanos odios procedidos;
E como os mais do caſo naõ ſabiaõ
Os amantes myſterios eſcondidos,
Vaſconcellos amigo, e confidente
Neſta acçaõ ſe moſtrou mais diligente.

LXXII.

Partio correndo, como quem buſcava
O mais bello troféo deſta victoria,
Para o Principe amante, em quem notava
Nada menos paixaõ de amor, que gloria;
E como o beneficio conſervava
Da confidencia impreſſo na memoria,
Deſejava pagar-lhe em diligencia,
A fineza daquella complacencia.

LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado
Dos preſos todos, entre os quaes ſe via
Rodeada do povo alvoroçado,
Marchar a bella Ignez, que difundia,
A peſar do rigor daquelle eſtado,
Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia
Naõ he mais agradavel, quando apura
Os ſeus rayos rompendo a noite eſcura.

Sahio

LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido
O magnanimo Principe, occultando
Nos disfarces de hum genio agradecido,
As finas attençoens de hum peito brando;
Porém logo depois de haver cumprido
Efte publico objecto, defejando
Dar mais livre exercicio a feus affectos,
A Vafconcellos diffe os feus projectos.

LXXV.

E procurando aquelle confidente
Satisfazer-lhe o gofto, com cautela,
Defpedido o concurfo brevemente
Pôz na fua prefença a Dama bella:
Alli qualquer dos dois taõ vivamente,
Em ternuras amantes fe defvela,
Que fó quem já provaffe hum tal effeito,
Pôde delles formar jufto conceito.

LXXVI.

Mil coufas mutuamente os dois amantes
Se perguntavaõ, mil fe refpondiaõ,
E mil vezes nas mais intereffantes,
Com diverfas queftoens, fe interrompiaõ;
Mas paffados em fim alguns inftantes
Naquelle doce enleyo, em que fe viaõ
Confufos os fentidos; os progreffos
Affim contou Ignez dos feus fucceffos.

Depois

LXXVII.

Depois daquelle trifte, infaufto dia,
Em que meu Pay, fabido o noffo tracto;
Lavar com voffo fangue pertendia
O manchado efplendor do meu recato,
Bufcando-vos no Campo, e na porfia
Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato
Para mim fempre o fado, que o femblante
Já mais vî da alegria hum fó inftante.

LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente
Fui com cautela tal a huma herdade,
Que nem da propria cafa a mefma gente
Teve mais de fallar-me a liberdade;
Affim paffei tres annos, lentamente
Confumindo em chorar a minha idade,
Athé que as irrupçoens dos Caftelhanos
Fizeraõ recear maiores damnos.

LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me naõ fallára
Defde o ponto fatal do feu enfado,
E que a barba tambem já mais cortára,
Depois de fe julgar injuriado;
Podendo nelle mais da Patria chara
O verdadeiro amor, que o genio irado,
Entrando no meu quarto, fem que ouviffe
Outra peffoa alguma, affim me diffe.

Ignez

LXXX.

,, Ignez os teus deliƈtos saõ taõ feyos,
,, Que me accusaõ da falta do castigo;
,, Mas se a fortuna me embaraça os meyos,
,, Nem por isso me abate o brio antigo;
,, Algum dia a pesar destes enleyos
,, O Ceo mais liberal será comigo,
,, Mas agora convém, que a minha furia
,, A' Patria sacrifique a minha injuria.

LXXXI.

,, Os Castelhanos, contra a fé jurada
,, Nos solemnes Traƈtados, tem rompido
,, A promettida paz, e declarada
,, A guerra contra o Reyno enfraquecido
,, Pela falta de Rey, e pela errada
,, Fórma do seu governo dividido
,, Em partidos contrarios, que impugnando
,, Huns a outros se vaõ debilitando.

LXXXII.

,, A gente mais amante, e mais zelosa
,, Da liberdade, e gloria Portugueza,
,, Segue o Mestre de Aviz, que agora gosa
,, De Defensor dos povos a grandeza,
,, E supposto, que a honra escrupulosa
,, Deva delle apartar-me, a natureza
,, Do negocio me obriga, a que prefira
,, O publico interesse á propria ira.

Nesta

LXXXIII.

,, Nesta Provincia Nuno a liberdade
,, Defende da Naçaõ, e favorece
,, Os intentos do Mestre, que a Cidade,
,, De Lisboa por Chéfe reconhece:
,, Eu pertendo partir com brevidade
,, A servir no seu Campo, e me parece,
,, Que tu só ficas bem, de tua Tia
,, Da Villa de Portel na companhia.

LXXXIV.

Assim se fez; mas logo a Fortaleza,
Por culpa da mulher do Commandante,
Tomou voz por Castella, e da villeza
A Villa toda fez participante;
Naõ por gosto do povo, que a tristeza
Bem se via de todos no semblante;
Mas pela sujeiçaõ, que lhe causava
A guarniçaõ, que os muros occupava.

LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores
A repugnancia desta obediencia,
Fundada simplesmente nos temores
De alguma mais funesta contingencia,
Lamentando com elles os rigores
Desta dura oppressaõ, e com prudencia
Tentando de alguns delles os affectos,
Os dispuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

LXXXVI.

Eraõ eſtes privar os Caſtelhanos
Da poſſe de Portel, e metter nella
Outra vez os expulſos Luſitanos,
A peſar dos preſidios de Caſtella;
Mas ſendo taõ temiveis os enganos,
Em materia taõ grave, eſta cautela
Suſpendeo largo tempo o meu cuidado;
Sem tomar confidente declarado.

LXXXVII.

Achava-ſe em Portel, de tempo antigo,
Hum Sacerdote Portuguez zeloſo
Da honra da Naçaõ, que o ſeu perigo
Deſpreſava com peito generoſo
Em obſequio da Patria, e por caſtigo
Contava aquelle jugo injurioſo
Dos Heſpanhoes; por cujos ſentimentos
Só delle confiei meus penſamentos.

LXXXVIII.

Eſte ganhou com varias diligencias,
Grande parte da gente, e disfarçando
Com pretexto de algumas dependencias
Huma breve jornada, deſpreſando
De hum taõ grave perigo as conſequencias;
A Evora paſſou, onde informando
Nuno deſte negocio; concertada
Deixou com elle a empreza projectada.

Foi

LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida,
Com tal segredo, com taõ boa sorte,
Que a pesar da muralha defendida
De hum poder grande, de hum presidio forte;
Foi a gente de Nuno introduzida
Dentro da Villa, sem custar-lhe a morte
De hum só Soldado, sendo mais gostosa
A victoria por menos trabalhosa.

XC.

Porém antes que fosse inteiramente
Ganhada a Fortaleza, foi sabido
Dos Castelhanos, como a Lusa gente
Convidada do povo tinha sido;
E que eu fora motora, ou confidente
Daquelle occulto tracto, introduzido
Por meyo da jornada, que affectára
O Sacerdote, a quem o confiára.

XCI.

Com esta indignaçaõ naõ se atrevendo
A vingar-se de todos; procuráraõ
Em mim descarregar o golpe horrendo
Da sua raiva, e presa me leváraõ,
Com mais sinco pessoas; mas temendo
Os furores de Nuno, se apartáraõ
Das estradas de Hespanha, e quiz a sorte,
Que esta Praça elegessem por mais forte.

XCII.

Affim fallava Ignez, e tranfportado
O Principe de gofto, e de ternura,
Novamente no peito namorado
Sente crefcer de amor a força dura;
Qual incendio, que em cinzas fepultado
Algum tempo fe occulta, e desfigura;
Mas com mais furia as chamas multiplica;
Se inflamavel materia fe lhe applica.

XCIII.

Tal no peito do Principe efcondido
O fogo da paixaõ impetuofo,
De cuidados, e fuftos opprimido,
Aufente ardia menos luminofo;
Mas de novo nos olhos accendido
Da bella Ignez, fe inflamma furiofo,
E nas chamas, que atêa a luz tyrana,
Da prudente cautela o véo profana.

XCIV.

A Lisbôa paffou; mas igualmente
Ignez paffou tambem, que a paixaõ viva
De qualquer dos amantes naõ confente
Provar mais da diftancia a pena efquiva:
Allî fuave, mas inutilmente
Nos vaons desvelos, que efte ardor motiva
Entretido do Principe o cuidado,
De tudo o mais vivia defcuidado.

Mas

XCV.

Mas o Genio, que tem da Lusa terra
A direcçaõ por sorte, e que zeloso
Assiste a seu governo em paz, e guerra;
Sempre constante, sempre officioso,
Vendo quanta paixaõ no peito encerra
O claro Defensor, e que forçoso
Seria corromper-lhe o grande alento
A duraçaõ daquelle encantamento.

XCVI.

Querendo precaver os tristes damnos,
Que hum taõ grave descuido ameaçava
A's nobres pertençoens dos Lusitanos,
Que o Ceo taõ favoravel abonava;
Na mesma escura fragoa dos enganos
Hum aviso fiel lhe preparava,
Pelo meyo de hum sonho, que em figura
Lhe mostrasse da gloria a face pura.

XCVII.

Ha na casa do Sôno hum aposento
Vasto, espaçoso, porém mal formado,
Sem luz, sem ordem, sem repartimento,
De indigestas materias fabricado;
Altas torres lhe servem de ornamento
Feitas de fragil vidro, mas lavrado
Com taõ irregular, taõ varia norma,
Que a luz nellas em sombras se transfôrma.

As

XCVIII.

As paredes ſe adornaõ do edificio
Dos mais altos troféos da gloria humana;
Confundidas, com raro deſperdicio,
As inſignias da ſorte mais uſana,
As Tógas, e Baſtoens no frontespicio
Pendentes livremente a maõ profana,
E Tiaras, e Ceptros; mas ſómente
Hum momento toca-los ſe conſente.

XCIX.

Igualmente os metaes mais precioſos,
As mais luzidas pedras, mais brilhantes;
Ouro, prata, topazios luminoſos,
Eſmeraldas, ſafiras, e diamantes
Por varias partes moſtraõ ſumptuoſos
Deſperdicios, theſouros arrogantes;
Mas promptamente os muda, e desfigura
Hum toque de razaõ livre, e ſegura.

C.

De outro lado ſe moſtraõ rodeadas
As paredes de objectos formidaveis,
Deſgraças fêyas, afflicçoens peſadas,
Riſcos funeſtos, odios implacaveis,
Lobos crueis, Serpentes enroſcadas,
Tigres féros, Leoens inſaciaveis,
Tudo allî ſe deviſa, mas a tudo
Hum ſô rayo de luz ſerve de eſcudo.

Ceg-

CI.

Spectros disformes, espantosos vultos,
Gigantescas figuras, monstros feyos,
Errantes almas, corpos insepultos
Se vêm girar em rapidos passeyos;
Mas igualmente vaons os seus insultos,
Igualmente saõ vaons os seus enleyos,
Porque todo o terror, toda alegria
He sómente illusaõ da fantasia.

CII.

Neste aposento o Sôno tem guardado
Os filhos, que lhe pare a Noite escura,
Que Sônhos dos mortaes foraõ chamados,
Entes de varia côr, varia figura;
De enganos taõ sómente alimentados,
O fingimento he sua compostura;
Mas entre estes tambem a Divindade
Sônhos guarda, que nutre de verdade.

CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece
Entre a turba dos Sônhos ignorantes,
Por verdadeiro Sônho, e que merece
Ser correyo de avisos importantes,
Da prisaõ solta, e manda, que viesse
Visitar o Varaõ, que dos amantes
Desvelos todo o peito tinha cheyo,
Athé do Sôno no quieto seyo.

Vem

CIV.

Vem o Sonho voando, e toma aſſento
Sobre a meſma almofada, em que reclina
A cabeça o Varaõ, e no apoſento
Mil engenhoſas fabricas maquîna,
Figuras finge, finge ſentimento
Nos fantaſticos vultos, que illumina;
Porque os ſonhos ou bons, ou falſos ſejaõ;
Fingem qualquer figura, que deſejaõ.

CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,
De côr, figura, e trajes differentes,
No proſpecto de hum campo dilatado;
Julgava o Varaõ claro ver preſentes;
Huma dellas, que quaſi rodeado
O tinha de ſeus braços reverentes,
E mais bella de todas parecia
Na côr, ſemblante, e traje, que veſtia,

CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida
A clara frente tinha, e ſuſtentava
Hum vaſo de Amalthea, que em florida
Confuſaõ a maõ bella equivocava;
Roupas de rica ſeda entretecida
De ouro fino, que a prata matizava,
Lhe ſerviaõ de adorno; mas no geſto
Dava de dôr indicio manifeſto.

Ou-

CVII.

Outra ſe via hum pouco mais diſtante,
De côr eſcura, de feiçoens groſſeiras,
De grandes membros, de feróz ſemblante;
De acçoens ſoltas, e pouco liſonjeiras:
A cabeça adornava de hum Turbante;
O corpo meyo nú, e nas ligeiras
Maons hum arco trazia, e copia clara
Do metal, que idolatra a gente avára.

CVIII.

A terceira mais longe apparecia,
Dama gentil, mimoſa, e delicada,
Que no terno melindre bem ſe via;
Ser a brandas delicias coſtumada;
Rica, viſtoſa touca lhe cingia
Os formoſos cabellos, matizada
De peregrinas plumas, onde o vento
Se recreava em doce movimento.

CIX.

A garganta de perolas formoſas
Rodeada moſtrava; os pês, e braços
De brilhantes, e pedras precioſas
Ligados todos com cuſtoſos laços,
Roupas veſtîa ricas, e pompoſas
Bordadas de ouro; e feitas em pedaços
Aromaticas plantas ſuſtentava
A bella maõ, que o preço lhe augmentava.

CX.

Da figura da quarta mal divîsa
A luz dos olhos, turva nas diſtancias,
Mais que a grande eſtatura, que indeciſa
Deixa a viſta nas ſuas circunſtancias:
De côr baça parece, e na preciſa
Compoſtura taõ livre de jactancias,
Que de folhas, e penas taõ ſómente
Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

CXI.

Mas a peſar daquelle traje inculto,
A peſar deſtas moſtras de pobreza,
Ñas maons ſe obſervaõ do diſtante vulto
As mais raras inſignias da riqueza:
Enlaçados, e juntos em tumulto
Os mais mimoſos dons da natureza
Alli ſe viaõ, pedras precioſas,
Ricos metaes, e fructas ſaboroſas.

CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes
Os ſimulados vultos, taes as bellas
Inſignias, que oſtentavaõ; mas patentes
As moſtras do peſar, em todas ellas
Se deixavaõ notar, athé que ardentes
Suſpiros exalando, e ſem cautelas
Soltando triſtes vozes, entoáraõ
Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

Rom-

CXIII.

Rompia neſte tempo a luz do dia
As funebres priſoens da ſombra eſcura,
E nos primeiros rayos difundia
Sobre os mortaes os dons da chama pura;
Larga o Principe o leito, a fantaſia
Occupada do ſonho, e mal ſegura
Dos myſterios, que encerra, e que pertende
Ancioſo entender, mas naõ entende.

CXIV.

A Barrocas expôr o ſeu cuidado
Determina, com pio penſamento,
Da virtude nas luzes confiado,
Que he da ſciencia o firme fundamento;
Mas o Genio, que o tempo accommodado
A' concluſaõ notou do ſeu intento;
De Barrocas mudado na figura,
Lhe apparece naquella conjunctura.

CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica
Toda a ſerie do ſonho portentoſo,
As matronas lhe pinta, o traje explica,
As diſtancias, e grito pavoroſo;
Com repetidas ancias lhe ſupplica,
Que lhe interprete o caſo duvidoſo,
E lhe diga ſe deve deſpreſa-lo,
Ou por alto prodigio reſpeita-lo.

CXVI.

Eu venho, diz o Genio, conduzido
Por impulſos do Ceo a procurar-te,
Que das tuas franquezas condoîdo
Quer de mais feyos erros libertar-te;
Por mim ferás, ſe queres, inſtruido
Nos emblemas do ſonho; mas guardar-te
Deves de provocar o Ceo clemente,
Que nem ſempre ſerá taõ paciente.

CXVII.

As mulheres, que viſte, ſaõ figura
Das quatro diviſoens da terra inteira,
Que bem, que hoje ſó tres a conta apura;
Outra tem nada menos verdadeira;
Aquella, que nos braços te ſegura,
Europa repreſenta, que a guerreira
Luſa Naçaõ por meta reconhece
Na parte Occidental, onde fenece.

CXVIII.

Por iſſo nos ſeus braços te ſuſtenta,
Como Mãy, que no ſeyo te creára,
E das tuas franquezas ſe lamenta,
Porque a mais altos fins te deſtinára;
Ella tinha no brio, que te alenta,
E na prole, que o fado te prepára,
A mais alta eſperança; e ſe laſtima
De ver, que Amor teus brios deſanima.

A que

CXIX.

A que pouco diſtante ſe moſtrava
De ſemblante feroz, e mal veſtida;
Africa ardente alli ſignificava,
Terra de gente inculta, e deſabrida;
Contra ti juſtamente ſe indignava,
Porque ſendo-te a gloria concedida
Da conquiſta de terra taõ famoſa,
Amor te prende em rede vergonhoſa;

CXX.

Tu meſmo, contra ti ſeguramente
Te indignarias, ſe as futuras glorias
Podeſſes bem notar á luz fulgente,
Que há de accender a chama das victorias;
A mim, já por favor do Ceo clemente,
Algumas deſtas couſas ſaõ notorias,
E ſó por contemplar acçoens taõ bellas,
Mil graças dou a Deos, origem dellas.

CXXI.

A ſoberba de Ceuta já rendida
A's tuas armas vejo; vejo os braços
De teus netos, com furia repetida,
De outras Praças vencer os embaraços;
Alcacer forte, Arzîla defendida,
Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços
Do Mauritano jugo libertadas,
A's Luſas Quinas vejo já proſtradas.

Cabo

CXXII.

Cabo Verde, Guiné, Angóla, e Mina,
Moçambique, Quiloa, com Mombaça,
E toda a negra Costa, que illumina
O Sol visinho, com luz nada escassa,
A' Lusa gloria vejo, que destina
Os mais claros trofeos; se huma desgraça
Os naõ escurecer; mas prosigamos
Nas figuras do sonho, que explicamos.

CXXIII.

A terceira, que adorno mais pomposo
Em mayores distancias ostentava,
Da fertil Asia o nome glorioso
Nas sombras da visaõ representava;
Nesta parte do Mundo, o mais formoso
Esmalte á Lusa gloria preparava
A sabia maõ do fado, e justamente
Teus indignos descuidos Asia sente.

CXXIV.

Ah! se podesses as acçoens preclaras
Dos vindouros saber; o nobre alento
De hum Gama, e de hũ Almeyda, as obras raras
De hũ Albuquerque, e hũ Cunha, o sofrimento
De hum Mascarenhas, e hũ Sylveira, as claras
Emprezas de hum Pacheco, o luzimento
Dos Ataîdes, Castros, e Menezes,
E de outros grandes nomes Portuguezes!

Ah!

CXXV.

Ah! ſe pudeſſes ; . . . . mas a natureza
Dos miſeros mortaes já mais alcança
Entre as ſombras eſcuras da incerteza ,
Dos incertos futuros a bonança ;
Baſte, para animar-te na firmeza
De tanta gloria , a juſta confiança
Nos aviſos do Ceo , e com tal guia
Profigamos do ſonho na porfia.

CXXVI.

A quarta das matronas , que encoberta
Em lugar mais eſcuro , que diſtante ,
De folhas , e penachos mal coberta ,
Oſtentava a riqueza mais brilhante ;
Era neſta viſaõ imagem certa
De outra parte do Mundo , que ignorante
A deſconhece agora ; mas que deve
Fazer nelle figura nada breve.

CXXVII.

Agora naõ tem nome , mas chamada
America ſera do nome claro
De hum ſabio Florentino , que a roubada
Gloria de hum Portuguez , por modo raro
Deixará , ſe naõ pura , bem vingada ,
Fruſtrando felizmente o voto avaro
Da atrevida ambiçaõ de outro Eſtrangeiro ,
Que há de aſpirar ás honras de primeiro.

Neſta

CXXVIII.

Neſta parte do Mundo tem guardado
A providente maõ da natureza
O ſeu maior theſouro deſtinado
Pelos fados á gloria Portugueza,
As pedras finas, o metal preſado
Por inſignia do fauſto, e da riqueza,
A cana doce, e as plantas mais formoſas
Alli teraõ as gentes cubiçoſas.

CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,
Que há de illuſtrar o nome Luſitano,
Depende do trabalho, e da victoria,
Da virtude, e valor mais ſoberano;
O teu ſe perde em diſtracçaõ notoria
Entre vans illuſoens de Amor tyrano,
E deſta ſorte podem ſer fruſtradas
Todas eſtas venturas eſperadas.

CXXX.

Se te naõ move o nobre ſentimento
Da tua propria gloria; ſe eſquecer-te
Podes tanto de ti, no abatimento,
A que Amor te reduz, poſſa mover-te,
Pelo menos o claro luzimento,
Que a teu ſangue ſe eſpera, e merecer-te
Poſſa em fim Portugal, que á ſua fama
Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Aſſim

CXXXI.

Aſſim fallou, e logo arrependido
O Varaõ do deſcuido, em que vivia,
A Barrocas abraça agradecido
A's ſantas inſtrucçoens, que lhe devia;
O Genio ſe retira; Amor vencido
Cede á gloria o lugar, que lhe impedia;
Em clauſura decente Ignez ſe encerra;
Proſegue com fervor a dura guerra.

FIM DO CANTO VII.

A LIBERDADE
CANTO VIII.
ARGUMENTO.

AÕ ſatisfeito o Heróe de haver defendido Lisboa, pertende libertar todo o Reyno, e marcha ſobre Alenquer, que ſe lhe rende a partido; mas depois ſe torna a rebellar. O Defenſor a torna a ganhar, com Torres Vedras, Torres Novas, Sintra, Peniche, Leiria, e a maior parte da Provincia da Extremadura. A do Alemtejo ſegue já quaſi toda o ſeu partido. Na Beira muitos Lugares, e Villas lhe obedecem, com alguns de Tras os Montes. O Porto o ſerve, e algumas Praças do Minho ſe lhe rendem; mas vendo o Rey de Caſtella quanto ſe augmenta o partido do Defenſor, e temendo, que os Portuguezes o acclamem ſeu Rey, pertende tirarlhe a vida, por meyo de huma traiçaõ, para que ſe vale do Conde de Traſtamara, que ſervia em Portugal. Deſcobre-ſe a traiçaõ ao Defen-

Defenſor, que buſca ao Conde ſó no campo; onde lhe declara a noticia, que tem do ſeu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a ſua commiſſaõ, e juntamente lhe afeya a ſua perfidia, e o deſpede para Caſtella, ſem querer vingar-ſe. Deſcobrem-ſe complices na traiçaõ alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros ſe prendem; mas aſſuſtado o Reyno com eſtes perigos, pertende tomar mais prompta, e ſegura providencia ſobre o Governo, e ſe ajuntaõ em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Côrtes, a que vem aſſiſtir o Defenſor, com os principaes Officiaes do ſeu Exercito, e junto á Cidade ſaõ recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos viva ElRey D. Joaõ. *Em quanto naõ chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defenſor gaſtar alguns dias na caça, e vai parar huma noite a caſa de hum Cavalheiro, que vive retirado em huma Aldeia, chamado Camillo. Deſcreve-ſe Camillo, e a pratica que teve com o Defenſor; as inſtancias do Principe, e reſpoſta do meſmo Camillo. Deſpede-ſe o Heróe hum pouco commovido das idêas Filoſoficas; mas em ſonhos lhe apparece a figura do Senhor D. Affonſo, q̃ lhe expoem as glorias da Caſa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.*

A LIBERDADE

CANTO VIII.

I.

JA' naõ consente o brio Lusitano
Defender só Lisboa; já medita
Liberdade geral, já do tyrano
Estrangeiro dominio solicita
Evitar totalmente o triste damno
No resto da Naçaõ, e se habilita
Do grande Defensor o nobre alento,
Para cumprir taõ alto pensamento.

Mas

II.

Marcha ſobre Alenquer praça viſinha,
Que o partido ſuſtenta de Caſtella,
Como terra, que fora da Raynha,
Que o Genro introduzio na poſſe della;
E como a ſeus projectos naõ convinha
Fazer grande demora, por cautela,
Com partidos tentou primeiramente,
A Villa ſujeitar ſuavemente.

III.

Governava Camoens a Fortaleza,
Cavalheiro Heſpanhol bem conhecido,
Mas notado de alguma ligeireſa
Em mudar facilmente de partido;
E moſtrando por ſuſto, ou por deſtreza
Na preſença de riſco taõ creſcido,
Eſtimar a propoſta, em fim ſe rende;
Mas faltar brevemente á fé pertende.

IV.

Porque apenas as armas Portuguezas
Os muros de Alenquer deſaſſombráraõ,
E ſobre Torres Vedras mais acceſas
Da guerra as feras chamas ſe ateáraõ,
Quando Camoens com torpes ſubtilezas,
Que muitos dos ſeus meſmos reprováraõ,
Outra vez o partido Caſtelhano
Pertendeo preferir ao Luſitano.

Mas

V.

Mas efte, e outros mais apaixonados
Pela caufa de Hefpanha, que intentavaõ
Abater os troféos continuados,
Com que as Lufas emprezas fe illuftravaõ;
Serviaõ fó de dar mais avultados
Efmaltes ás victorias, que alcançavaõ,
Cada vez com ventagens mais famofas,
Do Defenfor as armas gloriofas.

VI.

Porque a pefar dos grandes embaraços
Do poder Hefpanhol, e da porfia
De muitos Portuguezes, que entre os laços
Da fervidaõ hum vil temor prendia,
Do grande Defenfor os fortes braços,
E dos feus parciaes a valentia
Triunfaõ fem ceffar por toda a parte,
Onde o vulto defcobre o fero Marte.

VII.

Alenquer outra vez o jugo acceita,
Torres Vedras fe rende, Sintra cede
A' força dos combates; já fujeita
Se moftra Torres Novas; já defpede
Peniche os Caftelhanos; já refpeita
Leirîa o Defenfor, e já fe mede
Quafi toda a Provincia com focego,
Defde as margens do Tejo ás do Mondego.

Igual-

VIII.

Igualmente a Provincia , que ſe eſtende
Entre as agoas do Tejo , e Guadiana
Do Defenſor a voz ſegue , e defende ,
Contra o pòder da gente Caſtelhana ;
Da Beira a maior parte a fé lhe rende ;
O Porto o ſerve , Chaves , com Vianna
Se ſujeitaõ por força , com Linhares ,
E varias outras Villas , e Lugares.

IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto creſce
Cada dia o poder do Varaõ forte ,
E como a Luſa gente lhe obedece
Deſpreſando o caſtigo , o riſco , a morte ;
Temendo , que huma vez ſe reſolveſſe
A conferir-lhe em fim mais alta ſórte ,
Tirar-lhe a vida intenta ambicioſo
Pelo meyo mais vil , mais horroroſo.

X.

Andava em Portugal refugiado ,
Por diſſabores , que em Caſtella houvera ;
Do meſmo Rey hum Primo , nomeado
De Traſtamara Conde , a quem fizera
O Defenſor mil honras , e abonado
Por prendas peſſoaes de todos era
No Campo Luſitano , onde ſervia ,
Com moſtras de affeiçaõ , e valentia.

Deſ-

XI.

Deſte ſe vale o Rey para inſtrumento
Da traiçaõ vergonhoſa, que medîta,
E perſuadir-lhe o torpe penſamento,
Com promeſſas, e rogos ſolicita;
Que mate o Defenſor hé ſeu intento,
Com disfarce de amigo: a tanto incita
Huma cega paixaõ precipitada,
Quando naõ hé por gloria motivada.

XII.

E ſendo facilmente convencido
O Conde das promeſſas, foi buſcando
Companheiros, de quem foſſe aſſiſtido
Nos perigos de empenho taõ nefando;
Nelle foi brevemente ſocorrido
Por Beça, e por Baldez, que militando
Em Portugal andavaõ, por cautela,
Como o Conde fugidos de Caſtella.

XIII.

Porém ſendo por todos ajuſtado
Matar o Defenſor em qualquer hora,
Que podeſſe encontrar-ſe deſcuidado,
Ou na propria barraca, ou della fóra,
Quiz o Conde, que o Rey foſſe aviſado
Deſte ajuſte por carta, e nella implora
Aſſiſtencia de gente, e Praça certa
Para depois da morte deſcoberta.

XIV.

Mas eſta carta, ou foſſe por deſgraça,
Ou por culpa talvez do menſageiro,
Que com pouca cautela á viſta paſſa
Da guarda de hum valente Cavalleiro,
Foi tomada bem perto já da Praça,
A que marchava, ſendo priſioneiro
O portador, e logo confeſſado
O negocio de que era encarregado.

XV.

Por ella o Defenſor foi inſtruido
Das feyas intençoens do Rey tyrano,
E do projecto infame, que emprendido
Havia o falſo Conde Caſtelhano:
Mas tendo juſtamente concebido
Todo o devido horror daquelle engano,
Pôde mais no ſeu peito a bizarria,
Que a vingança, ou temor da aleivoſia.

XVI.

Pois ſabendo, que o Conde paſſeava
Do arrayal hum pouco ſeparado,
Ou porque aſſim melhor aliviava
O deſvelo cruel do vil cuidado,
Ou porque allî noticias eſperava
Do portador, que havia deſpachado;
A'quelle meſmo ſitio ouſadamente
Se dirîge com animo valente.

E

XVII.

E disfarçando o justo sentimento
Com mostras de brandura, e de alegria;
Os obsequios do Conde acceita attento,
Que se apressa a fazer lhe companhia;
Mas depois que ambos sós, com vario intento,
Apartados se vêm, e já podia
Cada qual livremente, e sem disfarce
Da ventagem do sitio aproveitar-se.

XVIII.

O Defensor os passos suspendendo;
E voltando com gesto socegado
Para o perfido Conde, que entretendo
O hia do seu zêlo, e seu cuidado,
Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo
As vossas intençoens, e confiado
Na discriçaõ, que o Ceo com vós reparte;
Quero de hum grave caso dar-vos parte.

XIX.

Eu sei quem infiel á minha vida
Traiçoens maquina com infame engano;
Abusando da honra, e fé devida
Com descredito seu, para meu damno;
Eu posso castigar este homicida;
Mas naõ quizera parecer tyrano;
Dizei-me vós o que em taõ grande aperto,
Imaginais acçaõ de mais acerto.

XX.

Dar-lhe morte cruel, lhe diz o Conde,
Naõ he ponto, que ſeja duvidoſo;
E a meſma morte apenas correſponde
A deliĉto taõ vil, taõ aleivoſo:
A tyrania ſó ſe accuſa adonde
He injuſto o caſtigo, ou ſuſpeitoſo;
Mas hum traidor, que offende a fê ſagrada,
Toda a pena, que ſoffre he moderada.

XXI.

Vede bem, continúa o Varaõ fórte,
O que dizeis, o que me aconſelhais,
Que na ſentença, que diĉtais de morte,
A vôs proprio talvez vos condemnais;
A mim, reſponde o Conde, e de que ſórte?
Pois acaſo, Senhor, imaginais,
Que eu poſſa ſer traidor? Se infamemente
Alguem o diz, eu moſtrarei que mente.

XXII.

Vós o dizeis, proſegue ſocegado
O Defenſor, a carta deſcobrindo,
Vede quem vos accuſa, e ſe informado
Eſtou bem das traiçoens, que andais ordindo;
Nós eſtamos em ſitio accommodado
Para o ſim, que intentais, pois prevenindo
Eſte voſſo deſejo, eu meſmo venho
A dar prompta occaſiaõ ao voſſo empenho.

Aqui

XXIII.

Aqui me tendes fô ; dai cumprimento
A' vingança , que tendes promettido ;
Que hum homem , como vós , para inftrumento
De hum golpe occulto foi mal efcolhido :
Ifto dizendo com briofo alento ,
Da cinta arranca o ferro efclarecido ,
E com elle na maõ efpera oufado
A refpofta do Conde rebellado.

XXIV.

Mas vendo , que emmudece , e que abatendo
Os olhos , qual de pedra eftatua fica ,
E perturbado do delicto horrendo ,
Nem fe defende , nem fe juftifica ;
Com gefto irado o ferro fufpendendo ,
Que penfais , lhe pergunta ? affim fe explica
Hum homem , como vós , quando arguîdo
He no Campo de haver mal procedido.

XXV.

Onde eftá o furor , onde a arrogancia ,
Que inculca efte papel ? Se a companhia
De Béça , e de Baldéz , he circunftancia
Precifa para o golpe ; a cobardia
Faz mais feya a traiçaõ , e fem jactancia ,
Se fouberem , que em vôs falta oufadia ,
Qualquer delles dirá , que o feu alento
Era fó quem vos dava atrevimento.

Con-

XXVI.

Conde ſe o voſſo zêlo, e o voſſo affecto
Por El-Rey de Caſtella, vos provoca
A ſer executor do ſeu projecto,
O riſco deſte empenho a vós ſó toca;
E ſe o temor vos fáz taõ circunſpecto,
Que as voſſas iras em peſares troca,
O Campo he livre agora, a eſtrada aquella,
Que vos póde guiar para Caſtella.

XXVII.

Pois ſe entre os Portuguezes for ſabida
A vil traiçaõ, a feya indignidade,
Com que intentaveis uſurpar-me a vida,
Naõ ſerá facil dar-vos liberdade:
Eu naõ quero vingança mais luzida;
Salvai-vos, ſe quereis, com brevidade:
Iſto dizendo as coſtas foi voltando,
E pela eſtrada o Conde foi marchando.

XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada
Foi do Conde a fugida, e logo Béça
Suppondo a vil traiçaõ examinada,
De ſalvar-ſe tractou a toda a preſſa;
O meſmo quiz Baldéz; mas mal lograda
Foi deſte a diligencia; e ſendo expreſſa
A ſua culpa, logo foi punida
Com a pena de morte merecida.

Mas

XXIX.

Mas quando o Defenſor imaginava
Haver cortado o fio dos enganos;
Porque delles capazes ſó julgava
Os falſos coraçoens dos Caſtelhanos;
Se fez patente, que a traiçaõ graſſava
Entre alguns dos mais nobres Luſitanos,
E que della tractavaõ com ſegredo,
Dom Gonçalo, Dom Pedro, e Figueiredo.

XXX.

Dom Pedro ſegue logo os meſmos paſſos
Do Conde desleal para Caſtella,
Os outros dois temendo os embaraços
Da fugida, disfarçaõ por cautela;
Mas rôtos do ſegredo os cegos laços,
Facilmente o myſterio ſe revéla,
E conhecida a pertençaõ perjura
Foraõ metidos em priſaõ ſegura.

XXXI.

Cauſou geral horror eſte ſucceſſo;
Geral indignaçaõ na Luſa gente,
E fez accreſcentar com grande exceſſo
Da gloria Nacional o zêlo ardente;
Pois fazendo mais rapido progreſſo
No coraçaõ de todos, o prudente
Receyo de hum Governo eſtranho, e injuſto;
A providencia ſe éxaltou no ſuſto.

E

XXXII.

E congregados todos os Prelados,
Toda a Nobreza, e grande quantidade
De gente Popular, determinados
A tratar da ſuprema authoridade,
A' riſonha Coimbra ſaõ chamados,
Para mais regular ſolemnidade,
O Defenſor, e quantos Cavalleiros
O ſeguiaõ com fama de guerreiros.

XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade,
De meninos hum rancho copioſo,
Que em jogos proprios da innocente idade,
Se entretinhaõ no campo deleitoſo,
Correndo com gentil velocidade,
Encontrar vêm o Defenſor famoſo;
Todos juntos clamando em vóz feſtiva
Viva ElRey Dom João, Dom João viva.

XXXIV.

Nuno ſe anîma, o Defenſor adora
Da Providencia os paſſos, obſervando,
Como o ſucceſſo correſponde agora
A's palavras do Velho venerando;
Hum ſanto ſuſto o peito lhe devóra,
De Barrocas nas vozes contemplando,
Com quanta luz profetizou ſeguro
Os contingentes caſos do futuro.

E

XXXV.

E ſendo na Cidade recebido
Com moſtras de affeiçaõ, e de reſpeito,
E com publicos cultos aplaudido,
Do goſto univerſal notorio effeito,
A' morada Real foi conduzido,
Entre obſequios do povo ſatisfeito,
Que movîdo de impulſo mais que humano
O contemplava já por Soberano.

XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais diſtantes
Alguns dos Delegados naõ chegavaõ
Para votar nos pontos importantes,
Que as attençoens de todos occupavaõ;
Por divertir deſvelos penetrantes,
Que o bravo coraçaõ lhe atormentavaõ;
Quiz o Varaõ da caça no exercicio
Fazer de algumas horas deſperdicio.

XXXVII.

E procurando os montes mais fragoſos
Da Provincia da Beira, onde eſperava
Lograr golpes mais bellos, mais viſtoſos
Nas bravas féras, que o paîz criava,
Proſeguindo os empenhos deleitoſos
Por diſtancia maior, do que penſava,
O ſurprendeo a noite em hum deſerto
De matos cheio, de arvores coberto.

XXXVIII.

A penas com trabalho, e diligencia
Póde ganhar hum monte, donde alcança
A vista já confusa na apparencia,
De huma casa, ou cabana a similhança;
Naõ póde distinguir com evidencia,
Ser aprisco, ou casal; mas na esperança
De haver casa de gente allî visinha,
A'quelle sitio os passos encaminha.

XXXIX.

Hum pastor o seu gado recolhia
Na rustica choupana, e perguntado
Se por estes contornos haveria
Alguma Villa, Aldeia, ou Povoado;
Lhe responde, que pouco distaria
Hum pequeno Lugar; mas se o cuidado,
Accrescenta o pastor, de achar abrigo
He quem vos move, a muito mais me obrigo.

XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta,
Onde achareis albergue mais seguro,
Bem que o corpo cançado mal consinta
Andar dèscalço por caminho escuro;
Mas eu conheço a gente pela pinta,
Vós mereceis o bem, que vos procuro:
Assim fallando com grosseiro estîlo,
O foi guiando á Quinta de Camillo.

Era

XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado
Por naſcimento, e proprias qualidades,
Que de eſperanças vans deſenganado,
Se auſentára da Côrte, e das Cidades;
Neſte ſitio vivia retirado
Do tumulto do Mundo, e nas verdades
Da ſolida moral Filoſofia,
Os aggravos da ſorte divertia.

XLII.

Huma caſa ſem faſto, mas decente,
Hum adorno nem vil, nem precioſo,
Huma familia parca, mas contente,
Hum veſtido nem pobre, nem pompoſo;
Huma meſa modeſta, mas patente,
Hum proceder ſincero, e officioſo
O faziaõ a todos agradavel,
E nos viſinhos póvos reſpeitavel.

XLIII.

Chegado o Defenſor, foi recebido
Com civil attençaõ, com grande agrado;
E ſendo brevemente conhecido,
Com diſtinctos obſequios cortejado;
Camillo, que algum dia tinha ſido
Nos eſtilos da Côrte doutrinado,
Soube moſtrar no goſto, e no reſpeito
Do mais vivo alvoroço o claro effeito.

XLIV.

Alli paſſou a noite, e conhecendo
A candidez do genio de Camillo,
Alli paſſou dois dias entretendo
As horas todas por ſincero eſtylo;
Ora fructas, e flores eſcolhendo
Das meſmas plantas, ora o ſom tranquillo
Das fontes obſervando, ora a verdura
Do jardim, da campina, e da eſpeſſura.

XLV.

Mas neſtes meſmos ruſticos recreyos,
Nas hortas, nos jardins, e nos pomares,
Nos viveiros, nos boſques, nos paſſeyos,
E nos meſmos trabalhos mais vulgares
Notou o Defenſor alguns aceyos,
Algumas proporçoens particulares,
Que davaõ no ſeu tanto idéa clara
Do bom goſto, de quem as fabricára.

XLVI.

E combinado aquelle penſamento
Com varias reflexoens, que ponderava
Nas acçoens de Camillo, a quem attento
Deſde a noite primeira contemplava,
Sabendo que o ſeu claro naſcimento
A mais altos empregos convidava,
Naõ podia adaptar aquelle eſtado
A's idêas de hum homem cultivado.

Aſſim

XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,
Censurando de inutil, e ociosa
Aquella vida, que entre os montanhezes
Desfructava Camillo em paz gostosa;
Dava razoens valentes, mas cortezes
Contra aquella inacçaõ indecorosa,
A que sempre Camillo respondia,
Que o seu destino mais naõ permittia.

XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente
Foi notado do Principe guerreiro
Aquelle tom de vida de indecente,
Dos deveres de hum nobre cavalleiro;
Rompendo da cautela o véo prudente,
Que occultava o motivo verdadeiro
Da supposta inacçaõ, em fim Camillo
Se resolve a fallar por este estylo.

XLIX.

Naõ queiras, naõ, meu Principe, as idêas
Formar dos homens pelos seus estados,
Que repetidas vezes saõ alhêas
As suas profissoens dos seus cuidados;
Estaõ os Tribunaes, e Tropas cheas
De Ministros venaes, fracos Soldados;
Lavra a rustica terra alguma gente
De peito puro, de animo valente.

L.

Algum tracta do publico interesse,
Que despreza no fundo do seu peito,
Outro, que pensar nelle naõ parece,
Sente talvez do zêlo o nobre effeito;
Hum negocios conduz, que naõ conhece;
Outro mais habil vive sem conceito,
Hum alcança grandezas, que naõ busca;
As diligencias de outro a sorte offusca.

LI.

Eu fui por largos annos combatido
De hum desejo de gloria extraordinario;
E para ser no Mundo conhecido,
Obrei quanto entendi ser necessario:
Estudei, porém fui mal attendido,
No conceito da Côrte sempre vario;
Quiz dedicar a Marte o meu socego,
Mas naõ pude nas armas ter emprego.

LII.

Desenganado em fim, que naõ podia
Distinguir-me do Mundo no tumulto,
Que os meus nobres projectos abatia,
Com desprezo fatal, com triste insulto;
Vendo como a fortuna aborrecia
Os sacrificios deste indigno culto,
Levado de hum ardor impaciente,
As costas lhe voltei grosseiramente.

Deste

LIII.

Defte modo julguei, que me vingava
Dos feus cegos caprichos ignorantes,
Crendo, que as attençoens, que lhe negava;
Eraõ nos feus altares importantes;
Tanto naquelle tempo me cegava
O juvenil ardor, taõ arrogantes
Saõ os difcurfos da primeira idêa,
Com que amor proprio a todos lifongea!

LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro
Pelo decurfo de mais largos annos,
E pela luz de algum eftudo puro
Sobre as paixoens mais proprias dos humanos;
Pode fazer juizo mais feguro,
Pode alcançar mais claros defenganos,
Outras faõ as razoens, porque prefiro
A's grandezas do Mundo o meu retiro.

LV.

Sei, que os homens na fumma Providencia
Tem o proprio deftino affignalado,
E que a pefar de toda a diligencia
Devem cumprir os termos de feu fado;
Sei, que da forte a vària contingencia
Ninguem póde emendar acautelado;
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,
He certamente em noffo beneficio.

He

LVI.

He precifo , que o Mundo fe divida
Em varias condiçoens , que mutuamente
Se foccorraõ , e ajudem com devida
Proporçaõ no trabalho competente ;
Naõ póde fer a todos concedida
A diftincçaõ de hum gráo mais eminente ;
Mas pode cadaqual no feu eftado
Alcançar dignamente hum nome honrado.

LVII.

O Monarca no Trono repartindo
A juftiça nos póvos , que domina ,
O General no Campo difundindo
O terror nas Provincias , que arruina ,
O Miniftro na Côrte difcutindo
Os negocios , que a Patria lhe deftina ,
Todos faõ grandes , todos faõ famofos
Se cumprem feus encargos gloriofos.

LVIII.

O Poeta , que em vivas apparencias
Retrata dos Heróes as acçoens claras ,
O bom Hiftoriador , que as evidencias
Das memorias conferva mais avaras ,
O Filofofo douto , que as fciencias
Explica , e adorna de noticias raras ,
Tambem faõ grandes , tambem faõ louvados
Pela nobre attençaõ dos feus cuidados.

O

LIX.

O Cidadaõ, que educa dignamente
A familia, que á Patria facrifica,
O Lavrador, que a terra diligente
Em proveito geral rompe, e fabrica;
O Artifta, que á obra competente
A fim util, e jufto fe dedica,
Saõ tambem dignos, faõ tambem louvaveis
Nos feus mefmos trabalhos incanfaveis.

LX.

Naõ faõ fómente as armas quem produzem
As honras, que os Varoens eternizáraõ;
Nem fómente a batalhas fe reduzem
As acçoens, que feus nomes confervâraõ;
Varios meyos á gloria nos conduzem,
Que Alexandre, nem Cefar naõ gozáraõ
Mais conftante refpeito, mais fincero,
Doque goza Virgilio, e goza Homero.

LXI.

Em qualquer condiçaõ, qualquer eftado,
Ou humilde, ou fublime, a gloria pura
Defcobre a fua luz; hum peito honrado
A fegue fempre na mayor altura,
Ou na mais baixa forte, e o mefmo agrado;
A pefar da defgraça, ou da ventura,
Tem fempre nos feus olhos reveftida
De nobre adorno, ou por fi fó defpida.

LXII.

A virtude, que faz o fundamento
Neceſſario da gloria verdadeira,
Nem póde nas fortunas ter augmento;
Nem ſe abate na ſorte mais groſſeira,
Invariavel ſempre o ſentimento
Da honra pura, da verdade inteira
Regúla o coraçaõ do Varaõ forte,
Em qualquer condiçaõ da meſma ſorte.

LXIII.

Ama o Rey, ama a Patria, ama a Juſtiça,
Ama os ſeus ſimilhantes, e aborrece
Os inſultos, as fraudes, a cobiça,
A vil vingança, o ſordido intereſſe;
Deteſta o ocio torpe, a vã perguiça,
As intrigas infames naõ conhece,
Nem oſtenta ambiçaõ, nem deſalento,
A' ſua obrigaçaõ ſómente attento.

LXIV.

Satisfeito da ſorte concedida,
Nella vive goſtoſo, e ſocegado;
Nem inveja fortuna mais luzida,
Nem procura lugar mais ſublimado;
Nos ſeus proprios deveres entretida
Toda a ſua attençaõ, o ſeu cuidado
He ſómente obrar bem, e naõ repara
Nas cegas illuſoens da gente avara.

Em

LXV.

Em quanto a mim naõ tenho por caſtigo
Eſte modo de vida, que aqui paſſo,
Antes como favor do Ceo amigo,
Deſte eſtado me alegro, e ſatisfaço;
Aqui vivo mais longe do perigo,
Da deſordem, do engano, e do embaraço;
Com que as Côrtes enredaõ triſtemente
Hum peito puro, hum animo innocente.

LXVI.

Aqui naõ vejo o torpe fingimento
Do vil adulador, o feyo engano
Do traficante aſtuto, o ſoffrimento
Do triſte pertendente, o ar tyrano
Do ſoberbo Miniſtro, o deſalento
Do pobre deſpreſado, o geſto inſano
Naõ vejo do disfarce, com que iliude
A falſidade os paſſos da virtude.

LXVII.

Aqui da propria côr da natureza
As paixoens ſe reveſtem, vêm-ſe os peitos
Nos ſemblantes pintados; a fraqueza
Apparece tremendo, os ſeus effeitos
Naõ encobre a vingança; e com pureza
Se annunciaõ deſpreſos, e reſpeitos,
Se manifeſta a boa, ou má vontade,
Os impulſos do odio, ou da amiſade.

LXVIII.

Aqui ſe paſſa o dia ſem cuidado,
Aqui a noute ſem temor ſe paſſa,
No puro, natural, ſincero eſtado,
Que o candido prazer naõ embaraça:
Aqui contemplo o campo matizado
De flores naturaes, com tanta graça,
Que o mais habil pincel já mais figura
Tantas côres diverſas na pintura.

LXIX.

Vejo naſcer a fonte graciosa,
O regato formar, que fertiliza
A viſinha campina deleitoſa;
Vejo como ſe augmenta, e formaliza
Já ribeira mais groſſa, e caudeloſa,
E rio em fim, que as margens tyraniza;
Vejo veſtir de folha o tronco bruto
Brotar a flor, e produzir o fructo.

LXX.

Vejo das plantas no fecundo ſeyo
Por deſtra maõ aberto ſubtilmente,
Creſcer, ſem repugnancia, o ramo alheyo;
Adornar-ſe de pomo incompetente;
Vejo romper a terra ſem receyo,
Pelo curvo inſtrumento, e brevemente
Cobrir de verde a face da lavoura,
Creſcer, e ſazonar-ſe a eſpiga loura.

Vejo

LXXI.

Vejo das aves, vejo dos infectos
Os polidos trabalhos regulados
Por maõ da natureza, e taõ complectos,
Que podem fer dos homens invejados;
Os curiofos ninhos, os fecretos
Artificios dos fios delicados,
E os exemplos fieis, com que aconfelha
A próvida formiga, a fabia abelha.

LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,
Com agradaveis lucros alternadas;
Ouço dos pegureiros as cantigas,
Com fylveftre cadencia moduladas;
Obfervo de huns, e de outros as intrigas,
Sómente a fins honeftos ordenadas;
E me entretenho em ver fuas difputas,
Suas trovas, feus jogos, fuas lutas.

LXXIII.

Eu mefmo, neftes jogos innocentes,
Neftas difputas vans, rufticas trovas,
Incito emulaçaõ nos combatentes,
Miniftro a feu defvelo ideas novas;
Elles me ouvem finceros, e contentes,
E me rendem de amor goftofas provas,
Com verdadeiras moftras de refpeito;
Mas defte em feu favor fó me aproveito.

LXXIV.

Se ſuccede talvez que a venenoſa
Semente da diſcordia o fructo puro
Opprime da innocencia, ſe a raivoſa
Vingança, ou vil cobiça o vulto eſcuro
Aqui deſcobrem, logo a cuidadoſa
Providencia lhe applico, e lhe aſſeguro
A perturbada paz, ſem mais violencia,
Que moſtrar-lhe a razaõ com evidencia.

LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade
Os orgulhos de alguns mais atrevidos,
Sem valer-me de mais auctoridade,
Que dos meus bons deſejos conhecidos;
Todos ſabem, que eu tracto com verdade
A todos igualmente; e convencidos
Deſte conceito, quaſi ſempre alcança
O meu arbitrio a ſua confiança.

LXXVI.

Já mais tomo partido, ou intereſſe
Nos negocios do povo, ou da juſtiça;
Eſta reſpeito, aquelle naõ merece
Os ſoccorros da luz, que deſperdiça;
Do poder da razaõ, que naõ padece
Os ultrajes da força, ou da cobiça,
Sómente me auctorizo, e neſte eſtado
Vivo contente, vivo ſocegado.

Mas

LXXVII.

Mas hum homem, que penſa nobremente,
Reſponde o Defenſor, naõ imagina
Ser naſcido no Mundo ſimpleſmente,
Para viver inutil; nem deſtina
Os ſeus talentos ocioſamente
A paſſar ſem cuidado: a honra enſina,
Que a Patria, que nos deu o naſcimento,
Pede de nós hum zêlo mais attento.

LXXVIII.

A honra, diz Camillo, he ſem diſputa
Inimiga do ocio; mas deteſta
Naõ menos as intrigas; quem eſcuta
Os ſeus dictames, nunca manifeſta
Repugnancia à ſervir; mas naõ tributa
Indecencias ao zêlo, e com modeſta
Diligencia, e trabalho ſe habilita
Para os cargos, mas naõ os ſolicita.

LXXIX.

Na verdade o caracter generoſo
De huma alma grande, de hum illuſtre peito,
Naõ ſe ſerve do eſtylo indecoroſo,
A que o genio da Côrte eſtá ſujeito;
Naõ rende hum culto infame, e vergonhoſo
A' liſonja; naõ vota o ſeu reſpeito
A's imagens indignas da vaidade,
Do favor, do poder, da dignidade.

Naõ

LXXX.

Naõ ſe ſujeita á cega irreverencia
De incenſar a perfidia, a tyrania,
A vil ingratidaõ, a inſolencia,
A torpeza, o engano, a hypocreſia;
Naõ ſe abate aos exceſſos da indecencia
De adular a familia, a companhia,
E ſervos dos Miniſtros; e ſem iſto
Nimguem pode dos Grandes ſer bemquiſto.

LXXXI.

Eu aſſiſtî na Côrte de Fernando
Alguns annos com firme penſamento
De render-lhe ſerviço, acreditando
A virtude por baſe, e fundamento;
Mas o tempo me foi deſenganando;
E depois de maior conhecimento,
Vî, que a virtude, a honra, e probidade
Naõ ſerviaõ allî de utilidade.

LXXXII.

O favor cegamente diſpenſava
Os deſpachos, e graças, ſem reſpeito
A coſtumes, ou prendas: quem lograva
Alguma protecçaõ, tinha direito
A quantas pertençoens ſolicitava,
Quem a naõ tinha, eſtava no conceito
De inutil, e incapáz dos beneficios,
Dos empregos, das honras, dos officios.

As

LXXXIII.

Ás intrigas, funesta consequencia
De hum Governo remisso, e descuidado;
Grassavaõ sem limite, e da indecencia
Das illusoens o Solio era cercado:
A vil mentira, a cega complacencia,
A servil sujeiçaõ, o descarado
Fingimento, e ambiçaõ mais importuna
Eraõ só os degráos para a fortuna.

LXXXIV.

O meu genio fiel, sincero, e puro;
Apaixonado amante da verdade,
Naõ podia firmar passo seguro
Neste abismo de horror, e falsidade;
Perdi-me sempre neste engano escuro,
Por seguir da razaõ a claridade,
Fui desprezado, e hoje naõ me pêsa
Desse desprezo, e desta singeleza.

LXXXV.

Venturoso mortal, que sem inveja;
A tua sórte julgas por ditosa!
Exclama o Defensor, o Céo te seja
Sempre propicio; o teu socego goza;
Pois que tanto te agrada: em ti se veja
Na constante alegria, e pas formoza
Hum exemplo felîz, de que a ventura
No desprezo das honras se assegura.

Isto

LXXXVI.

Isto dizendo; nos robustos braços
Aperta de Camillo o puro peito,
E lhe assegura nestes doces laços
Hum eterno penhor do bom conceito:
Communica-lhe os grandes embaraços,
A que o seu nobre emprego está sujeito,
E no resto da noite largamente
Discorrem no passado, e no presente.

LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores
Da matutina lúz se divisáraõ,
E das aves os musicos clamores,
A chegada da Aurora annunciáraõ,
O grande Defensor, a quem maiores
Pensamentos o sóno embaraçáraõ,
Despedir-se pertende, o beneficio
Agradecendo do sincero hospicio.

LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia;
Mas o Varaõ illustre o naõ consente;
E partindo com mostras de alegria,
A Coimbra caminha diligente;
Mas occupada a clara fantasia
Das rasoens de Camillo, e da prudente
Conducta, com que a sua independencia
Dominava do fado a influencia.

Con-

LXXXIX.

Contemplando nos ſuſtos, e cuidados,
Nos perigos, e riſcos furioſos,
Nos trabalhos frequentes, e peſados,
Nos precipicios varios, e eſpantoſos,
A que eſtavaõ ſujeitos, e obrigados
Os ſeus grandes projectos glorioſos,
E na triſte inconſtancia dos ſucceſſos
A peſar dos mais proſperos progreſſos;

XC.

Hum pouco commovido, e vacilante
Nas illuſtres ideas, que tractava
No grande penſamento; e que a brilhante
Influencia da gloria lhe inſpirava,
Comſigo meſmo incerto, e a cada inſtante
Mais duvidoſo o ponto diſputava,
Se devia ſeguir, a fama incerta,
Ou buſcar do ſocego a porta aberta;

XCI.

E fatigado deſtes penſamentos
Se entregou de Morfeo nos doces braços
Entre quatro carvalhos corpulentos,
Do Sol ardente freſcos embaraços;
Mas o Genio, que tracta dos augmentos
Da gloria Portugueza, e ſempre os paſſos
Obſerva do Varaõ, a quem preſente
Acompanha, e ſoccorre diligente.

Em

XCII.

Em ſonhos lhe apreſenta o vulto amado
Do terno Affonſo, fructo deleitoſo
Dos amores de Ignez, acompanhado
De outro vulto, mas feyo, e pavoroſo;
Eſtava o claro Infante ameaçado
Dos ultrajes do monſtro indecoroſo;
E quando no ſeu riſco ſe affligia,
Huma vóz eſcutou, que aſſim dizia.

XCIII.

Se te naõ move a gloria promettida
A' nobre deſcendencia, que o Ceo claro
Te deſtina; mas hoje conhecida
Naõ póde ſer de ti; ſe em ſeu amparo
Naõ queres arriſcar a fragil vida,
Os vaons prazeres, o ſocego avaro,
Mova-te o Filho, que aqui vêz preſente,
Que a ſórte tem da tua dependente.

XCIV.

Com elle o fado liberal ſe oſtenta,
Se tu meſmo naõ fruſtras as bonanças;
Pois que nelle, e ſeus filhos accreſcenta
A firmeza das Luſas ſeguranças;
Na ſua deſcendencia o Ceo ſuſtenta
A Portugal ſegundas eſperanças
De liberdade contra o vaõ projecto
Do poder Heſpanhol já mais complecto.

Ou-

XCV.

Outro Joaõ naõ menos venturoſo
Delle procederá, que o Trono Luſo
Há de livrar do jugo injurioſo,
Do tyrano poder já nelle intruſo;
Mas em quanto no Solio poderoſo
Naõ for do teu Affonſo o ſangue incluſo;
Naõ menos gloria a ſórte lhe prepara
De Bragança na Caſa ſempre clara.

XCVI.

Eſta ſerá naõ ſó na Luſa terra;
Mas nos Reynos eſtranhos reſpeitada
Com quantas preeminencias goza, e encerra
A grandeza mayor, mais elevada;
Eſta ſempre ſerá na paz, na guerra
Com egregios Varoens condecorada;
Mas para acreditar o ſeu deſtino
Baſta ſómente o grande Conſtantino:

XCVII.

Conſtantino, por quem o Indo eſpera,
Damaõ ſe aſſuſta, treme o Reyno injuſto
De Jafanapataõ, por quem ſe altera
O Gentio feróz, o Mouro aduſto;
A cega geraçaõ, a gente féra,
Que os Altares conſagra a torpe buſto;
A quem ha de enſinar no deſperdicio
A pia execraçaõ do ſacrificio.

XCVIII.

Vê tu, ſe queres, no ſocego indigno
De huma vil inacçaõ, indecoroſa,
Fruſtrar tanto favor do Céo benigno,
Mal lograr tanta fama glorioſa:
Eſſe que vês alli Monſtro maligno,
Que ameaça de Affonſo à luz mimoſa,
He o triſte Deſcuido, que a ventura
Mais brilhante converte em ſombra eſcura.

XCIX.

Segue agora, ſe queres, ſeus dictames
Em deſpreſo da gloria concedida,
E do vil ocio nas priſoens infames
Conſume triſtemente a chara vida;
Mais Defenſor da Patria te naõ chames,
Nem da prole te lembres promettida,
Se tanto teus deſejos liſonjea
Huma triſte inacçaõ eſcura, e fea.

C.

Calou-ſe a vóz: os vultos apparentes
Se deſvanecem, qual a ſombra eſcura
Se desfáz entre os rayos refulgentes,
Na preſença do Sol, ou da luz pura,
O Varaõ deſpertou; mas taõ preſentes
As fingidas imagens lhe figura
A fatigada idêa, que acordado
Inda buſca de Affonſo o vulto amado.

CI.

E ſuppoſto que em fim ſe deſengana
Ser tudo ſonho, tudo fingimento,
Nem por iſſo do ſuſto a dôr tyrana
Em páz lhe deixa o claro penſamento;
Já lhe parece, que o valor profana
Com brandas illuſoens de abatimento,
Já ſe accuſa de froxo; porque déra
Attençaõ de Camillo á voz ſincera.

CII.

E de novo nas chamas abrazado
Do deſejo da gloria, e fama eterna,
Que he quem ſempre no riſco mais peſado
Os penſamentos dos Heróes governa,
Naõ ſoffrendo demoras no cuidado,
Que lhe accreſcenta inſpiraçaõ ſuperna,
Monta a cavallo, e cheio de ouſadia
A' riſonha Coimbra os paſſos guia.

FIM DO CANTO VIII.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

ONGREGADOS os Prelados, a Nobresa, e os Procuradores dos Povos, e junta a Naçaõ em Cortes, Joaõ das Regras famoso Jurisconsulto faz huma larga falla ao Congresso, em que explica os principios da Sociedade Civil, a origem do Poder Soberano, as diversas qualidades delle as varias Constituiçoens dos Estados, e a particular de Portugal. Mostra que este Reyno he de legitima successaõ; mas pertende provar, que naõ ha legitimos Successores dos ultimos Reys, que devam justamente pertender a Coroa Portugueza. Para isto impugna o Direito do Rey de Castella, e da Raynha sua Mulher: intenta mostrar, que

esta naõ he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãy, e por outras razoens: que esta Princeza naõ he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de faltarem todas estas nullidades, tinhaõ perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á successaõ de Portugal, pelos mesmos Tractados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ faltado ás condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que elles mesmos se imposeraõ. Depois pertende o Doutor provar, que os Principes Filhos da Senhora D. Ignez de Castro, naõ foraõ legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusaõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado póde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle póde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniaõ; porem Martim Vasques falla a favor

dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente resoluçaõ, e se alteraõ taõ variamente os animos, que nada se póde rezolver por aquella vez. Em tanto o Genio infernal, vendo a occasiaõ opportuna, se vale da Discordia para que vá perturbar as idéas do Congresso. Falla a Discordia a Martim Vasques, e havendo inflãmado o coraçaõ de Vasques, e seus partidarios, passa a commover o peito do grande Nuno, a quem irrîta de sorte, que projecta matar a Vásques, e para isto falla ao Defensor, que detesta similhante proposta, e o reprehende de taõ baixo pensamento. Ajunta-se de novo o Congresso, e se embaraça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonso Domingues de Aveiro, Procurador de Coimbra, pondéra as razoẽs de hum, e outro partido; abona humas, e impugna outras; considera o estado presente do Reyno; e mostra finalmente a precisaõ indispensavel de eleger hum Rey, e que este deve ser o Defensor.

A LIBERDADE

CANTO IX.

I.

JA' promptos em Coimbra os Deputados
Das Cidades, e Villas mais famosas,
Os Fidalgos, os Grandes, os Prelados,
E da Plebe as pessoas mais zelosas,
Em fórma de Comicios congregados,
Quaes de Roma nas eras gloriosas,
Se dispunhaõ com brava confiança
A regular do Reyno a segurança.

Di-

II.

Dizia-ſe com plena liberdade,
Que o Trono eſtava vago; que o direito
De conferir a Regia Dignidade
Era proprio do Eſtado, e que em defeito
Da legitima antiga auctoridade,
Aquem o Reyno todo era ſujeito,
O poder, que dos Povos procedera,
Aos meſmos outra vez ſe revertera.

III.

Deſtas grandes idéas poſſuidos,
E do zêlo da gloria Portugueza,
Ou de occultos influxos commovidos,
Com que animava o Céo a dura empreza,
Em ſeveros Juizes erigidos,
Da pertençaõ mais alta da grandeza,
Os Povos inquietos fluctuavaõ
Sobre a nova eleiçaõ, que meditavaõ.

IV.

Huns nos Filhos de Ignez juſtiça bella
Deſcobriaõ, com fórtes fundamentos;
Outros tem na Raynha de Caſtella
Occupados os altos penſamentos;
Huma parte da gente ſe deſvela
Em fruſtrar da contraria os argumentos;
Mas os meſmos partidos mais oppoſtos
No Defenſor os olhos tinhaõ poſtos.

Che-

V.

Chegado em fim o tempo, em que devia
Diſputar-ſe a queſtaõ publicamente
Na Aſſemblea geral, que pertendia
Ser Tribunal no caſo competente;
Joaõ das Regras, Varaõ em quem ſe unia
Huma vaſta ſciencia ao mais patente
Zêlo pela Naçaõ, com firme aſpecto,
Aſſim rompe o myſterio do projecto.

VI.

Fortiſſimos Varoens, em quem o nobre
Amor da Patria, e publico intereſſe
Taõ conſtante, taõ puro ſe deſcobre,
Que as antigas façanhas eſcurece;
Se hum peito fraco, ſe hum diſcurſo pobre
De hum Cidadaõ fiel, que reconhece
Os ſeus devêres, e prezar proteſta
O nome Portuguez, vos naõ moleſta.

VII.

Permittî, que eu exponha ſem disfarce,
A's voſſas attençoens, o deſamparo,
Em que o Reyno ſe obſerva, ſe explicar-ſe
He neceſſario hum mal, que eſtá taõ claro;
Ponderemos ſe póde acautelar-ſe
O tyrano rigor do fado avaro,
Que parece deſtina a Luſa gloria
A perder-ſe das gentes na memoria.

Vos

VIII.

Vós ſabeis todos, nem alguem duvîda,
Que todo o corpo para ſer perfeito,
Cabeça deve ter, em que rezida
De reger os mais membros o direito;
Eſte corpo, que Eſtado ſe appellîda,
Segue a regra geral, e no conceito
De Politico Corpo, huma cabeça
Preciſamente he força, que conheça.

IX.

Em quanto os homens poucos, e groſſeiros
Viveraõ livres, e sem ley, formava
Cada Familia hum Corpo, e dos primeiros
Reſpeitos, como Chefe, o Pay gozava;
Porém logo depois que os verdadeiros
Principios da Policia, a gente brava
Conheceo com mais luz, foi neceſſario
Novos Corpos formar por modo vario.

X.

Nelles todos os membros congregados
Em commum beneficio mutuamente,
Para ſerem ſervidos, e abonados
Huns dos outros, em fórma competente,
Nos illuſtres objectos occupados
De huma vida civil, conveniente
A' doce condiçaõ de gente amiga,
Foi preciſo alterar a regra antiga.

O

XI.

O receyo dos riscos imminentes,
A' triste solidaõ, falta de amparo,
Na soberba cruel dos insolentes,
Na vil cobiça de hum visinho avaro,
Nas impunes acçoens dos delinquentes,
Nos insultos, e fraudes, sem reparo,
Foi a causa primeira, ou fundamento
Deste Corpo, ou civîl ajuntamento.

XII.

E sendo indispensavel, que tivesse
Hum tal Corpo Cabeça respeitavel,
Que dirigir, que regular podesse
Os progressos da vida Sociavel,
Foi preciso, que nella depozesse,
Com pura demissaõ inalteravel,
Cada qual o poder, que possuîa
Sobre si, sobre os filhos, que regia.

XIII.

Foi preciso ceder da liberdade
Do estado natural, e do direito
Da primittiva origem da igualdade,
Que competia a todos, no conceito
Procedido da propria dignidade
De homens livres, fazendo mais perfeito
Aquelle sacrificio a nobre idéa
De abonar mutuamente a sorte alhea.

XIV.

Daqui vem o poder illimitado
Das Republicas, Reys, Imperadores,
E de outros Chéfes de qualquer eſtado
Reconhecidos nelle por Senhores;
Com qualquer deſtes nomes reſpeitado
O ſupremo poder dos Regedores
Conſtitue a Cabeça veneravel
De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

XV.

Eſta Cabeça, ou ſeja ſimpleſmente
Hum ſó homem, ou ſejaõ mais unidos
No ſupremo Poder independente,
Hé quem governa os membros repartidos:
Sem ella naõ ſe anima a competente
Aura vital dos Reynos mais luzidos,
Sem ella os membros de qualquer Eſtado
Tem todo o ſeu vigor deſalentado.

XVI.

Nella conſiſte a força Soberana,
Que premea, caſtiga, e determina
As acçoens principaes da eſpecie humana,
Que a viver civilmente ſe deſtina;
Nella tem protecçaõ a vîl cabana,
O Palacio dourado, a ſeda fina,
O ruſtico burél, o paſtor pobre,
O Miniſtro, o Soldado, o Grande, o Nobre.

Del-

XVII.

Della depende toda a economía
Do Politico Corpo, que descança
Na sua providencia, e lhe confia
Os cuidados da propria segurança;
Ella goza o Poder, que competia
A todos geralmente, e que a esperança
De ser mais justamente praticado,
Lhe fez ceder por bem de todo o Estado.

XVIII.

Esse grande Poder foi conferido
Variamente, confórme a natureza
Do Governo; por muitos repartido,
Ou entregue á prudencia, e fortaleza
De hum só homem; só deste possuido,
Ou vinculado com maior firmeza,
Na sua descendencia, mas constante
Irrevogavel, firme, e dominante.

XIX.

Os que tem só por annos, ou por vida
Este Poder, e fica dependente
A succeffaõ da honra concedida,
Dos suffragios do Povo novamente,
Saõ Cabeça do Estado conhecida;
Mas no termo prescripto simplesmente;
Passado o qual, o Povo tem direito
A pôr no seu lugar qualquer sugeito

XX.

Os que alcançaõ aquella dignidade
Por ſucçeſſaõ, e gozaõ do direito
De tranſmittir a ſumma auctoridade
A' ſua deſcendencia, ſem reſpeito
A ſuffragios do Povo, a faculdade
Tem de imperar ſeguros no conceito,
De que devem achar nos ſeus Eſtados
A meſma ſujeiçaõ, que os ſeus paſſados.

XXI.

Deſte numero ſaõ os glorioſos
Monarchas Portugueſes ſem diſputa,
A cujo ſangue os cultos reſpeitoſos
Da fé mais pura o noſſo amor tributa;
A legitima prole dos famoſos
Reys primitivos, ſem queſtaõ, desfructa
O Governo do Eſtado; mas agora
Em confuzaõ mais triſte ſe labora.

XXII.

Qual ſeja aquella prole, ou ſe em verdade
Hoje alguma ſe dá, que juſtamente
Se atribúa taõ alta qualidade,
He o ponto da duvida preſente:
Eu direi o que ſei, com liberdade;
Com ella cada qual diga o que ſente,
Que em materia taõ grave naõ he juſto,
Que ſe attenda amizade, ou odio, ou ſuſto.

Por-

XXIII.

Por morte de Fernando, extincta a linha
Dos auguſtos Varoens, a quem fiado
O leme do Governo o Reyno tinha,
Do grande Affonſo o ſangue venerado;
Reſta ſó de Caſtella na Raynha,
Ou nos filhos de Ignez; porém manchado
Com ſombras taes, defeitos taõ patentes,
Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

XXIV.

No que tóca á juſtiça da primeira,
Por Filha de Fernando, he couſa clara,
Que ella fora a mais certa, e verdadeira;
Se dignamente della ſe abonára;
Ser a Filha dos bens do Pay herdeira
Naõ he couſa taõ nova, nem taõ rara,
Que podeſſe metter-ſe em argumento
A juſtiça daquelle fundamento.

XXV.

Mas a ſórte fatal deſta Princeza,
Digna de melhor Mãy, melhor Marido,
Lhe embaraça o direito, que á grandeza
Da ſua qualidade era devido:
Ella o perde primeiro na incerteza
De legitima Filha haver naſcido,
E depois no Conſorcio inceſtuoſo,
Que contrahio com inconceſſo Eſpoſo.

Que

XXVI.

Que a Raynha de Hefpanha fe naõ deva
Legitima dizer, he taõ patente,
Que duvido, que alguem já mais fe atreva
Hum ponto a conteftar taõ evidente;
Naõ ferá neceffario, que fe efcreva
Dilatado papel, ou que eloquente
Orador, com difcurfos elegantes;
Manifefte verdades taõ conftantes.

XXVII.

Vós Senhores fabeis, que o cafamento
De Fernando fó teve na apparencia
O Sagrado valor de Sacramento,
Sendo hum fimples rebuço da violencia;
O cego amor, que fez o fundamento
Defte abfurdo fatal, defta indecencia
Romper podia as Leys; mas naõ podia
Legitimar á força, que fazia.

XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando
Por Mulher a tomou, era cafada,
E bem claro fe moftra, que durando
O primeiro Conforcio, embaraçada
Para fegundo eftava, e que abufando
O Rey do feu poder, contra a jurada
Fé do laço Sagrado, efcurece-lo
Podia fim, mas nunca diffolve-lo.

Se

XXIX.

Ser caſada a Raynha he taõ conſtante,
Taõ notorio, taõ certo, e taõ ſabido,
Que naõ creyo, que alguem haja ignorante
De hum taõ publico facto; e ſe arguido
Foi de alguns, como nullo, e repugnante
A's Canonicas Leys, por contrahido
Entre parentes; eſtes diſpenſados
Foraõ da Santa Sé nos gráos vedados.

XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente
De naõ ſer conſumado eſte Contracto,
Que a Raynha affectou aſtutamente
Por fazer ſeu amor ao Rey mais grato;
Pois Alvaro da Cunha aqui preſente,
Fructo deſte Conſorcio, o mais exacto
Teſtemunho he daquella circunſtancia,
Abonada do Pay ſem repugnancia.

XXXI.

Mas quando ſer podeſſe diſſolvido
O primeiro Contracto, ou Sacramento,
O que ſer naõ podia, he bem ſabido,
Que reſtava com tudo impedimento:
O primeiro Marido conhecido
Primo de ElRey, fazia o caſamento
Segundo inceſtuoſo, e mal podia
Hum taõ torpe Contracto ter valia.

Podé-

XXXII.

Podéra accrefcentar á nullidade
Daquelle Matrimonio algum defeito
Na Princeza, que a pouca lealdade
Da Mãy defcobre; mas no meu conceito
Naõ tem valor a vil malignidade
Das calumnias do Povo, e fem refpeito
A torpes detracçoens, direi fómente
Os defeitos do laço incompetente.

XXXIII.

O Rey de Hefpanha Tio em gráo terceiro
Era defta Princeza, nem podiaõ
Contrahir Matrimonio verdadeiro
Taes parentes, que bem fe conheciaõ;
E fuppofto, que o voto lifongeiro
Dos que aquelle Conforcio defendiaõ,
Allegue a feu favor certa difpenfa,
Nada póde fervir-lhe de defenfa.

XXXIV.

Efta graça naõ he de algum proveito
Para a firmeza do Sagrado laço,
Porque falta o poder, falta o direito
Em quem foltar queria efte embaraço:
O legitimo Papa, que o defeito
Só podia emendar com forte braço,
Armado do poder do Omnipotente,
Nem difpenfou, nem fe lhe fez patente.

Do

XXXV.

Do intruſo Antipapa aquella graça ;
Ou fantaſtico indulto foi firmado,
Porque aquelle Monarcha por deſgraça
Se fez ſeu partidario declarado ;
E bem longe de que ella ſatisfaça
Aquelle impedimento ponderado,
Outros novos lhe argúe, e manifeſta
Contra o direito, que orgulhoſo atteſta.

XXXVI.

O meſmo Papa em pena deſte crime,
E do Sciſma nefando, que protege
Eſte Principe cego, nos exime
Da ſua ſujeiçaõ ; e como herege
Nos ſeus proprios Eſtados lhe ſupprime
O dominio ſupremo, com que rege
Erradamente os Povos ; mas tractemos
Das queixas peſſoaes, que delle temos.

XXXVII.

Das inſollencias fallo ; que ſoffrido
Temos deſte perjuro Rey de Heſpanha
Inimigo do Eſtado, e conhecido
Como tal no theatro da Campanha ;
Elle fôra por nós ſempre excluido
Só por Principe ſer de gente eſtranha ;
Mas as ſuas acçoens abominaveis
Nos miniſtraõ razoens mais reſpeitaveis.

XXXVIII.

Eſte Principe injuſto, ambicioſo
Deſpreſador das Leys, e da verdade,
Inquieto, feróz, duro, e orgulhoſo,
Sem fé, religiaõ, nem probidade,
Inſtrumento tem ſido rigoroſo
Das deſgraças de toda a qualidade,
Que chora a noſſa Patria, e com que aſſuſta
A noſſa liberdade a ſórte injuſta.

XXXIX.

Todos vós teſtemunhas oculares
Sois das promeſſas, ſois dos juramentos
Tributados na face dos Altares,
A's condiçoens, que foraõ fundamentos
Do contracto dotal: vós pelos ares
Levar os viſtes dos ligeiros ventos,
Vós viſtes converter em tyrania
As eſperanças doces da harmonia.

XL.

Nos Contractos ſolemnes celebrados
Nas nupcias deſte Rey, e da Princeza,
De que elle quer, que ſejaõ derivados
Os direitos, que oſtenta com fereza,
Expreſſamente foraõ declarados
O tempo, as condiçoens, à natureza
Da ſucceſſaõ do Reyno, a qualidade
Do Dominio, governo, e auctoridade.

O

XLI.

O meſmo Rey com grandes aparatos
Na preſença do Auguſto Sacramento
Duas vezes firmou eſtes contractos,
Com Sagrado ſolemne juramento,
Elle ſe impoz, nos termos mais exactos;
A pena deperjuro, e perdimento
De todos ſeus direitos, ſe algum dia
Faltaſſe ás condiçoens, que promettia.

XLII.

Qué tem faltado a todas, alterando
O tempo, a fórma, e ordem promettida;
Deſde a morte funeſta de Fernando,
He verdade patente, e bem ſabida:
Todo o Reyno opprimido eſtá clamando
Contra tanta inſolencia commettida;
Porém baſtava a guerra, que tem feito
Para perder de todo o ſeu direito.

XLIII.

Por ella tem perdido naõ ſómente
Eſſe direito, ſe algum teve antigo;
Mas incorrido rigoroſamente
Nas penas, que ſe impoz para caſtigo;
Ellas ſaõ muitas; mas preſentemente
Baſta ſó dever ſer por inimigo
Conhecido do Eſtado, e reputado
Perjuro inhabil, falſo, e reprovado.

XLIV.

Reſta ver ſe a juſtiça favorece
Mais os filhos de Ignez, e Pedro auguſto,
Em quem parte do Povo reconhece
A' ſucceſſaõ direito claro, e juſto:
He bem certo, que nelles reſplandece
Dos Luſos Reys o ſangue, e que o robuſto
Sexo lhe dá mais firmes fundamentos,
Para abonar aquelles penſamentos.

XLV.

Mas o triſte problema, em que labora
O matrimonio da infelice Dama,
Menos ſolida, e firme faz agora
Aquella opiniaõ, que o Povo acclama;
Eu reconheco, nem alguem ignora,
Que o Rey o atteſtou; porém a fama
Em contrario, tem provas taõ valentes,
Que abona bem as duvidas preſentes.

XLVI.

ElRey poſto que Rey, era ſujeito
A naturaes paixoens da humanidade,
De que naõ vive izento o grande peito
Dos mais claros Varoens na herocidade;
Amor, como ſabeis o tinha feito
Commetter erros de alta qualidade,
E naõ lhe offende o cultò reverente
Examinar o caſo attentamente.

Em

XLVII.

Em dois pontos consiste o fundamento
Da disputa, que deve examinar-se,
Hum se foi certo aquelle casamento,
Outro se sendo, deve bom julgar-se;
Na balança do nosso entendimento
Com prudente exacçaõ, devem pesar-se
As razoens com que impugna, ou favorece,
Qualquer destas questoens, quem as conhece.

XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo
Affonso Pay de Pedro moderava,
Quando o Principe amante o terno seyo
A' mais viva paixaõ sacrificava,
Tendo o prudente Pay algum receyo
De que este amor do Filho (que já dava
Escandalo no Reyno) ter podesse
Raiz, que ser cortada naõ devesse.

XLIX.

Em seu nome mandou dois Conselheiros,
Hum dos quaes he Pacheco, aqui presente,
A saber os progressos verdadeiros
De huma paixaõ taõ céga, e taõ vehemente;
E ponderando aquelles mensageiros
A materia da duvida presente,
Como ponto, do qual dependeria
A conducta, que o Pay tomar devia.

Na

L.

Na preſença do Principe amoroſo
Com inſtancias, e rogos porfiados,
A certeza do caſo duvidoſo
Pediraõ pelo Rey auctoriſados;
Mas prevendo, que o Filho receoſo
De occaſionar deſgoſtos mais peſados,
Poderia por ſuſto, ou por cautela
Occultar a verdade, ou parte della.

LI.

Lhe atteſtáraõ debaixo da firmeza
Da palavra Real, que o Pay faria
Tractar a bella Ignez como Princeza,
Se por ſua mulher a conhecia;
Que a ſincera verdade com certeza
Saber delle ſómente pertendia,
Para bem regular os ſeus projectos,
E ſocegar rumores indiſcretos.

LII.

Mas a peſar daquella ſegurança,
A peſar dos impulſos da ternura,
Que podéra vencer-ſe da eſperança
De lograr o ſeu goſto em paz mais pura,
O Principe inflexivel na bonança,
Como nos riſcos da fortuna eſcura,
Naõ ſó negou aquelle caſamento,
Mas que já mais tiveſſe hum tal intento.

Vede

LIII.

Vêde pois, como póde accreditar-ſe
O que depois de Rey quiz dar por certo,
Pertendendo com ſuſtos deſculpar-ſe,
De ter hum caſo tal ſempre encoberto;
Se eſte ſuſto podeſſe concorda-ſe
Com as feyas acçoens, que em campo aberto
Obrou contra ſeu Pay, ao menos fora
Mais veroſimil eſta eſcuſa agora.

LIV.

Mas hum filho que póde ſem receyo,
Tomar as armas, declarar a guerra
Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo
Das regras todas, que o dever encerra;
Oſtentar de innimigo o nome feyo,
Devaſtar cruelmente a Patria terra,
Naõ ſe atreve a dizer, que eſtá caſado,
Porque teme do Pay o triſte enfado?

LV.

E que razoens de ſuſto, ou de embaraço,
Depois de morto Affonſo, haver podia,
Para naõ publicar o Santo laço
Se legitimo, e firme o conhecia?
Em tres annos naõ teve hum Rey eſpaço
Para tratar materia, que pedia
Taõ prompta providencia? Naõ lhe dava
Cuidado a prole, que taõ terno amava?

Só

LVI.

Só quasi já no fim de quatro annos
Depois que o Regio Ceptro manejava
Se lembrou este Principe dos damnos,
Que esta triste incerteza occasionava;
E corrida a cortina dos arcanos,
Que do publico os olhos assombrava,
Foi facil de provar o casamento
Com alheios, e proprio juramento.

LXVII.

Porém, que vale aquella diligencia
No juizo dos homens mais prudentes?
Que se póde julgar da inconsequencia
Das mesmas asserçoens dos assistentes?
O Rey diz, que naõ tem certa sciencia
Do dia, nem do mez: hum dos presentes
Affirma com certeza, que sabia
Ser de Janeiro no primeiro dia.

LVIII.

Ora vede, que dia, e que successo
Para ser esquecido, ou mal notado!
O dia o mais solemne, o mais expresso,
O successo o mais digno de cuidado;
Quem credulo será com tanto excesso,
Que em taes contradiçoens embaraçado,
Naõ duvide da fé daquella prova,
Que a suspeita naõ tira, sim renova.

Mas

LIX.

Mas nem podia ſer ſolidamente
Celebrado o Conſorcio pertendido,
Porque o Principe auguſto era parente
Da contrahente eſpoſa em gráo prohidido:
Era ſeu Tio, e era juntamente
Seu Compadre, e no caſo de haver ſido,
Seria ſempre nullo o deſpoſorio,
Por mais que foſſe certo, e bem notorio.

LX.

Neſtes termos extincta a deſcendencia
Do grande Affonſo, he certo, que o direito
De dar ao Trono nova providencia,
He ſó proprio do Eſtado; e que Sujeito
Pode mais merecer a preferencia
Dos affectos, do goſto, e do reſpeito
Dos Póvos, doque o meſmo, que tem ſido
Por Defenſor do Reyno conhecido.

LXI.

Vós todos conheceis o grande alento;
O nobre coraçaõ, o zelo puro,
O genio doce, o claro entendimento,
O conſtante valor, o braço duro,
A juſtiça, a piedade, o ſofrimento,
O generoſo amor, e bem ſeguro
Deſte illuſtre Varaõ, que em noſſo amparo
De ſi tem dado teſtemunho claro.

Vós

LXII.

Vôs ſabeis, que por nós tem padecido
Trabalhos grandes, riſcos horroroſos,
Que nos tem governado, e dirigido
Sabiamente nos caſos duvidoſos;
Sabeis, que em ſuas veias tranſmittido
Dura o ſangue dos Luſos Reys famoſos,
E com taes qualidades me parece,
Que os ſuffragios de todos bem merece.

LXIII.

Diſſe, e todo o Congreſſo alvoroçado
Parecia aplaudir goſtoſamente
Aquella opiniaõ; mas ſocegado
O primeiro rumor da baixa gente,
Martim Vaſques, varaõ acreditado
Por cortezaõ diſcreto, e por valente,
Que dos filhos de Ignez, de tempo antigo
Fôra ſempre fiel, e certo amigo.

LXIV.

Levantando-ſe em pé, com fero geſto,
Com impulſo arrogante, e moſtras de ira;
Inculcando deſgoſto manifeſto
Do diſcurſo, que Regras proferira,
Deſta ſorte fallou: Eu naõ conteſto
Do Defenſor as prendas; mas naõ tira
O ſeu merecimento á minha idéa
A luz brilhante da juſtiça alhea.

Na

LXV.

Na minha opiniaõ he ſem diſputa,
Legitima de Ignez a prole clara,
E neſta opiniaõ, quanto executa
Em prejuizo ſeu a ſorte avara,
Me parece injuſtiça; quem lhe imputa
Defeitos neſta parte, ou naõ repara
No reſpeito, que deve á Mageſtade,
Ou naõ quer convencer-ſe da verdade.

LXVI.

Alterou-ſe o Congreſſo variamente,
Segundo cada qual favorecia
Os diverſos partidos, que igualmente
Com razoens bem fundadas defendia;
E porque o tempo breve naõ conſente
Decidir-ſe a queſtaõ naquelle dia,
Diſſolveo-ſe a Aſſemblea, transferido
Para ſegundo, o ponto debatido.

LXVII.

Mas o Genio cruel, que naõ ceſſava
De maquinar deſordens, e perigos
A' gloria Portugueza, e que buſcava
Os meyos de exercer odios antigos;
Achando agora, como dezejava,
Deſunidos os animos amigos,
Se propôz conſeguir deſta porfia
A ruina total da Monarquia.

Com

LXVIII.

Com eſte horrivel penſamento digno
Das idéas do Pay da falſidade;
A Diſcordia buſcou, Monſtro maligno,
Filha cruel da barbara maldade;
Eſta Furia, que o peito mais benigno
He capaz de inflammar em crueldade,
Promptamente o ſoccorre, e ſem ſocego
Vôa ligeira ás margens do Mondego.

LXIX.

Alli Vaſques, com grande companhia
De parentes, e amigos paſſeava,
E com elles o ponto conferia,
Que o cuidado de todos occupava;
Cada qual variamente diſcorria
Sobre a queſtaõ, que Vaſques propugnav.
E já muitos com zelo deſcoberto
Alguns meyos propunhaõ de concerto.

LXX.

Quando a feya Diſcordia ſe apreſenta
Na figura de hum velho reverente,
Que no ſemblante, e no veſtido oſtenta
Apparencias de hum homem penitente,
A companhia nelle achar intenta
Conſelhos ſantos, inſtrucçaõ prudente;
E com animo pio lhe declara
O motivo, que alli os ajuntára.

Mas

LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro,
Que detesta no fundo de seu peito,
E disfarçando a raiva, e odio duro,
Que saõ do seu furor preciso effeito,
Desta sorte lhe falla: Eu naõ procuro
Lizonjear alguem; o meu conceito
Tem só por fundamento invariavel
A justiça, a verdade inalteravel.

LXXII.

O Trono naõ he vago; o claro Infante
Filho de Ignez he Rey por nascimento;
Vós naõ podeis faltar á fé constante,
Que lhe deveis por justo rendimento:
Qualquer nova eleiçaõ naõ he bastante
A soltar-vos do firme juramento
Prestado pelos vossos ascendentes
Na pessoa de Affonso, aos descendentes.

LXXIII.

Disse, e cada palavra articulada
Pela lingua do Monstro furioso,
Deixava a companhia invenenada
Do mais cruel ardor, mais fervoroso:
Cada qual a favor da confirmada
Opiniaõ protesta escrupuloso
De naõ mudar já mais deste conceito,
E defender do Principe o direito.

Em

LXXIV.

Em tanto o monſtro fero procurando
Completar o projecto abominavel,
Nos coraçoens mais nobres derramando
O contagio da raiva inſaciavel,
O grande Nuno buſca, que ordenando
Andava com deſvelo incomparavel
Os meyos de attrahir a ſeu partido
O ſuffragio de Vaſques atrevido.

LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro
Seu camarada antigo, e confidente
Lhe apparece a Diſcordia, e no guerreiro
Coraçaõ lhe miniſtra a furia ardente;
Como pode, lhe diz com tom groſſeiro,
Soffrer voſſo valor, que abertamente
Embaraſſe ſó Vaſques atrevido
Do voſſo empenho o fructo apetecido.

LXXVI.

Hum homem ſó he juſto que pertenda
Contra nós, contra toda a qualidade
De votos, ſuſtentar eſta contenda
Excitado por propria authoridade?
Soffrereis vós, que exponha, e que defenda
Outra vez no Congreſſo a dignidade
Dos Infantes, que a ſua confiança
Legitîma com tanta ſegurança?

Onde

LXXVII.

Onde eftá voffo zêlo, e voffo affecto
Pelo Meftre de Aviz? Eu naõ foffrera
Deixar engroffar mais efte projecto,
Se como vós, taõ claro procedera:
Todos fabem, que o voffo grande objecto
He fazer acclamar com paz fincera
O Defenfor; vós mefmo claramente
Fazeis gloria de fer feu confidente.

LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e fatisfeito
Se difpoem a cumprir noffa vontade,
E com moftras de affecto, e de refpeito,
Todos tem por geral felicidade
Efta digna eleiçaõ, que por direito
O corpo da Naçaõ tem liberdade
De fazer em tal cafo, nem duvida
Alguem defta verdade taõ fabida.

LXXIX.

Só Vafques arrogante he quem difputa
A felîz conclufaõ do noffo intento,
E na face de todos executa
Taõ feroz, taõ foberbo penfamento;
Porém fe elle taõ bravo fe reputa,
Que fe julga capaz de dar alento
A contrarias facçoens, eu imagino,
Que he facil de curar tal defatino.

Naõ

LXXX.

Naõ diſſe mais; porém inficionando
Com venenoſo influxo o peito forte
Do conſtante Varaõ, foi derramando
Por outros coraçoens da meſma ſorte
O contagio cruel, inſinuando
Nos bellicoſos filhos de Mavorte
Deſconfianças, odios, e vinganças,
E nos Letrados ſuſtos, e mudanças.

LXXXI.

Confundio-ſe o projecto, que devêra
Os animos unir: já variamente
Cada qual diſcorria; já naõ era
A gloria Nacional o fim decente
Dos cuidados de todos; já fizera
Da Diſcordia cruel a peſte ardente
Deſmayar com fraqueza, em mais de hum peito
Do zelo Portuguez o claro effeito.

LXXXII.

Nuno vivo por genio, e mal ſoffrido,
E pela Furia horrenda alucinado,
Vendo neſta inacçaõ quaſi perdido
O fructo de hum trabalho porfiado,
E julgando, que tudo procedido
Era das ſuggeſtoens, com que alterado
Havia Vaſques orgulhoſo, e cego
Dos ignorantes Póvos o ſocego.

Com

LXXXIII.

Com animo feroz, e mal diſpoſto
Contra quem pertendia; que incentivo
Era das diſſençoens, e do deſgoſto,
Que tanto lhe opprimia o peito altivo;
O Defenſor procura, e tendo oxpoſto
Dos ſeus nobres peſares o motivo,
Deſta ſorte com vivo ſentimento
Lhe declara o ſeu bravo penſamento.

LXXXIV.

Vós, Senhor, conheceis o zelo puro
Com que vos ſirvo, com que me intereſſo
Na voſſa exaltaçaõ; o bem ſeguro
Affecto, a diligencia, o grande exceſſo
Do deſvelo, e attençaõ, com que procuro
Franquear-vos o Trono, que confeſſo
Ser premio diminuto; mas devido
A's penas, que por nós haveis ſoffrido.

LXXXV.

Toda a Naçaõ em corpo congregada
A taõ goſtoſo empenho concorria,
E no roſto de todos retratada
Brilhava a doce imagem de alegria;
Tudo neſta funçaõ bem concertada
O mais feliz ſucceſſo promettia;
Hum homem ſó de eſpirito imprudente
Se oppoem á voz de todos inſolente.

LXXXVI.

Só Vaſques arrogante he quem ſuſtenta
O partido contrario, ou por exceſſo
De antigas affeiçoens, ou porque oſtenta
Altiva independencia: eu vos confeſſo,
Que o vehemente peſar, que me atormenta
Na duvida cruel deſte ſucceſſo,
Me perturba de ſorte a cega mente,
Que já meyos ſuaves naõ conſente.

LXXXVII.

Se vós me permittis a liberdade
De cortar a raiz deſte embaraço,
Eu prometto ſoltar com brevidade
Os duros nexos deſte cego laço;
Hum ſó golpe a fatal ambiguidade
Fará deſvanecer em breve eſpaço;
Extincto Vaſques, fica ſem patrono
A facçaõ nova, que vos nega o Trono.

LXXXVIII.

Proſegia a dizer; mas ſuſpendido
Foi pelo claro Heróe, que horrorizado
Do projecto por Nuno concebido,
Aſſim lhe falla firme, e ſocegado:
Eu tenho em todo tempo conhecido
O voſſo grande affecto, bem provado
Com acçoens glorioſas, e de alento
Digno do voſſo illuſtre naſcimento.

Po-

LXXXIX.

Porém nunca eſperei , que vos podeſſe
O zêlo alucinar de tal maneira,
Que em materia taõ grave vos fizeſſe
Incauto diſcorrer com tal cegueira ;
Hum homem, como vós tanto ſe eſquece
Da virtude, e da gloria verdadeira,
Que pertende abonar o ſeu partido
Por meyo de hum delicto aborrecido.

XC.

Se eu quizeſſe abuſar do voſſo alento
Para taõ torpes fins , ou conſentira
Fazer ſe o voſſo ardor , vil inſtrumento
Da indecente ambiçaõ , da feroz ira,
Eu meſmo horrorizado deſte intento ,
Taõ indigno do Solio me ſentira,
Que me fora mais pêjo , do que gloria
O caracter do Rey, com tal memoria.

XCI.

O fervoroſo impulſo, com que inflamma
A fiel amizade o voſſo peito ,
He bem digno de vós , e de quem ama
Os deveres do zêlo mais perfeito ;
Mas ſe podeſſe ſer , na vóz da fama,
Injuſta cauſa de hum taõ vil effeito,
Seria mancha indigna da grandeza
Do voſſo coraçaõ , e fortaleza.

XCII.

Hum taõ nobre, taõ puro ſentimento
Naõ deve produzir huma indecencia,
Nem das luzes de hum claro penſamento
Podem naſcer as ſombras da violencia;
Se a Naçaõ com geral contentamento
Me eſcolher para Rey, a preferencia
Me ſerá ſempre grata; mas ſómente
Sendo preſtada voluntariamente.

XCIII.

Eu naõ pertendo com acçoens atrozes
Tyranizar da Patria a liberdade;
Empreza ſô de eſpiritos ferozes
Inimigos crueis da humanidade;
Da barbara ambiçaõ as torpes vozes
Naõ me illudem já mais; ſe a dignidade
De ſer Rey, hum delicto infame cuſta,
Seja Rey, quem do crime naõ ſe aſſuſta.

XCIV.

Diſſe, e logo de novo congregado
O Corpo da Naçaõ, foi novamente
O ponto da queſtaõ examinado
Pelos membros do Eſtado attentamente;
O partido maior, mais avultado
O Defenſor acclama abertamente;
Porém Vaſques, e todos ſeus ſequazes
Se lhe oppoem com razoens muito efficazes.

Outra

XCV.

Outra vez o Congreſſo irreſoluto
Naõ ſabe decidir, e ſe embaraça;
E na triſte incerteza o Povo bruto
Já maiores deſordens ameaça,
Da Diſcordia feroz o genio aſtuto
Inſpira sediçoens, odios enlaça,
E já quaſi ſe applaude do ſucceſſo,
Com que alterado tem todo o Congreſſo.

XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,
Da famoſa Coimbra Deputado,
Em quem da vil Diſcordia o ſom groſſeiro
Já mais póde illudir o zêlo honrado,
Eſte Affonſo Domingues he de Aveiro;
Na Cidade bemquiſto, e reputado
No Congreſſo por ſabio, juſto, e forte,
E propoem o ſeu voto deſta ſórte.

XCVII.

Da preſente materia a gravidade,
A grandeza das ſuas conſequencias,
A triſte confuſaõ, a variedade
Dos affectos, razoens, e diligencias,
Com que os meſmos amantes da verdade
Tem perturbado as ſuas evidencias,
Nos enleaõ de ſórte, que he preciſo
Sobre tudo formar novo juizo.

O

XCVIII.

O difcurfo de Regras, que pertende,
Que o Trono eftá vacante, em tal fuppofto
Moftra bem, que dos Povos fó depende
Acclamar Rey, que feja do feu gofto;
Mas as outras razoens, com que defende
A certeza daquelle prefuppofto,
Por mais que fejaõ todas elegantes,
Naõ faõ todas feguras, e baftantes.

XCIX.

Vafques, que tem diverfos penfamentos,
E cabeça fe faz de outro partido,
Naõ explica as razoens, ou fundamentos
Porque deve o feu voto fer feguido
Guiado fô dos proprios fentimentos,
E de antigos affectos commovido,
Quer, que os nobres impulfos da amizade
Sejaõ provas baftantes da verdade.

C.

O Doutor juftamente dá por certo,
Que o direito do fangue fó podera
Ver-fe nos Reys de Hefpanha defcoberto,
Ou na prole de Pedro, que nafcera
Da mal lograda Ignez, fe longe, ou perto
Em qualquer dos projectos naõ houvera
Impedimentos graves, que elle explica,
Patentêa, e fuppoem, que juftifica.

Mas

CI.

Mas nem ſempre conſegue o ſeu deſejo
Por exceſſo talvez de diligencia,
Que até das meſmas luzes o ſobejo
Póde ſer embaraço da evidencia,
Em alguns dos defeitos, eu naõ vejo
A peſar dos adornos da eloquencia,
Aquellas nullidades, que elle aponta,
E por offenſas do direito conta.

CII.

Por exemplo, quem póde ſeriamente
Convencer-ſe, que hum erro de doutrina
Deva privar os Reys expreſſamente
Dos direitos, que o ſangue lhe deſtina?
Que ſeja inaptidaõ de hum pertendente
A's honras ſeculares a ruina,
Que nos membros da Igreja tem cauſado
A cegueira de hum Sciſma deſgraçado?

CIII.

Por ventura naõ ſaõ reconhecidos
Por legitimos Reys hereditarios
Os Monarchas de França eſclarecidos,
De Navarra, Aragaõ, e outros varios?
Saõ dos ſeus Povos menos attendidos,
Porque ſaõ de Clemente partidarios?
Que tem de ver do Sciſma as diſſençoens
Com o pleito das Regias Succeſſoens.

A

CIV.

A que fim a noticia indecorofa
Dos crimes de Leonor, mal diffarçada
Com déftra reticencia induftriofa,
Só para fer de todos mais notada?
A' Raynha naõ he perniciofa
A defordem da Mãy mal reputada,
Effa infamia, ou injufta, ou merecida
Foi depois da Princeza fer nafcida.

CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa
De huma céga payxaõ incorrigivel,
Defordenada, céga, iniqua, e fea,
Que da recta juftiça irreprehenfivel;
E para que he bufcar materia alhea
Da propofta queftaõ, fendo infalivel
A juftiça dos outros fundamentos,
Em que firma o Doutor feus penfamentos?

CVI.

Quem póde duvidar, que faõ baftantes
Para negar no Rey qualquer direito,
As nullidades claras, e conftantes
Dos matrimonios, o geral conceito
De inimigo do Eftado, as importantes
Infolencias, e faltas, que tem feito
Nas promeffas juradas, nos Tractados,
E na fé dos deveres mais Sagrados?

Ago-

CVII.

Agora no que toca â prole augusta
Da mal lograda Ignez, mais duvidoso
Me parece o negocio, e menos justa
A sentença, que julga fabuloso
O consorcio dos Pays; porque me assusta
O respeito de hum Rey taõ glorioso,
Taõ justiceiro, e amante da verdade,
Como Dom Pedro foi na realidade.

CVIII.

O Doutor mesmo accusa o juramento
Deste Principe augusto, em que declara
A certeza daquelle casamento,
Que por justos motivos occultára;
Elle confessa, que este sentimento
Geralmente no Povo se espalhara,
E que fora abonado legalmente
Com a familia, e Bispo entaõ presente.

CIX.

Eu naõ sei como provas mais patentes
Possaõ dar-se de factos similhantes,
Quando para faze-los evidentes
As testemunhas sós foraõ bastantes:
Aqui duas depoem, que ambas presentes
Foraõ no casamento, ambas constantes,
Ambas dignas de fé, hum por honrado,
Outro pelo caracter de Prelado.

Que

CX.

Que importa, q̃ hum ſe lembre, outro ſe eſqueça
Do mez, e dia, ſe ambas na ſubſtancia
Do negocio concordaõ? Que intereſſa
A noticia daquella circunſtancia?
He poſſivel, que nella eſtabeleça
Algum homem prudente a repugnancia
A' ſua fé, notando a identidade,
Com que ſe abona o fundo da verdade?

CXI.

Mas que neceſſidade, ou dependencia
Há de taes teſtemunhas, para effeito
De reduzir ás luzes da evidencia
Eſte ponto dos doutos no conceito;
Depois de ElRey tomar a providencia
De atteſtar pelo modo mais perfeito
A certeza do caſo, he bem ſabido,
Que ſem mais prova, fica decidido.

CXII.

Neſtes termos, ſe algum dos dois Infantes
Filhos de Ignez, e Pedro aqui ſe viſſe,
Ou por outras razoens mais importantes
Impedido talvez ſenaõ ſentiſſe,
A peſar dos defeitos mal ſoantes,
Que a malicia inſolente preſumiſſe,
Eſte ſó fora Rey no meu conceito
Por todas as razoens do bom direito.

Mas

CXIII.

Mas o trifte deftino, que parece
Da defditofa Mãy herança efcura,
Com funeftos influxos defvanece
Dos claros Filhos a juftiça pura;
Elle primeiramente lha efcurece
Nas ínfauftas razoens, com que procura
Em vida de Fernando defgofta-los,
E dos paternos Reynos fepara-los.

CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado
Do temor do caftigo merecido,
Por hum crime de todos reputado
Com o effeito de hum genio enfurecido;
Qualquer delles das furias agitado,
De hum bellicofo ardor mal entendido,
Se expatriou, tomando cegamente
As armas contra o Eftado, e propria gente.

CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo
Ferozes affolar noffas Fronteiras,
Talar os campos do paiz nativo,
Lançar o fogo ás patrias fementeiras;
Nós os vimos fervindo de incentivo
A' Vingança das armas eftrangeiras,
Oftentar-fe no campo varias vezes
Inimigos crueis dos Portuguezes.

De-

CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando
O trifte influxo da maligna eftrella,
Logo depois da morte de Fernando,
Foraõ prefos na Côrte de Caftella;
Alli fem liberdade eftaõ chorando
A pouca difcripçaõ, pouca cautela
Da paffada conduta; mas fem meyos
De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

CXVII.

Odiofos á Patria, e defpojados
Da propria liberdade, o feu direito
A pefar dos principios mais provados,
Naõ póde produzir algum effeito;
A lembrança dos Povos magoados
Inimigos os pinta; e no conceito
De captivos, ou prefos, a defgraça
O caminho do Trono lhe embaraça.

CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia;
Que naõ póde efperar de hum prifioneiro,
Que em fi mefmo, dos ferros na violencia,
Naõ póde exercitar dominio inteiro,
Conferir-lhe de Rey a preeminencia
Fora fó confirmar-lhe o captiveiro,
E perder fem alguma utilidade
Elle, e nós para fempre a liberdade.

Nef-

CXIX.

Neſtes termos, parece indiſpenſavel
Eleger outro Rey; mas ſe o patente
Riſco geral do Eſtado he quem louvavel
Faz eſta acçaõ, ſem elle incompetente,
Naõ he de ſórte alguma deſculpavel
Demorar com diſputa impertinente
O remedio de hum damno, que ameaça
Em qualquer dilaçaõ fatal deſgraça.

CXXI.

No Defenſor nos dá o Ceo piedoſo
Hum Rey, qual nos convém, do ſangue Auguſto
Dos antigos Monarchas, glorioſo
Pelas proprias acçoens, valente, juſto,
Sabio, pio, prudente, generoſo,
Amante da Naçaõ, forte, e robuſto;
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia;
Acclama-lo devemos á porfia.

FIM DO CANTO IX.

A LIBERDADE.

CANTO X.

ARGUMENTO.

M quanto nas Côrtes de Coimbra ſe tractava a diſputa ſobre a eleiçaõ de Rey, o Genio Tutellar de Portugal repreſenta ao Supremo Deos o miſeravel eſtado da Naçaõ, e ſe queixa de que ſe empenhem na ſua ruina, naõ ſó os ordinarios inſtrumentos do caſtigo dos Eſtados, a guerra, e a deſuniaõ; mas que as meſmas Furias do Inferno ſe conjurem deſcobertamente, no ſeu eſtrago, intentando fruſtrar as promeſſas feitas pelo meſmo Deos ao Reyno Portuguez, e ſupplica efficazmente á Divindade, que confunda taõ ſoberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Aſſim o concede o Deòs Supremo; e acabando de fallar neſte

neste tempo o Procurador de Coimbra, todo o Congresso applaude o seu parecer, e com gosto geral se acclama o Defensor, Rey de Portugal. Passa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey restaura a Provincia do Minho; entraõ os Castelhanos na Beira, onde fazem damno consideravel, pela desuniaõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles desbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal ElRey de Castella com poderoso Exercito, e atravessando a Beira, passa a Estremadura. Relaçaõ do Exercito Castelhano. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega a Abrantes, onde faz revista da sua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vasco Martins de Mello. Encontram-se os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e se dá batalha. Acçoens valorosas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vasconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge ElRey de Castella; morre Vasco Martins no seu alcance, triunfa o novo Rey Portuguez, e com esta victoria estabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.

A

A LIBERDADE

CANTO X.

I.

EM tanto, ſobre o claro Firmamento;
Onde habitaõ os Genios vigilantes,
A quem foi dado em ſórte o regimento
Dos Imperios da terra vacilantes;
Lá onde o Deos Supremo o ſummo aſſento
Poz do Solio Celeſte, a quem conſtantes
Aſſiſtem ſempre os Choros deſvelados
Dos Eſpiritos bem-aventurados.

II.

Onde os caſos mais graves deſta vida
Se decidem com firme ſegurança ;
Se diſtribue a ſórte concedida ,
Ou da triſte deſgraça , ou da bonança :
Na preſença tremenda , e apetecida
Do Grande Deos da paz , e da vingança ,
O Genio Tutellar do Luſo Eſtado
Aſſim fallou de zêlo penetrado.

III.

Omnipotente Pay, principio eterno
De toda a natureza , Deos Amavel ,
Deos Temivel , Benigno , Brando , Terno ,
Juſto , Recto , Severo , e Reſpeitavel ,
Deos Unico , e Deos Trino , Rey Supremo
Dos Monarchas , Senhor Inconteſtavel
Dos Imperios , por quem os Reys da terra
Reynaõ , porquem lhe he dada a páz , e guerra.

IV.

O Luſitano Eſtado , que incumbido
Me foi por vós , em triſte deſamparo
Sem Cabeça ſe vê , mal repartido
Em diverſas facçoens : o Varaõ claro ,
Que lhe eſtava dos fados promettido ,
Para digno Monarcha , ſem reparo
Nos ſeus grandes talentos , e fadigas ,
Contraſtado ſe vê com mil intrigas.

Naõ

V.

Naõ baſtáraõ as armas Caſtelhanas,
O furor, e ambiçaõ dos inimigos,
Maquinadas traiçoens, forças tyranas,
Succeſſivos trabalhos, e perigos;
Naõ baſtáraõ crueis paixoens humanas,
Oppoſtas pertençoens, odios antigos;
Tambem do meſmo Averno o Genio irado
Vem perturbar o Reyno deſgraçado.

VI.

Elle foi ſuſcitar do torpe ſeyo
Das Furias infernaes a venenoſa,
Implacavel Diſcordia, que tem cheyo
O coraçaõ da gente bellicoſa
De invencivel ardor, de orgulho feyo;
Contra a gloria da empreza generoſa,
Que o zêlo da Naçaõ tinha diſpoſto
Para acclamar Monarcha de ſeu goſto.

VII.

Se eſta empreza, Senhor, he fabricada
Contra as ordens da voſſa Providencia,
Se he injuſta, inſolente, ou mal fundada
Na ambiçaõ, na ſoberba, e na violencia,
Pague a culpa a Naçaõ mal regulada,
Confunda o máo ſucceſſo a diligencia,
E ſirva o ſeu caſtigo de eſcarmento
A qualquer temerario, altivo intento.

VIII.

Mas ſe foraõ por mim bem entendidos
Voſſos altos Decretos adoraveis,
Se os Luſos povos devem ſer regidos
Por proprios Reys, ſe nelles immutaveis
Haõ de ver-ſe os prodigios promettidos
A' progenie de Affonſo, e ſe culpaveis
Naõ ſaõ nos voſſos olhos os projectos,
Que tem voſſos diſignios por objectos.

IX.

Como ſoffre o reſpeito mageſtoſo
Da voſſa Omnipotencia independente,
Que das trevas o Eſpirito orgulhoſo
Fruſtrar pertenda os fados deſta gente?
Vós ſó podeis o curſo duvidoſo
Do deſtino reger com maõ potente;
Vós ſó ſabeis o tempo, e circunſtancias,
Em que podem mudar-ſe as obſervancias.

X.

Se a ſoberba de Lucifer lhe inſpira
Taõ altivos projectos, ſe a vingança,
Os furores, e os odios, que reſpira
Lhe miniſtraõ taõ louca confiança,
Conheça o torpe Pay da vil mentira,
Que o ſeu perfido engano naõ alcança
Algum fructo das ſuas diligencias,
Contra a ordem das voſſas Providencias.

Aſſim

XI.

Assim será, responde o Pay Sublime,
E desta vóz á força o Ceo rendido,
Com susto santo, que o respeito exprime,
Tremeo de Polo a Polo estremecido:
O torpe Genio, que a Naçaõ opprime
Se sepulta nas trevas atordido,
Foge a Discordia do Congresso Luso,
Cessa das gentes o rumor confuso.

XII.

Acabava de orar naquelle instante,
Da risonha Coimbra o Deputado;
E logo na Assembléa em vóz constante
Foi seu voto por todos abonado;
Nuno sempre affectivo, e vigilante,
Vendo o caso no ponto desejado,
Elle primeiro clama em vóz festiva,
Viva El-Rei Dom João nosso Rey, viva.

XIII.

Viva, responde em grito lisonjeiro
A turba popular, viva mil vezes
O nosso grande Rey Dom Joaõ primeiro
Para gloria immortal dos Portuguezes;
Viva, viva repete o Corpo inteiro
Do Congresso, com termos mais cortezes,
Emendando dos cultos na observancia
O desar da passada repugnancia.

Con-

XIV.

Confuso o Defensor na repentina
Affluencia de obsequios taõ attentos,
Adora reverente a maõ Divina
Na prompta execuçaõ dos seus intentos;
Mas os mesmos prodigios, que imagina
Na concordia dos varios pensamentos,
O fazem ponderar com mais prudencia
Os encargos da Regia preeminencia.

XV.

Assustado do peso glorioso
Da grandeza de hum Ceptro, em cujo amparo
O cuidado do Todo Poderoso
Se interessava com favor taõ raro;
E dos proprios talentos duvidoso
Para reger Imperio taõ preclaro,
Se escusava modesto com excesso
A's brilhantes offertas do Congresso.

XVI.

Mas o Povo affectivo, e alvoroçado
Com instancias, e rogos porfiava,
Que sem mais dilaçaõ fosse acclamado,
A pesar do receyo, que ostentava;
E sendo o claro Heróe certificado,
Que hum repudio modesto naõ bastava
Para abrandar do Povo a viva idea,
Assim fallou no meyo da Assemblea:

Valo-

XVII.

Valoroſos, illuſtres companheiros
Dos trabalhos, e riſcos padecidos
Pela gloria da Patria, verdadeiros
Defenſores do Eſtado eſclarecidos,
Vós me preſtais os nomes liſongeiros
De Senhor, e de Rey, nomes luzidos;
Mas temiveis por certo, a quem reflecte
Na grande obrigaçaõ, que lhe compete.

XVIII.

Eu me obrigo de moſtras taõ brilhantes
De amor, de confiança, e de reſpeito,
Que exiſtiráõ ſeguras, e conſtantes
Eternamente impreſſas no meu peito;
Mas taõ peſados ſaõ, taõ importantes
Os encargos de hum Rey no meu conceito;
Que naõ julgo meus hombros competentes
A' grandeza de peſos taõ valentes.

XIX.

Proſeguia a dizer; mas naõ permitte
A ternura do Povo alvoroçado,
Que complete o diſcurſo, ſem que grite
A favor do projecto deſejado:
Todos clamaõ, que he força, que exercite
O poder conferido, e que obrigado
Pelo zelo da Patria liberdade,
Deve aceitar a Regia diguidade.

Mil

XX.

Mil vozes variamente articuladas,
Mas acordes no mesmo sentimento,
Com razoens pelo zelo ministradas,
Combatem do Varaõ o pensamento:
Elle cede por fim ás porfiadas
Expressoens de taõ puro rendimento,
E penetrado de paixaõ mais nobre,
O ditoso consenso assim descobre:

XXI.

Generoso Congresso, respeitavel
Simulacro da Patria, a quem dedica
O meu peito, com zelo inalteravel,
Toda a sua attençaõ; e sacrifica
Todas suas acçoens; indisputavel
Obrigaçaõ de hum filho, que se applica
A cumprir dignamente os seus deveres
A' Mãy geral, nas penas, e prazeres.

XXII.

Se he preciso, que eu seja revestido
Do Supremo poder, se dispensar-me
Naõ devo deste empenho, e se o luzído
Regio caracter devo apropriar-me;
Se he preciso ceder agradecido,
A' vontade, que tendes de exaltar-me,
Eu me rendo com grata complacencia
A's intençoens da vossa providencia.

Serei

XXIII.

Serei Rey, ſe convem á dignidade
Da Naçaõ ter hum Rey de ſangue Luſo;
Serei Rey, mas do Trono a Mageſtade
Gozarei livre do vulgar abuſo;
Todos vós apeſar da authoridade
Do ſupremo Poder, que naõ recuſo,
Me achareis ſempre o meſmo ſem mudança
Na amizade, no zelo, e confiança.

XXIV.

Vós naõ me ſervireis; vós juntamente
Comigo ſervireis á gloria pura,
A' doce liberdade, á permanente
Juſtiça da Naçaõ, contra a perjura
Sacrilega ambiçaõ; vós propriamente
Sereis filhos regidos com ternura:
Aſſim diſſe o Varaõ, e no ſeu geſto
Se via o grande zelo manifeſto.

XXV.

Qual no fim de huma larga, e duvidoſa
Navegaçaõ por climas ignorados,
Depois da raiva, e furia proceloſa,
Do mar cruel, e ventos indignados,
A maritima gente cobiçoſa
De recobrar os pórtos deſcançados
Com a viſta da terra apetecida
Grita goſtoſa, e chora internecida.

Tal

XXVI.

Tal na grande Aſſembléa a gente Luſa,
Que nos riſcos da Patria fluctuava,
E nos varios ſucceſſos taõ confuſa
A goſtoſa eſperança imaginava,
Vendo, que o Defenſor já naõ recuſa
O lugar, que a Naçaõ lhe deſtinava,
Entre lagrimas doces de alegria
Mil feſtivos clamores repetia.

XXVII.

Cada qual neſte inſtante a liberdade
Crê de novo cobrar, crê ver ſegura
Do Trôno Portuguez a dignidade,
Do nome Luſitano a gloria pura:
As mais altas liſonjas da vaidade,
Já cada qual ſem ſuſto ſe figura,
E com tal Rey, qualquer dos Luſitanos
Já naõ teme o poder dos Caſtelhanos.

XXVIII.

Daõ-ſe as ordens preciſas no Congreſſo
Para formalizar decentemente
A concluſaõ feliz de hum tal ſucçeſſo,
Com acto proprio, e pompa competente;
Concorre o Povo alegre com exceſſo
A ver o novo Rey; faz-ſe patente
A todo o Reyno o caſo com preſteza,
Executa-ſe em fim a grande empreza.

Accla-

XXIX.

Acclama-se o Varaõ, a frente Augusta
Cinge o sacro Diadema, o Regio manto
Os fortes membros cobre, a maõ robusta
Impunha o Ceptro antigo, e sobre o Santo
Respeitavel compendio da Ley justa
Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto
Jura guardar-lhe fé, tendo primeiro
Jurado o Rey ser justo, e verdadeiro.

XXX.

Com festivos obsequios de alegria
Se desvela Coimbra; mas no peito
Do novo grande Rey nada podia
Interromper do zêlo o nobre effeito:
O bravo coraçaõ lhe naõ soffria
Viver em ocio alegre, e sem respeito
A's cortezes lisonjas dos amigos,
Deixa Coimbra, e busca os inimigos.

XXXI.

Persistiaõ no Reyno alguns Lugares,
Que o partido de Hespanha sustentavaõ,
E no meyo das furias militares
A confusaõ da Patria accrescentavaõ;
Na Provincia do Minho mais vulgares
Estes féros empenhos se observavaõ,
E nas mesmas Cidades mais famosas
Se notavaõ conductas taõ damnosas.

XXXII.

Huma deſtas he Braga, Braga Auguſta,
Taõ famoſa nos faſtos Luſitanos,
Em quem iguaes troféos a fama ajuſta
De ſucceſſos Sagrados, e profanos;
Braga, cuja memoria o Porto aſſuſta,
Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,
Que regulou da Igreja os ritos puros
No dominio dos barbaros mais duros.

XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade
Se eſcuzava do zelo, que devia
A' Luza gloria, á patria liberdade,
A' fama antiga, e propria valentia,
Querendo reprimir com brevidade
Os exemplos da triſte rebeldia,
Paſſa do Douro a rapida corrente,
E fáz juntar no Porto a Marcia gente.

XXXIV.

Sobre Braga deſtina o golpe irado
O bellicoſo Rey; mas ſuſpendido
Foi por novo ſucceſſo, que empenhado
Deixou o ſeu valôr ſempre advertido:
Por ſecretos avîſos incitado
A tomar Guimaraens vai ſem ruîdo,
Guimaraens Povo antigo, e glorioſo,
Do Trono Portuguez berço ditoſo.

Com-

XXXV.

Commandava na Villa por Caſtella
Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro
De Sangue Portuguez, e da mais bella
Nobreza deſte Reyno, a quem primeiro
Servio em guerra, e páz; mas que atropella
Agora o Patrio zelo, ou liſonjeiro
A Caſtelhana eſpoſa, ou porque entende
Ser mais ſegura a cauſa, que defende.

XXXVI.

Eſte vendo, que alguns dos moradores
Conſervavaõ no peito ſem mudança,
Os affectos dos ſeus anteceſſores
Pela gloria do Eſtado; que a lembrança
Dos antigos Monarchas, e Senhores
Inſpirava no Povo a confiança
De aplaudir as virtudes, e juſtiça
Do novo Rey, que graças deſperdiça.

XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados
Habitantes da Villa, e que contava
Grande copia de amigos, e criados,
Que hum franco proceder lhe grangeava,
De huns, e de outros, ſem cauſa congregados
Em paſſeyos talvez ſe acompanhava,
Lhe ordeñou, qne da Villa ſe auſentaſſe,
Ou ſem ſequito nella ſe oſtentaſſe.

Deſ-

XXXVIII.

Desgoſtou-ſe Carvalho, e cobiçoſo
De vingar-ſe, e ſervir á Patria chara
Com cautela, e disfarce artificioſo,
A mudar de Governo ſe prepara;
E diſpoſto o projecto induſtrioſo
Com o novo Monarcha ſe declara,
Promettendo da Villa a porta aberta
Para dia ajuſtado, e hora certa.

XXXIX.

Com eſte aviſo parte ſem demora
Do Porto o novo Rey, e juſtamente,
Quando as trevas rompia a lúz da Aurora,
Sobre a Villa ſe moſtra diligente;
Eſperava Carvalho o dia, e hora
Com deſvelos de zêlo impaciente,
Tendo aberta huma porta, e por cautela
Alguns amigos ſeus naõ longe della.

XL.

Eſtes, tanto que delles foi ſabida
A chegada do Rey, com maõ armada
Se lançaõ ſobre a guarda, que rendida
Se vio no meſmo tempo, que atacada;
Porque ſendo por elles ſurprendida,
Eſtando de tal caſo deſcuidada,
Primeiro ſe vio preſa, que podeſſe
Reconhecer o damno, que padece.

Ga-

XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicoſa
Se moſtra ſem disfarce, e diſcorrendo
Pelas ruas viſinhas furioſa,
Mil eſtragos, e damnos vai fazendo;
A guarniçaõ confuſa, e temeroſa
Se atropella fugindo, naõ ſabendo
Inda bem de que foge, e finalmente
Entra ſem reſiſtencia o Rey potente.

XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda
A ditoſa interpreza ſe entendia,
E na fé da victoria deſcançada
A vencedora Tropa ſe aplaudia;
Pelas caſas deſertas eſpalhada,
Onde a preza cedida recolhia,
Tordeſumos Valente Caſtelhano
Intenta reſarcir o grave damno.

XLIII.

Armado de armas fortes ſe apreſenta
Na bôca de huma rua, onde procura
Fazer formar a gente, que afujenta
Do ferro Portuguez a força dura,
E tanto brio, tanto zêlo oſtenta,
Que infundindo valôr na gente eſcura,
Naõ ſó ſuſpende o curſo da victoria;
Mas ameaça ouſado a Luſa gloria.

E

XLIV.

E lográra talvez os ſeus intentos,
Suppoſta a diſtracçaõ dos vencedores,
Que eſquecidos dos nobres ſentimentos,
Se empregavaõ do roubo nos horrores,
Se Rodrigues Varaõ de penſamentos
Alheios de cobiça, e dos melhores
Cavalleiros d'El-Rey, naõ acudira
A'quella parte, e os paſſos lhe impedira.

XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante
Soberba do Heſpanhol, e commovido
De hum impulſo de gloria mais brilhante;
Ou de cega paixaõ enfurecido,
Com geſto bravo, com feróz ſemblante
Elle ſó de armas ricas guarnecido,
Domando de hum ginete o féro alento,
Lhe vai fruſtrar o nobre penſamento.

XLVI.

Porque a bótes de lança furioſos,
Abatendo, ferindo, e deſtroçando
Quantos contrarios vê mais orgulhoſos;
Foi o paſſo das ruas franqueando,
E dos ecos dos golpes ruidoſos
Chamado o grande Rey vaõ fulminando
Ambos juntos taes mortes, e feridas,
Que ſaõ poucos deſpôjos tantas vidas.

Acode

XLVII.

Acode o Commandante acompanhado
De toda a guarniçaõ ; mas aproveita
Pouco todo o valôr, todo o cuidado
Contra a furia do Rey , que naõ respeita
Nem armas , nem perigos , indignado
Da forte resistencia , e que sujeita
A Villa finalmente , que lhe cede
Sylva , e para Castella se despede.

XLVIII.

A noticia da grande novidade
Amotina de Braga os moradores ;
Toma as armas a gente da Cidade ,
E com vozes confusas , e clamores ,
Gritando *Portugal* , e *Liberdade*
Ataca a guarniçaõ , que entre os horrores
De hum susto repentino com desvelo
Póde apenas salvar-se no Castello.

XLIX.

E sendo sem demora o Rey sciente
Por aviso do caso succedido ,
E chamado do Povo impaciente
A tomar o Castello defendido ,
Manda Nuno com marcha diligente ,
A sustentar dos Lusos o partido ,
Em quanto se dispôem com mais prudencia
A render do Castello a resistencia.

L.

Porém o grande Nuno, a quem parece
Facil qualquer empreza trabalhoſa,
E que ſempre nas armas reconhece
Favoravel a ſorte duvidoſa,
Entendendo que o caſo naõ merece
Taõ grande prevençaõ, com venturoſa
Ouſadia combate a fortaleza
Do Caſtello, que rende com preſteza.

LI.

E ſabido do Rey o bom ſucceſſo
Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna
Se moſtrava, das armas no progreſſo,
A' conquiſta das Praças oportuna,
Vendo que da preſteza o vivo exceſſo
He das grandes emprezas a columna,
Sem mais perda de tempo a gente anîma
Para reivendicar Ponte de Lima.

LII.

Era Lira da Praça Commandante
Cavalleiro valente., e reſpeitado
Por ſeu ſangue, e valôr, mas arrogante
Por genio, e por coſtume; apaixonado
Partidario de Heſpanha, e taõ conſtante
Na ſua opiniaõ, que arrebatado
De hum exceſſo de zêlo reputava
Por infiel, quem de outra ſe prezava.

E

LIII.

E foi nelle taõ forte eſte conceito,
Que a peſar de branduras, e rigores,
Nem fez nelle o perigo algum effeito,
Nem promeſſas de graças, e favores;
Firme, duro, obſtinado, e ſem reſpeito
A' fortuna, e poder dos vencedores,
Só depois de abraſada a Fortaleza,
Cedeo em fim das chamas á braveza.

LIV.

Mas em tanto, que o Rey com maõ armada,
A Provincia do Minho ſubmettia
A' ſua dependencia, e reſtaurada
A gloria Nacional nella ſe via;
A Provincia da Beira, devaſtada
Pelas armas de Heſpanha, padecia
Graves damnos, e perdas importantes
Nas peſſoas, e bens dos habitantes.

LV.

A Diſcordia cruel ſe indroduzira
Nos coraçoens de Cunha, e de Coutinho
Capitaens da Provincia, em quem reſpira
Igual emulaçaõ; ſem que o viſinho
Perigo os concilie, ou que perfira
Algum delles, da gloria no caminho,
O ſerviço da Patria ameaçada
A' propria eſtimaçaõ mal regulada.

LVI.

Desta sórte sem susto, nem perigo
De alguma opposiçaõ, ou resistencia,
A fereza, e cobiça do inimigo
Augmentava os excessos da insolencia;
Mas Pacheco Varaõ de sangue antigo,
De honra sublime, e solida prudencia,
Em quem da Patria o zelo mais se accende
Impedir tanto damno em fim pertende.

LVII.

Governáva Ferreira, mas naõ tinha
Na fraca guarniçaõ daquella Praça,
O bom Pacheco a gente, que convinha
Para desvanecer tanta desgraça;
E sabendo que o damno se avisinha,
E que o justo remedio se embaraça
Na cega competencia, que alimenta
Dos dois queixosos a paixaõ violenta.

LVIII.

Com ambos igualmente se interessa
A fim de concorda-los; mas duvîda
Qualquer dos dois ceder, sem que haja expressa
Satisfaçaõ da queixa pertendida;
E vendo, que a paixaõ feróz naõ cessa
De offuscar da razaõ a lúz perdida,
A Cunha menos duro, ou mais prudente,
Assim fallou deliberadamente.

Se

LIX.

Se o publico intereſſe, ſe o cuidado
Da patria Liberdade, e ſe o receyo
Da ruina total do Luſo Eſtado
He dos voſſos deſvelos taõ alheyo,
Se hum cego pundonor, ſe hum triſte enfado,
Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo
Da propria utilidade he ſó baſtante
A reger voſſo eſpirito arrogante.

LX.

Pelo menos a voſſa propria gloria,
A voſſa opiniaõ, e o luzimento
Deſſe brio, que tanto na memoria
Se horroriza de hum leve ſoffrimento,
Vos ſirva de incentivo em taõ notoria
Laſtimoſa occaſiaõ de abatimento;
E já que o patrio amor vos naõ inflamma,
Sirva o voſſo valor á voſſa fama.

LXI.

Os inſultos crueis, e feros damnos,
Que a Provincia padece á voſſa viſta,
Na ſoberba invaſaõ dos Caſtelhanos,
Sem que alguem ſe lhe opponha, ou lhe reſiſta,
A peſar da cegueira, e dos enganos
Deſſa altiveza vã, que vos maquiſta,
Saõ mancha eſſencial da dignidade
Do voſſo nome, e voſſa qualidade.

Ini-

LXII.

Inimigos, e amigos igualmente
Accufaraõ a voſſa paciencia
De cobarde temor, ou de indecente,
Suſpeitoſa, culpavel, negligencia;
E qualquer das ſuſpeitas triſtemente,
Baſta para deixar em contingencia,
Para ſempre das gentes na memoria,
Voſſa fé, voſſo alento, e voſſa gloria.

LXIII.

Ambos vós igualmente intereſſados
Sois no caſo preſente, igual injuria
Vos reſulta dos damnos tolerados,
Por falta de valor, ou por incuria;
E ſe hum ſómente os meyos adequados
Naõ tem para abater do riſco a furia,
Aquelle, que ſe eſcuſa em tal conflicto,
Inculca claramente o ſeu delicto.

LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo
Há de queixa, deſgoſto, ou rompimento,
Tempo reſta a vingar; que hum peito altivo
Naõ perde taõ depreſſa o ſentimento:
Mas naõ ſirva a vingança de incentivo
A' vileza de hum torpe abatimento,
Que igualmente nos dois deixa manchada
A fama do valôr, e fé ſagrada.

Aſſim

LXV.

Aſſim fallou Pacheco, e convencido
O nobre Cunha das razoens forçoſas,
Ou da propria virtude commovido,
Para abraçar idéas generoſas,
Altamente proteſta, que eſquecido
Das paſſadas queſtoens eſcrupuloſas,
Se ajuntará com toda a ſua gente
A Coutinho, ſe diſſo for contente.

LXVI.

E ſuppondo Pacheco mais tractavel
A Coutinho, depois deſta certeza,
Novamente com zelo incomparavel,
Intenta convencer ſua dureza;
Mas a cega vaidade inexoravel
A's vozes da razaõ, e da nobreza,
Se obſtina nos eſcrupulos altivos,
Que proteſta com frivolos motivos.

LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente
A cauſa principal da repugnancia,
Procedida de hum ſuſto impertinente
Sobre huma melindroſa circunſtancia;
Receava Coutinho juſtamente
Ser mandado por Cunha, e na arrogancia
Do ſeu genio feróz, eſtes receyos
Fruſtravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

LXVIII.

Mas informado Cunha do embaraço,
Que impede a conclusaõ deste concerto,
E que suspende totalmente o passo
A's providencias de taõ grave aperto,
Depois de reflectir hum breve espaço
Nos effeitos daquelle desacerto,
Assim falla a Pacheco desgostoso
De ver frustrado o zelo generoso.

LXIX.

Vós sabeis a ventagem conhecida,
Que em Soldados, amigos, e parentes
Tenho sobre Coutinho, e nem duvîda
Elle mesmo de abonos taõ patentes;
Mas se a sua ambiçaõ mal dirigida
Só se agrada das honras apparentes
De Chefe principal; eu me sujeito
Pela Patria a ceder-lhe o meu direito.

LXX.

Com tanto que se logre o grande intento
De salvar a Provincia, eu naõ procuro
Outra gloria, nem tenho sentimento
De perder essas honras; bem seguro
De naõ ser menos nobre o pensamento,
Que me leva a servir Soldado escuro
No perigo commum, do que a grandeza,
A que aspira Coutinho nessa empreza.

Assim

LXXI.

Aſſim diſſe o bom Cunha, e diſſipada
A diſputa fatal, ſem mais demora
Se diſpôem cada qual com maõ armada
Para a vingança, que a Provincia implora;
Porque a Tropa inimiga confiada
Nas triſtes diſſençoens, que naõ ignora,
Aſſolada Vizeu, ſe recolhia
Acompanhando a preza, que trazia.

LXXII.

E ſem ſuſto de alguma reſiſtencia,
Pela eſtrada marchava de Trancoſo;
Augmentando os eſtragos da violencia
Com ſacrilegios de hum horror paſmoſo;
Mas dos Luſos Varoens a diligencia,
Animada do zelo glorioſo,
Meya legoa da Villa lhe prepara
O juſto premio da impiedade avara.

LXXIII.

Porque unîdos os fortes Cavalleiros
Com todos ſeus amigos, e parentes,
Alguns poucos Soldados, mas guerreiros;
Alguns pobres paizanos, mas valentes,
Os contrarios atacaõ taõ ligeiros,
Taõ ferozes, taõ vivos, taõ ardentes,
Que de hum prompto combate nos horrores
Saõ mais os mortos, do que os vencedores.

Quaſi

LXXIV.

Quaſi naõ reſta quem dos féros damnos
Vá dar parte a Caſtella ; taõ notoria
Foi a perda fatal dos Caſtelhanos ,
Taõ complecta dos Luſos a victoria ;
Apenas de ameaços taõ tyranos
Os deſpójos ficáraõ por memoria
Dos terriveis horrores do perigo ,
E dos bravos effeitos do caſtigo.

LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente
Obſtinada ambiçaõ , mal reprimida
Nas paſſadas deſgraças , novamente
De numeroſas Tropas prevenida
Nas fronteiras ſe moſtra ; cegamente
Contra a Luſa conſtancia enfurecida ,
Ameaçando eſtragos mais funeſtos
Com ſignaes de rigor mais manifeſtos.

LXXVI.

Havia convocado á guerra injuſta
O fero Rey , naõ ſó dos ſeus Eſtados
A melhor Tropa , a gente mais robuſta ;
Mas hum grande ſoccorro de Alliados ;
Aſſim debaixo da bandeira auguſta
Da ſoberba Caſtella congregados
Varoens ſe viaõ de alta confiança ,
Naõ ſó de Heſpanha toda , mas de França.

Alli

LXXVII.

Allî entre os primeiros ſe moſtrava
O Marquêz de Vilhena commandando
A gente de Caſtella, em quem durava
O vivo affecto á prole de Fernando:
Oito mil combatentes animava
De notorio valôr, acreditando
No zêlo, e promptidaõ a fama nobre,
Que a vaidoſa arrogancia naõ lhe encobre.

LXXVIII.

Junto deſte Toledo apparecia,
Eſperança ſegunda de Caſtella,
Que o ſeu nome da Patria deduzia,
E da Patria a liſonja era mais bella;
Sinco mil Caſtelhanos conduzia
Do Toletano Reyno, e ſe deſvela
Em moſtrar, que naõ he Caſtella-Nova
Menos forte, que a Velha a toda a prova.

LXXIX.

Depois deſtes ſe vêm os Leonezes
Precurſores primeiros do caſtigo
Da Mauritana gente, a quem mil vezes
Rendêraõ com valor em tempo antigo;
Mil Soldados contavaõ ſinco vezes,
Homens bravos, ſem ſuſto do perigo,
Á quem o fórte Sandoval mandava,
Que em forças corporaes ſe avantajava.

Logo

LXXX.

Logo depois ſe vêm os habitantes
De Vandalia, Paîz ſempre fecundo
Em cavallos ligeiros, e arrogantes
Conhecidos por bons em todo o Mundo;
Eraõ ſeis vezes mil Varoens conſtantes
De valôr grande, de ſaber profundo
No militar officio, a quem regîa
Arelhano, que a terra já ſabia.

LXXXI.

Com eſtes vem os claros moradores
Da Patria do bom Canio, taõ famoſa
Pelas duas columnas, que louvores
Saõ da fama de Alcides glorioſa;
Oito centos ſe contaõ, ſoffredores
Do trabalho, e fadiga rigoroſa,
Taõ expertos no mar, como na terra,
Déſtros para o commercio, e para a guerra.

LXXXII.

Depois deſtes marchava a féra gente
De Cantábria, que rege Maldonado,
Gente feróz, de genio impaciente
Com braço a duro ferro coſtumado,
Seis mil Soldados ſaõ Tropa valente,
Que de obras mais, que vozes tem cuidado;
Com quem de Guipuſcoa, e das Aſturias,
Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou-

LXXXIII.

Pouco depois Sarmento ſe diviza
Conduzindo tres mil, e ſetecentos
Habitantes do Reyno de Galiza,
Terra de homens groſſeiros, e avarentos;
Terra que ſó na fama ſe eterniza
Dos illuſtres antigos monumentos,
Que a tradiçaõ conſerva, ſem eſtrago
Das reliquias do Grande Santiago.

LXXXIV.

Alem deſtes, naõ poucos Cavalleiros
De Catalunha, de Aragaõ, e França,
Em qualidade ſó d'aventureiros
Augmentavaõ do Campo a ſegurança;
De Ric hum bom Francêz, e dos guerreiros
De mais fama, mais alta confiança,
Era ſeu Capitaõ, e delles conta
Mil Eſtrangeiros, gente ouſada, e prompta.

LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezes, que eſquecidos
Do zêlo Nacional, da gloria clara
Do nome Portuguez, e dos luzidos
Troféos, que a fama antiga conſagrara,
Por errados principios conduzidos,
De affectos varios, de cobiça avara,
Contra a Patria ſe oſtentaõ furioſos,
Obſtinados, ingratos, e orgulhoſos.

Taes

LXXXVI.

Taes ſaõ os dois Pereyras, indecentes
Irmaons do grande Nuno; os mal ſeguros
Azevedos, e Caſtros; os ardentes
Bottelhos, e Ataîdes; os perjuros
Porcalho com Doutel, os deſcontentes
Oliveiras, e outros mais eſcuros,
Que por ſeu Capitaõ reconheciaõ
O Conde de Barcellos, que ſeguiaõ.

LXXXVII.

Deſta gente, e de alguma mẽnos fórte,
Mas em numero grande acompanhado
O Rey ferôz, tentar de novo a ſórte
Das armas determina, aconſelhado
Da raiva, e da ambiçaõ, que eſtrago, e morte
Annunciaõ em todo o Luſo Eſtado,
A quantos a favor da Liberdade
Oſtentavaõ do zêlo a dignidade.

LXXXVIII.

Aſſim vai pela Beira devaſtando
Campos, Cidades, Villas, e Lugares,
Da natureza as leys ſacrificando
A' licença das furias militares;
E da Beira os limites franqueando,
A peſar dos clamores populares,
Já do eſtrago tyrano a frente dura
Na Provincia ſe vê da Eſtremadura.

Mas

LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez, que naõ conhece
Nem fuſto, nem fadiga, e que procura
Moſtrar que deſempenha, e que merece
A diſtincçaõ da Regia Inveſtidura,
Mais ligeiro, que o rayo quando deſce
Precipitado da officina eſcura,
Deſde as margens do Lima vem voando
A's do Tejo, o remedio anticipando.

XC.

E chegado de Abrantes á campiña,
Onde os ſeus Capitaens juntar mandára,
Alli paſſar reviſta determina
A' gente, que a ſervi-lo ſe prepara;
O bom Nuno, que já ſe denomina
Condeſtavel, e ſempre ſe moſtrara
O mais fiel, conduz tres mil ſoldados
A vencer Caſtelhanos coſtumados.

XCI.

De outros tantos o Rey ſe acompanhava,
Gente forte, fiel, e bellicoſa,
Que animada, e diſpoſta ſe moſtrava
Para qualquer empreza duvidoſa;
Gente eſcolhida, gente que zelava
Do proprio nome a fama já luſtroſa,
Gente que aliſta o zêlo, o amor, o brio,
Em quem naõ tem poder o medo frio.

Outros

XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almada;
Soldados novos, féros, e arrogantes,
Que em defenſa da Patria ameaçada
Das Provincias concorrem mais diſtantes;
Quaes da ſerra da Lua celebrada,
Quaes dos montes Herminios habitantes,
Quaes das margens do Tejo, qual viſinho
Do Douro, do Sabor, Mondego, e Minho.

XCIII.

Mil conduz Vaſconcellos, eſcolhidos
Dos mais altos, mais bravos Cavalleiros;
Que de viſtoſas armas guarnecidos,
Em qualidade vem de aventureiros:
Todos ſaõ por façanhas conhecidos
Entre a turba famoſa dos guerreiros,
E das Damas no culto taõ verſados,
Que a tropa ſe chamou dos namorados.

XCIV.

Deſtes muitos com raro atrevimento
Arrogantes promeſſas conſagráraõ
A' fama do ſeu nome, e o cumprimento
Com temerarios votos abonáraõ:
Algumas diſſipou o leve vento,
Mas outras com rigor ſe executáraõ,
Sendo do nobre Mello a mais famoſa,
Poſto que foſſe menos venturoſa.

Era

XCV.

Era Mello mancebo bem diſpoſto ;
De idade juvenil , de genio vivo ,
De elegante eſtatura , alegre roſto ,
De força naõ vulgar , de peito altivo ;
Seguia por amor , por zelo , e goſto
O novo Rey , ſervindo de incentivo
A' força natural dos ſeus ardores
A memoria dos ſeus anteceſſores.

XCVI.

E cego da paixaõ ; ou mal guiado
Dos impulſos da propria confiança ;
Prender o Rei contrario vota ouſado ;
Ou fazer-lhe provar a dura lança :
O ſucceſſo pendia ſó do fado ,
Que tanto a força humana naõ alcança ;
Porém Mello julgava , que podia
No Campo executar quanto emprendia.

XCVII.

O Luſo Rey ſabendo que chegava
A Leiria o ſoberbo Caſtelhano ,
E que ſobre Lisboa deſtinava
O mais funeſto , mais horrivel damno ;
Como provar no Campo deſejava
Da voluvel fortuna o deſengano ,
De Abrantes ſobre Ourém volta ligeiro ,
E pela eſtrada marcha em tom guerreiro.

XCVIII.

Duas leguas diſtante de Leiria
O campo Portuguez em fim ſe aſſenta,
E nas moſtras de goſto, e de alegria,
Da victoria o preſagio a gente oſtenta:
Capitaens, e Soldados á porfia
Eſtimúla o valor, o zelo alenta,
E cada qual nas moſtras da arrogancia,
Abona de alvoroço a circunſtancia.

XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia
Se diſpunha do campo a formatura;
E das tendas com ſabia providencia
Se ordenava a ſingella architectura;
Hum pequeno ſucceſſo, que apparencia
De notavel ſó tem na conjunctura
Dos acaſos, de novo a confiança
Accreſcenta do povo na eſperança.

C.

Hum Gamo de grandeza extraordinaria
Se levanta no meyo dos guerreiros,
E com leve carreira incerta, e varia,
A' paleſtra convida os Cavalleiros;
Seguem muitos com furia temeraria
Do veloz animal os pés ligeiros;
Mas elle á Regia tenda em fim ſe atreve,
Onde a vida rendeo a golpe breve.

CI.

A turba popular ſempre diſpoſta
A contemplar ſucceſſos portentoſos,
Os caſos naturaes; e que ſó goſta
De ideas vans, conceitos eſpantoſos,
Crê que a ſorte figura a gente oppoſta
No rendido animal, e que os ditoſos
Progreſſos do Rey Luſo annunciados,
Com eſte caſo, eſtaõ dos altos fados.

CII.

Com eſte vaõ conceito ſe accreſcenta
O natural ardor da tropa forte,
A quem o fanatiſmo repreſenta
Já certa da victoria a clara ſorte:
Qual de vencer ſómente ſe contenta
O Caſtelhano Rey, qual dar-lhe a morte;
Ou prende-lo imagina; mas notoria
He na mente de todos a victoria.

CIII.

Neſte tempo ſe deixaõ ver diſtantes;
Mas claramente as armas Caſtelhanas;
Com que de novo os peitos arrogantes
Se alvoroçaõ das tropas Luſitanas:
O grande Rey, que effeitos importantes
Sabe tirar das couſas mais inſanas,
Em quanto o fanatiſmo o povo agita,
Aſſim lhe falla; aſſim os ſolicita.

CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros
Da minha forte, dignos camaradas
Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros
Da Patria, que em difputas defgraçadas,
Entre a torpe ambiçaõ dos Eftrangeiros,
E paixoens nacionaes intereffadas,
Só em vós, fó na voffa heroicidade
Acha o zêlo da antiga liberdade.

CV.

Vós me elegeftes Rey, por voffo amparo
Sacrifico o meu fangue, à vós compete
Ajudar-me a romper o laço avaro;
Que a foberba Caftella nos promette:
O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro
O deftino da Patria nós commette;
Do noffo braço pende a fatal forte
Da doce liberdade, ou grilhaõ forte.

CVI.

A grande multidaõ dos inimigos
Nos naõ deve caufar efpanto, ou fufto,
Pois já mais defde os tempos mais antigos
Triunfou Portugal a pouco cufto:
A vantagem mais certa nos perigos,
Da força fó provém de hum pleito jufto;
Nós vamos defender a propria terra,
Elles vem-lhe fazer injufta guerra.

CVII.

Eu naõ quero de vós mais ſacrificio,
Que o meſmo, que eu preparo á gloria pura
Do nome Portuguez, em beneficio
Da patria liberdade mal ſegura;
Todos vós já das armas no exercicio
Tendes uſada ao ferro a dextra dura,
Todos bravos, e fortes vos contemplo,
Mas ſiga cadaqual o meu exemplo.

CVIII.

Diſſe; e logo por todos os ſoldados,
Hum pequeno ſuſurro precedendo,
Reſpondido lhe foi com altos brados,
Que ſe morreſſe, a Patria defendendo;
E ſem perder inſtante, os alentados
Alvoroços da tropa conhecendo,
Faz ſignal de inveſtir o Rey valente,
E conduz á batalha a brava gente.

CIX.

Ouvio naquelle dia, a vez primeira,
Portugal, entre aſſombros temeroſos,
Do ſalitrado enxofre a voz groſſeira,
Do metal duro os ecos pavoroſos;
Eſpanto fez á gente mais guerreira
Ver em novos inventos bellicoſos,
Os trovoens no ruido copiados,
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

CX.

Mas a pefar do efpanto, e dos perigos,
A pefar das vantagens exceffivas
Do numero mayor dos inimigos,
As Lufas Quinas voaõ vingativas;
Já mais fe ouviraõ nos annaes antigos
Das Campanhas de Troya, ou nas efquivas
Guerras do Lacio, golpes mais valentes,
Que os das lanças dos Lufos combatentes.

CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados
Pelo campo rodando, vaõ ferîdos,
Outros tantos cavallos desbocados
Sem dôno vaõ fugindo confundidos;
Peitos abertos, roftos mutilados,
Pernas quebradas, braços divididos
Se vêm, com trifte horror por toda a parte,
Sacrificio cruel do duro Marte.

CXII.

O grande Nuno, Achilles Lufitano,
Que na frente da Tropa fe moftrava
Mais faminto do fangue Caftelhano,
Ou mais cheyo do zêlo, que inculcava;
O deftrôço, a ruina, o eftrago, e o damno
De feu braço pendentes oftentava,
Onde quer que a fortuna o conduzia,
Ou que a dura vingança o compellia.

Da

CXIII.

Da ſella faz voar tres Cavalleiros,
Antes que a lança rompa, e fulminando
A coruſcante eſpada, oito guerreiros
A ſeus pés proſtra, as vidas exalando;
E com golpes peſados, e ligeiros
O terrivel caminho franqueando,
Por entre os eſquadroens dos inimigos
Vai ſemeando mortes, e caſtigos.

CXIV.

Na direita do Campo ſe deſcobre
Vaſconcellos, naõ menos valoroſo,
Que animado de ardor naõ menos nobre,
Igualmente ſe moſtra furioſo;
E deſpreſando altivo o peito pobre
Dos Soldados do vulgo temeroſo,
Os Capitaens mais claros ſó procura,
Em quem prova impaciente a força dura.

CXL.

A's ſuas maons as vidas entregáraõ
Oropeza, Marzuello, e Mondonedo,
E mal feridos dellas eſcapáraõ
Saliyieres, Servantes, e Toledo;
Nem contra o ſeu furor aproveitáraõ
As vaidades do bravo Reboledo,
Que ouſando provocar o Varaõ forte,
De hum golpe recebeo a triſte morte.

Pela

CXVI.

Pela esquerda se mostra o nobre Almada,
Iguaes brios, e forças ostentando,
Com a voz, com a lança, e com a espada
Os bisonhos mancebos animando;
A seus pés mal ferido cahe Lozada,
Salazar, Escovar, e Vilalpando;
E sem susto, ou temor, se arrôja ardente
Por entre as armas da contraria gente.

CXVII.

Accende-se a pelêja, e confundidos
Se ouvem por toda a parte entre a poeira
Golpes, clamores, gritos, e gemidos,
Do triste Averno copia verdadeira:
Huns mortos sobre a terra, outros feridos,
Aqui hum elmo, alli huma bandeira,
Além rôtas se vêm insignias varias,
Divisas vans, emprezas temerarias.

CXVIII.

Aqui cedem as armas Castelhanas
A' furia das feridas, allî cedem
A' vantagem da gente as Lusitanas,
Que os empenhos do brio mal impedem;
Ora cresce o temor, ora as ufanas
Esperanças da gloria lhe succedem,
E se alternaõ com lances repetidos
A esperança, e temor nos dois partidos.

Nas

CXIX.

Nas partes onde anîma, e fortalece
A presença dos Reys os seus Soldados,
Cada qual a vantagem reconhece,
A pesar dos contrarios esforçados;
Mas o Chefe dos Lusos, que escurece
Em valôr os presentes, e passados,
Com mais altas acçoens se solemnîza,
E nos écos da fama se eterniza.

CXX.

Elle mesmo combate os mais famosos,
Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
E do seu ferro os golpes furiosos,
Saõ os sustos maiores dos guerreiros;
Elle ensina com passos valorosos
Os caminhos da gloria verdadeiros,
Elle abate, destróça, fere, e mata,
Desconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na sêca estaçaõ do Estio ardente
O déstro segador com maõ robusta
Abate da seara a loura frente,
A que o curvo instrumento attento ajusta;
Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
A quem perigo algum já mais assusta,
Com dura maõ cabeças inimigas
Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti-

CXXII.

Gutierres, com Mendoça o féro alento
Quaſi juntos rendéraõ; cahe ferido
De hum furioſo golpe o bom Sarmento,
A quem ſegue Godoi moço atrevido;
Nem teve melhor ſórte o bravo intento
De Manrique, que havendo pertendido
Ferir o fórte Rey, de hum golpe ouſado
Foi por elle com morte caſtigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
Valaſques, e outros mais, de quem o duro
Longo tempo as memorias devorando,
Deixou na lúz da fama, o nome eſcuro:
Por ſeu braço rendidos vaõ deixando
Neſta parte o caminho mais ſeguro
A' victoria, que já do Rey valente
Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
Muito diverſa a ſorte ſe moſtrara;
Porque a fama da ſua valentia
Allî mais inimigos ajuntára;
O Rey contrario allî com mais porfia
Os mais fórtes guerreiros convocára,
E com ſua preſença havia poſto
O grande Nuno em riſco de deſgoſto.

Com

CXXV.

Com efte avifo o Rey dos Lufitanos
Corre prompto a falvar o charo amigo,
Sacrificando os louros mais ufanos
A' goftofa efperança do caftigo;
Allî de novo os odios mais tyranos,
Os mais certos horrores do perigo,
A raiva, a furia, os damnos, e feridas
Se repetem com furias mais crefcidas.

CXXVI.

Caftelhanos, e Lufos triftemente
Huns fobre outros em montes vaõ cahindo;
Os Reys ambos em fórma competente,
A braveza nos feus vaõ influindo;
Mas do Lufo Monarca a maõ potente,
Donde os golpes mortaes partem rugindo,
Tantas mortes fulmina, em breve efpaço,
Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
Que de Caftella as armas defgraçadas
Nefte dia feguiraõ lifonjeiros;
E vendo o Rey de Hefpanha já proftradas
As forças principaes dos companheiros,
Por falvar fua vida as coftas volta,
E fe aufenta fugindo á redea folta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava
Cumprir o grande voto, que fizera;
E para o triſte Rey ſe aviſinhava
Sobpeſando na maõ a lança fera;
Vendo como do Campo ſe apartava
Com marcha mais veloz, do que quizera;
Ardendo em chamas vivas de honra illuſtre;
Quer que a nobre promeſſa ſe naõ fruſtre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regîa,
Atraveſſando o Campo dos contrarios,
Elle ſó huns matava, outros feria,
Dando golpes crueis, e temerarios;
Mil feridas, paſſando, recebia,
Mil eſtorvos achava, e riſcos varios;
Mas elle firme ſempre em ſeu projecto;
A morte ſó do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apreſſado
Fugia o triſte Rey da certa morte,
De infinitos dos ſeus acompanhado,
Que eſcapáraõ das iras de Mavorte;
Sendo Mello por todos rodeado,
A peſar do valor do braço forte,
Entre eſpantos da turba eſpavorida,
Cançado de matar, perdeo a vida.

CXXXI.

Ditoſo, ſe da fama nos altares,
Póde ſer ſacrificio de algum vulto,
Entre o fumo de encenſos naõ vulgares,
Do meu pletro ſincero o puro culto:
Por elle entre os arrojos militares,
Gozará Mello de immortal o indulto,
E lhe ſerá talvez de alguma gloria
Dever ao proprio ſangue eſta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
Suſtentava a batalha duvidoſa,
Animando com digno atrevimento
Os empenhos da gente temeroſa;
Mas levado do louco penſamento
De querer com diſputa ambicioſa
Oppor-ſe ao Luſo Rey, de hum golpe duro,
A clara vida entrega ao ſono eſcuro.

CXXXIII.

Com ſua morte, e ſendo geralmente
A fugida do triſte Rey notoria,
Se deſanima a Tropa, e claramente
Favorece a fortuna a Luſa gloria;
O campo larga em fim a eſtranha gente;
Vence o Rey Luſitano; e eſta victoria
Lhe confirmou a Regia dignidade,
E deu a Portugal a Liberdade.

F I M.

O Autor deste Poema, dezejando que elle naõ padecesse muita alteraçaõ na imprensa, escolheo a da Universidade de Coimbra para poder assistir pessoalmente á impressaõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle se naõ lisongea de conseguir o seu dezejo: Os descuidos saõ quazi inevitaveis em huma composiçaõ dilatada, a pesar de todo o desvelo dos officiaes, e de quem revê o seu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Universidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciso acomodar a ella, naõ obstante a sua inconsequencia, e a impertinente multiplicidade de letras insignificantes de que usa: Os leitores sabios desculpem este irremediavel defeito, e supraõ os outros com as luzes da sua inteligencia.